

1896

I VOL.



# Revista

DO

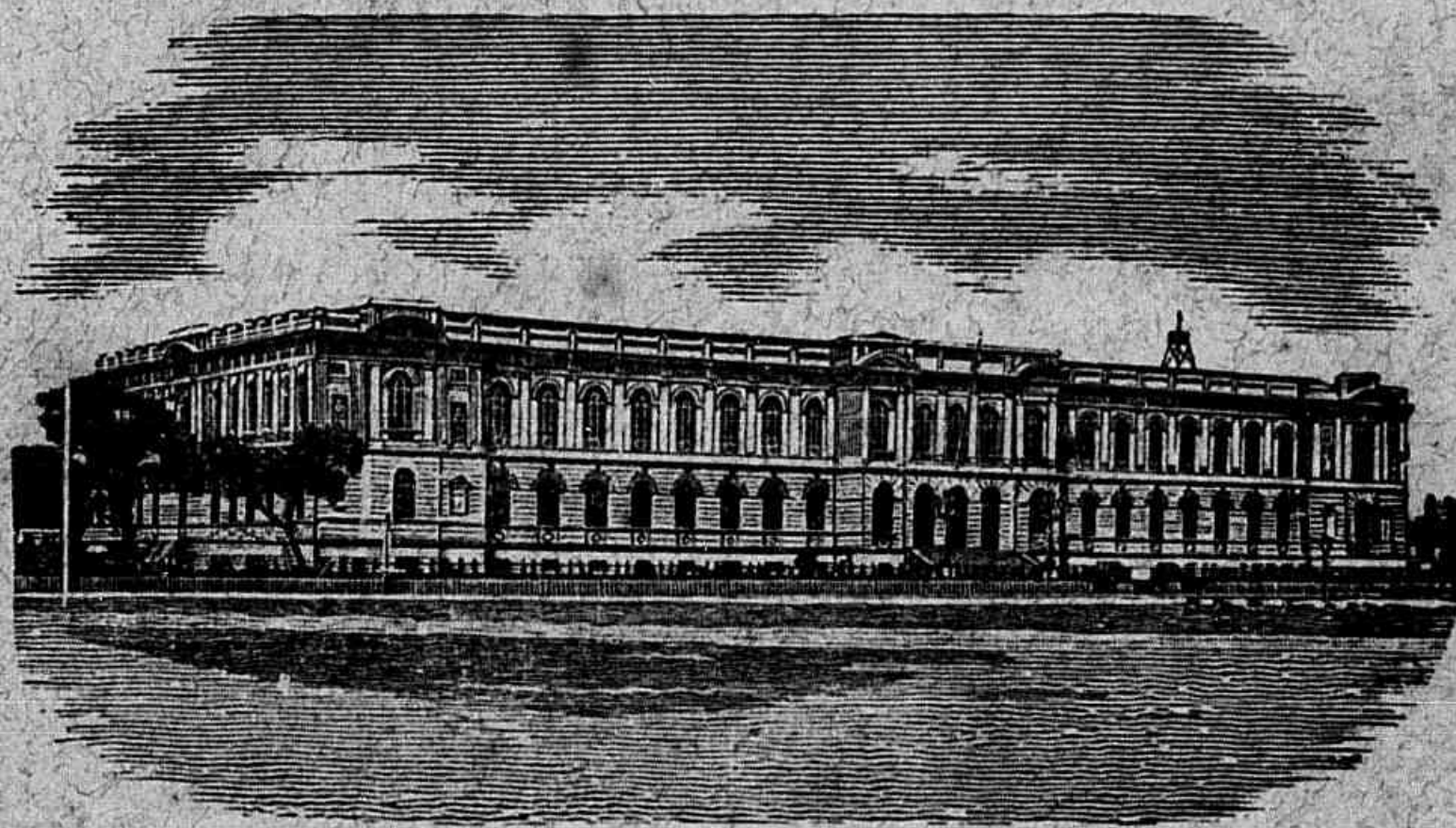
# JARDIM DA INFANCIA

«Os jogos infantis encerram muita vez  
Um conceito profundo em sua candidez».

SCHILLER.

I VOL.

PUBLICAÇÃO OFFICIAL



SÃO PAULO

1896



# Revista

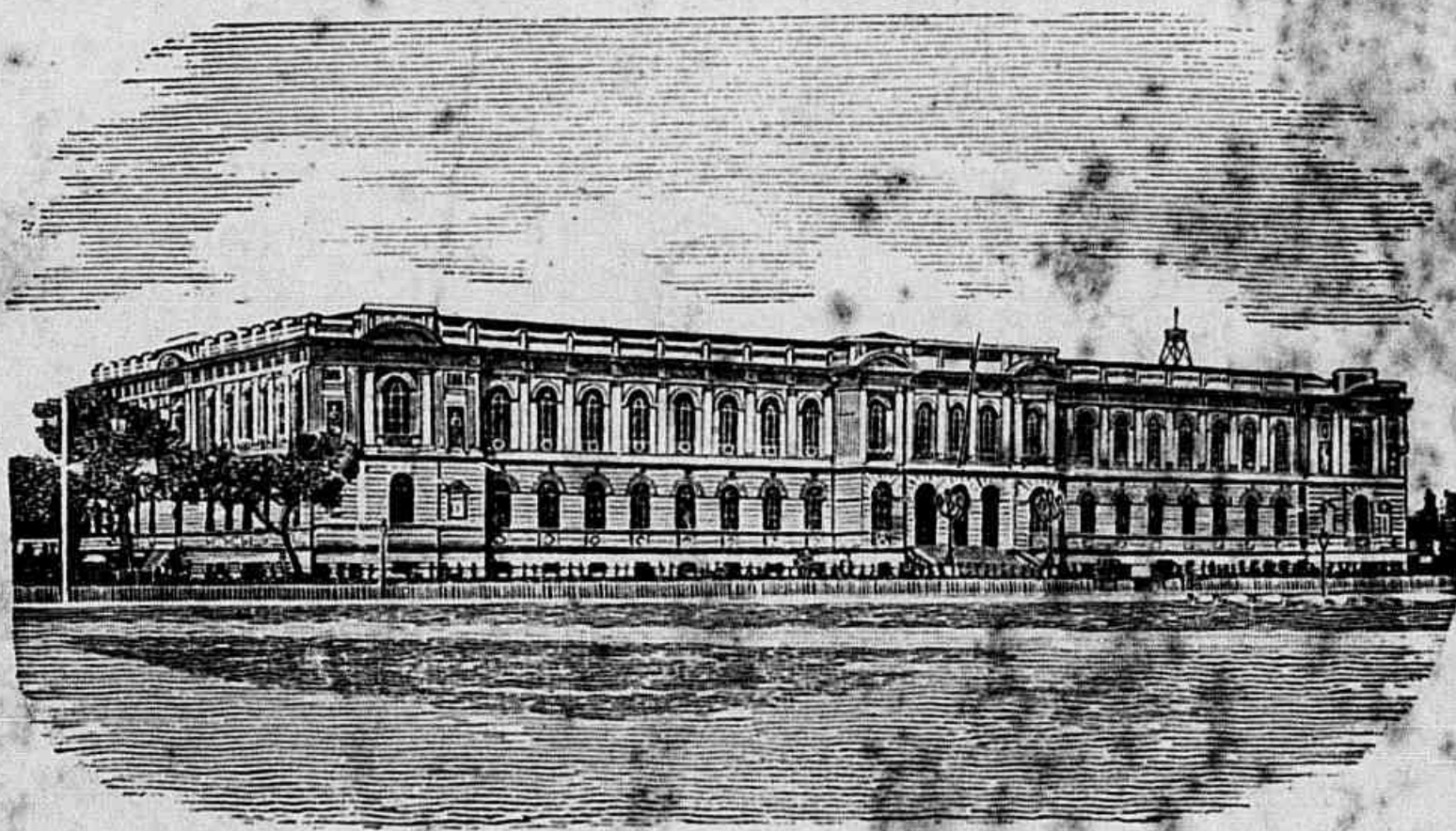
DO

# JARDIM DA INFANCIA

«Os jogos infantis encerram muita vez  
Um conceito profundo em sua candidez».

SCHILLER.

I VOL.



SÃO PAULO

1896



TYPOGRAPHIA A VAPOR  
= de =  
ESPINDOLA, SIQUEIRA & COMP.  
S. PAULO  
10-A, RUA DIREITA, 10-A



# Revista

da

# Jardim da Infancia

Os autores reservam para si o direito de reproduzir em livro os trabalhos publicados nesta Revista.





# REVISTA DO JARDIM DA INFANCIA

---

Graças ao patriótico auxilio do Governo do Estado, iniciamos hoje a publicação da *Revista do Jardim da Infancia* tendo por fim tornar conhecidos os processos empregados em taes instituições de ensino e reunir os elementos artisticos necessarios á organização do ensino infantil pelo systema fröbeliano. Por esse modo aperfeiçoaremos a instituição já creada nesta Capital e facilitaremos novas creações que, porventura, se venham a fazer ou pela acção do Governo ou por iniciativa particular.

O nosso fim é, pois, exclusivamente pratico. Propositalmente afastamos das paginas desta Revista a discussão de vantagens ou desvantagens pedagogicas



dos processos que apresentarmos; não desejamos tomar espaço com apreciações meramente theoricas. Só publicaremos, pois, indicações que possam guiar a pratica.

Está claro, e excusado seria dizel-o, que não desejamos que as indicações que publicarmos sejam seguidas á risca; ao contrario, queremos que ellas se aprimorem e transformem, vivificadas pelo cunho de individualidade que, oxalá, lhes possam imprimir as nossas professoras.

Só assim os Jardins da Infancia poderão adaptar-se ao nosso meio. E' preciso que se faça não uma transplantação apenas, mas uma verdadeira acclimação, de modo que o systema se affeioe aos nossos costumes, á nossa indole e temperamento.

Esse trabalho de adaptação tem de ser forçosamente demorado porque só póde ter por base a experiencia. Por um lado, é necessario que as nossas professoras venham a conhecer de um modo claro e preciso como, em outros paizes, funcçionam os Jardins da Infancia a fim de não se afastarem do systema geral, e por outro, é necessario que, conhecendo os processos geraes, ellas possam fazer selecção do que nos for applicavel e crear os elementos artisticos de que carecermos.

Para satisfazer a esta dupla necessidade, a nossa Revista terá duas phases. Na primeira, daremos a conhecer de um modo geral os melhores typos de Jardins da Infancia, por meio dos primorosos manuaes publicados no estrangeiro e principalmente nos Estados Unidos. Alem desta parte, de pura informação, iremos publicando os trabalhos que as nossas professoras já tem realizado e que, com vantagem, se applicam ás classes infantis.



Feito este primeiro trabalho, iniciaremos a segunda phase da Revista que terá por fim publicar sómente trabalhos originaes. A revista será então reduzida a menores proporções a fim de poder-se publicar regularmente um numero por mez.

Para realizar este trabalho, contamos com a competencia e a incansavel dedicação do pessoal do Jardim da Infancia desta Capital, e, oxalá, seja essa benemerita dedicação compensada pelos resultados que desta publicação se devem esperar em beneficio deste Estado.

*Gabriel Prestes*





# O JARDIM DA INFANCIA

ANNEXO À ESCOLA NORMAL

Relatorio apresentado ao Director da Escola Normal  
pela Inspectorá d. Maria E. Varella.

*Illm. Snr. Director da Escola Normal.*

Tenho a honra de apresentar-vos uma breve exposição dos trabalhos feitos para a installação do Jardim da Infancia que tive a subida honra de organizar, na qualidade de inspectora, cargo este que me foi confiado e que, certamente, vae além de minhas forças.

Devido ao pequeno espaço de tempo decorrido da abertura até esta dacta (Setembro) não foi possível ainda tratarmos da parte mais importante em sua organização que é—o *methodo de ensino*—que estamos adoptando, promettendo-vos para o futuro escrever um pequeno tratado sobre este momentoso assumpto.

Não foi possível ainda ensaiarmos tambem a Jardinagem e o estudo de Geographia visto não estarmos ainda em predio effectivo e appropriado para taes exercicios.



A organização d'um Jardim entre nós não é possível ficar completa no primeiro anno de sua vida, não só por ser ainda pouco conhecido o systema de tal instituição de ensino, e ser este o primeiro fundado em S. Paulo, como tambem pela falta absoluta do material didactico proprio ao nosso Paiz.

Limito-me apenas a dar-vos neste trabalho uma pequena idéa dos factos referentes ao ensaio do Jardim. Mais tarde, quando funcționarem as aulas no predio effectivo, tractarei detalhadamente de todas as questões referentes a tão util estabelecimento de ensino. Tractarei mui rapidamente agora sómente da abertura do Jardim, visto já vos ter dado a copia do programma organizado para o mesmo.

Para a organização dos trabalhos do Jardim da Infancia, foram adaptadas ou traduzidas partes das seguintes obras estrangeiras:—Para exercicios de Linguagem:—«Practical Suggestions for Kindergartners» de Jeanette R. Gregory.—In the Child's Word» de Emilie Poulsson. Para exercicios de gymnastica, brinquedos, cantos e hymnos: Music for the Kinder-Garten» de Eleonore Meervart e Die Ruwegungsspiele und Lieder des Fröbel'schen Kindergartens» de Friedrich Seidel.

As traducções do Allemão foram feitas por D. Rozina Soares.—sendo as do Inglez e a parte poetica feitas por D. Zalina Rolim.

### A Abertura

Deu-se no dia dezoito de Maio p. p. a abertura do Jardim da Infancia. Apresentaram-se candidatos á matricula cerca de trezentos alumnos; porém só poderam ser admittidos cento e dois, visto a casa não comportar maior numero.



Desde esse dia está funcionando o Jardim com caracter provisorio num antigo predio sito a rua do Ypiranga, até que seja acabado o novo edificio mandado construir pelo ex-Presidente do Estado Dr. Bernardino de Campos.

Os candidatos apresentados que não foram admitidos á matricula serão considerados matriculados por ocasião da abertura do Jardim no novo predio, havendo já mais de duzentos pedidos para a nova matricula. Com certeza será necessario logo a criação de alguns Jardins em divesos pontos da cidade, visto serem numerosos os pedidos para a admissão de novos alumnos.

### O curso do Jardim da Infancia

Este anno foi devidido o curso em tres periodos. Primeiro: matriculados trinta e quatro alumnos. Segundo: matriculados o mesmo numero. Terceiro: matriculados vinte e sete. Total das matriculas noventa e cinco. Assistentes sete. Não pude fazer a classificação pela idade. Existem alumnos e alumnas de quatro annos, vinte e dois; de cinco annos, trinta e quatro; de seis annos, trinta e nove.

Appareceram crianças que, não parecendo no physico, já tinham entretanto sete annos não podendo, portanto, ser admittidas á matricula, considerei-os como assistentes, até que passem para a Escola Modelo, porque o Jardim só póde admittir crianças até a idade de seis annos. O total dos matriculados e assistentes é de cento e dois.

O ultimo periodo isto é, o terceiro é preparatorio do primeiro anno da Escola Modelo.



## Divisão do trabalho diario

O nosso trabalho diario é de quatro horas, attendendo-se a pouca idade das creanças. Havendo comtudo muito mais trabalho por parte das professoras durante este tempo do que se fosse em cinco horas, em outra escola, por ser todo elle devidido em pequenos intervallos de dez a quinze minutos para os exercicios. O trabalho das professoras não é pois menor que o das de escólas primarias.

O primeiro e terceiro sabbado de cada mez são empregados, as quatro horas, em passeios, exercicios geraes de linguagem, cantos e jogos organizados.

Este anno não foi possivel ainda termos uniforme para os alumnos a não ser um chapéo de abas largas com a seguinte inscripção: «Jardim da Infancia». Para o anno devemos ter além dos chapéos, aventaes ou outro objecto qualquer que sirva de uniforme, ou distinctivo dos alumnos.

## Auxiliares

Como auxiliares em cada periodo, temos as alumnas da Escola Complementar que vêm diariamente em numero de tres, ficando uma, em cada periodo.

## A entrada

A entrada das crianças da-se ás onze horas, reunindo-se ellas um pouco antes no Jardim annexo ao predio sob a vigilancia da Guardiã que as fiscalisa até e entrada das aulas. Durante este tempo, isto é, antes de commeçarem as aulas as professoras preparam suas lições de dezenho, lettras, mosaico e côres nas lousas, que se acham expostas nas classes.



Às onze horas reúnem-se no jardim em tres grupos: primeiro, segundo e terceiro e marcham sob a direcção de suas professoras para as salas competentes, onde fazem suas saudações e cantos. O primeiro Periodo, como tem piano, executa o canto na propria sala. O segundo e terceiro reúnem-se no salão onde cantam juntos, visto não haver piano em suas respectivas salas, havendo neste um orgão destinado a esse fim.

Na saída entoam cantos de despedida, e formam do mesmo modo que á entrada.

Marcham de suas classes passando ao jardim. indo á frente o primeiro Periodo, em continuação o segundo, finalizando o terceiro.

### O recreio

Tres recreios são distribuidos pelas quatro horas de trabalho:

Dois parciaes e um geral,

Os parciaes são de dez minutos para o segundo e terceiro Periodo; sendo um pela manhã e outro á tarde. Para o primeiro são de quinze minutos, sendo tambem um pela manhã e outro á tarde. O recreio geral é de trinta minutos, destinando-se quinze para o lunch que é feito em classe, aproveitando a professora a occasião para corrigir certos defeitos que são naturaes em toda criança de pouca idade. Os quinze minutos restantes são passados no jardim tendo as crianças toda liberdade possivel, porém debaixo da vigilancia das professoras.

Será conveniente que haja nos Jardins uma sala aonde seja feito o lunch conservando-se por esse modo maior asseio nas salas de aulas.



## O edificio

Aquelle em que está funcionando o Jardim fica situado á esquina da rua Ypiranga. Consta das seguintes divisões: pequena sala de frente, onde está o Segundo Periodo sendo a professora D. Anna de Barros. Um gabinete ao lado, onde está guardada parte do material escolar, e tambem onde fazemos os trabalhos necessario ás classes. Duas salas lateraes occupada pelos Periodos: primeiro e terceiro, sendo professora do primeiro D. Joanna Grassi, e do terceiro D. Izabel Prado.

A sala onde funciona o terceiro Periodo é espaçosa porém escura.

A sala onde funciona o primeiro Periodo tambem é espaçosa e mais confortavel que a antecedente visto haver luz directa e entrada para o jardim, offerecendo melhor aspecto que as outras, sendo que alli permanecem as criancinhas menores do Jardim.

Existe ainda no fundo do edificio um salão espaçoso por onde se fazem a entrada, sahida e marchas dos alumnos.

O exercicio de linguagem, que é dirigido por D. Zalina Rolim, é feito tambem no referido salão e, para isto, são as cadeirinhas dispostas em fórmula de circulo, offerecendo melhor commodo não só para a professora como tambem para as criancinhas.

Termino pois aqui o pequeno trabalho relativo á installação do Jardim.





## Familia e lár

(Lição de linguagem)

—De onde vieram vocês todos hoje?

—De nossas casas.

—Trouxeram tudo quanto têm em caza?

—Não; viemos sós, não trouxemos nada.

—Quem ficou em suas casas?

—Minha boneca, meu gatinho, etc.

—Mas, quem deixaram mais em casa?...

A pessoa que vocês mais estimam?

· Mamãe.

—Que faz mamãe enquanto vocês estão aqui?

—Mamãe está cuidando da casa, de meus irmãosinhos pequenos e de tudo o que nós temos.

—Quem é que também sae de casa pela manhã, como vocês, e só á tarde regressa?

—Papae, (e talvez algum irmão mais velho).

—Digam-me agora quem são todos os que á noite estão reunidos em casa e juntos tomam o chá?

—Papae, mamãe, meus irmãosinhos, (talves vovô ou vovó).



— Como é que chamamos a todos os que vivem juntos em uma casa?

— Chamamos uma família.

— Todas as famílias são grandes?

— Não; algumas são pequenas e compostas apenas do pae, a mãe e um filhinho.

— Agora quero ver se algum de vocês me diz quaes são as pessoas que compõe sua família,

— . . . .

Ficam vocês contentes de ver os seus papaes voltarem para a casa, á tarde?

— Sim, muito contentes.

— E as mães não ficam tambem contentes quando vocês voltam para a casa?

— Sim, muito contentes.

— Porque?

— Porque ellas nos estimam, porque gostam de estar comnosco.

— Agora vamos fechar os olhos e imaginar que estamos vendo nossa casa e tudo quanto nella se passa: dize-me, F, que vês em tua casa? Que está fazendo tua família agora?

— Estão todos, tomando lunch, em roda da mesa.

— E a tua família, F.?

— Mãe está cozendo perto da janella que olha para o jardim e nêê está dormindo no berço. Meu canarinho está cantando, etc. (Insistir sempre para que as crianças VEJAM com o pensamento, recordando o que se passa todos os dias em casa Animal-as a formar estas pinturas mentaes).

— Conhecem vocês outras famílias, mas, differentes de nós, que não sejam famílias de gente?

— Sim, os gatos, cães, gallinhas, etc.



— Como se chama o pae dos pintos ?

— Gallo.

— E a mamãe dos pintos ?

— Gallinha.

— E os filhos da gallinha ?

— Pintainhos.

(Fazer as mesmas perguntas relativamente a outros animaes).

Todas as mamães tomam cuidado de seus filhinhos, como as nossas fazem para comnosco, porque será que ellas fazem isto?

— Porque ellas querem muito aos seus filhinhos.

— E os filhinhos tambem não querem muito as suas mamães ?

— Sim, muito, muito !

— Então, todos filhos devem ser muito obedientes e fazer tudo quanto suas mamães lhes dizem, não é ?

— Sim, sim !

Falemos de nossos lares  
Onde nossos paes estão,  
Longe de nossos olhares  
Vemol-os no coração.

*Zalina Rolim.*





# Espera e verás

(Fructas)

Continho para creanças para ser narrado singelamente  
e com adaptação a arvores de nossa flora

No meio de um bosque, uma pequenina faia crescia ao lado da faia mãe.

Ella viu que todas as arvores, em torno, davam alguma cousa a seu dono e, muito triste, disse á mãe:

—«Eu queria saber para que sirvo neste mundo. As outras arvores todas prestam algum serviço. Olha, o visinho carvalho deixa cahir as suas bolotas para o alimento dos porcos do nosso amo; o vidoeiro tem a sua casca macia que serve para os barcos; e assim todos... Só eu não sirvo para cousa alguma...

—Espera e verás, disse-lhe a mãe. Com o andar do tempo appareceram na pequenina faia umas florinhas e ella exclamou, muito contente:

«Oh! que bello, agora eu vejo que posso fazer alguma cousa no mundo. Ao menos servirei para encantar a vista dos que passarem por mim».

Quando as florinhas cahiram, ella ficou de novo muito desgostosa e gemeu:

—Oh, meu Deus! foram-se as minhas flôres e com ellas todo o meu encanto; que hei de fazer agora?

—Espera e verás. Disse-lhe a mãe.



A pequenina faia achava muito ruim esperar, mas era obediente, e esperou. Ella conhecia que a mãe sabia melhor as cousas do que ella.

Logo começaram a apparecer-lhe nos galhos umas pequeninas cousas espinhosas e verdes, justamente onde haviam estado as flôres.

A arvoresinha de novo se alegrou pensando que ainda servia para alguma cousa. Quando as taes cousinhas espinhosas foram-se tornando escuras, de verdes que eram, a faiasinha entristeceu dizendo dolorosamente:

—«Agora que as minhas cousinhas verdes ficaram escuras, eu já não sou bonita de longe... ai! de mim!

—Espera e verás, disse-lhe ainda a mãe.

E ella esperou.

Veu o outomno e o tempo começou a esfriar. Uma manhã, depois de forte geada, a faiasinha viu que todas as suas cousinhas escuras tinham cahido para o chão, e ficou afflictissima. Mas a mãe a consolou dizendo:

—Espera e verás.

Dahi a pouco appareceu no bosque um grupo alegre de crianças, todas tagarellando ao mesmo tempo, numa grande expansão. Andavam juntando avelãs. Quando passaram pertinho da pequena faia, o mais crescido dos rapazes parou e disse aos companheiros:

—Vinde vêr avelãs de faia aqui no chão! São as preferidas por mamãe... Vamos apanhal-as, meus amiguinhos!...

E correram todos, numa algazarra jubilosa, para junto da arvoresinha.



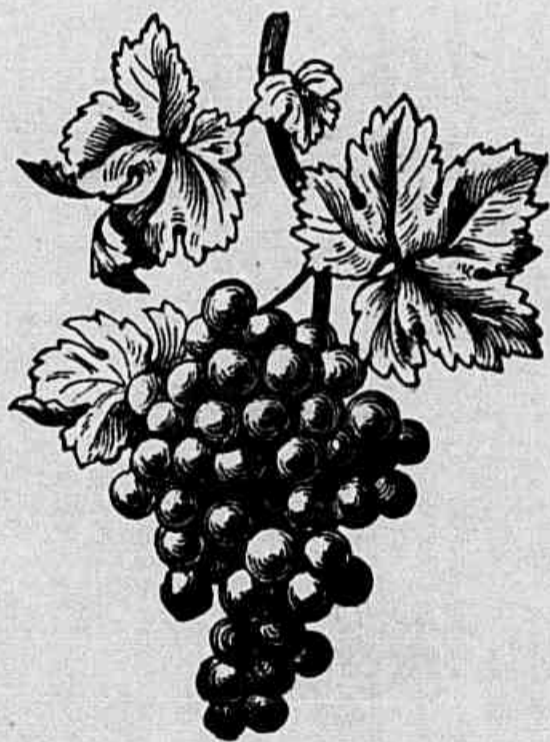
Quando os pequenitos se foram a faia mãe disse contente á filha :

—Agora, queridinha, já sabes para que serves?

—Sim, mamãe; agora ainda fiquei mais convencida do quanto as mães conhecem a vida melhor do que as filhas. A obediencia e paciencia, são grandes cousas. . . .

E a pequena faia foi crescendo satisfeita, até que se tornou uma grande arvore como sua mãe.

*Zalina Rolim.*





# PROGRAMMA

Exercícios de linguagem, de memória, de nomenclatura objectiva, de trabalhos manuaes, nos tres Periodos do Jardim da Infancia, annexo á Escola Normal.

## ORGANIZADO

POR

D. Maria Ernestina Varella

## PRIMEIRO PERIODO

LINGUAGEM: Conversações infantis:—a creança na familia e no Jardim da Infancia.—Partes principaes de seu corpo. Sêres o objectos que lhe são uteis e que mais frequentemente attrahem sua attenção. Seus paes e parentes proximos. Animaes domesticos.

Brevissimos e simples contos expostos sobre gravuras. Poesias infantis. Hymnos breves.

DONS FRÖEBELIANOS: Primeiro dom:—A bola,—Bolinhas; fórma e côr; confronto com a fórma e côr de outros objectos presentes; posições; movimentos. Segundo dom: Esphera, cubo, cylindro.

TRABALHO MANUAL: Continhas. Exercícios preliminares graduados. Trabalhinhos simples. Continhas e fórmas de papel de côres. Alguns enfeites, ornamentos, etc

Entrelaçamento: exercicios faceis de entrelaçamento com varetas.



Dobraduras: quadrado, lados, angulos, diagonal e mediana. Primeiras dobras: imitação de objectos communs.

MODELAGEM. Bola—Cylindro — Cubo.

DESENHO: Varetas. Conhecimento do objecto. Exercício com uma, duas, tres e quatro varetas feito no espaço e dando uma idéia das posições das linhas, angulos, triangulos e quadrado.

—Paosinhos, lentilhas ou tornos;—verticaes, horizontaes e combinações.—Applicação ao desenho de fórmulas geometricas simples e de objectos communs.

NUMEROS: Contagem de um a dez com bolinhas enfiadas em cordões e depois separadas em grupos de duas, tres, quatro e cinco.—Exercícios variados até dez—Paosinhos:—numeração e exercícios de addição e subtracção. Cartões: exercicios de addição e subtracção, distinguindo grupos, côres e quantidades até dez.—Conhecimento de um a dez por numeros impressos.

CÔRES: Côres primarias e secundarias graduadas por meio de quadrados de papel formando todo o mappa de côres apresentado á classe.

CANTOS: Pequenos Hymnos.

GYMNASTICA: Movimento da cabeça e dos dedos, acompanhado de melodias faceis. Movimento das mãos indicando as partes do corpo já conhecidas.

BRINQUEDOS: De movimento, de imitações, etc., em marcha e acompanhado de melodias faceis.

## SEGUNDO PERIODO

LINGUAGEM: Conversações infantis: o lar, a creança na familia; amôr para com os paes e bemfeitores.—Os sentidos physicos—Os dias da semana.—Os mezes do anno.—As estações. Plantas que nos sejam uteis.—Gravuras representando homens e animaes em acção:



Scenas campestres, etc, servindo de argumento para considerações moraes ou de utilidade pratica e para exercicio de nomenclatura.—Contos tambem expostos sobre gravuras e mais tarde reproduzidas pela creança, Dialogos em prosa ou verso. Pensamentos e hymnos.

DONS FRÆBELIANOS—Primeiro dom:—A bola. Recapitulação e complemento dos exercicios feitos com as bolinhas no primeiro periodo.—Movimentos—diversas especies de movimentos. Direcção e velocidade.—Acção sobre o objecto; character do objecto; confronto com outras bolinhas e com objectos de outra fórma.—O peso.

Segundo dom:—A esphera, o cubo, o cylindro. Observações e comparações.—Superficies planas e curvas.—Linha recta e curva.—O quadrado.—O circulo.

Terceiro dom:—O cubo dividido em oito cubos. Divisão de cubo em 2, 4, 8.—Os cubinhos.—Comparação entre o cubo e os cubinhos.—Exercicios sobre a quantidade e sobre as formas.—Construcções simples com applicação dos 8 cubinhos acompanhados de cantos apropriados.—Construcções livres.

TRABALHO MANUAL. Tecelagem:—exercicios graduados, primeiro com fitas largas de papel e depois com fitas mais estreitas.—Applicações com fitinhas.

Perfuração e bordado —exercicios preliminares de perfuração simples e de bordado a ponto comprido.

Applicações simples.—Reproducção de fórmas ornamentaes, de objectos communs, de flores, fructos, folhas, animaes, etc.—Trabalhinhos por imitação e invenção. (Todos estes trabalhos devem ser colleccionados em cadernos, sendo cada um de uma especie.)

MODELAGEM: — bola — cubo — cylindro—fructos e objectos communs.

DESENHO. Varetas:—linhas rectas, angulos, triangulos, quadrado, figuras diversas com quatro varetas.



### Aplicações

Paósinhos: recapitulação dos exercicios feitos no primeiro periodo. — Aplicações de um a nove paósinhos em objectos communs e reproduzidos nas lousas.

Reproducções e combinações de linhas feitas no espaço pelas varetas moveis.

NUMEROS. Recordação da numeração de um até dez por meio de numeros impressos.

Faceis exercicios de addição, subtracção e multiplicação. Continuação e desenvolvimento do primeiro Periodo. Exercicio de calculo. Unidade. Dezenas. Exercicios sobre as quatro operações com applicações de cartões representando pessoas, animaes e objectos.

CÔRES. Côres primarias e secundarias com o auxilio de piões. — Decomposição por meio de aparelho.

GYMNASTICA. Jogos organizados para segundo e terceiro Periodos do Jardim. Breves hymnos. Cantos — gymnasticos e imitativos.

Jogos organizados e acompanhados de canto. — Virar á direita e á esquerda. Levantar e sentar-se. Caminhar á direita e á esquerda. — Posições gymnasticas: — primeira, segunda, terceira e quarta. — Movimentos simultaneos, successivos e alternados dos braços, das pernas, da cabeça e do busto, applicados em marcha. Saudações. — Pancadas alternadas das mãos e dos pés. Movimento que exprimam acções. Movimentos das mãos e dos dedos. — Marcha. Evoluções faceis e diversos modos de formar em preparação dos cantos e jogos.

### TERCEIRO PERIODO

LINGUAGEM. Conversações *infantis*: — Desenvolvimento um pouco mais amplo dos assumptos tratados no segundo Periodo. — Os sentidos. — Os animaes. As



plantas. Os alimentos. As vestimentas. Habitações. Moveis e utensilios domesticos. Meios de transporte. A Patria, Formação de sentença sobre objectos communs. Contos para reproducção, Dialogos em prosa ou verso com a mesma applicação dada ao segundo Periodo, Formação de palavras com letras impressas.

DONS FRÖEBELIANOS: Primeiro dom:—A bola. Recordação do segundo Periodo.

Segundo dom:—A esphera, o cubo, o cylindro, Breve recordação dos exercicios feitos nos Periodos precedentes.

Terceiro dom:—O cubo dividido em oito partes ou cubinhos. Divisão do cubo em 2, 4 e 8 partes.

Quarto dom:—O cubo divididos em parellelipipedos. Continuação dos exercicios com os cubinhos.—Diversas construcções com 2, 4 e 8 partes do cubo do quarto dom.—Confronto com objectos de uso commum.—Construcções por imitação e invenção.—Formação de figuras communs e artisticas, com os cubinhos.—Invenções livres.

(Cada construcção terá o seu canto apropriado.)

TRABALHO MANUAL: Dobradura:—Quadrado, lados, angulos, diagonaes e medianas.—Diversas dobraduras colleccionadas em cadernos.—Imitação de objectos communs.—Fórmas artisticas, Ferrinhos e rolhas, (ou ferinhos e ervilhas)—Imitação das principaes fórmas geometricas, artisticas e de objectos communs.—Numeros.—Letras.—Invenções.—Modelagem.—Bola, cubo, cylindro. Fórmas derivadas de objectos communs. Reproduccões de flores e fructos.

Anneis:—Conhecimento do objecto.—Circulo, semi-circulo, quarto de circulo. Faceis figuras curvilineas e ornamentaes, flôres e fructos. Entrelaçamento.—Fitas largas de papel applicadas em diversas fórmas geo-



metricas. — Entrelaçamentos faceis. — Combinações e applicações. — Mosaico. — Taboinhas. — Conhecimento do objecto. — Fôrma e côr. — Primeiro exercicio de applicação com os quadrados. — Segundo: — Mosaico em continuação. — Terceiro: — Applicação das tres especies de triangulos. — Exercicios faceis com triangulos obtusangulos. — Diversas figuras. — Invenções livres. — (Todos estes trabalhos devem ser colleccionados em cadernos.)

DESENHOS: Varetas: — Reproduccão do segundo Periodo, porém, mais desenvolvido. Applicação das linhas feitas no espaço. Exercicios nas lousas. — Obliquas. — Combinações de obliquas entre si e de obliquas com verticaes e horizontaes. Quadrilateros. — Rhombo. — Fôrmas polygonaes em cadernos quadriculados. — Exercicios faceis de rectas e curvas. — Exercicios de reproduccão de objectos communs, de animaes e fructos. — Parallelas, perpendiculares e obliquas tiradas em papel com auxilio de taboas. Modelos em cartões de papelão, representando animaes e objectos diversos, para serem tirados a lapis e depois coloridos e colleccionados em cadernos.

NUMEROS: Contagem dos cubinhos reunidos, e depois separados em grupos de dois, tres, quatro e cinco. — Numeração e faceis exercicios de addição, subtração, multiplicação e divisão. — Continuação e desenvolvimento do segundo periodo. Fracções com a caixa do terceiro dom. — Discos coloridos com applicações de inteiros, metades, terços, quartos, sextos e oitavos.

CÔRES: Reproduccão do primeiro e segundo periodo, porém mais desenvolvida.

MUSICA: Tonic-solfa. — Faceis exercicios de solfejo, O programma de canto, gymnastica e jogos a seguir no terceiro Periodo, está reunido ao segundo. Entretanto, o terceiro deve ser mais desenvolvido.



## HORARIO

### DO 1.º PERIODO DO JARDIM DA INFANCIA

---

11—11, 10.	Canto, Saudação.
11, 10—11, 25.	Conversação.
11, 25—11, 30.	Marcha.
11, 30—11, 40.	Repouso.
11, 40—11, 55.	{ 1.º Dom. A bola acompanhado d'um canto apropriado.
11, 55—12, 10.	Recreio.
12, 10—12, 25.	{ Discos 2.º, 4.º e 6.º—Contagem com as bolinhas 3.º, 5.º e sabb.
12, 25—12, 30.	Preparação para o lunch.
12, 30—12, 45.	Lunch em classe.
12, 45— 1.	Recreio no Jardim.
1— 1, 15.	Revisão. Canto. Chamada.
1, 15— 1, 30.	{ Dezenhos com paósinhos 2.º, 4.º, e 6.º—Com tornos ou lentilhas 3.º, 5.º e sabb.
1, 30— 1, 40.	Marcha cantada.
1, 40— 1, 55.	{ Trabalho Manual. Dobradura 2.º, 4.º.—Entrelaçamento com varetas 3.º, 5.º—Modelagem 6.º—Mosaico, Sabbados.
1, 55— 2, 5.	Recreio.
2, 5— 2, 20.	Côres 2.º, 4.º e 6.º—Canto 3.º, 5.º e sabb.
2, 20— 2, 25.	Repouso.
2, 25— 2, 40.	Brinquedo.
2, 40— 2, 55.	Pensamentos. Premio. Canto de despedida.
2, 55— 3.	Sahida.



## HORARIO

### DO 2.º PERIODO DO JARDIM DA INFANCIA

---

11—11, 10.	Canto. Revisão. Chamada.
11. 10—11. 25.	{ Ensaio de canto geral 2. <sup>as</sup> , 4. <sup>as</sup> e 6. <sup>as</sup> —Com a professora 3. <sup>as</sup> , 5. <sup>as</sup> e Sabb.
11, 25—11, 35.	Recreio no jardim.
11, 35—11, 40.	Marcha.
11, 40—11, 55.	Linguagem.
11, 55—12.	Repouso.
12—12, 10.	{ Musica 2. <sup>as</sup> , 4. <sup>as</sup> e 6. <sup>as</sup> —Gymnastica 3. <sup>as</sup> . 5. <sup>as</sup> e Sabb.
12, 10—12, 25.	Dons.
12, 25—12, 30.	Preparação para o lunch.
12, 30—12, 45.	Lunch em classe.
12, 45 —1.	Recreio no jardim.
1— 1. 15.	Revisão. Chamada. Canto.
1, 15— 1, 30.	{ Trabalho Manual. Tecelagem 2. <sup>as</sup> , 4. <sup>as</sup> —Alinhavo 3. <sup>as</sup> , 5. <sup>as</sup> —Picado 6. <sup>as</sup> —Modelagem Sabb.
1, 30— 1, 40.	Recreio.
1, 40— 1, 55.	{ Desenho com paosinhos 2. <sup>as</sup> , 4. <sup>as</sup> e 6. <sup>as</sup> —Reprodução na lousa 3. <sup>as</sup> , 5. <sup>as</sup> e Sabb.
1, 55— 2, 5.	Marcha.
2, 5— 2, 20.	Exercicio com os paosinhos (As Unidades).
2, 20— 2, 30.	Jogos organizados.
2, 30— 2, 40.	Disco 2. <sup>as</sup> , 4. <sup>as</sup> e 6. <sup>as</sup> —Varetas 3. <sup>as</sup> , 5. <sup>as</sup> e Sabb.
2, 40— 2, 55.	Pensamentos. Merito. Canto de despedida.
2, 55— 3.	Sahida.



## HORARIO

### DO 3.º PERIODO DO JARDIM DA INFANCIA

---

11—11, 10.	Canto, Revisão. Chamada.
11, 10—11, 25,	{ Ensaio de canto geral 3. <sup>as</sup> , 5. <sup>as</sup> e Sabb.—Com a professora 2. <sup>as</sup> , 4. <sup>as</sup> e 6. <sup>as</sup>
11, 25—11, 40.	Conversação.
11, 40—11, 50.	Recreio.
11, 50—12.	Marcha.
12—12, 15,	{ Desenho nas lousas 2. <sup>as</sup> , 3. <sup>as</sup> , 4. <sup>as</sup> , 5. <sup>as</sup> , 6. <sup>as</sup> Sabb. com varetas.
12, 15—12, 25.	Musica 2. <sup>as</sup> , 4. <sup>as</sup> e 6. <sup>as</sup> —Gymnastica.
12, 25—12, 30.	Preparação para o lunch.
12, 30—11, 45.	Lunch em classe.
12, 45— 1.	Recreio no jardim.
1—1, 15,	Revisão. Canto. Chamada..
1, 15— 1, 30.	{ 1. <sup>a</sup> Sec: a bola. 2. <sup>a</sup> Sec: Formação de palavras com letras impressas 2. <sup>as</sup> , 4. <sup>as</sup> e 6. <sup>as</sup> .—Anneis 3. <sup>as</sup> , 5. <sup>as</sup> e Sabb.
1, 30— 1, 35.	Marcha.
1, 35— 1, 50.	{ 2. <sup>a</sup> Sec: a bola. 1. <sup>a</sup> Sec: Formação de palavras com letras impressas 2. <sup>as</sup> , 4. <sup>as</sup> e 6. <sup>as</sup> .—Anneis 3. <sup>as</sup> , 5. <sup>as</sup> e Sabb.
1, 50— 2, 5.	{ Trabalho manual: Modelagem, 2. <sup>as</sup> —Ervilhas, 3. <sup>as</sup> .—Dobradura, 4. <sup>as</sup> e 6. <sup>as</sup> .—Entrelaçamento, 5. <sup>as</sup> .—Alinhavo, Sabb.
2, 5— 2, 15,	Recreio.
2,15— 2, 25.	Brinquedo.
2, 25— 2, 40.	Exercicio de calculo com os cubinhos
2, 40— 2. 55,	Pensamentos. Merito. Despedida.
2, 55 -- 3.	Sahida.

OBS.—Aos sabbados os horarios são completamente modificados; ha exercicios geraes de linguagem, jogos, cantos e passeios.



## O DEDINHO VAIDOSO

(Sentimento de união e affecto na familia)

Para ser narrado ás creanças, nas lições de linguagem

Um dia o dedinho annular recebeu de presente um formoso anel de ouro com brilhante.

O dedinho ficou encantado com a sua joia e mirava e tornava a mirar a pedra que scintillava com os raios do sol.

Os outros dedos — o pollegar, o indicador, o médio e o minimo, — tambem achavam muito lindo o anel e não se cançavam de olhar para elle.

O dedinho annular sentindo-se alvo de tanta admiração ficou todo vaidoso e disse aos outros:

« — Eu sou muito melhor e mais bonito do que vocês. Só eu tenho anel de brilhante... Não quero mais brincar com vocês e nem preciso da sua companhia ».

Os dedinhos ficaram muito descontentes com tamanha injustiça e responderam, depois de se consultarem:

— Se não precisas mais da nossa companhia e amisade, tambem nós dispensamos a tua. Podes viver como quizeres com o teu anel, que não nos fazes falta.

Passaram-se tres dias sem que os quatro dedinhos fallassem com o annular. Mas na tarde do ter-



ceiro dia, achando-se todos no jardim, ao passarem por uma linda roseira coberta de flores, o dedinho annular teve vontade de colher uma daquellas esplendidas rosas, e approximou-se do galho, inclinando-se para o pollegar como a pedir-lhe auxilio. Então o pollegar endireitou-se bem e disse:

«—Eu não te ajudarei em cousa alguma. Tu disseste que dispensavas a nossa companhia permite que tambem dispensemos a tua».

E a rosa ficou-se balançando no seu verdejante galho.

O annular não deu grande importancia ao caso e tornou a mirar o seu lindo annel que, com o habito de usar todos os dias, já não lhe parecia tão bello.

No dia seguinte, pela manhã, estavam todos no pomar onde se espalhava um delicioso cheiro de fructas maduras.

E o dedinho annular não pode resistir ao desejo de colher um formoso e rubecente pecego que avistava bem ao seu alcance.

Quando se approximava, quasi a tocar a appetitosa fructa, notou que o pollegar, muito entretido em conversa com o indicador e o medio, nem lhe prestava a minima attenção.

E quando elle tentou encostar-se ao grupo formado pelos tres, elles disseram-lhe ao mesmo tempo:

—«Tu dispensaste a nossa companhia e amisade, vae então procurar quem te auxilie e foge de nós que não temos annel e nem somos bonitos como tu».

E continuaram a interrompida conversação.

O dedinho annular, já meio arrependido, conservou-se calado. Mas, durante o dia, quando tentou



segurar as agulhas de seu tricot e viu que nada conseguia sem o auxilio dos outros, e que elle só ficava inactivo, emquanto que todos trabalhavam, comprehendeu que era bem preferivel a amisade de seus irmãos e companheiros á posse de um anel por mais valioso que fosse.

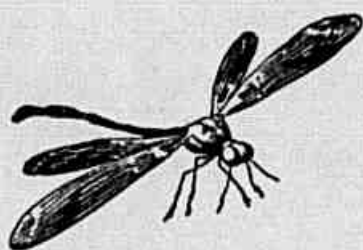
Depois de muito reflectir, confessou baixinho ao dedo minimo o seu arrependimento e desejo de ser perdoado.

Então o minimo fallou ao pollegar, o pollegar ao indicador e este ao medio; e os quatro reunidos resolveram desculpar a leviandade do dedinho vaidoso e com elle reatar as antigas relações que tão necessarias lhe eram.

O médio e o minimo foram encarregados de ir buscal-o para o meio dos companheiros e irmãos, e o dedinho annular fez um protesto muito vivo de nunca mais ser vaidoso—pois tinha comprehendido por experiencia que nada vale tanto como a amisade e auxilio mutuo em uma familia.

(Da «*Boston Collection of Kindergarten stories*»).

*Zalina Rolim.*





## PLANO DE UM JARDIM DA INFANCIA

---

A fim de fornecer elementos suggestivos para um estudo proficuo e para bem corresponder aos intuitos desta Revista, publicaremos os programmas de alguns dos Jardins de Infancia estrangeiros que se recommendem pela sua organização, começando por extrahir hoje algumas notas do plano do Jardim da Infancia da Cook County Normal School que se encontra no relatorio daquela instituição publicado em 1893 por Francis Parker.

Foram dous os intuitos de Parker na organização de seu plano:

1.º) Criar uma instituição capaz de dar aos professores de todos os graus o conhecimento dos principios e dos methodos Fröebelianos.

2.ª) Escolher dos processos empregados os que mais se podessem adaptar ás escolas primarias.

Deixando de parte todas as considerações referentes ao preparo especial de jardineiras, aproveitaremos apenas as indicações do Relatorio que nos parecem mais suggestivas sob o ponto de vista do ensino propriamente infantil.

Como no Jardim da Infancia o material empregado contem, por sua natureza, alguma cousa das qualidades communs a todos os objectos, cada um delles deve considerar-se como um instrumento por



meio do qual a criança possa interpretar o mundo exterior e como um meio de expressão e de actividade espontanea.

Relativamente á distribuição do ensino, o plano de Parker comprehende tres Periodos assim estabelecidos:

### Primeiro Periodo

- |   |   |  |
|---|---|--|
| O 1º Dom. — 6 bolas cobertas de lã com as cores do prisma.                | Conducente á observação e ao uso dos elementos de | 1º Numero<br>2º Côr<br>3º Substancia<br>4º Movimentos<br>5º Posição<br>6º Direcção<br>7º Fôrma<br>8º Cantos e jogos relativos a fructos e flôres de variadas côres As «Bolas que oscilam no ar». A lã, os carneiros, etc.  |
| 2.º Dom — Esphera, cubo e cylindro tendo o mesmo diametro                 | Geometria   | 1º Consciente differenciação de fôrmas.<br>2º Estudo de planos, linhas e angulos.<br>3º Associação de taes fôrmas com varios mineraes, com troncos de arvores, galhos e partes do corpo humano, etc.   |
| 3.º Dom. — Dous cubos de madeira divididos em cada uma de suas dimensões. |   | 1º Consciente separação em partes.<br>2º Relação do todo para com as partes.<br>3º Construcção de novos todos.<br>4º Lei da separação como condição fundamental para o crescimento observado nas sementes, fructos e flôres.<br>5º Desenvolvimento de instinctos sociaes. Desenvolvimento da imaginação. N. B. de principio a fim, o Jardim da Infancia tem por objecto supprir os elementos creadores de uma imaginação pura e sã.<br>Historias e jogos que illustrem as idéas acima. |



- 4.º Dom.—Dous cubos divididos, uma vez verticalmente e tres vezes horizontalmente. { 1.º Apresenta uma fôrma especialmente apropriada para *encerrar*, *limitar* espaço, como as anteriores *occupavam* espaço.  
2.º Observação da desigualdade das faces, adaptabilidade para construcção offerecendo ensejo para elementares lições de architectura, traçado de fundações, construcção de muros, tectos, arcos, etc.
- 5.º e 6.º Dons — 3 cubos subdivididos de varias fôrmas. { Offerecem mais amplas noções de fôrma, numero, relação, etc, e exigem maior habilidade em manejal-os.  
Relacionam-se com varias fôrmas crystallinas
- 7.º Dom.—taboinhas de madeira, quadradas e triangulares. { Estudo de superficies.  
Representação de objectos com duas dimensões apenas.
- 8.º e 9.º Dons.— Paósinhos e anneis { Objectos limitados por linhas curvas e rectas.  
Contornos de figuras, traçadas e analysadas. Séries de figuras desenvolvidas e transformadas pela addição de paózinhos e anneis.

### Segundo Periodo

Parallelamente com o trabalho dos dons, devem as creanças occupar-se com materiaes mais plasticos por meio dos quaes possam livre e syntheticamente exprimir as idéas adquiridas pela analyse dos objectos precedentes. O material para estas occupações é de todo insuggestivo até que a faculdade creadora das creanças se manifeste e se imprima nelle. Deste modo, a argila, o papel para dobrar, o colorido, papel para tecelagem, para alinhavo e picado offerecem um novo meio de corporizar as idéas de attributos elementares, adquiridas por meio dos objectos anteriores.



São estas as ocupações de mais frequente uso neste periodo:

Dobrado de quadrados de papel, circulos e triangulos para a formação de figuras geometricas regulares.

Corte e collagem de figuras geometricas para formação de ornatos.

Estudo de solidos e formas reaes feitas com papel e cartão.

### **Terceiro Periodo**

Jogos e cantos de Kindergarten adaptados ao desenvolvimento dos sentidos, bem como á cultura do instincto social das creanças da escola primaria.

Exercicios para desembaraçar os movimentos de todo o corpo.

Exercicios de canto.

Exercicios de narração de historias.

Suggestões para o 1.º anno—idade de 3 a 4 annos

### **Primeiro Periodo**

1.º Reforçar e exercer a observação das creanças sobre as suas relações e dependencias, tomando-se como exemplo a sua vida domestica. A vida e habitos dos animaes em relação á creança e de uns para com outros.

Ensinar a creança a expremir a sua gratidão pelas cousas que recebe e a agradam.

NUMERO Grupos de 2 e 3. Emprego de 1.ª polegada 2 polegadas, 3 polegadas. Numero e forma. Comparação e classificação de numeros.



**FÓRMA.** Simples fôrmas de objectos domesticos e ensaio de classificação de fôrmas. Simples jogos de adivinhação para accentuar as noções de fôrma e de côr.

**CÔR.** A côr do objecto ou objectos que estiverem sendo empregados no Jardim da Infancia.

**DIRECÇÃO E POSIÇÃO.** Adeante, atraz; em cima, em baixo; no alto, no fundo.

**JOGOS E BRINQUEDOS.** Na apresentação dos dons deve-se ter em vista que a sua ordem numerica deve ser seguida só emquanto não prejudicar a expressão das impressões adquiridas pela propria observação. A unica restricção no emprego dos dons depende da inhabilidade que as creanças manifestem em manejal-os.

**OS JOGOS DE RODA.** Devem estar em directa relação com os assumptos de que se estiver tratando.

Jogos muito simples que provoquem o desenvolvimento dos sentidos e, ao mesmo tempo, eduquem a faculdade de observação e a boa expressão das observações.

**TRABALHO MANUAL.** Modelagem com argilia, com arêa, collagem de papel, alinhavo.

### **Segundo Periodo**

Os alimentos, os vestuarios e os abrigos—homem e animaes.

Os trabalhos domesticos. Conduza-se a creança desde a sua vida no lar até a sua primeira experiencia da vida social—o Jardim da Infancia e circumvisi-nhanças. Todos têm na economia da casa algum encargo a cumprir; do mesmo modo numa maior collectividade a mesma lei se verifica.



Começo de simples observações relativas ao tempo.  
NUMERO. Continuação do primeiro Periodo.—E numero nos jogos de roda e em marchas.

FÓRMA. Fórma de fructos, de vegetaes e utensilios domesticos. Formas no Jardim da Infancia e sua funcção: como a meza, circulo, etc.

CÔR. O mesmo que no primeiro Periodo.

DIRECCÃO. E POSIÇÃO. O mesmo que no primeiro Periodo.

TRABALHO MANUAL. Continuação do primeiro Periodo. Emprego de tesouras para o corte de papel primeiro livremente e depois segundo indicações dadas.

### Terceiro Periodo

O asseio nas casas. — Observações e dialogos sobre novos objectos domesticos.

O asseio em a natureza. As chuvas da primavera. Continuação de observações relativas ao tempo. Sua relação com a natureza.

Trabalhos no jardim e cuidar de pequenos animaes.

A obra do sol da primavera.

NUMERO. Escolha de um certo numero e determinação do que falta para completal-o em relação a objectos dados.

FÓRMA. Fórma de instrumentos empregados na limpeza das cazas e no jardim.

CÔR. O mesmo que no primeiro Periodo.

DIRECCÃO E POSIÇÃO. O mesmo.

TRABALHO MANUAL. O mesmo que acima.

Colorido livre e dobrado de papel representando as fórmas simples que nessa occasião constituirem as



diversas occupações. Emprego dos instrumentos de jardinagem.

Sugestões para o 2.º anno—idade de 4 a 5 annos

Influencia do sol e do vento no Outomno.

Observação sobre os preparativos que faz a natureza para o inverno, nos reinos vegetal e animal. Preparativos feitos pelo homem. Os celeiros.

NUMERO. Grupos de 2, de 3 e 4 nos jogos de mesa, em jogos de roda e em marchas. Cousas isoladas, linhas, fórma. Avaliação de cumprimentos.

FÓRMA. Fórmias vegetaes e animaes. Fórmias de arvores e folhas.

CÔR. Côres em vegetaes e fructos. Côres dos raios do sol (côres da natureza)

DIRECCÃO E POSIÇÃO. Lado direito, lado esquerdo; E'ste, Oeste; alto e fundo; adeante e atraz.

JOGOS E BRINQUEDOS. Desde que as creanças se tornem mais dexas no manejo do material, podem ser dados os dons que constarem de maior quantidade de peças.—Demonstração dos mais simples principios de architectura.

TRABALHO MANUAL. Modelagem com argila. Alinhavo, enlaçamento de varinhas.

Dobrado de papel.

Tecelagem de papel.

Corte livre de papel.

Colorido.

### Segundo Periodo

A neve e a sua obra. Procedencia dos alimentos e vestuarios, abrigos. Abrigos para animaes. Continuação das observações sobre o tempo.



NUMERO. Grupos de 4 e 5 e synthese de partes quando seja possivel sem esforço.

FÓRMA. Fórmias crystallinas dos flocos de neve. Fórmias dos abrigos para animaes. Fórmias de vestuario.

CÔR. Como o homem imita a natureza em suas côres.

DIRECCÃO E POSIÇÃO. Norte; Este. Oeste. Direita e esquerda.

JOGOS E BRINQUEDOS. Os jogos devem ampliar os meios de expressão, sempre appellando para o interesse das creanças e fundando-se na observação do assumpto de que então se tratar.

TRABALHO MANUAL. Dezenho nas lousas.

### Terceiro Periodo

Relações e dependencias commerciaes.

O carpinteiro seu trabalho e ferramentas.

O jardineiro, seu trabalho e ferramentas.

Primavéra—Cuidada observação das arvores e da vida animal. Classificação de flôres, quanto a côr, fórma e numero. Classificação (escolha) de folhas. Collecção de sementes.

NUMERO. Grupos de 2, 3, 4, 5 e 6 empregados como acima.

FÓRMA. Instrumentos dos carpinteiros e jardineiros. Fórmias de folhas, flores, plantas, arvores, etc.

Simples fórmias architecturaes.

CÔR. Dos instrumentos de trabalho, côr de flôres e passaros.



DIRECÇÃO E POSIÇÃO. Sul. E'ste e Oeste. Norte. Direita e esquerda.

TRABALHO MANUAL. Trabalho com instrumentos de jardineiro. Desenho livre.

Sugestões para o 3.º anno—idade de 5 a 6 annos

Collecção e classificação de sementes. Influencia do tempo, da vegetação, animaes, etc.

O trabalho do vento.

Uso que o homem faz da força do vento nos moinhos.

O trabalho do moleiro e do lavrador.

NUMERO. Grupos de 2, 3, 4, 5 e 6. Analyse e synthese—Avaliação de dimensões

FÓRMA. Fórma de sementes e de folhas e classificação quanto á fórma.

CÔR. Côr das folhas do outomno, das sementes e dos vegetaes—matizes e sombras nas nuvens, flôres, etc.

DIRECÇÃO E POSIÇÃO. Nordeste. Sudeste. Noroeste. Sudoeste.

OCCUPAÇÕES, JOGOS DE RODA E TRABALHO MANUAL. O uso do 5.º e do 6.º dons em fórmas architecturaes simples, envolvendo o principio que as determina.

Applicação desses principios na vida das plantas, dos animaes e do homem.

Emprego de taes principios e fórmas para construir intelligentemente os objectos de uso commum.



### Segundo periodo

Manufatura de generos de lã e algodão. Onde compramos os nossos vestuarios.

O inverno; geada e neve.

O que aquece as nossas casas.

O fogo e o seu uso nas casas, nas usinas, nos transportes.

Uso da agua e do fogo nas usinas.

NUMERO. Differentes andares nos moinhos e seu emprego.

Valor dos objectos, compra.

Brinquedos envolvendo a idéa de compra e venda.

FÓRMA. Nas machinas

CÔR. Matizes e sombras nos vestuarios. Côres no fogo.

DIRECÇÃO. Agrupamentos de construcções, claramente acentuadas a direcção e posição.

JOGOS. Jogo de roda desenvolvendo o pensamento capital deste Periodo.

### Terceiro periodo

Uso da agua nas casas e nas manufacturas.

A chuva e a sua obra em a natureza com relação á vegetação, estructura, etc. Jardinagem.

NUMERO. Continuação do Periodo anterior. Numero em marcha.

FÓRMA. Gostas de chuva. Folhas novas, contorno geral das arvores.

CÔR. Flôres—Côres da terra quando secca ou humida, ou differindo em côr por outras causas.



DIRECÇÃO E POSIÇÃO. Sul. E'ste e Oeste. Norte. Direita e esquerda.

TRABALHO MANUAL. Trabalho com instrumentos de jardineiro. Desenho livre.

Sugestões para o 3.º anno—idade de 5 a 6 annos

Collecção e classificação de sementes. Influencia do tempo, da vegetação, animaes, etc.

O trabalho do vento.

Uso que o homem faz da força do vento nos moinhos.

O trabalho do moleiro e do lavrador.

NUMERO. Grupos de 2, 3, 4, 5 e 6. Analyse e synthese—Avaliação de dimensões

FÓRMA. Fórma de sementes e de folhas e classificação quanto á fórma.

CÔR. Côr das folhas do outomno, das sementes e dos vegetaes—matizes e sombras nas nuvens, flôres, etc.

DIRECÇÃO E POSIÇÃO. Nordeste. Sudeste. Noroeste. Sudoeste.

OCCUPAÇÕES, JOGOS DE RODA E TRABALHO MANUAL. O uso do 5.º e do 6.º dons em fórmarchitecturaes simples, envolvendo o principio que as determina.

Applicação desses principios na vida das plantas, dos animaes e do homem.

Emprego de taes principios e fórmarchitecturaes para construir intelligentemente os objectos de uso commum.



### Segundo periodo

Manufatura de generos de lã e algodão. Onde compramos os nossos vestuários.

O inverno; geada e neve.

O que aquece as nossas casas.

O fogo e o seu uso nas casas, nas usinas, nos transportes.

Uso da agua e do fogo nas usinas.

NUMERO. Diferentes andares nos moinhos e seu emprego.

Valor dos objectos, compra.

Brinquedos envolvendo a idéa de compra e venda.

FÓRMA. Nas machinas

CÔR. Matizes e sombras nos vestuários. Côres no fogo.

DIRECÇÃO. Agrupamentos de construcções, claramente acentuadas a direcção e posição.

JOGOS. Jogo de roda desenvolvendo o pensamento capital deste Periodo.

### Terceiro periodo

Uso da agua nas casas e nas manufacturas.

A chuva e a sua obra em a natureza com relação á vegetação, estrutura, etc. Jardinagem.

NUMERO. Continuação do Periodo anterior. Numero em marcha.

FÓRMA. Gostas de chuva. Folhas novas, contorno geral das arvores.

CÔR. Flôres—Côres da terra quando secca ou humida, ou differindo em côr por outras causas.



**DIRECÇÃO.** Direcção do vento e das chuvas, e posição relativa das enxurradas e das poças.

**TRABALHO MANUAL.** Crescente complexidade de dextreza, porém sempre desenvolvendo o pensamento capital dos dons e dando ensejo para que se manifeste a faculdade inventiva da creança.

O trabalho de que extrahimos estas notas é extremamente conciso, tanto na fôrma como no fundo. Para bem o comprender seria necessario conhecer a propria instituição a que elle se refere. Limitámo-nos, por isso, como já deixámos dito, a extrahir o que nos pareceu mais conveniente no sentido de tornar conhecidos os traços geraes desta organização. Não a pretendemos apresentar como norma a seguir, senão como simples elemento de estudo suggestivo. Por esse mesmo motivo calamos a nossa apreciação deixando ao criterio dos professores a selecção do que lhes possa ser aproveitavel.

G. Prestes.







**PESTALOZZI**

O INICIADOR DO ENSINO MODERNO



# FRUCTAS

## Uma lição de linguagem

(Este assumpto refere-se mais á maçã que a qualquer outra fructa, mas seria conveniente que a professora tivesse além da maçã: uma pera, um pecego, ameixas, uvas, etc., para mostrar ás creanças. O melhor seria um galho com fructas e flôres, ou um desenho colorido. Deve-se dar primeiramente o nome das fructas e fazer perguntas a respeito das côres. Deve-se tambem animar as creanças a distinguil-as pelo tacto, isto é, a contrastar o velludo penugento do pecego com a pèlle lisa da maçã, da lima, etc. Chamar-lhes a attenção para o cheiro, sabor, etc).

### CONVERSAÇÃO

—De onde vêm as fructas?

—Cada fructa vem da sua arvore.

—As arvores levam annos para dar fructas. Quando é que nós vemos fructas na macieira?

—Na primavéra.

—Então a primavéra é o tempo em que a macieira está florescida. E as outras arvores quando florescem?

—Todas as arvores florescem na primavéra. (mostrar a pintura das flôres da macieira, ou qualquer outra flôr de que se queira fallar.



—Quando as florinhas cahem , onde ellas estavam fica um pequenino e duro nó verde. Este nozinho vae crescendo, crescendo durante toda a primavera e verão, até que amadurêce e fica uma linda maçã formosa e corada como as vossas faces.

(Seria conveniente uma série de dezenhos, mostrando a maçã gradualmente desenvolvida).

—Quem é que ajuda a arvore a fazer a maçã e as outras fructas?

—A terra, o ar, os raios do sol e a chuva.

—Para que servem as fructas?

—Para se comer e para se fazer doces.

Algum de vocês sabe me dizer o que ha bem no interior, ou bem no meio da fructa?

As sementes.

—Todas as creanças gostam de fructas?

— . . . . .  
Qual é a fructa de que mais gostas, F.?

— . . . . .  
—Como se chama a arvore de onde vem essa fructa?

— . . . . .  
—Quem é que tambem gosta muito de fructas e até costuma ir debical-as nas arvores?

— . . . . .

Doces fructinhas,  
Muito gostosas,  
Nossas boquinhas  
Fazeis gulosas.

*Zalina Rolim.*



## O somno da maçã

### Historia para a lição anterior

Foi num pomar que isto se passou.

--No galho mais alto de uma macieira, entre tufos de folhagem, uma linda maçã, corada e fresca como as faces das creançinhas, parecia dormir . . .

Uma pequenita, que brincava por entre as arvores, avistou-a, e, batendo as mãosinhas de gosto, exclamou:

—Ó maçã, vem cá! Basta de dormir; não sejas preguiçosa. Olha que já não são horas de somno. Eu ha muito que ando a correr e saltar em procura de amiguinhas como tu . . .

Vem cá, formosa maçã!

E a maçã não se movia.

A menina chamou-a com força, com mais força . . . e ella parecia sorrir por entre o somno.

Então appareceu o sol, alto, entre nuvens douradas. E a menina pediu ao sol:

«Ó meu querido e brilhante sol, desperta aquella maçã para mim!»

E o sol respondeu:

«Com muito prazer, minha gentil menina, vou tentar o que me pedes».

E mandou alguns dos seus raios que aquecessem e beijassem muito a fructa somnolenta para a despertá-la. Mas os raios de ouro nada conseguiram.



Depois veio um canario côr de ouro como o sol e a menina pediu ao canario:

—«Ó melodioso passarinho, desperta para mim aquella maçã, e eu serei muito tua amiga».

O canario agitou as suas azas, virou a cabecinha para todos os lados e começou um gorgueio tão meigo, tão doce e agradável que parecia impossivel não despertar a maçã.

E a maçã não deu signal de vida.

Vinha chegando o vento. Um vento sussurrante que agitava e sacudia tudo . . .

E a menina disse:

—«Ah! tu não queres beijos e nem canto . . . vou experimentar outro meio».

E pediu o auxilio do vento.

O vento não esperou que lhe fallassem segunda vez e logo metteu-se por entre a folhagem e—sopra aqui, sacode acolá—de tal sorte que a maçã despertou assustada e, toda tremula, veio cahir no avental com que a menina a esperava.

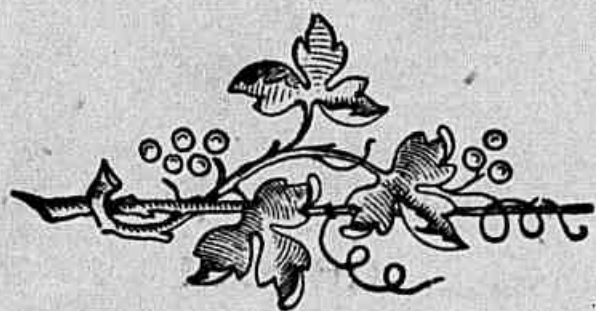
E a menina, tomando-a nas mãosinhas, aspirou-lhe o delicioso aroma e, muito contente, disse ao vento:

Muito obrigada, senhor vento.

(Do «In the Child's World»).

(Trad.)

Zalina Rolim.





# BRINQUEDOS

TRADUZIDOS DO ALLEMÃO, DO INGLEZ E FRANCEZ

PELA

*Sra. D. Rosina Nogueira Soares*

E

*Maria E. Varella*



POSTOS EM VERSO E ADAPTADOS

PELA

*Sra. D. Zalina Rolim*



## O MOINHO DE VENTO

Brinquedo. (Do Allemão) Musica 189

As crianças em numero de seis ou de oito, aproximam-se de uma arvore, a cujo tronco seguram-se com a mão esquerda. As que tiverem a mesma altura e força devem ficar juntas. Começa então o movimento imitativo do moinho, a principio bem vagaroso, devendo a velocidade ser augmentada aos poucos.

Durante o brinquedo as creanças cantarão os versos seguintes:

Ja viste o moinho girando  
Ao sopro de vento amigo?  
Dia e noite trabalhando  
Móe o milho, móe o trigo.

Nossa vontade, amiguinhas  
E' um vento de azas potentes  
Sejamos como os moinhos:  
Activos, bons, diligentes.



## O POMBAL

Brinquedo (Les causeries de la mère)

As creanças, de mãos dadas, formam um circulo, encerrando no centro as duas que hão de representar as pombas. Ao começar o canto afastam-se estendendo



os braços de maneira que imitem as portas do pombal. A palavra: «voáe»... as pombas escapam-se a correr e agitando os bracinhos como si fossem azas. As palavras: «Que á hora habitual»... voltam as pombinhas e fecha-se o circulo. Deve-se então interrogar as pombas viajantes:

—«Onde estivestes? Que vos aconteceu? Que cousas vistes?»—Durante todo o brinquedo deve ser entoado o canto:

Se a porta eu abro ao meu pombal,  
Fugi, voae pelas campinas,  
Pombinhas brancas sem rival,  
De azas subtis e penas finas.  
Voae, voae, cortando os ares...  
Mas, da tardinha ao brando açoite  
Voltae, voltae depressa aos lares,  
Que vem pertinho a escura noite.  
Vinde que á hora habitual  
Se fecha a porta do pombal.



## FOGE RATINHO

Brinquedo (Do Allemão) Musica 228

As creanças formam-se em circulo todas de mãos dadas, ficando no centro:—o menino, o passarinho, o peixinho e o ratinho. Movem-se os da roda da esquerda para a direita e os do centro em sentido inverso. As palavras:— «Foge ratinho,» a creança que repre-



senta aquelle animal escuta com muita attenção, até o ultimo verso, em que delle se trata, findo o qual foge para um cantinho qualquer, fóra da roda. Repete-se a mesma cousa com as outras tres, sendo tudo acompanhado pelo canto seguinte:

O RATINHO.

Foge, ratinho  
Da ratoeira,  
Que alli no escuro  
Te quer prender.

Toma cautela  
Si o queijo cheira...  
Ah! foge della,  
Foge a correr!

O PASSARINHO.

Terna avesinha,  
Foge do laço,  
Que alli na sombra  
Te vão armar.  
O ardor refreia,  
Que esse embaraço  
Teus pés enleia...  
Foge a vóar!

O PEIXINHO.

Foge, peixinho,  
Do anzol traiçoeiro,  
Que dentro dagua  
Te quer pescar.



Quem pega a isca,  
Peixe ligeiro,  
A vida arrisca...  
Foge a nadar!

O MENINO.

Foge, menino,  
Da linda rosa,  
Que, na roseira,  
Tu vês se abrir.

Foge, amiguinha,  
Que é perigosa...  
O seu espinho  
Te quer ferir!



## O TEMPORAL

Brinquedo. (do Allemão) Musica 269

Reunem-se as creanças que devem tomar parte no brinquedo, em torno de uma mesa e começa o canto. Quando chegarem a palavra—suor—devem passar as mãosinhas na testa, como se ellas estivessem humidas; á palavra—chuva—devem bater de leve



com os dedinhos sobre a mesa, produzindo assim um ruído semelhante ao da chuva a cair; á palavra—nuvens—devem mostrar o céu; á palavra—vento—devem fazer movimentos com os bracinhos á direita e á esquerda; ás palavras—fita de luz—devem levantar o bracinho direito fazendo com o dedo indicador da mão um zig-zag, imitando o relampago; finalmente á palavra—trovão—devem bater com as mãosinhas fechadas sobre a mesa, levemente a principio e augmentando gradualmente a força.

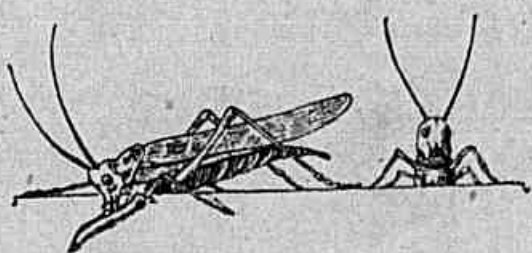
Que calor! que dia quente!  
O ar suffoca e opprime a gente,  
E o suor rebenta em fios...  
Quem dera a chuva bemdita  
Que as frondes do bosque agita  
E faz transbordar os rios?...

Agora um vento ligeiro  
Vem soprando, mensageiro  
De mudanças pelo céu;  
Escuras nuvens no espaço  
Vão cobrindo, traço a traço,  
O azul com tristonho véo.

Senti uma gotta no rosto...  
Outra, mais outra, que gosto!  
Olha uma fita de luz!  
Ribomba o trovão nos ares  
E, por todos os logares,  
E, por todos os logares,  
A chuva as aguas conduz.



Além na floresta densa,  
Vinde ver, a curva extensa  
Do arco-iris, em resplendor!  
Vai cessando a trovoada  
E a luz tranquilla e dourada  
Do sol tem novo fulgor!



## O Passarinho prezo

Brinquedo. (do Allemão) Musica 212.

As creanças, reunidas em circulo, prendem no centro aquella que representa o passarinho e que deve agitar os bracinhos, como fazem os passaros ao levantar o vôo.

A's palavras: «volta ao vergel» as creanças abrem o circulo e o passarinho foge.

Recomeça o brinquedo, sempre acompanhado do canto das creanças e respostas do passarinho.

### CREANÇAS.

Eis-te afinal captivo  
Neste alçapão, passaro esquivo.  
Fica, que em nossa mão,  
Terás um ninho de affeição.



PASSARINHO.

Que vale um ninho escasso  
A quem conhece o infundo espaço?  
Deixae-me, livre no ar,  
Voar, voar, voar, voar!

CREANÇAS.

Terás, nem tu imaginas,  
Confeitos, doces, cousas finas.  
Fica, que em nossa mão  
Terás um ninho de afeição.

PASSARINHO.

Com pouco me contento:  
Dão-me as campinas o alimento.  
Deixae-me livre no ar  
Voar, voar, voar, voar.

CREANÇAS.

Nós te queremos tanto!  
O teu gorgoeio é o nosso encanto.  
Fica, que com nossa mão  
Terás um ninho de afeição.

PASSARINHO.

Desdenho outra riqueza:  
Eu quero o amor da natureza.  
Deixae-me livre no ar  
Voar, voar, voar, voar.



CREANÇAS.

Ingrato passarinho,  
Foges do amor e do carinho;  
Fica, que em nossa mão  
Terás um ninho de afeição.

PASSARINHO.

Amar não corta as azas ;  
Quereis prender-me em vossas casas.  
Deixae-me livre no ar  
Voar, voar, voar, voar.

CREANÇAS.

Basta de queixas e dores,  
Volta ao vergel, ao bosque, as flôres . . .  
E's livre: adeus, adeus  
Vôa contente aos lares teus.



## A CEGONHA E OS SAPINHOS

Brinquedo. (do Allemão) Musica 199

As creanças formam o circulo ficando no centro a que representa a cegonha e que se deve firmar num pé sómente.

Findas as duas primeiras estrophes separam-se todas, pulando e correndo como os sapinhos assusta-



dos e assim vão cantando a terceira. A cegonha deve ser representada sempre pela maior das creanças.

A cegonha já vem vindo  
Para aqui, a passos ligeiros,  
Cuidado, que o bico abrindo  
Ella vos engole inteiros.

Vem se chegando bem perto:  
Quem puder que salve a vida,  
Fuja, fuja o mais experto  
Que a cegonha é atrevida.

Oh, graças! foi-se embora,  
Movendo o bico nú...  
Vai murmurando agora:  
Glú, glú, glú, glú, glú, glú...



## Adivinhação de flôres ou fructos

Brinquedo (do Allemão) Musica 255

As creanças fazem o circulo e começam o canto. A professora chama então para o centro uma dellas e venda-lhe os olhos com um lenço. Toma depois



uma flôr ou fructa e approxima-lhe ao nariz para que a reconheça pelo olfacto. A creança que acertar na adivinhação terá a flôr ou fructo como recompensa.

Vamos vêr, amiguinhas,  
De nós qual hade ser  
Que o nome das florinhas  
Vae, pelo odôr dizer.

Vem tu, florinha bella,  
Azul, da côr do céu  
Irás ás mãos daquella  
Que diga o nome teu.

**Adivinhação de fructo**

Vem tu, doce fructinha,  
Em minhas mãos parar,  
Que só minha boquinha  
Te soube adivinhar.

**Adivinhação de qualquer flôr**

Vem tu, gentil florinha,  
Que a minha mão te quer;  
Enfeita a creancinha  
Que o nome teu disser.





## O mensageiro

Brinquedo (do Allemão) Musica 207

As creanças formam-se em circulo. A que representa o passaro mensageiro deve-se achar no centro e ter um papel dobrado em fórma de bilhete, prezo entre os labios—imitando sempre o bater de azas dos passarinhos. Quando as creanças cantarem as palavras :—«a meus pés»—o mensageiro deve deixar cahir o bilhete diante daquella que escolher para tomar o seu logar.

Este passarinho veio  
Pousar cantando a meus pés,  
Vem, vem querido a meu seio  
Eu bem sei donde tu és.

Foi de Mamãe que vieste,  
Com beijos, doce viajor,  
Em paga do que me deste,  
Leva todo o meu amor.



## Canção do Moleiro

Brinquedo (do Allemão) Musica 191

Um grupo de creanças fórma o circulo e quatro vão ao centro; estas formam uma cruz dando a mão



direita uma a outra, em dois pares. Giram assim na mesma direcção. Trocam depois a mão direita pela esquerda e continuam a girar ao som do canto entoado por todas.

Gira, gira, meu moinho  
Gira sem parar,  
Presto, vivo, ligeirinho...  
E' bom trabalhar!  
Vae e vem, rodinha agora,  
Dia e noite a toda hora  
Que has de por fim descansar



## TRES PASSOS

Brinquedo (do Inglez) Musica 126

As creanças reúnem-se em fileira, uma após outra, e vão caminhando em passos de tres tempos. Quando cada um dos dois primeiros passos contem  $\frac{1}{8}$  e o terceiro  $\frac{1}{4}$  do compasso, os braços pendem aos lados. Quando chegam ao p batem palmas. Ao signal  $\frown$  param um instante e depois continuam, sempre ao som do canto.

Cantae, que é bom cantar!  
Do canto é doce a melodia;  
Rodae que é bom rodar,  
Viva o prazer! viva a alegria.





## Si eu fosse um passarinho

Brinquedos (do Inglez) Musica 215

As creanças dispostas em circulo, encerram duas ou quatro no centro. Estas procuram imitar os movimentos do passarinho, do peixe, da lebre, etc., cantando sempre os versos correspondentes. Ao chegarem ás palavras: «Mas eu sou creancinha» . . . —as do centro voltam a fazer parte do circulo e cantam juntas os ultimos versos.

Si eu fosse um passarinho,  
Cantára, noite e dia,  
Meu caro ninho,  
Minha alegria.

Ah! si eu fosse um peixinho,  
Nadando, noite e dia,  
Meu ribeirinho  
Não deixaria.

Si eu fosse uma lebrinha,  
Na relva, noite e dia,  
Bem ligeirinha  
Eu pularia.

Mas eu sou creancinha,  
E brinco, noite e dia,  
Com mamãesinha  
Que me vigia.





## A CREANÇA E O RIBEIRINHO

Brinquedo (do Inglez) Musica 267

As creancinhas formam-se em duas fileiras, ficando umas olhando para as outras como se fossem as margens. De mãos dadas e ao som do canto, caminham primeiramente á esquerda e depois á direita. Ao começarem a terceira quadra, imitam com os braços o girar da roda dos moinhos. A' quinta quadra procuram imitar as lavadeiras quando orvalham as roupas e á sexta, recomeçam os movimentos para a esquerda e para a direita com que se dá principio ao brinquedo.

Ribeirinho, que vaes correndo,  
Alegre, sem parar,  
Fica um instante aqui comnosco...  
Não gostas de brincar?

E o ribeirinho diz: não posso,  
Eu tenho o que fazer;  
O meu caminho é muito longo,  
Seguil-o é o meu dever.

A grande roda do moinho  
Espera já por mim,  
E de passagem vou dar vida  
A's flôres do jardim.

As ovelhitas vêm com sede  
Beber o meu frescor;  
Devo levar a toda parte  
Um balsamo ao calor.



As lavadeiras anciosas  
A procurar-me vêm,  
As suas roupas, sem demora,  
Devo alvejar também.

Já vês que o meu trabalho é grande,  
Eu não posso brincar;  
O dia todo em lidas passo  
Depois vou ter ao mar.



## OS QUATRO IRMÃOS

Brinquedo. (Do Inglez) Musica 82

As creanças dispostas em quatro fileiras, cada uma das quaes representa uma das estações do anno, começam o brinquedo marchando ao som dos primeiros versos. A fileira representante da primavéra deve estar na frente e ser composta das pequeninas. O inverno deve ser representado pelas maiores e ficar em ultimo lugar. Terminados os versos do principio, cada estação canta por sua vez os seus e vai depois occupar o ultimo lugar, deixando a frente á fileira immediata. As jardineiras devem fazer sempre com que as creanças acompanhem o canto com os gestos e movimentos suggeridos pelos versos.



Quatro irmãos nós conhecemos  
Fieis, gentis, amaveis bons.  
Todos os annos os vemos  
Que vêm trazer-nos seus dons.  
Todos os annos os vemos  
Que vêm trazer-nos seus dons.

PRIMAVERA.

Da primavera ao sorriso  
Abrem-se todas as flôres,  
A campina é um paraizo  
De perfume e sons e côres!...

E os passarinhos cantando:  
Ti, ri, la, la, ti ri lá lá!...  
Andam nos ramos saltando:  
Ti, ri, la, lá, ti, ri, lá, lá!!

VERÃO.

Do verão o sol dourado  
Córa os fructos de encarnado,  
O lavrador o aproveita  
Para a festa da colheita.

Desde os alvares da aurora,  
De largo chapéo de palha,  
Pelas campinas em fóra,  
Anda a gente que trabalha.

OUTOMNO.

Outomno é o tempo das fructas  
Doces, rubras, sazoadas;  
Voae, creanças, ás luctas  
Das colheitas dezejadas.



No pomar vê-se um tapete  
De ameixas, laranjas, figos . . .  
Vinde comnosco ao banquete,  
Passaros, nossos amigos.

INVERNO.

O inverno chega ; que frio!  
Cáe das nuvens a geada,  
O bosque é um matto sombrio  
E a campina é despovoada.

Vamos então, no carinho  
Dos nossos tepidos lares,  
Como os passaros no ninho,  
Inventar novos folgares.

Andar aos saltos por tudo  
Dançar, cantar todo o dia!  
Ninguem cerre o labio mudo,  
Haja no rosto alegria !



## AS FLORES DA PRIMAVERA

Brinquedo (Do Inglez) Musica 60

Todas as creanças que tomam parte no brinquedo cantam a primeira quadra, reunidas em um grande circulo. Finda esta quadra a creança que representa a primeira flôr canta sozinha. (Pode-se fazer isto com uma ou mais creanças, que vão para o centro do



circulo). Segue-se a segunda, a terceira, etc. A quadra final deve ser tambem cantadas por todas.

Sê bemvinda, primavéra,  
Que vens despertar as flôres;  
Estamos á tua espera,  
Vem dar brilho ás nossas côres.

1.<sup>a</sup> FLÔR:

Eu sou a agreste bonina,  
A fresca relva é o meu leito;  
Sou a filha da campina,  
Com minhas graças a enfeito.

2.<sup>a</sup> FLÔR:

Eu me chamo myosotis,  
Tenho a côr do céu nas faces;  
Falta-me o aroma, os meus dotes  
São meus encantos fugaces.

3.<sup>a</sup> FLÔR:

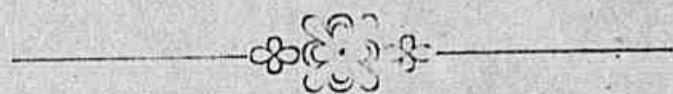
Eu sou o arbusto de espinhos  
Cuido e cerco as outras flôres;  
Nos meus galhos fazem ninhos  
Sabiás e beija-flôres.

4.<sup>a</sup> FLÔR:

Eu sou a esplendida rosa,  
A rainha dos canteiros,  
Todos me chamam formosa,  
Respeitam-me os jardineiros.



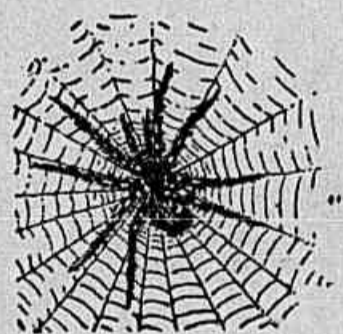
Amigas, da primavéra,  
O doce beijo divino,  
Tambem na infancia aceléra  
A florescencia do ensino.



## A CESTINHA

Brinquedo (Do Inglez) Musica 48

Vamos tecer um cestinho  
De junco leve e delgado,  
Nelle façamos um ninho  
De musgo e flores do prado:  
Rosas, jasmims, trepadeiras...  
Que levaremos fagueiras  
P'ra o natal do papaezinho  
La, la, la, la, la, la, la,  
Oh, vinde vinde amiguinhas  
La, la, la, la, la, la, la.





# GUIA PARA JARDINEIRAS

(Do «Paradise of Childhood», de Edward Wiebé)

Traduzido, com modificações, por

*Gabriel Prestes*

---

## INSTALLAÇÃO DE UM JARDIM DE INFANCIA

Os requisitos para o estabelecimento de um jardim de infancia são os seguintes:

1) Um predio contendo ao menos uma grande sala, com espaço sufficiente para a reunião das crianças, não sómente para as occupações, tanto sentadas como de pé, mas tambem para os jogos de acção que, nos dias de máu tempo, devem fazer-se dentro de casa.

2) Contiguas ao salão, uma ou duas salas menores para diversos fins.

3) Um numero de mesas, de accordo com as dimensões da escola, tendo cada mesa uma superficie lisa e polida de 10 pés de cumprimento por 10 pés de largura, assentes em uma armação movel de 18 a 24 polegadas de altura. As mesas devem ser divi-



didadas em 10 espaços quadrados, cada um delles destinado a uma creança. Os espaços destinados a cada creança devem ser, por sua vez, divididos em quadradinhos de uma polegada para servirem de pontos de referencia em muitas das occupaões. De ambos os lados das mesas deve haver assentos, que se possam dobrar, ou cadeirinhas de dez a quinze polegadas de altura. Nem as mesas nem as cadeiras podem ser fixas ao solo, a fim de que se possa removel-as para dar logar ás occupaões em que os moveis não sejam empregados.

4) Um piano para gymnastica e exercicios de musica, o que é essencial, pois que as occupaões são intermeadas ou acompanhadas de musica ou de exercicios de canto.

5) Commodos para se guardarem o material e os trabalhos das creanças:—um armario, lavatorios, cadeiras, mesas para professoras, etc.

O predio deve ser estabelecido em logar aprazivel e afastado do rumor das ruas, sendo inutil acrescentar que as salas devem satisfazer ás condições hygienicas. O edificio deve ser circumdado de jardim ou, pelo menos, deve ter um jardim contiguo para os frequentes exercicios ao ar livre e para jardinagem. Cada creança terá um pedaço de terra, no qual semeará e cultivará plantas, para colher as flores e fructos devidos á sua industria e cuidados.

Quando junto ao jardim funcionar alguma *training school*, (escola de pratica, como as nossas Escolas Modelo) as creanças podem ser distribuidas em grupos de cinco ou dez, cada um dos quaes será guiado em suas occupaões por uma das alumnas da escola.

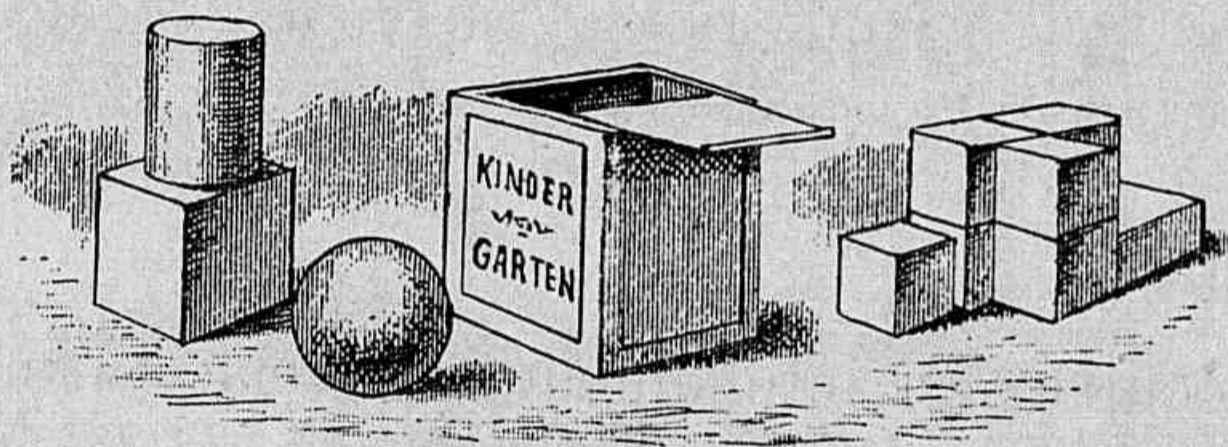
Havendo grande numero de taes auxiliares, facilmente podem se revezar neste trabalho. Nas escolas



desta natureza, a cargo de um director competente, as moças podem assim adquirir um completo conhecimento do systema. Mas, para isso, é preciso que se resolvam a permanecer na instituição por determinado tempo, seguindo pacientemente os detalhes do methodo se tiverem em vista preparar-se para dirigir Jardins de Infancia com successo.

Os estabelecimentos em que houver mais de vinte creanças devem ter em effectivo serviço uma guardiã, encarregada do asseio e da vigilancia da casa.

## OS JARDINS DE INFANCIA



Antes de entrar na descripção dos processos dos Jardins de infancia, cumpre lem-

brar que o creador deste systema de educação, Frederico Frœbel, deu a denominação de *jogos* a todas as *occupações* dos Jardins de infancia, e de *dons* ou *dadivas* ao material empregado em taes occupações.

O systema dos jogos frœbelianos basea-se neste principio fundamental—de que toda educação deve começar pelo desenvolvimento do *desejo de actividade* innato nas creanças, e, como todo o mundo sabe, é neste ponto que a obra de Frœbel alcançou o mais eminente successo.

Cada passo, cada periodo do seu programma é um seguimento logico dos precedentes, e os varios meios de occupação nascem uns dos outros numa



ordem perfeitamente natural, a começar pelas mais simples até chegarem ás mais complicadas. Além disso satisfazem *todas as exigencias* da natureza infantil no que respeita, tanto á cultura *physica*, como ao desenvolvimento mental, de modo a formarem a mais segura base para toda a subsequente educação—na escola e na vida.

O *tempo de occupação* nos Jardins de infancia é de tres a quatro horas em cada dia da semana, geralmente de 9 horas ao meio dia ou á 1 da tarde, e o tempo consagrado a cada especie de occupação, incluindo as mudanças de umas para outras, varia de 20 a 30 minutos. Os jogos, que se fazem assentados, alternam-se com os *jogos de acção*, isto é, aquelles em que as creanças imitam o vôo de passaros, a natação, os movimentos de semear, de lavrar a terra, etc., exercicios de facil gymnastica e exercicios vocaes. Todas as occupações que se possam realizar ao ar livre, fazem-se no jardim desde que o permittam a estação e o tempo.

Como as occupações intimamente se relacionam, como que nascendo umas das outras, deve-se dal-as gradualmente de modo a conceder a cada creança amplo tempo para se preparar para as seguintes sem prejuizo, com tudo, do progresso das que tenham idade ou faculdades mais desenvolvidas.

E' esta a lista dos *dons*, material e meios de occupação nos Jardins de infancia, cada um dos quaes será em seguida especificadamente descripto.

São ao todo vinte *dons* segundo a definição geral de Froebel. Entretanto, só os seis primeiros são geralmente designados pela denominação de *dons*. Preferimos, porém, seguir a classificação e a nomenclatura do grande creador do systema.



### Relação dos dons de Frœbel

1. Seis bolas de borracha, cobertas com tecido de retróz ou de lã de varias côres.
2. Esphera, cubo e cylindro, de madeira.
3. Cubo dividido em oito cubozinhos.
4. Cubo dividido em oito partes oblongas.
5. Cubo, divisivel em metade e em quartas partes.
6. Cubo, consistindo em partes oblongas, duplamente divididas.  
(Os dons ns. 3, 4, 5 e 6, servem para construcções).
7. Taboinhas quadradas e triangulares, para compôr figuras.
8. Varinhas para traçar figuras.
9. Anneis e meios anneis para compôr figuras.
10. Material para desenho.
11. Material para picagem.
12. Material para alinhavo.
13. Material para recorte de papel e combinações.
14. Material para tecelagem em papel.
15. Varetas para entrelaçamento.
16. Reguas com dobradiças—gonigrapho.
17. Fitas para enlaçamentos.
18. Material para dobradura.
19. Material para construcções com ervilhas.
20. Material para modelagem.





## O PRIMEIRO DOM

O primeiro dom, que consiste em seis bolas de borracha cobertas de lã com as tres côres primarias e as tres secundarias, é empregado do modo seguinte:

As creanças são dispostas de modo a formar uma ou duas fileiras, mantendo-se com as cabeças erectas, os pés alinhados segundo uma dada linha ou assentes sobre signaes feitos no soalho. Feito isto, a professora dará ordens como estas:

—Levantem todos a mão direita, bem alto.

—Abaixem a mão direita.

—Ergam a mão esquerda. Abaixo.

—Ergam as duas mãos. Abaixo.

--«Extendam a mão direita para eu dar a cada um de vocês um brinquedo que tenho aqui nestas caixas.

A mestra dará então a cada creança uma bola perguntando:

—«Qual de vocês me poderá dizer o nome do brinquedo que eu lhes dei?

Devem seguir-se perguntas, pela mesma fórma, relativas á côr, á substancia, á fórma e a outras qualidades da bola que provocarão as respostas: azul, amarella, de borracha, redonda, leve, macia, lisa, etc.



Faça-se então com que as creanças repitam as sentenças proferidas pela mestra: *A bola é redonda, a minha bola é verde, todas estas bolas são feitas de borracha.*

Devolvam as creanças todas as bolas excepto as *azues*. As creanças, que restituíram as bolas, venham, uma por uma, tirar das caixas uma bola azul.

Todas as creanças ficam com bolas azues. A mestra dirá então:

Cada um de vocês tem agora uma *bola azul*, feita de *borracha, redonda, lisa e leve*, para brincar com ella. Amanhã hei de dar a vocês uma outra bola e depois uma outra, todas de borracha, mas cada uma de *côr* differente.

As seis bolas de *côr* differente devem ser empregadas, uma em cada dia da semana, o que facilita ás creanças o lembrarem-se dos dias da semana pelas *côres* das bolas. Depois de distribuidas as bolas, devem fazer-se sempre as perguntas que acima figurámos, ensinando-se tambem as creanças a levantar e baixar as mãos com as bolas. Isto é bastante para a primeira lição e, com isto apenas, pode-se ter a certeza de despertar o entusiasmo e o prazer.

Esta primeira occupação tem por objecto ensinar as creanças a fazerem a distincção entre direita e esquerda e a darem a denominação propria ás varias *côres*. Presta-se tambem a desenvolver o organo vocal e a instruil-as nos principios de polidez.

Pelo que segue, se verá como tudo isto se póde fazer com uma occupação tão simples como esta do jogo da bola.

Apresentando as bolas, a mestra deve ter cuidado em fazer com que cada creança extenda sempre



a mão direita e de um modo gracioso. Collocando a bola na mão de cada creança, dirá:

—Carlos, vou pôr em tua mão direita esta bola vermelha, (verde, amarella, etc.)

E deve fazer com que a creança responda:

—«Obrigado, senhora.

Terminado o jogo, ao entregar as bolas, dirão:

—«Eu colloco esta bola (vermelha, verde, etc.) no seu logar, com a minha mão direita.

Quando as creanças já tiverem adquirido alguns conhecimentos, poderão ser consultadas no começo:

—Com que bola, você quer brincar hoje: a vermelha, a azul ou a verde?

A creança consultada responderá.

—«Com a bola azul, (ou qualquer outra.)

Parecerá monotono que cada creança repita a mesma phrase; é, porém, sómente pela constante e paciente repetição que se póde ensinar alguma cousa com precisão, e é, sem duvida, de grande importancia que os tenros espiritos das creanças no seu periodo de formação aprendam aó mesmo tempo a apreciar a belleza da ordem e a necessidade de regras de conducta. Assim, nunca deve ser dada a *mão esquerda* quando se pede a *direita* e todos os enganos desta ordem devem ser cuidadosamente notados e emendados pela mestra, pois um dos mais importantes caracteristicos deste systema consiste em crear os habitos de precisão.

Como meio de verificar as noções relativas ás côres adquiridas pelas creanças, a mestra deverá fazel-as indicar objectos que conhecem com as côres das differentes bolas. Depois de haverem indicado varios objectos, deve-se fazel-as construir sentenças como estas:



«A minha bola é verde como uma folha. A minha bola é amarella como um limão. A minha é vermelha como o sangue».

Tudo o que se disser nestas lições de conversação deve ser pronunciado precisa e distintamente, a fim de desenvolver os orgams da palavra e corrigir qualquer defeito de elocução quer seja devido a vicio organico ou a desleixo. Ha nestas lições opportuni-  
dade e ensejo para exercicios de prosodia e elocução. Não se deve considerar como extemporaneo este periodo para taes exercicios. Se as creanças aprenderem a *fallar* bem, antes de *ler*, desnecessario se tornará o ensino especial da *leitura com expressão*.

Para um segundo jogo da bola, a classe deverá formar um circulo depois que as creanças tiverem recebido as bolas pela maneira já indicada. Devem conservar-se bastante afastadas umas das outras de modo que cada creança, com os braços extendidos, possa tocar nas mãos dos seus visinhos da esquerda e da direita. Deste modo cada creança póde dar e receber a bola simultaneamente, devendo as mãos esquerdas, para isso, levantar-se de maneira a receberem promptamente as bolas. Os braços levantam-se então acima das cabeças e as bolas passam da esquerda para a dextra, baixando novamente á primeira posição (braços extendidos). Estes movimentos repetem-se até que as bolas tenham feito um circulo completo, voltando á mão direita dos seus primitivos possuidores. Passam-se então as bolas para a mão esquerda pelo mesmo modo e repete-se o exercicio, mas em sentido inverso. Este exercicio deve repetir-se até que se execute rapida e ao mesmo tempo graciosamente.

Simple, como a primeira vista se afigura aos que nunca o realizaram, este exercicio não é facil,



estretanto, para as creanças de mui tenra idade, as quaes não conseguem fazel-o sem constantes enganos e interrupções. E' preferivel que as creanças não voltem a cabeça para olhar as mãos durante a troca das bolas; devem fazel-o guiadas sómente pelo sentido do tacto, e para executal-o com mais certeza deve-se fazer com que ellas fechem os olhos. Não se deve, porém, ensaiar este jogo, como nenhum outro dos que seguem, antes de adquirida a dextreza necessaria por meio do primeiro processo que é o mais simples.

Para o terceiro jogo, as creanças devem formar duas fileiras uma em frente á outra. Sómente os de uma fileira recebem as bolas e as atiram para os fronteiros, primeiro um a um; em seguida dos a dous e, finalmente, todos ao mesmo tempo, e sempre á voz da mestra: um, dous . . . tres.

Em seguida, formando quatro fileiras, as creanças da primeira atiram as bolas ao ar e aparando-as, remetem-n'as á segunda fileira, esta á seguinte e esta á quarta, devendo o exercicio ser commandado como acima, ou acompanhado de *canto*, logo que isto se possa fazer.

Para maior variedade do jogo, as bolas podem ser atiradas ao soalho e apanhadas no pulo com a *mão direita* ou com a *esquerda*, ou com a palma invertida.

Outros exercicios que interessam sempre as creanças podem ainda ser feitos com as bolas, taes como fazel-as saltar varias vezes antes de as apanhar, o atiral-as de encontro ao muro, etc.

Em todos os exercicios, porém, deve-se ter cuidado em fazel-os executar em perfeita ordem e de modo que todas as creanças tomem parte no jogo, por sua vez.

Ao terminar o jogo da bola, cada creança deve occupar o logar que lhe fôra antes designado. As



bolas são recolhidas por um ou dous alumnos de mais idade. Isto feito, cada creança toma a mão de seu visinho e faz-lhe uma cortezia; formam-se dois a dois e, depois de marcharem acompanhados de musica, percorrendo duas ou tres vezes a sala, voltam aos seus logares para nova occupação.





## O SEGUNDO DOM

O segundo dom consta de uma esphera, um cubo e um cylindro. Collocando-os em cima da mesa juntamente com uma bola de borracha, a mestra pergunta :

—«Qual destes tres objectos se parece mais com a bola?

As creanças, com certeza, apontarão a esphera mas, naturalmente, sem lhe dar o nome.

—De que é feito? perguntará a mestra pondo-a na mão de um dos alumnos ou rolando-a sobre a meza.

—De madeira, respondem as creanças, sem duvida.

Podemos pois chamar este objecto—*bola de madeira*; mas podemos tambem dar-lhe um outro nome; podemos chamal-a—*uma esphera*.

Cada uma das creanças pronunciará então a palavra, articulando-a distinctamente. A esphera e a bola serão, além disso, comparadas no respeitante á côr, á substancia, ao peso, etc., a fim de se evidenciarem as suas analogias e differenças. Ambas são *redondas*, ambas *rolam*; A bola é *macia*, a esphera é *dura*; a bola é *leve*, a esphera é *pesada*. A esphera faz mais barulho do que a bola quando cae no soalho. A bola salta quando cae e a esphera não. Todas estas respostas serão dadas pelas creanças após repetidas ex-



periencias e perguntas, devendo cada uma repetil-as em sentenças completas.

As creanças formam então um circulo, e a mestra faz rolar a esphera em direcção a uma dellas, para que esta a detenha com os pés. Essa creança colloca-se então no centro e faz rolar a bola para uma outra, repetindo-se este jogo, até que todas tenham vindo a occupar o centro do circulo.

Para outra vez as creanças sentar-se-ão no soalho formando duas fileiras, uma em frente á outra. Dá-se então ás primeiras de cada fileira uma esphera branca e uma preta. As duas creanças devem trocal-as fazendo as espheras rolarem uma para outra. Em seguida, as espheras serão roladas obliquamente, e cruzando-se em direcção ás creanças que occupam os segundõs logares nas fileiras e, assim por diante, até que as espheras cheguem á ultima creança de cada fileira e voltem de novo ás primeiras. As duas espheras devem ser lançadas ao mesmo tempo o que se conseguirá, contando-se: um . . . dous, ou fazendo observar o compasso de uma musica.

Uma outra variedade de jogo, para uso deste dom, consiste em collocar a bola a uma certa distancia no soalho, fazendo-se com que cada creança procure acertar nella com a esphera.

Depois destes jogos, collocam-se em cima da meza a esphera, o cubo e o cylindro, provocando-se as creanças a descobrirem e designarem os pontos de semelhança e de differença entre os dois primeiros. Ellas descobrirão que ambos são feitos de madeira e têm a mesma côr; que a esphera póde rolar e o cubo não. Pergunte-se a causa disso, e a resposta será talvez, mais o menos esta:

«A esphera é redonda», ou «O cubo tem cantos»



Quantos cantos, então, têm o cubo?

As creanças contam os cantos e respondem:

—Tem oito.

«Se eu pozer o meu dedo em um destes cantos e o fizer escorregar até este outro em baixo (assim) o meu dedo passou por uma *quina* do cubo. Quantas destas quinas podemos contar no cubo? Vou passar o dedo em cada quina e vocês vão contando.

—«Uma, duas, tres . . . . . doze.

O nosso cubo tem, pois, oito cantos e doze quinas.

Vou agora mostrar quatro cantos e quatro quinas . . . olhem. Tudo isto aqui, com estes quatro cantos e quatro quinas é um *lado* do cubo. Contem agora quantos lados tem o cubo.

—«Um, dous, tres, quatro, cinco, seis».

Todos estes lados são eguaes ou algum é menor do que outro?

—Todos são eguaes.

O nosso cubo tem, pois, seis lados, todos eguaes, e cada lado tem 4 quinas, todas eguaes.

Cada um destes lados do cubo chama-se um *quadrado*.

Para explicar o cylindro faz-se uma conversação semelhante a esta, sendo de notar que o ensino, dado assim, deve basear-se principalmente na comparação, que é, de facto, o unico methodo philosophico.

A esphera, o cubo e o cylindro são collocados em frente ás creanças, como acima. Ellas facilmente reconhecem e nomeiam os dous primeiros, mas ficam duvidosas quanto ao terceiro. Deve-se deixar que a sua imaginação se esforce á procura de um nome



periencias e perguntas, devendo cada uma repetil-as em sentenças completas.

As creanças formam então um circulo, e a mestra faz rolar a esphera em direcção a uma dellas, para que esta a detenha com os pés. Essa creança colloca-se então no centro e faz rolar a bola para uma outra, repetindo-se este jogo, até que todas tenham vindo a occupar o centro do circulo.

Para outra vez as creanças sentar-se-ão no soa-lho formando duas fileiras, uma em frente á outra. Dá-se então ás primeiras de cada fileira uma esphera branca e uma preta. As duas creanças devem trocal-as fazendo as espheras rolarem uma para outra. Em seguida, as espheras serão roladas obliquamente, e cruzando-se em direcção ás creanças que occupam os segundos logares nas fileiras e, assim por diante, até que as espheras cheguem á ultima creança de cada fileira e voltem de novo ás primeiras. As duas espheras devem ser lançadas ao mesmo tempo o que se conseguirá, contando-se: um . . . dous, ou fazendo observar o compasso de uma musica.

Uma outra variedade de jogo, para uso deste dom, consiste em collocar a bola a uma certa distancia no soalho, fazendo-se com que cada creança procure acertar nella com a esphera.

Depois destes jogos, collocam-se em cima da meza a esphera, o cubo e o cylindro, provocando-se as creanças a descobrirem e designarem os pontos de semelhança e de differença entre os dois primeiros. Ellas descobrirão que ambos são feitos de madeira e têm a mesma côr; que a esphera póde rolar e o cubo não. Pergunte-se a causa disso, e a resposta será talvez, mais o menos esta:

«A esphera é redonda», ou «O cubo tem cantos»



Quantos cantos, então, têm o cubo?

As creanças contam os cantos e respondem:

—Tem oito.

«Se eu pozer o meu dedo em um destes cantos e o fizer escorregar até este outro em baixo (assim) o meu dedo passou por uma *quina* do cubo. Quantas destas quinas podemos contar no cubo? Vou passar o dedo em cada quina e vocês vão contando.

—«Uma, duas, tres . . . . . doze.

O nosso cubo tem, pois, oito cantos e doze quinas.

Vou agora mostrar quatro cantos e quatro quinas . . . olhem. Tudo isto aqui, com estes quatro cantos e quatro quinas é um *lado* do cubo. Contem agora quantos lados tem o cubo.

—«Um, dous, tres, quatro, cinco, seis».

Todos estes lados são eguaes ou algum é menor do que outro?

—Todos são eguaes.

O nosso cubo tem, pois, seis lados, todos eguaes, e cada lado tem 4 quinas, todas eguaes.

Cada um destes lados do cubo chama-se um *quadrado*.

Para explicar o cylindro faz-se uma conversação semelhante a esta, sendo de notar que o ensino, dado assim, deve basear-se principalmente na comparação, que é, de facto, o unico methodo philosophico.

A esphera, o cubo e o cylindro são collocados em frente ás creanças, como acima. Ellas facilmente reconhecem e nomeiam os dous primeiros, mas ficam duvidosas quanto ao terceiro. Deve-se deixar que a sua imaginação se esforce á procura de um nome



para designal-o, dizendo-lhes por ultimo que é um *cylindro*, e ensinando-as a pronunciar a palavra bem distinctamente.

—«Que vê você no *cylindro* e que se acha também no cubo?

—O *cylindro* tem dous lados.

—«Os lados são quadrados como os do cubo?

—Não são.

Mas o *cylindro* póde ficar de pé num dos lados como o cubo. Vamos vêr se elle póde também rolar como a esphera. Sim! rola, mas não como a esphera porque póde rolar sómente para dous lados, emquanto que a esphera rola para qualquer lado. Assim, a esphera, o cubo e o *cylindro* são semelhantes em alguns pontos e differentes em outros. Diga-me em que são todos perfectamente eguaes.

São todos de madeira; são lisos; são da mesma côr; são pesados; fazem barulho quando caem no chão.

Estas respostas devem ser suggeridas por experiencias com os objectos e por perguntas logicamente feitas, de modo a que estes resultados sejam alcançados como simples e naturaes conclusões.

O exercicio póde ainda ser continuado fazendo-se com que as creanças nomeiem objectos parecidos com a esphera, com o cubo e com o *cylindro*.

As quinas do cubo podem também ser explicadas como representando *linhas direitas*. O ponto em que duas ou tres linhas ou quinas se encontram chama-se um *canto*, um *angulo*, tendo cada *lado* do cubo quatro destes angulos.

Resumindo tudo o que até aqui se póde ensinar: O cubo tem seis lados, ou quadrados, todos eguaes; oito cantos e 12 quinas; cada lado do cubo tem qua-



tro quinas, todas eguaes; quatro cantos ou quatro angulos.

Suspendendo-se a esphera, o cubo e o cylindro, por um duplo cordel, pode-se fazel-os girar em torno de si mesmos, a fim de mostrar que a esphera apparece sempre com a mesma fórma, qualquer que seja a maneira por que se olhe para ella; que o cubo, quando gyrando (suspenso pelo centro de um de seus lados), se apresenta com a fórma do cylindro, e que o cylindro quando girando (suspenso pelo centro de seus lados redondos) se apresenta sob o aspecto da esphera.

Assim, esses tres objectos constituem uma trindade em que a esphera contém o cylindro e este o cubo, formando o cylindro a mediação entre os dous, ou a transição de um para outro—embora não se faça sentir á creança esta connexão que é uma lei natural, segundo a qual tambem o fructo se contém na flôr e esta se occulta no botão.

Suspensos por outros pontos, o cubo, a esphera e o cylindro apresentam outras fórmas, que interessam as creanças e que podem tornar-se instructivas para os seus tenros espiritos se forem acompanhadas de uma conversação adequada por parte do mestre.





## O TERCEIRO DOM

O terceiro dom consta de um *cubo* dividido em oito cubozinhos de uma polegada.

Uma das inclinações que mais predominam nas creanças é a de *dividir* as cousas de modo a poderem examinar as partes de que ellas se compõem. Este instincto natural observa-se desde logo em toda creança. Quantas vezes não as vemos estragar os seus brinquedos, quebrando-os para verem *o que está dentro* e ficarem depois tristes e desapontadas ao sentirem-se incapazes de reconstruil-o? O terceiro dom de Frœbel funda-se na observação deste facto. Dá-se, pois, á creança um *todo* cujas *partes* ella póde facilmente *separar* e *reunir de novo* á vontade. Assim, ella pode fazer, o que não lhe era possivel com o brinquedo — restituir ao dom a fórmula primitiva por ella mesma desfeita, e não sómente isto, sinão que póde usar tambem das partes para construir novos *todos*.

O primeiro dom, ou meio de occupação, foi a bola como vimos; o segundo a esphera, semelhante ao primeiro mas em alguns pontos dessemelhante tambem. Seguiram-se, como vimos, o cubo e o cylindro, ambos semelhantes em alguns pontos á esphera embora cada um tenha os seus caracteristicos proprios, que os distinguem da bola e da esphera. Recebendo



o cubo, divisível em oito cubozinhos, a criança encontra-se pois com um objecto que não lhe é estranho, e sente-se satisfeito com a multiplicidade do dom. Cada um dos cubozinhos é, em tudo, semelhante ao todo, excepto no tamanho. A criança desde logo nota essa circumstancia do primeiro brinquedo com que vai iniciar as suas *construcções*. Por um simples golpe de vista, a criança recebe as noções de *todo* e de *partes*, de *fôrma* e de *grandeza relativa*. Dividindo o cubo, desde logo, a impressionam as relações em que as partes estão umas para com as outras, no que respeita á posição e á ordem dos movimentos. Por esse modo aprende facilmente a comprehender o uso de termos como estes: *em cima, em baixo, adiante, atraz, direita, esquerda, etc.*

Estes e os seguintes dons servem para formar as diversas combinações a que Frœbel chama *fôrmas de vida* (reaes) *formas de conhecimento* (ideaes) e *fôrmas de belleza* (combinações de symetria).

As primeiras são a representação de objectos que tem existencia real e que caem no dominio da observação commum, taes como os trabalhos devidos á sciencia e á arte humana. As segundas são as que se executam para dar ensejo á instrucção relativa aos conhecimentos de *numero*, de *ordem*, de *proporção*, etc.

As ultimas finalmente, são as que representam *fôrmas ideaes* mas construidas assaz regularmente, de modo a apresentarem perfeitos modelos de *symetria* e *ordem* no arranjo das partes. Assim nas occupações em que se empregam estes simples elementos de construcção, a criança é posta em contacto com o mundo real—dando-se-lhe a primeira noção dos objectos por comparação, de modo a que aprendam as suas propriedades por inducção e adquiram o amor do bello pela contemplação das fôrmas regulares e symetricas.



## A apresentação do terceiro dom

Depois de terem as creanças tomado os seus logares de costume, a mestra dirige-se a ellas mais ou menos nestes termos:

—Vou dar hoje a vocês um novo brinquedo.

Traz em seguida as caixas do segundo dom, mas sem satisfazer desde logo a curiosidade das creanças, isto é, sem mostrar-lhes o que as caixas contém; ao contrario deve começar perguntando:

«Com qual dos objectos que ante-hontem dei a vocês se parecem estas caixas?»

—Com o cubo.

A mestra faz, então, com que as creanças descrevam a caixa, como descreveram o cubo, quanto aos seus lados, quinas, cantos, etc.

Isto feito de modo satisfactorio, tira-se a tampa de uma das caixas e, invertendo-a, assenta-se a caixa sobre a meza. Se a caixa for de madeira, como geralmente são, faz-se com que ella fique assente sobre a tampa que, quando retirada deixa os cubos em pé sobre a mesa. Descobrindo-os com cuidado, de modo que os cubos permaneçam como estavam na caixa, a professora pergunta:

—«Que é que você vê agora?»

A resposta será como a anterior: «Um cubo.

Mande-se que uma das creanças o arraste sobre a meza. Como é natural, as partes do cubo serão assim separadas e o que era antes um *lodo* ficará em fragmentos diante das creanças. Examinem as creanças os cubozinhos, e, depois que cada uma dellas tiver visto o cubozinho, todos serão restituídos á mestra que notará:



—«Meus meninos, assim como desmanchámos o cubo vamos agora *concertal-o*. Vamos vêr se podemos collocal-os todos juntos como estavam antes».

Feito isto, distribue-se uma caixa a cada creança e faz-se com que todas se exerçam em remover as tampas e a retirar os cubos sem desfazer a sua unidade. A principio as creanças acham isso difficil e commettem muitos desacertos. Deixe-se, porém, que continuem a exercitar-se até que, por fim, algumas o consigam. Comece-se então uma nova occupação.

### Preparação para construir fórmãs

A superficie das mezas, como se sabe, é coberta de linhas que se cruzam formando quadrados de uma polegada. Os espaços destinados a cada creança são assignalados por linhas mais carregadas e o centro é marcado por uma côr differente. Nestas primeiras lições de conversação deve-se ensinar as creanças a designarem o canto direito superior do espaço marcado em frente a cada uma, o esquerdo superior (de cima), o esquerdo e o direito de baixo (inferior), os lados direito e esquerdo; o de cima, o de baixo, e o centro. Com varetas ou pauzinhos, de comprimento conveniente, as creanças podem indicar posições estendendo-os na meza em linha da esquerda para a direita passando pelo centro do espaço ou estendendo-os do angulo direito superior para o esquerdo inferior passando pelo centro; em seguida, do meio do lado superior para o inferior passando tambem pelo centro, e assim por diante. A mestra deverá ter muito cuidado em usar de termos de facil comprehensão e em evitar de substituil-os de maneira que produzam ambiguidade ou confusão ás creanças.



Aqui, como nos exercicios mais adeantados, tudo deve fazer-se com cuidado e precisão. As creanças precisam ficar conhecendo a importancia da ordem e da regularidade em todos os actos.

Em summa, passamos a dar uma illustração do methodo a seguir.

Tendo recebido as caixas do 3.º dom, as creanças devem collocar a exactamente no centro dos seus espaços de modo a cobrir quatro quadradinhos. Tomem as caixas com a mão esquerda e retirem a tampa com a direita, collocando-a no canto direito de cima dos seus espaços. Em seguida ponham a mão esquerda sobre a caixa aberta e invertam-n'a com a mão direita de modo que a mão esquerda venha a assentar na superficie da mesa. Retirando-a com cuidado, ficará a caixa invertida cobrindo os quadradinhos do centro. Com a mão direita retirem-se as caixas com cuidado de modo a ficarem de pé no mesmo lugar os cubos que ella contem. Por ultimo colloque-se a caixa sobre a tampa no canto direito superior, tomando-se sentido em que todas fiquem na mesma posição.

(Se os cubos forem guardados em caixas de madeira com tampas de encaixe, modifiquem-se de accordo com esse dispositivo estas indicações).

Ao terminar qualquer jogo, quando o material tiver de ser arrecadado, deve observar-se a mesma minucia de detalhes.

Para isso, colloque-se a caixa sobre os cubos, a mão esquerda por baixo tendo-os na palma; inverta-se a caixa collocando-a de novo no centro e adapte-se a tampa. Estes processos repetem-se muitas vezes até que as creanças adquiram a dextreza necessaria para as construcções.



## Fórmulas reaes

Abertas as caixas, como acima, e collocados os cubos no centro dos espaços, pergunte-se:

— «Quantos cubos tem vocês?»

— Oito.

— Contem os cubos collocando-os em uma fileira da esquerda para a direita (ou da direita para a esquerda).

— O que foi que formaram na meza?

— Uma fileira de cubos.

— Vejam com o que essa fileira de cubos se parece. Suggira-se um objecto mais ou menos semelhante: um trem, uma linha de soldados, etc.

— Agora vamos contar de novo os cubos, collocando-os uns em cima dos outros. Que foi que fizeram?

Uma pilha de cubos.

«Qual de vocês conhece uma cousa parecida com a pilha de cubos?»

— Uma chaminé, uma torre.

«Ponham sobre a mesa os cubos e façam duas pilhas separadas por um quadradinho.

Com o que é que se parecem?

— Duas torrinhas, ou duas chaminés.

Assim, com os oito cubos do 3.º dom muitas fórmulas reaes podem construir-se sob as indicações da mestra. Attenda-se porém, a que nenhuma das construcções seja desmanchada sem methodo, pois que as novas fórmulas devem derivar-se de leves modificações das primeiras.



Nas gravuras com que terminamos este capítulo, encontram-se muitas dessas construcções que assim foram determinadas por Frœbel.

1. Cubo—mesa de cosinha.
2. Lareira.
3. A cadeira do vovô.
4. A cadeira de vovô e a de vovó.
5. Um castello com duas torres.
6. Uma fortaleza.
7. Um muro.
8. Muro alto.
9. Duas columnas.
10. Grande columna com duas pedras para inscripção.
11. Poste de signaes.
12. Cruz.
13. Duas cruces.
14. Cruz com pedestal.
15. Monumento.
16. Guarita.
17. Poço.
18. Porta da cidade.
19. Arco do triumpho.
20. Porta com torreão.
21. Egreja.
22. Torre.
23. Um castello.
24. Locomotiva.
25. Uma ruina.
26. Uma ponte.
27. Duas fileiras de arvores.



28. Duas vigas de madeira.
29. Um estrado.
30. Dous cepos de madeira.
31. Quatro bancos de jardim.
32. Escada.
33. Dupla escada.
34. Duas columnas com pedestal.
- 35 e 36. Tanques.
37. Tunnel.
38. Cadeira de braços.
39. Banco com encosto.
40. O cubo.

Alguns dos nomes desta lista representam objectos que, por serem proprios da Allemanha, não serão reconhecidos pelas creanças. Ruinas, castellos e alguns outros são cousas que as nossas creanças provavelmente nunca tiveram occasião de ver. E' facil, porém, sobre essas mesmas cousas que ellas não conhecem, dizer-lhes algo que as interesse. As creanças ouvirão com prazer pequenas historias narradas como meio de explicação, e assim, associando o conto á fórma, podem tornar-se capazes de reconstruir esta, ao mesmo tempo que forem repetindo a narração por palavras proprias. Não é de esperar, entretanto, que as nossas professoras acceitem de um modo completo estas construcções. Com vantagem poderão variar as fórmas, ou mesmo, adoptando as que aqui se encontram, dar-lhes novas denominações conforme as analogias que notarem. Será mesmo conveniente muitas vezes adoptar as denominações suggeridas pelas proprias creanças, fazendo-as notar as semelhanças entre as construcções e os objectos que lhes sejam mais familiares.



No intuito de tornar ainda mais util esta occupação, deve-se fazer com que as creanças indiquem os pontos de dessemelhança entre a fôrma e os objectos que ellas representam.

Deve-se tambem, ás vezes, deixar que as creanças *inventem* fôrmas, auxiliando a mestra a imaginação do alumno na construcção e dando nomes ás formas assim creadas.

Quando a creança encontrar uma nova fôrma que se affeioe a algum objecto, a mestra fará com que ella a reproduza diversas vezes. As creanças que estão ha mais tempo no Jardim e são portanto mais adeantadas, podem suggerir tambem aos alumnos mais novos, formas que já conhecem.

E' muito sabido que, em casa, as creanças de menos idade se desenvolvem muito mais rapidamente do que as outras, exactamente porque estas auxiliam o desenvolvimento das primeiras. Esta vantagem da associação manifesta-se muito mais no Jardim de Infancia, sob a direcção de professoras que saibam animar o que é bom e evitar todo o mal nas tendencias infantis

Cumpre ainda notar, em additamento a estas indicações que, no emprego deste como dos seguintes dons, é essencial que todas as peças entrem na construcção de cada figura, de modo a infundir nas creanças o habito de considerar as cousas como sempre mutuamente relacionadas. Não ha cousa alguma que não tenha o seu logar certo e cada parte é sempre essencial para a constituição do todo.

### **Fôrmas ideaes (de conhecimentos)**

Estas não representam objectos reaes. Servem para instruir o alumno no respeitante ás propriedades



e relações de numeros, por meio de determinados arranjos e agrupamentos dos cubozinhos. Rigorosamente fallando, o primeiro exercicio de contal-os enfileirando-os sobre a mesa devia estar subordinado a esta epigraphe. A fórma assim produzida, embora variavel á cada tentativa é uma das fórmas de conhecimento e por ella recebem as creanças a primeira lição de arithmetica.

Proseguindo, a creança aprende a sommar sempre empregando os cubos como illustração de cada passo. Assim, tendo collocado dous cubos a pequena distancia um do outro faz-se a creança repetir: «Um cubo mais um cubo são dous cubos», collocando em seguida um outro na mesa: «Um cubo mais dous cubos são tres cubos», e assim por diante até chegar-se ao total dos cubos.

Ensina-se a subtração de um modo identico. Estando collocados todos os cubos sobre a mesa, a creança começa a retiral-os, um de cada vez dizendo: «De oito cubos tirando um ficam sete; de sete cubos tirando um ficam seis», e assim por diante.

Conforme as circumstancias, das quaes o melhor juiz será a jardineira, póde-se proseguir nestes exercicios, fazendo-se a somma de 2, de 3, tendo-se, porém, cuidado em não passar além, emquanto os *passos* anteriores não estejam perfeitamente sabidos.

Com as classes mais adeantadas podem-se tentar exercicios de multiplicação e divisão pelo agrupamento de cubos.

A divisão do cubo para explicação dos principios de proporção é tambem uma occupação interessante e instructiva. Damos por isso indicações mais minuciosas sobre o methodo a seguir.



As creanças têm todas deante de si um cubo de oito divisões. A mestra dispõe também de um desses cubos. Separando a metade superior, como se vê na illustração da 1.<sup>a</sup> pagina n. 4, perguntará:

«Tomei todo o cubo, ou deixei uma parte delle na mesa?»

—A senhora deixou uma parte na mesa.»

«Tenho na mão uma parte do cubo maior do que a que ficou na meza ou ambas são eguaes?»

—São eguaes.

Eu dividi, pois, o meu cubo em duas partes eguaes, e cada uma dessas partes chama-se *metade*. Onde estão as duas metades do meu cubo?

—Uma está na sua mão e a outra está na mesa.

Assim eu tenho duas *metades* do cubo. Vou pôr a metade que tenho na mão em cima da metade que está em cima da mesa. O que ficou agora?

—O cubo inteiro.

A mestra separando então o cubo novamente em duas metades, puchando quatro cubozinhos para a direita e quatro para a esquerda, como o indica a illustração n. 2, perguntará:

«Que é que eu tenho agora deante de mim?»

—Duas metades do cubo.

«Antes eu tinha uma metade em cima e uma metade em baixo. Agora eu tenho uma metade á esquerda e outra metade á direita. Reunindo-as ainda, eu tenho de novo um cubo inteiro.»

Repitam-se as mesmas operações e mais a que vem indicada no n. 3 fazendo-se as creanças repetirem.



Um cubo inteiro—Duas metades.

Duas metades—Um cubo inteiro.

As duas metades são em seguida subdivididas como se vê nos ns. 5, 6 e 7, repetindo as creanças durante esta occupação:

Um cubo inteiro.—Duas metades

Uma metade—duas quartas partes (ou quartos).

Dous quartos.—Uma metade.

Duas metades.—Um cubo todo.

Depois de bem entendido este processo, as creanças devem procurar dividir tambem o cubo primeiro individualmente, depois todas juntas. Se o fizerem com successo poderão passar a dividir o cubo em oitavos. Geralmente, porém, não é de bom conselho ir tão longe.

As creanças de quatro annos de idade devem restringir-se ao emprego dos cubos para as construcções e para as mais simples fórmias de conhecimento.

### Fórmias symetricas

Começando com um pequeno numero de arranjos simples, ou posições de cubozinhos, podemos amplial-os por meio de uma lei fixa, que consiste em fazer com que toda a mudança de posição seja acompanhada de uma alteração identica no lado opposto. Por este modo constroe-se uma infinita variedade de figuras representativas não de objectos reaes, mas figuras que pela regularidade do seu contorno agradam a vista e cultivam o gosto artistico. O amor do bello não póde deixar de desenvolver-se, assim, na alma das creanças e a esta emoção se associará o



amor do bem, pois que esses dous sentimentos são inseparáveis.

As obras da natureza caracterizam-se por uma perfeita ordem e symetria. As construcções de fórmulas symetricas com os cubos preparam o espirito das creanças a apreciar mas tarde a ordem que rege o universo.

As gravuras das paginas 4 e 5 mostram que taes fórmulas são feitas com a altura de um cubo sómente e conseguintemente, representam contornos de superficies. E' necessario que as creanças sejam guiadas nas suas construcções por um centro que facilmente reconheçam. E' ao redor desse ponto central que todas as partes symetricas devem ser arranjadas exactamente como se dá com o destino do homem cujos actos e pensamentos devem girar em torno de um ideal, formando um todo harmonioso e bello.

Afim de poderem fazer as variadas fórmulas de symetria com este simples material de que dispõem, as creanças devem começar por aprender de que modo dous cubos podem ser postos em contacto. A gravura da pagina 4 mostra quatro dessas posições. Os cubos podem ser dispostos, ou reunidos pelos lados, pelas arestas, as arestas em contacto com os lados ou faces e inversamente. Outras mudanças de posição podem ainda fazer-se. Por exemplo, na figura 1, o cubo marcado com a letra *a* póde ser collocado acima, á esquerda, ou á direita do cubo marcado com a letra *b*. Além disso os cubos podem ser collocados guardando certas relações uns para com outros, mas sem contacto immediato, como um preparativo para as construcções que devem seguir-se. Um dos caracteristicos principaes do systema de Frœbel consiste em habilitar as creanças a observarem e promptamente descobrirem todas as relações em que se acham os objectos



uns para com outros. Conseqüentemente, deve-se exigir assaz perfeição em todos os detalhes destas occupações.

Partimos de qualquer das fórmulas fundamentaes que, por si mesma, se apresente ao nosso espirito. Tome-se, como exemplo, a forma n. 5. Quatro cubos vêm-se ahi reunidos, lado a lado, formando uma superficie quadrada e o contorno geral completa-se então pela disposição dos quatro cubos restantes pelas arestas ou pelas faces como mostram as figuras 6, 7 e 8. As figuras 9—15 mostram uma outra maneira de desenvolvimento destas fórmulas. Os quatro cubos de fóra movem-se para a direita percorrendo a extensão de meia polegada até que, de novo reaparece na fig. n. 15 a fórmula primitiva.

Agora, os quatro cubos de fóra occupam a posição do n. 8. Como se vê na pag. fig. 16. As arestas tocam as faces do cubo médio. Movendo-as, como acima se fez, originam-se differentes fórmulas até a reconstrucção da fórmula que servir de ponto de partida.

Tomem-se agora os cubos interiores *b* fig. 22 e colloque-se cada um delles de modo que se toquem pelas arestas com os exteriores *a* e forma-se assim a fig. n. 23. Fazendo em seguida cada um desses cubos percorrer o contorno do seu visinho, chega-se as fórmulas representadas nas figs. 24—29 em que se obtem um quadrado central desoccupado.

Os cubos *a* recommçam ainda o seu movimento, tomando uma posição obliqua em relação aos outros, fig. 30, e proseguindo o movimento, a fórmula n. 29 reaparece na figura 36.

Em seguida tiram-se para fóra os cubos *b* fig. 37 e, puchando para dentro os cubos *a*, origina-se a figura 38. Movendo-se os cubos *b* para a direita,



fórma-se a série de figuras até a de n. 43 em que todos se reúnem formando um quadrado. Os cubos *b* recomeçam o seu movimento percorrendo de cada vez a extensão de um cubo (uma polegada), formando-se, assim, as figuras 44, 45, 46 e 47, sendo esta a reprodução da fórma que serviu de ponto de partida

Na figura 48 é o cubo *b* que faz o que fizemos com *a*.

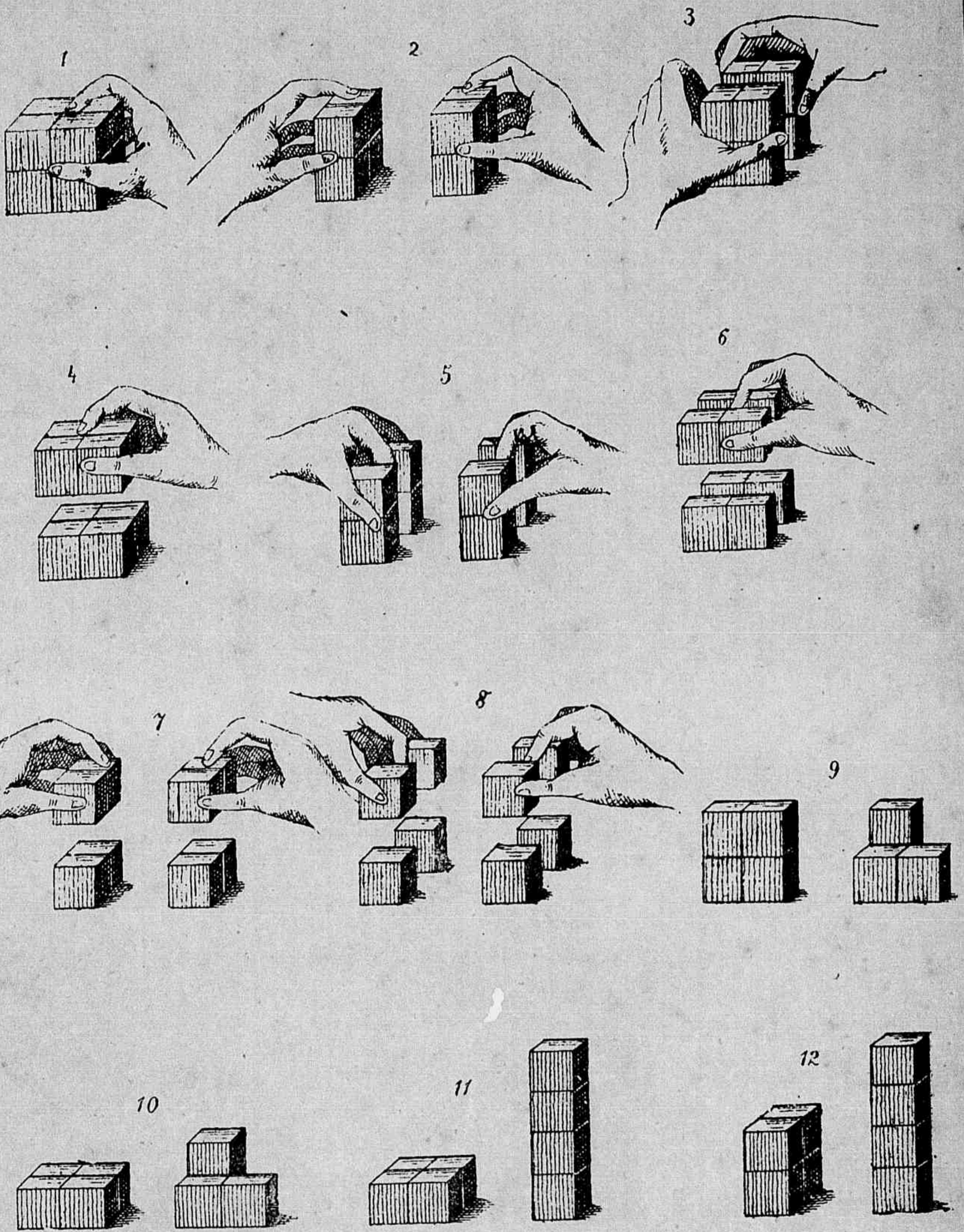
Com creanças mais adeantadas pode-se proceder de outro modo, partindo da fig. 49 que dá lugar a modificações de dous lados em vez de alterar os quatro, chegando-se assim a construir as formas 50—60.

Depois de cada occupação as creanças devem collocar os cubos em suas caixas, pelo modo já indicado e o material deve ser guardado antes de começar um novo jogo.

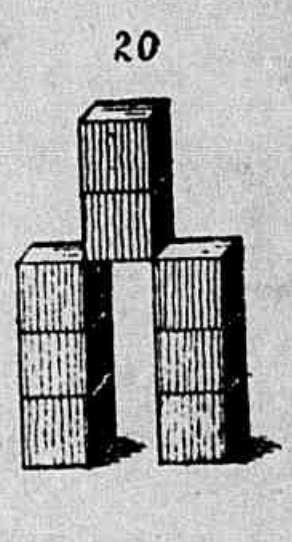
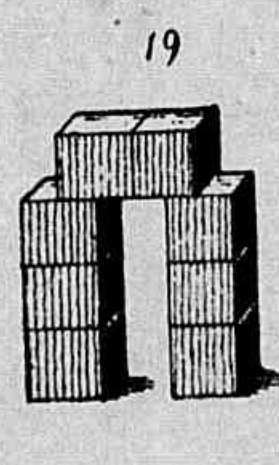
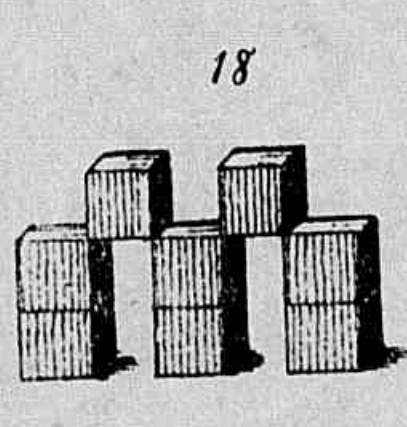
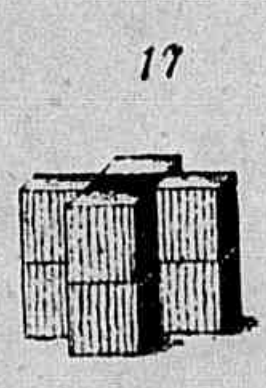
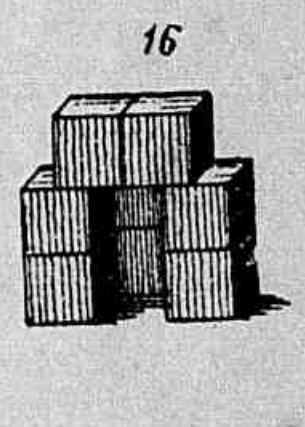
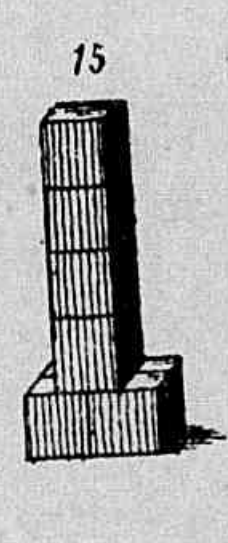
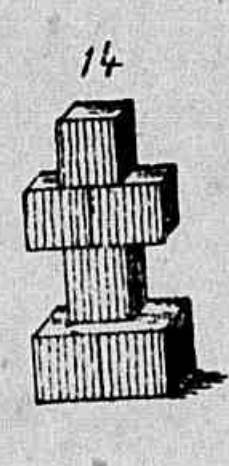
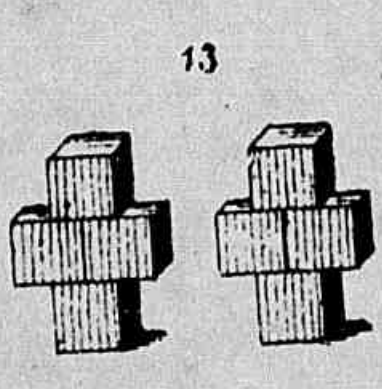
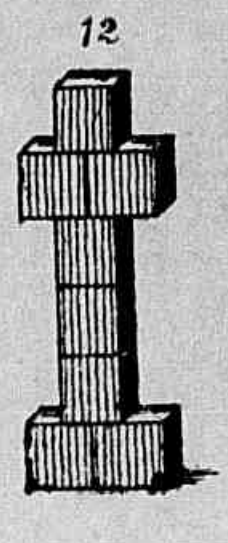
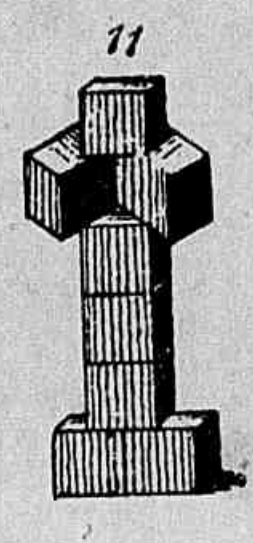
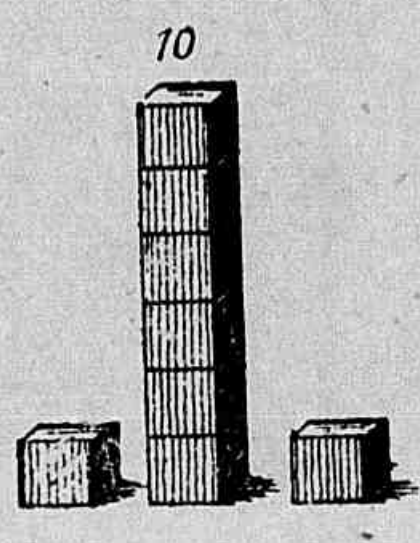
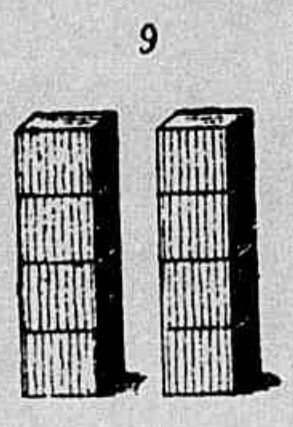
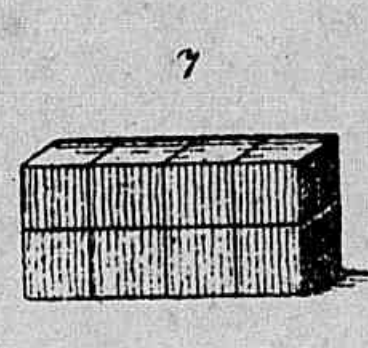
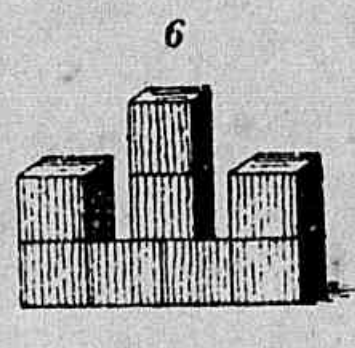
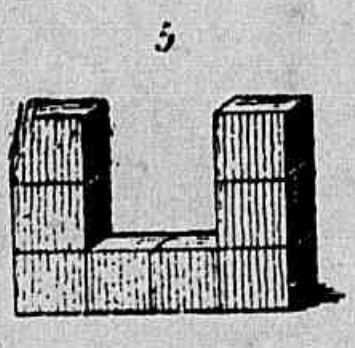
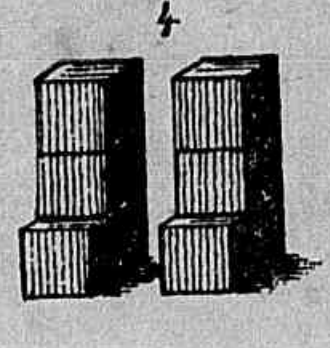
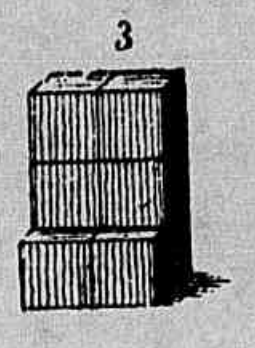
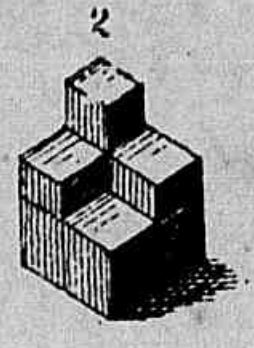
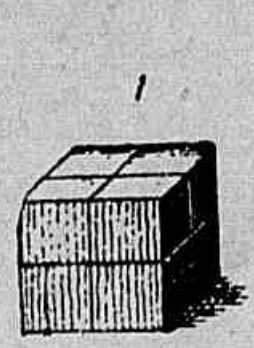




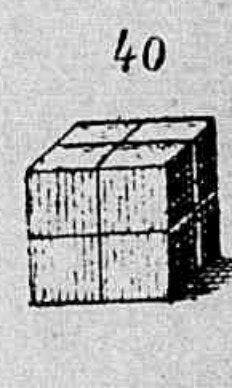
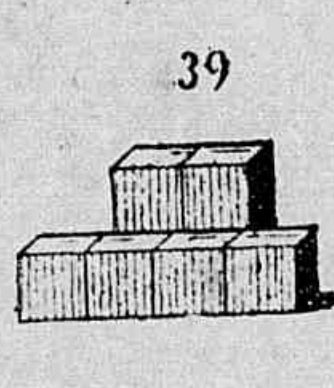
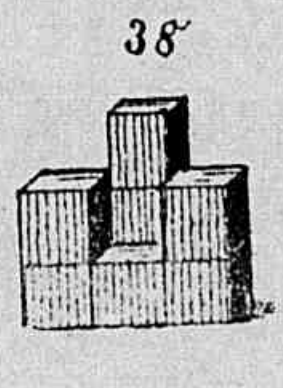
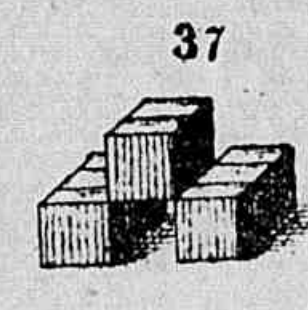
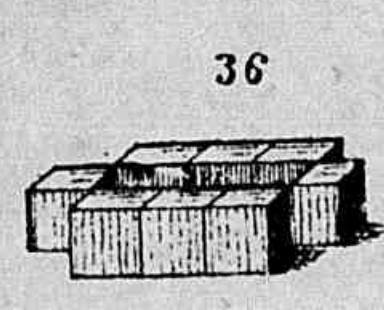
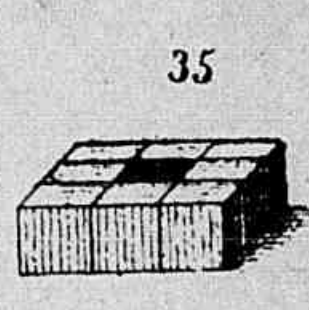
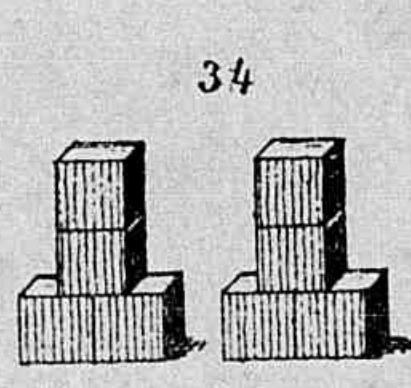
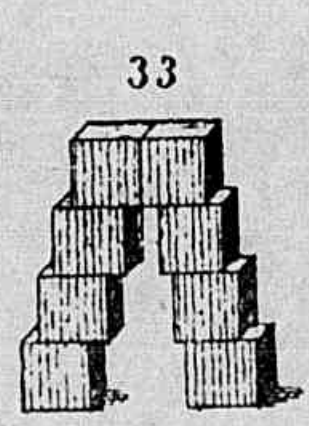
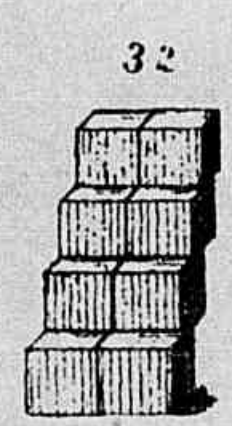
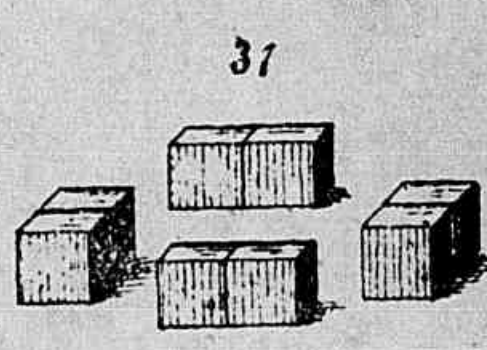
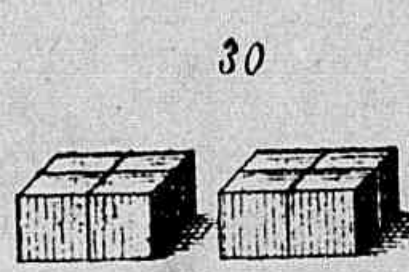
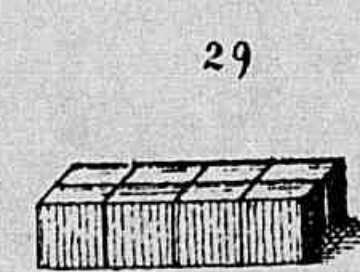
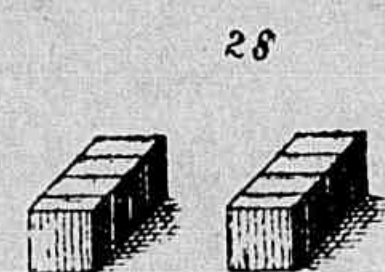
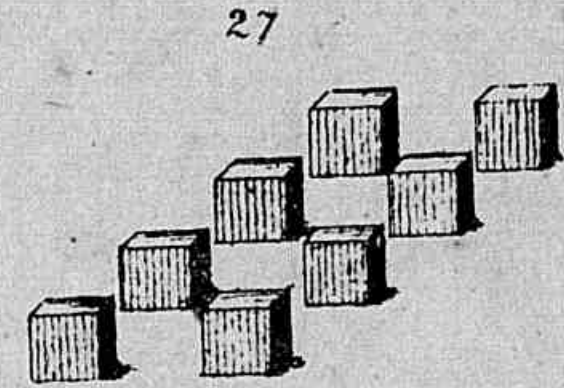
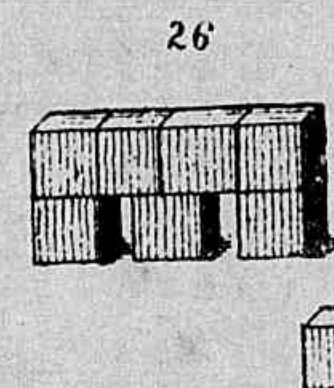
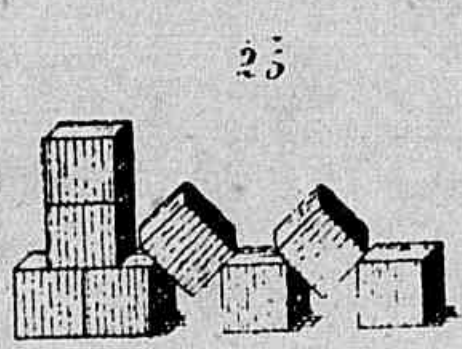
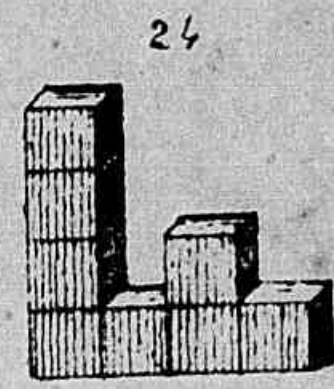
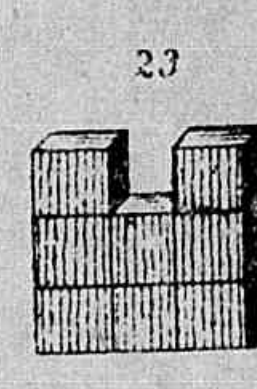
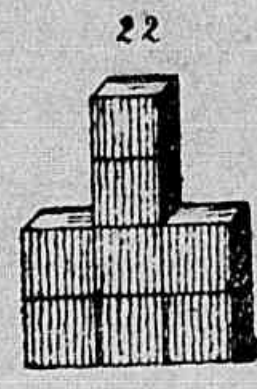
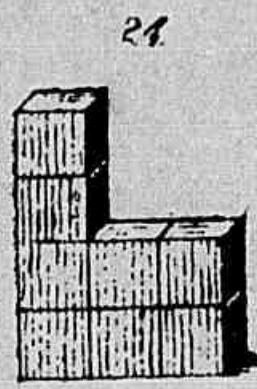
3.º DOM



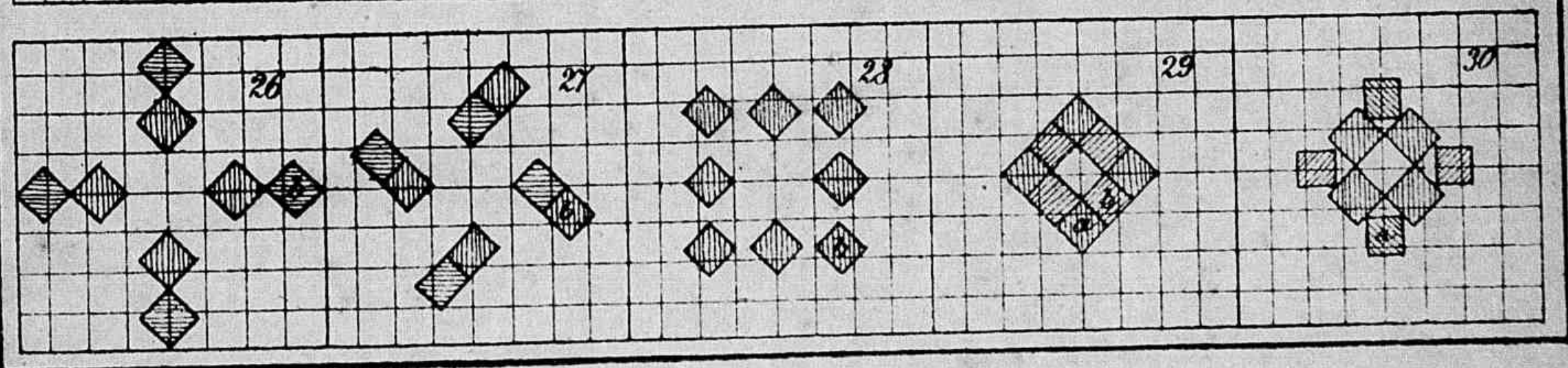
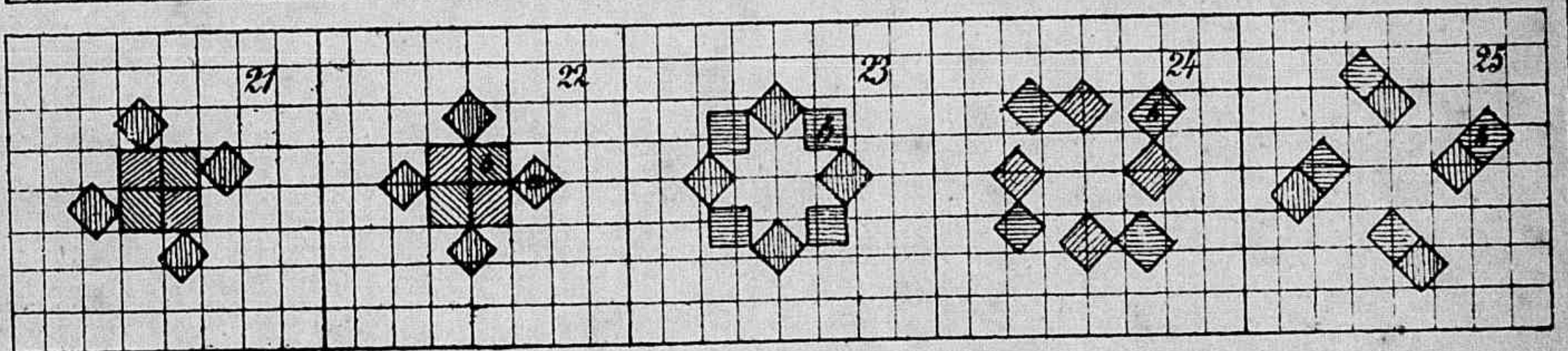
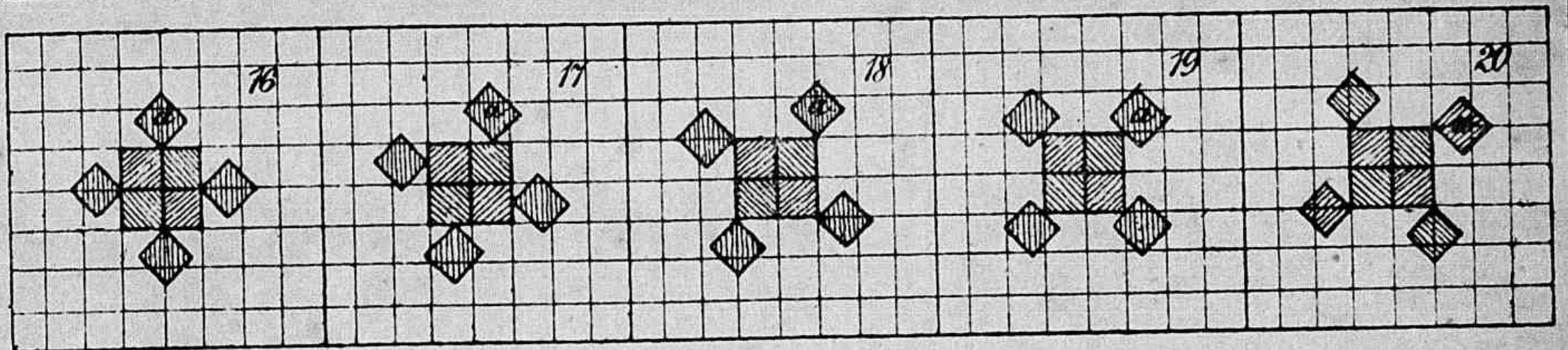
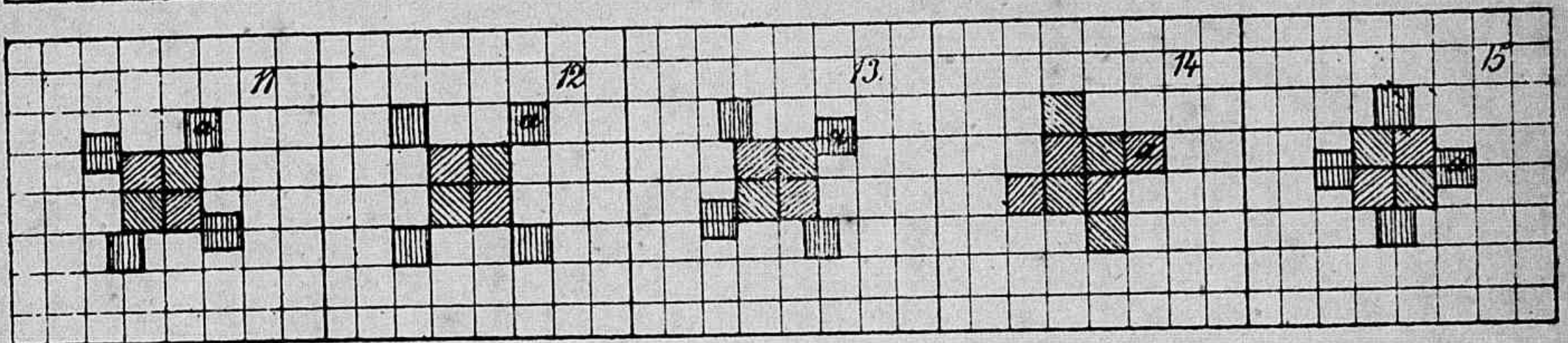
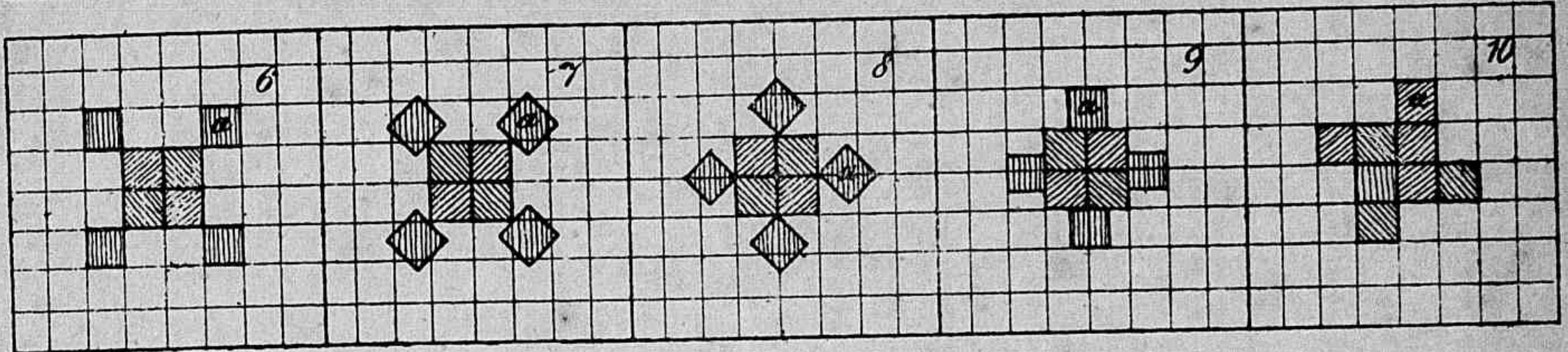
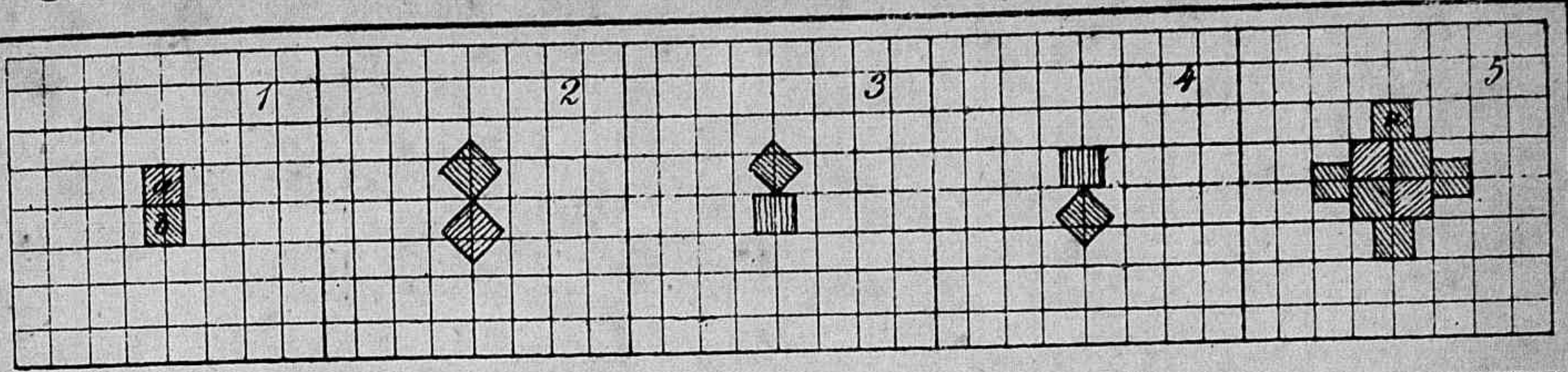




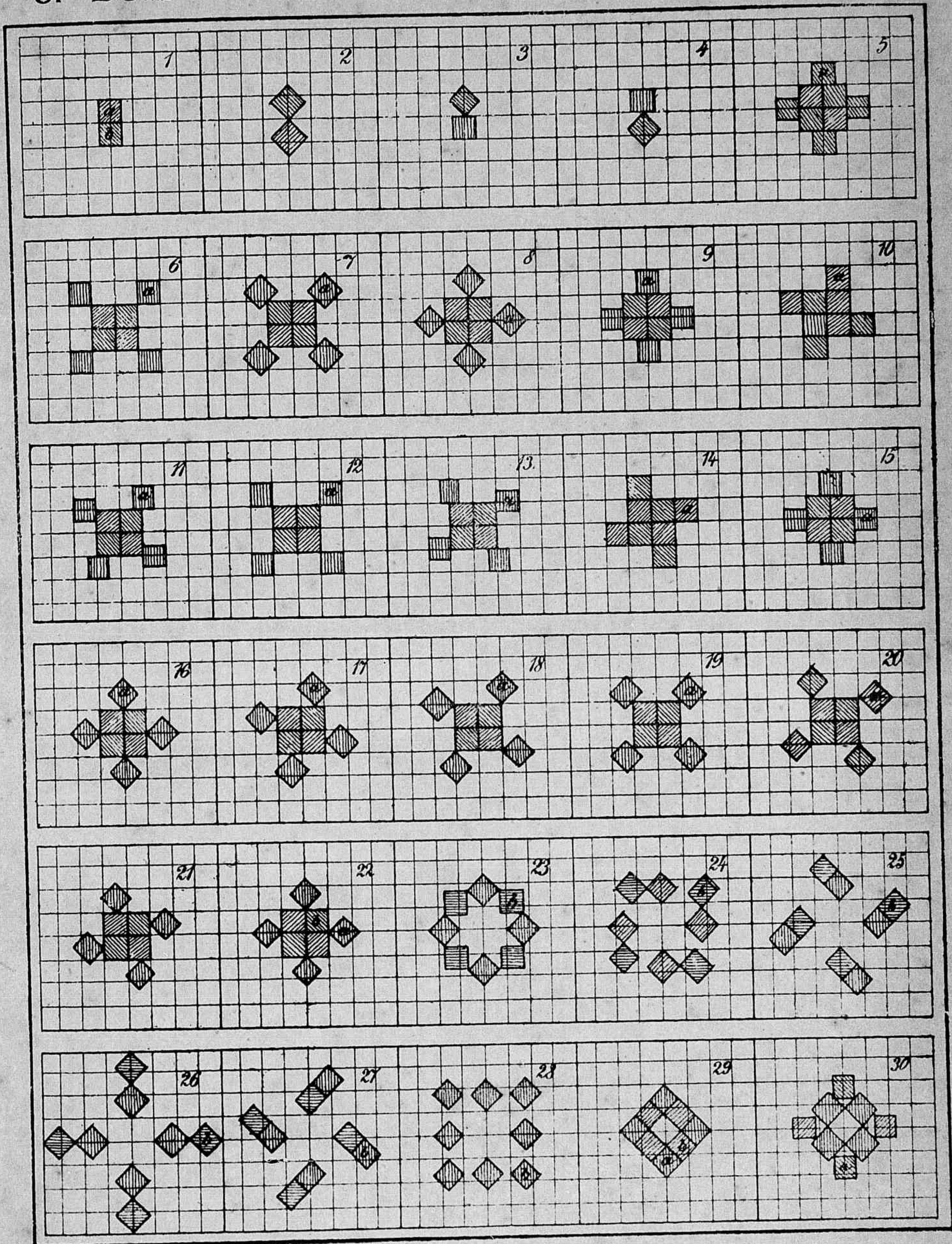




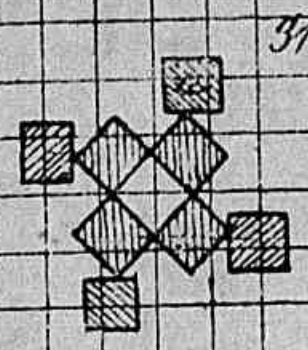
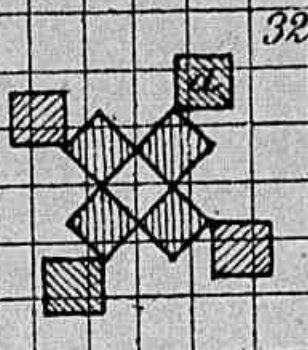
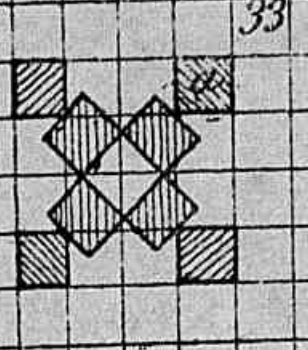
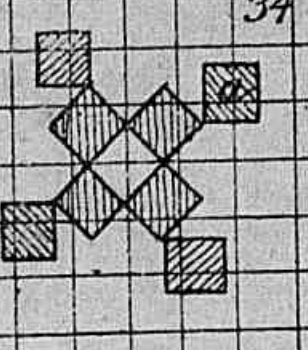
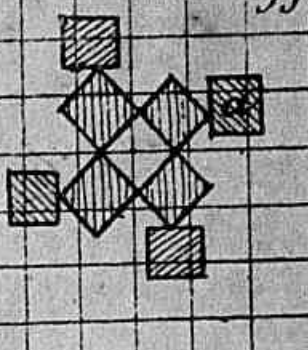
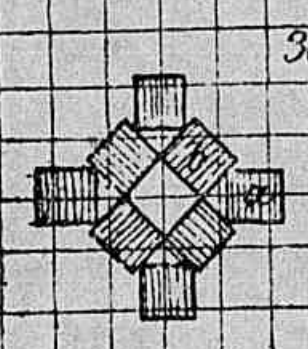
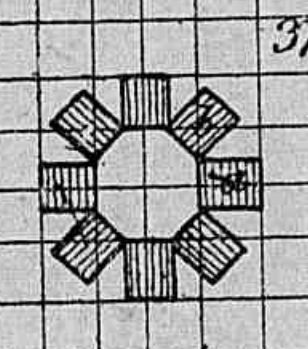
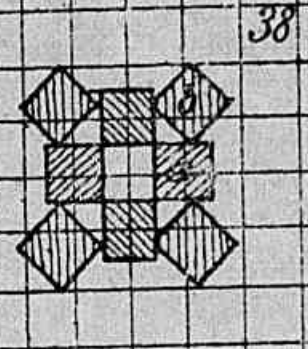
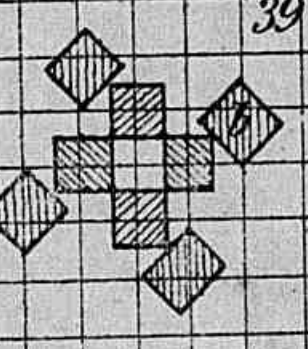
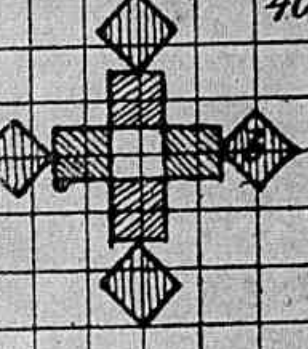
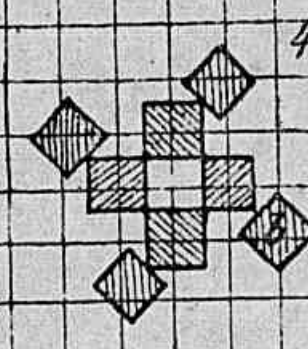
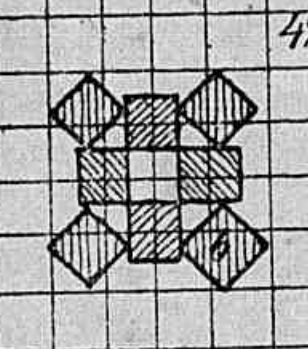
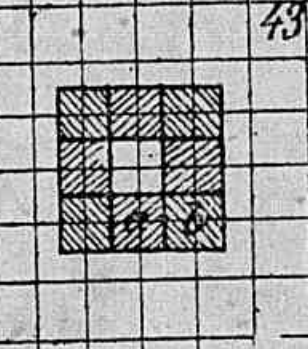
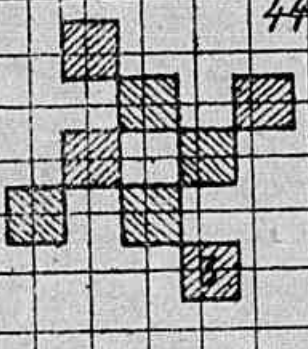
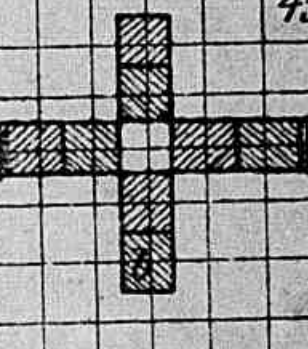
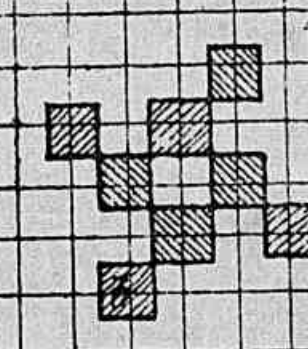
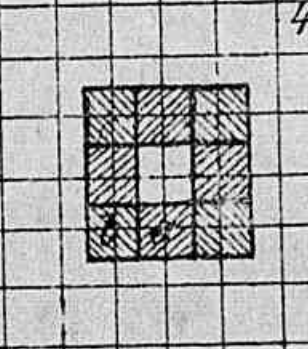
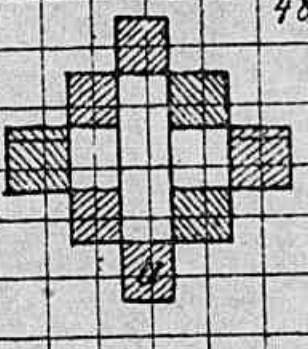
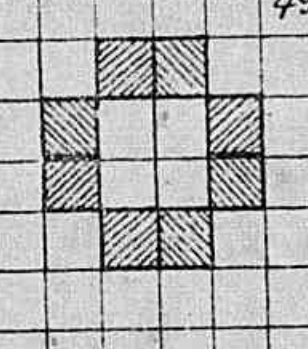
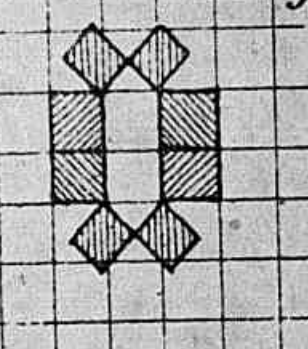
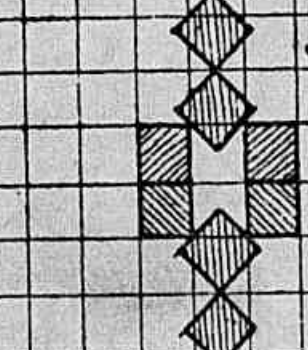
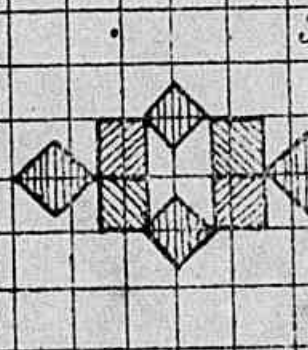
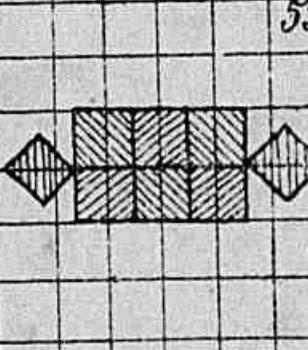
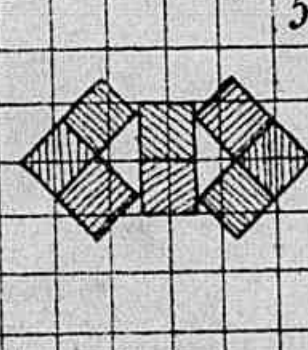
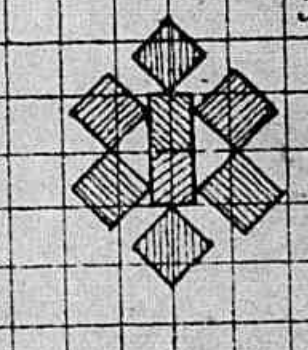
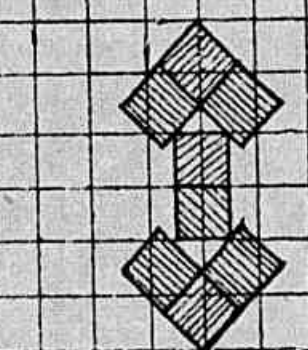
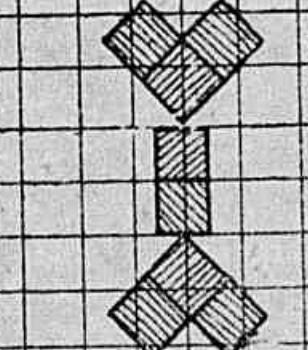
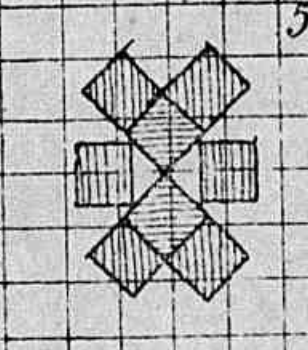
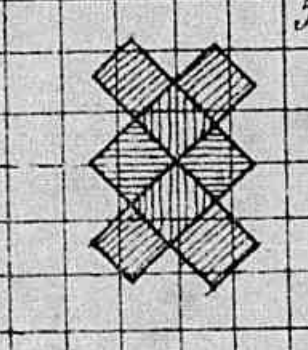
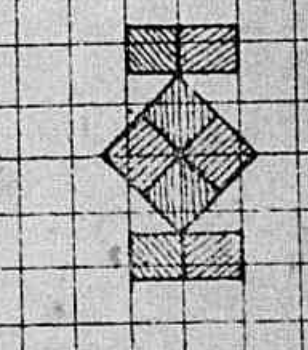










 <p>31</p>	 <p>32</p>	 <p>33</p>	 <p>34</p>	 <p>35</p>
 <p>36</p>	 <p>37</p>	 <p>38</p>	 <p>39</p>	 <p>40</p>
 <p>41</p>	 <p>42</p>	 <p>43</p>	 <p>44</p>	 <p>45</p>
 <p>46</p>	 <p>47</p>	 <p>48</p>	 <p>49</p>	 <p>50</p>
 <p>51</p>	 <p>52</p>	 <p>53</p>	 <p>54</p>	 <p>55</p>
 <p>56</p>	 <p>57</p>	 <p>58</p>	 <p>59</p>	 <p>60</p>



## QUARTO DOM

O dom precedente consta, como vimos, de um cubo dividido em oito cubos, mas todos com iguaes dimensões. No quarto dom, porém, é maior a variedade, pois as partes do cubo são agora paralelepipedos, cujo comprimento corresponde a duas vezes a largura e quatro vezes a altura. Estas dimensões guardam entre si as mesmas proporções que as dos tijolos comuns, e, por isso, já se têm dado a estas partes do quarto dom a denominação de tijolos. Prestam-se estes paralelepipedos para ensinar-se as creanças a differencarem as tres dimensões, comprimento, largura e altura ou profundidade. A differença entre estas dimensões torna possível a construcção de uma variedade de fórmias maior do que a que se póde obter com o terceiro dom. Essas fórmias fazem as creanças comprehenderem mais distinctamente a significação dos termos horizontal e perpendicular. Se a professora julgar conveniente levar além a experimentação, muitas verdades philosophicas poderão desenvolver-se, como, por exemplo, a lei do equilibrio, collocando-se um bloco atravessado sobre outro, o phenomeno da transmissão de movimento, etc.

Daremos, dóra em deante, a denominação de blocos aos paralelepipedos, para simplificar a exposição.



## Preparativos para as construcções

Este dom é apresentado ás creanças de modo identico ao que seguimos para o terceiro. Retira-se a tampa e inverte-se a caixa sobre a mesa. Erguendo a caixa cuidadosamente, os blocos permanecem como estavam, formando o cubo. Faça-se com que as creanças notem que, quando inteiro, as suas dimensões são eguaes ás do cubo do terceiro dom. As suas partes, entretanto, são differentes na fórma, embora eguaes em numero. São ainda oito blocos. Comparem as creanças um dos cubinhos do terceiro dom com um dos blocos oblongos deste dom. Notem as semelhanças e dessemelhanças. Embora não percebam conscientemente que, não obstante a fórma, os dous solidos tem a mesma capacidade, comtudo desde que empregam oito de cada vez para formar um cubo da mesma grandeza, esse simples facto constitue para as creanças uma importante lição. Indiquem-se objectos que se pareçam com os blocos do quarto dom. As creanças designarão promptamente «um *tijolo*, a *mesa*, um *piano*, o *armario*, etc., e se as deixarmos iniciar a construcção de fórmas de objectos, sem duvida hão de construir *caixas*, *bancos*, etc.

### Fórmias reaes

As fórmias reaes, segundo a relação de Fröebel, são as que se encontram nas gravuras juntas, paginas 6 e 7. Se os nomes não parecerem rigorosamente apropriados, procurem as professoras substituil-os convenientemente.

1. O cubo.
2. Tampa da mesa (Parte superior).



3. Duas pranchas ou tampas de mesa.
4. Quatro pranchas.
5. Oito tijolos ou blocos para construcção,
6. Um longo muro de jardim.
7. Uma porta de cidade.
8. Outra porta de cidade.
9. Uma estante para colmeias.
10. Uma columnata.
11. Um pontilhão.
12. Uma torre.
13. Um coreto.
14. Coreto com portão.
15. Uma bica.
16. Um poço.
17. Um poço com páu para roldana.
18. Uma fonte.
19. Um quintal.
- 20 e 21. Muros de jardim.
22. Bebedouro (para animaes).
- 23 e 24. Muros e casas.
25. Ponte.
- 27 e 31. Bancos.
32. Mesa e bancos de jardim.
33. Mesa.
- 34 e 36. Tumulos.
- 37 e 38. Monumentos.
- 39 e 40. Escadas.
41. Estabulos.
42. Cantos de rua, encruzilhada.
43. Tunnel.



44 e 45. Torres.

46. Frontespicio de uma casa.

47 e 48. Cadeiras com e sem estrado.

49. Exemplo de transmissão de movimento.

Aqui, como no dom anterior, as fórmulas se originam uma das outras com pequenas modificações, que devem ser acompanhadas de explicações por parte da professora. Assim, a fórmula 30 facilmente se muda nas de ns. 31, 32 e 33, e do mesmo modo a de n. 34 póde transformar-se nas designadas pelos numeros 35, 36 e 37. Em todo o caso, porém, é essencial que na construcção se empreguem todos os blocos.

### Fórmulas ideaes

Este dom, como o anterior, emprega-se tambem para ministrar noções de divisibilidade. Neste, porém, por causa da fórmula particular das partes, o processo adapta-se mais a illustrar a divisão de superficies que a de um solido.

O cubo é arranjado de maneira a mostrar tres cortes (linhas) horizontaes e uma vertical (perpendicular). A creança póde dividil-o em metades, estas metades em quartos e estes quartos em oitavos. Cada um dos oitavos é constituído pelos blocos oblongos. Sobre isto, por emquanto, devem versar os exercicios de conversação.

— De que é feito este bloco?

— Que côr tem?

— Com que objectos se parece?

— Qual é o maior lado?

— Qual o menor?



Por este modo as creanças aprendem que ha tres especies de lados (faces) symetricamente arranjados, aos pares: O de cima e o de baixo (superior e inferior); o direito e o esquerdo; o da frente e o de traz, que respectivamente são eguaes entre si.

Por meio de perguntas ou de explicações directas outros factos como estes podem-se tornar evidentes ás creanças: —Os lados de cima e de baixo são duas vezes mais largos que os da esquerda e da direita e que os de deante e detraz; estes são duas vezes mais largos que os da esquerda e da direita. Consequentemente, os dous lados maiores são quatro vezes mais extensos que os dous menores. Tudo isto póde demonstrar-se, de um modo muito interessante, collocando-se diversos blocos reunidos em diversas posições, devendo as proprias creanças acompanharem estas operações fazendo por si mesmas identicas experiencias. Os cubozinhos do dom precedente podem tambem servir ainda para serem comparados com os blocos deste dom, afim de se notarem as differenças.

Depois que o cubo tiver sido assim usado com vantagem em diversas lições, os blocos podem então empregar-se para a construcção das fórmias ideaes.

Construa-se a fórmula da plancha n. 3. Afim de demonstrar as relações de dimensão, divida-se a primeira fórmula em duas metades por um dos cortes horizontaes ou perpendiculares (*b* e *c*).

Estas duas fórmias darão ensejo a instructivas observações e notas, perguntando-se:

—Que fórmula tinha o primeiro objecto? »

—Que fórmula têm as suas metades?

—Quantas vezes a altura é maior que a largura?

Do mesmo modo com relação á posição:—ás duas (*b*) estão *deitadas*, as duas (*c*) estão em *pé*.



—Mudem a posição de uma das que estão deitadas, collocando-se na posição inversa. Para fazer isto a creança terá de fazel-a girar descrevendo um quarto de circulo da direita para a esquerda.

—Reunam dous blocos pelos lados menores. Vocês têm agora um bloco mais cumprido e deitado, fig. *e* (escolha-se a denominação mais apropriada á creança para designar os blocos; talvez a mais conveniente seja a de taboinhas).

—Separem agora as metades (fig. *f*) e dividam cada parte em outras metades (fig. *i*).

—Têm agora vocês quatro partes, chamadas quartos e todas formam quadrados.

Cada uma destas partes póde ser subdividida de maneira a ensinar-se ás creanças o methodo da divisão por 2.

Outros materiaes podem ser empregados conjuntamente com os blocos. Prestam-se para isso quaesquer pequenos objectos que sirvam para illustrar as propriedades dos numeros. E' claro que taes exercicios devem ser feitos de um modo que não contrarie a natureza, não devendo, pois, começarem prematuramente sem attender-se ao desenvolvimento dos alumnos. Nas figs. *e*, *g*, *h*, e *k* da gravura n. 3 acha-se indicado um outro modo de illustrar as fórmulas que se referem a este dom. As figuras 1—16, da mesma gravura, mostram o modo de proceder nos exercicios de adição e subtracção, a que já nos referimos no terceiro dom.

### Fórmulas symetricas

Recorde-se o que dissemos sobre o processo a seguir para relacionar os blocos na construcção des-



tas fórmulas. Aqui, ellas são muito mais numerosas do que no terceiro dom por causa da maior variedade nas dimensões das partes. A pagina de gravuras n. 4, indica as diversas fórmulas de symetria derivaveis da fórmula original n. 1, na qual cada dous blocos fórmam um grupo distincto que, reunidos, fórmam o quadrado n. 1. As figuras de 1—9 obtém-se pelo movimento dos blocos exteriores em torno da parte média que fica estacionaria.

Tirem-se então para fóra os blocos interiores  $a$  (fig.) e unam-se esses blocos de modo a formarem no meio um quadrado desoccupado, vasio, (fig. 11), em torno do qual fazem-se mover gradualmente os blocos  $b$  (figs. 12 e 13.)

Combinem-se agora os blocos  $b$  de modo a formar uma cruz em torno do quadrado central. Os blocos  $a$  collocados fóra, originam a série de figuras até a de n. 17.

Puxando os blocos  $b$  forma-se então a estrella de oito raios (fig. 18). Na figura 19 os blocos  $a$  giram sobre si mesmos. Os blocos  $b$ , afastando-se do centro até tocarem as arestas dos primeiros, determinam a fórmula de uma flôr (fig. 20).

Agóra os blocos  $b$  giram sobre si mesmos (fig. 21) e, afastando-se os blocos  $a$ , obtem-se a fórmula de uma corôa. Invertendo os blocos  $b$  forma-se a figura 23. Reunindo-os pelos cantos e movendo na mesma posição os blocos  $a$ , forma-se a figura 24. Começando a mover os blocos  $a$ , em torno dos outros que ficam estacionarios, forma-se a série de figuras de 25—29, na qual os blocos  $a$  estão collocados em cruz e podem servir de ponto de partida para uma nova série de fórmulas.

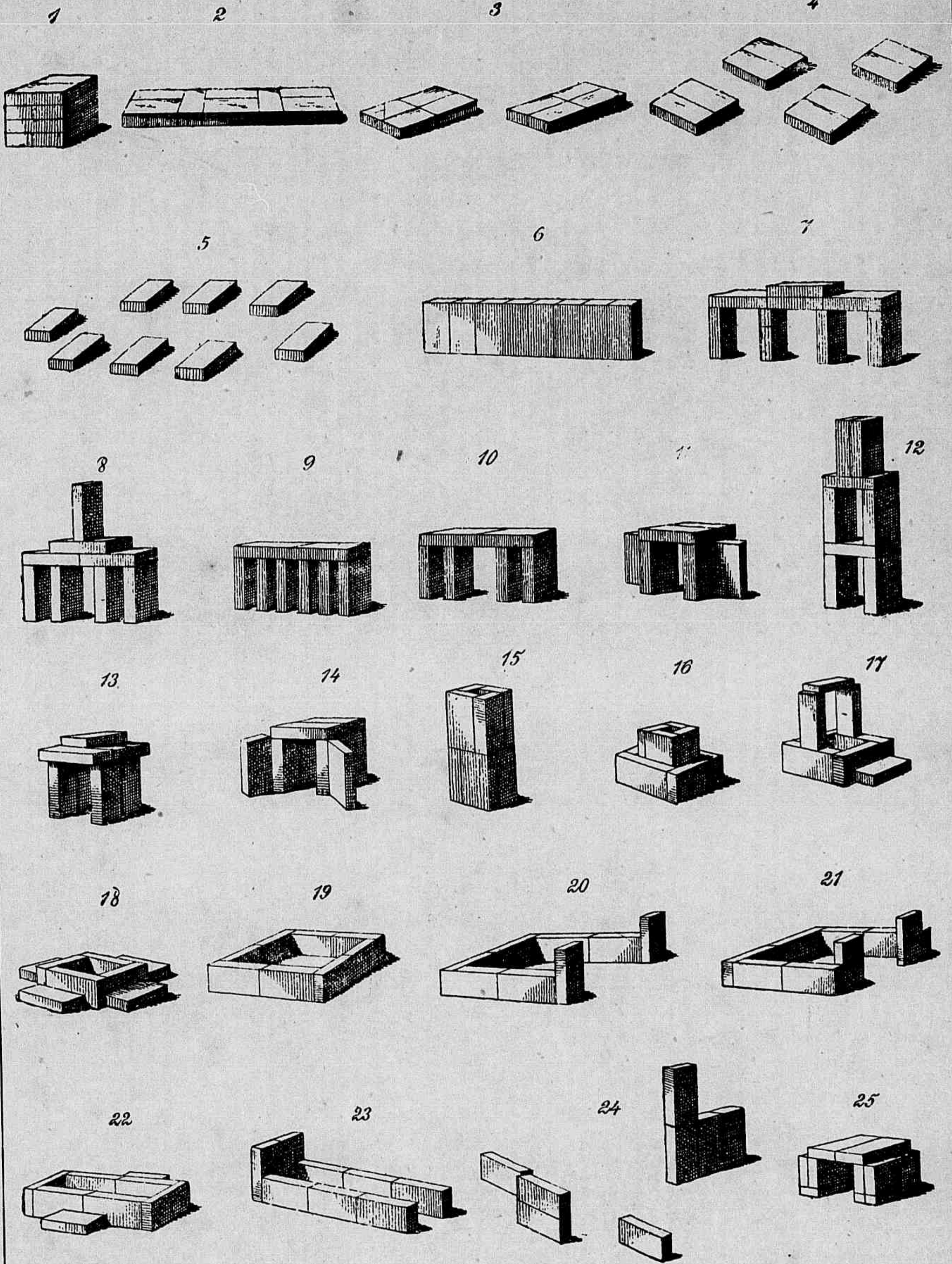
Cada uma destas figuras póde soffrer uma grande variedade de alterações, bastando para isso collocar



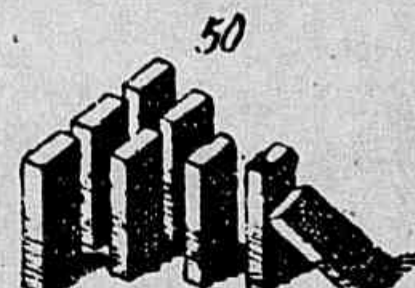
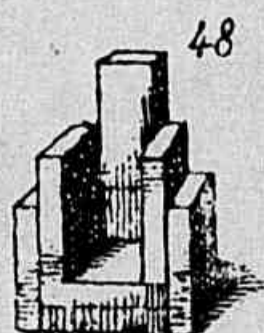
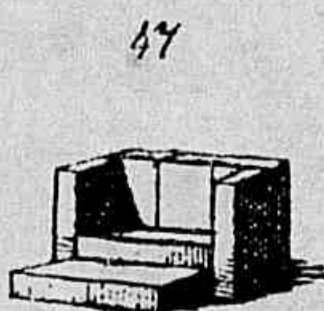
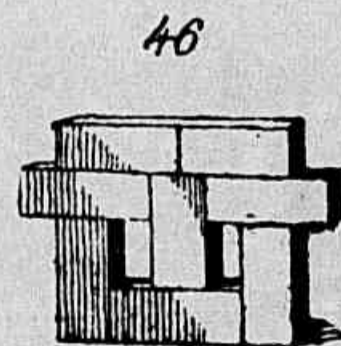
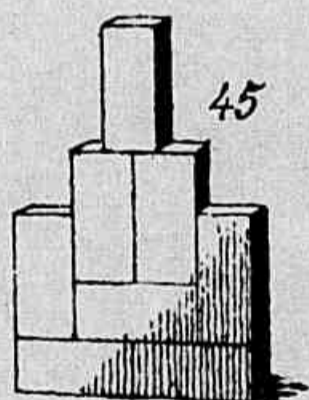
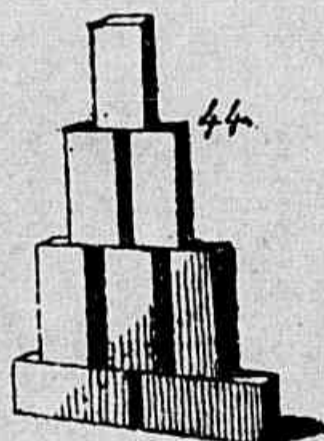
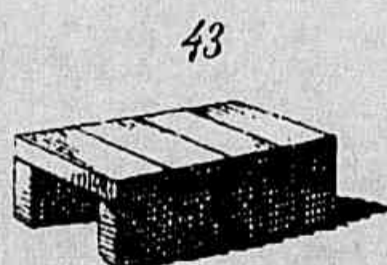
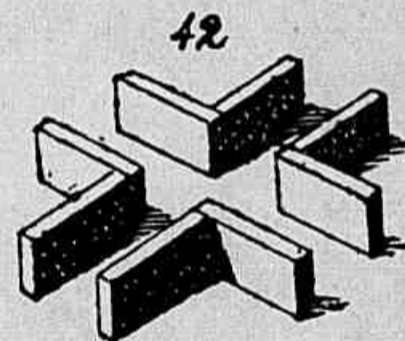
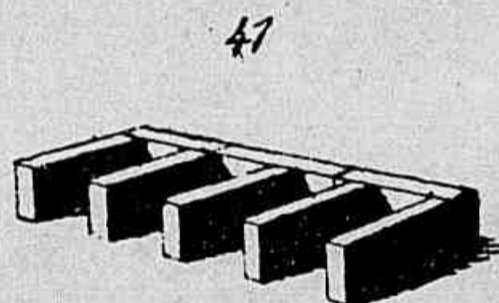
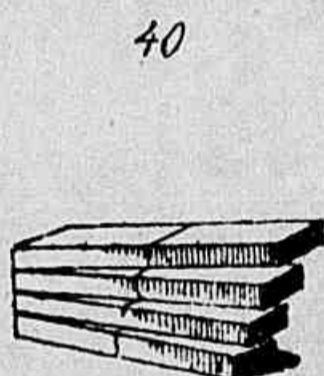
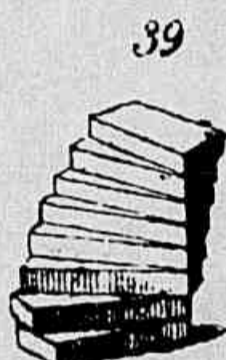
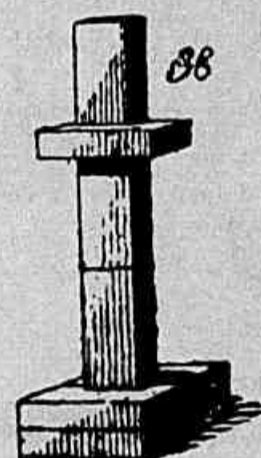
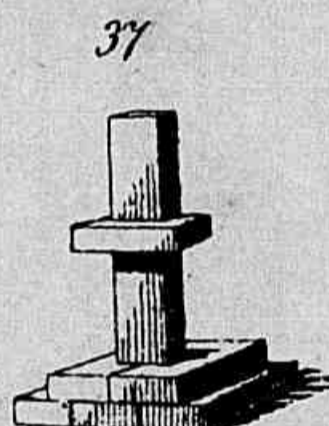
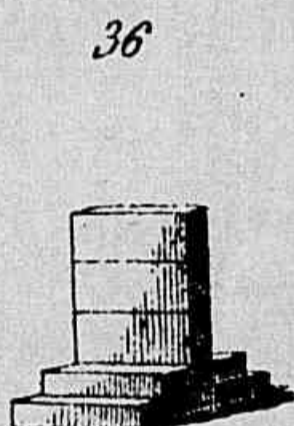
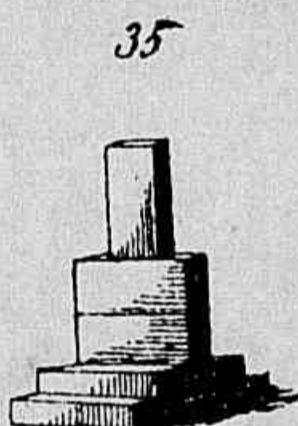
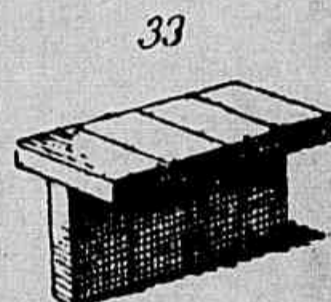
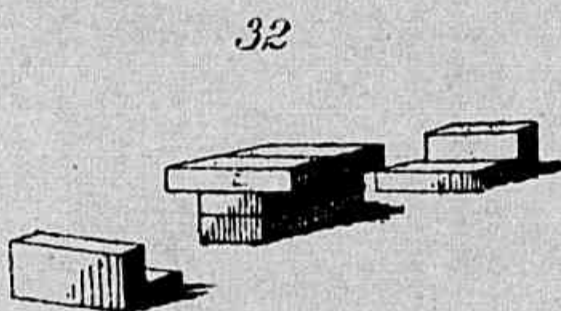
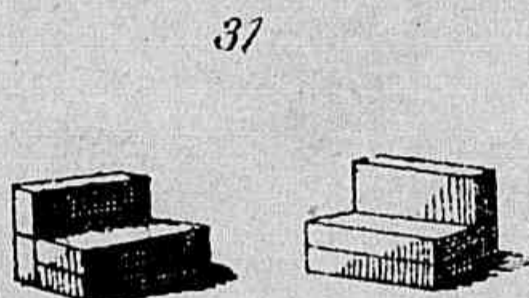
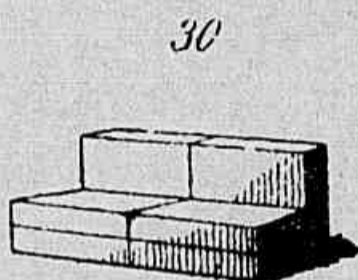
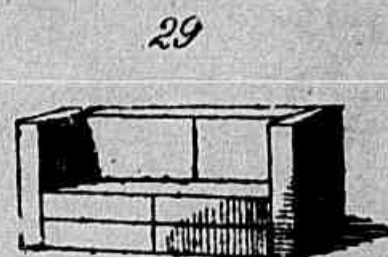
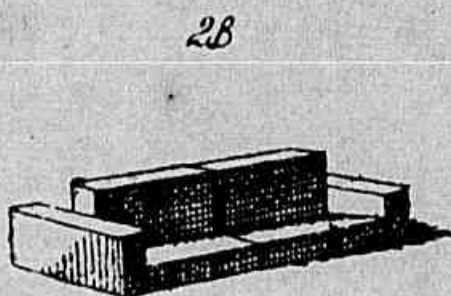
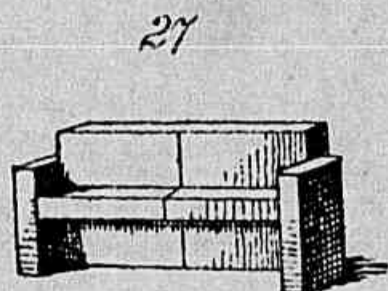
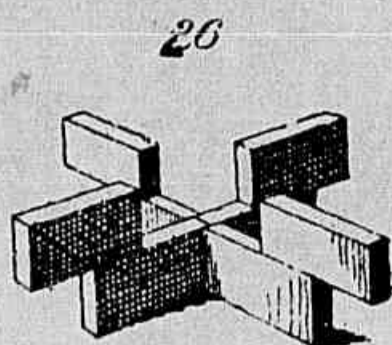
os blocos segundo as suas faces mais longas ou mais curtas, ou, como diriam as creanças, pondo-as *deitadas* ou *de pé*. A rede de quadrados feita na mesa das creanças serve de guia na construcção destas formas. Para iniciar o *invento* de novas fórmulas começa-se collocando um bloco acima, a baixo, a direita ou a esquerda do centro escolhido e um segundo em posição opposta e equidistante do mesmo centro. Dous outros devem ser collocados á direita ou esquerda destes, porém, na mesma posição relativamente ao centro. Os quatro restantes collocam-se em qualquer posição mas sempre symetricamente. Movendo-se os primeiros ou os segundos em qualquer direcção, forma-se uma grande variedade de figuras.







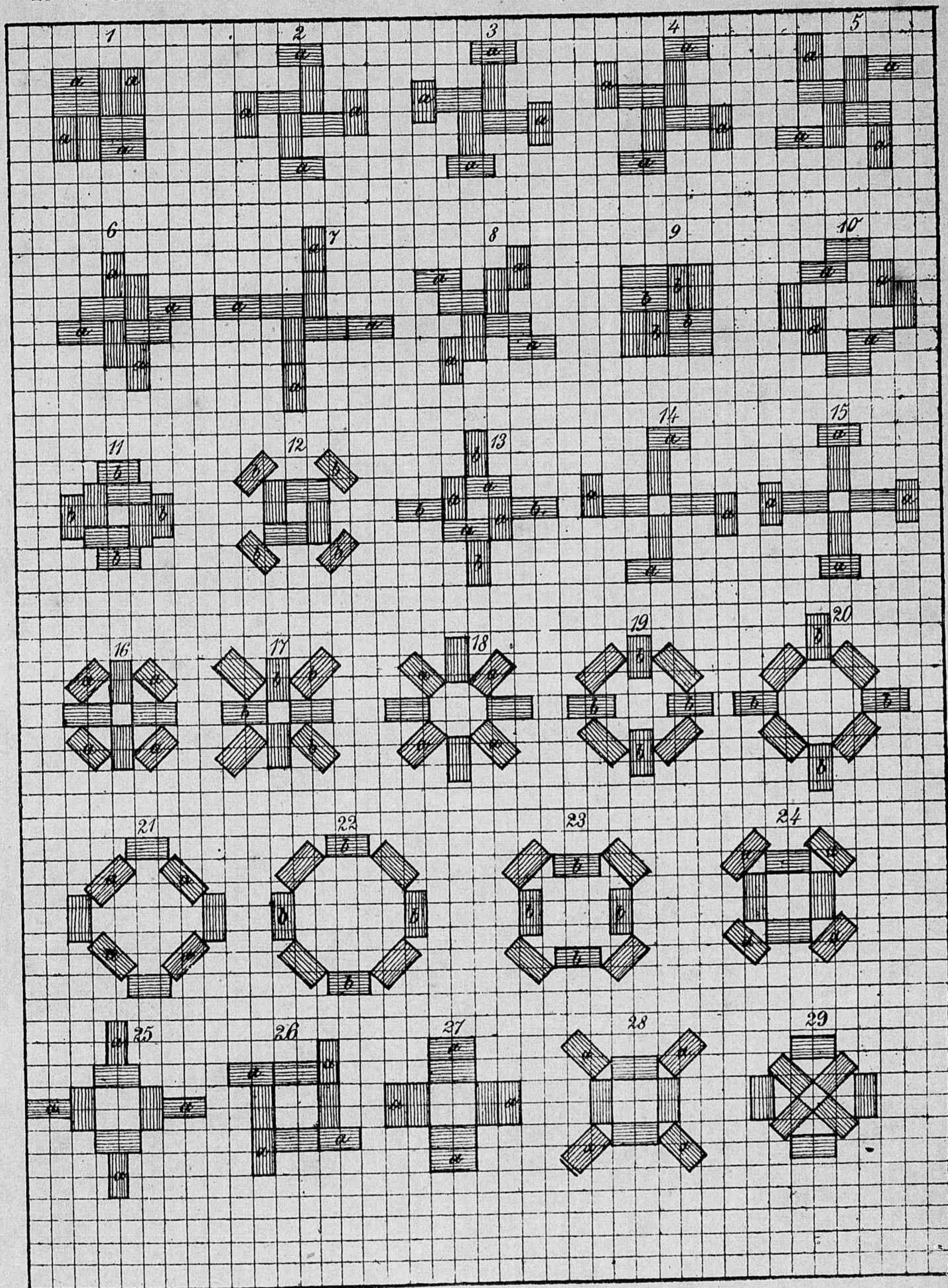














## QUINTO DOM

Todos os dons do Jardim da Infancia, como já dissemos, originam-se uns dos outros. O quinto dom, como o quarto e o terceiro, consta ainda de um cubo embora maior que os anteriores. O cubo do terceiro dom era dividido uma vez em todas as direcções. O cubo do quinto dom é dividido duas vezes em cada dimensão, conseguintemente em *tres partes eguaes*, constantes de *noze* cubozinhos de igual *tamanho*. Como, porém, essa divisão apenas tornaria multiplo o material sem o diversificar, foi necessario introduzir um novo elemento subdividindo alguns dos cubos em direcção obliqua.

Até aqui considerámos apenas linhas horizontaes e perpendiculares. Estas posições oppostas, entretanto, tornavam necessario um elemento médio, e este elemento de transição foi desde logo indicado pelas formas reaes e symetricas do terceiro e do quarto dom, quando nas combinações punham-se em contacto arestas e faces e inversamente. A direcção obliqua que ahi apparecia incidentemente, aqui torna-se agora permanente pela adopção da divisão obliqua determinando uma separação real nesse sentido.

Tres das partes do quinto dom são divididas em meios cubos, tres outros em quartos de cubo, de modo que o dom, vem a constar de vinte e um cubozinhos inteiros e trinta e nove partes distinctas entre todas.



E' conveniente arranjal-as na caixa de maneira a ficarem na camada superior todas as metades e quartas partes de cubos e mais tres cubozinhos, como o indica a 1.<sup>a</sup> pagina de gravura fig. 1, por ser esse o unico arranjo que permite a divisão do cubo todo pelos varios modos em seguida indicados, e, além disso, porque assim se facilita a collocação do cubo sobre a mesa o que se deve fazer pela maneira já descripta em relação aos dons anteriores.

Os primeiros exercicios com este são identicos aos que indicamos para os outros dons. Sob as indicações da professora, as creanças verificam que este é maior que os cubos anteriores, e em seguida o que deve attrahir-lhes a attenção é a maneira pela qual elle está dividido. Verificarão quantas vezes o cubo está dividido em cada direcção, quantas partes se podem formar se o separarmos segundo cada uma das linhas de divisão. Prestando ás creanças o necessario auxilio, faça a professora com que os alumnos possam responder ás perguntas que sobre estes pontos fizer.

Para isso proceda como o indicam as nossas gravuras. Na prancha n. 6 fig. n. 3 as tres partes do cubo acham-se collocadas umas ao lado das outras. Estas tres partes podem ainda ser divididas em outras tres partes e estas ultimas ainda em tres, o que dará a conhecer que  $3 \times 3 = 9$ ;  $9 \times 3 = 27$ .

Parecerá superflua a repetição de exercicios aparentemente simples. Entretanto, só a repetição por esta simples maneira é que permittirá ás creanças fixarem o que aprendem, sendo ainda de notar que, por este meio, mantem-se o necessario interesse pois que ellas não têm de se haver com abstracções e sim com objectos reaes para base de suas conclusões.

Cumpre, porém, accrescentar que não se deve exceder em taes exercicios o tempo durante o qual



se possa prender a atenção das creanças. Logo que começarem a manifestar-se signaes de fadiga ou de tédio, suspenda-se o exercicio e deixem-se os dons ás creanças para com elles se divertirem. Seguindo-se esta indicação póde-se ter a certeza de que as creanças voltarão sempre á occupação com vivo interesse.

Desde que as divisões do cubo se tornem familiares ás creanças e depois de praticados os exercicios acima mencionados, deve-se chamar a sua atenção para os cubos divididos em metade e em quartos.

São divididos, como dissemos, por *linhas obliquas* e isto cumpre que fique bem frisantemente observado, fazendo-se com que as creanças mostrem no cubo de que modo elle póde ser dividido em metades e quartas partes. Designem tambem as creanças as linhas horizontaes, verticaes e obliquas que vêem na sala ou nos objectos proximos.

Tome a professora a metade do cubo e pergunte: —Quantos cantos ou angulos vocês podem contar no lado de cima e de baixo nestas duas metades do cubo?

—Tres.

Vamos, por isso, chamar o lado de cima e o de baixo um *triangulo*, o que quer dizer um lado, ou face com *tres* angulos.

A creança ampliará assim os conhecimentos que já tem, reunido á noção da linha horizontal e vertical a de obliqua ou inclinada; á noção dos lados quadrados e oblongos a de triangulares.

Com o conhecimento do triangulo amplia-se extraordinariamente a construcção de fórmias por effeito da frequente occurrencia de taes formas elementares em todas as muitas formações de objectos.



E' de esperar que com estes exercicios a creança já conheça bastante este dom para poder applical-o na construcção das varias fórmas reaes, symetricas e meramente ideaes.

## Fórmas reaes

### Pranchas 1 e 2

A principal condição a preencher nesta occupação, como anteriormente, consiste ainda em que todas as peças do dom entrem em cada construcção, não porque se deva empregar-as sempre num só objecto, mas que as restantes da fórma principal sejam utilizadas na representação de accessorios embora separadas mas sempre em relação com o conjuncto. As creanças devem ainda e sempre perceber, por este meio, que cousa alguma do que pertence a um todo se póde considerar como superfluo, senão que cada parte distincta tem por fim occupar activa e efficientemente a posição que lhe compete em relação ao conjuncto.

Egualmente não se deve esquecer de que nada deve ser destruido, senão que cada fórma nova deve ser obtida por alterações reconstructivas. E' sempre de bom aviso começar pela figura do proprio cubo.

Nas gravuras que juntamos a este capitulo, encontram-se diversos modelos dessas construcções, cujas analogias com objectos reaes constam desta lista.

1. Cubo.
2. Escada.
3. Uma cadeira.
4. Cadeira de braços com escabello.



5. Um leito—Camada inferior, 15 cubozinhos, segunda camada, 6 cubos inteiros e 6 meios cubos, compostos de 12 quartos de cubo; terceira camada 6 meios cubos.

6. Um sofá—Primeira camada 16 cubos e dous meios cubos.

7 Um poço.

8 Casa com pateo.—Doze cubos inteiros, o terreno; 9 cubos inteiros e 6 meios cubos, segunda fileira; tecto, 12 quartos de cubo.

9 Casa de camponez.—Primeira fileira, 8 cubos inteiros e dous meios cubos; tecto, oito cubos e partes de cubos.

10 Casa de escola.—Terceira camada, tres cubos inteiros e 6 meios cubos; quarta camada, um todo e quatro quartos de cubo.

11 Egreja.—Corpo do edificio, 18 cubos inteiros; tecto, 12 quartos de cubo; torre 4 cubos inteiros e meio cubo, sachristia um cubo e uma metade.

12 Egreja com duas torres.—Corpo do edificio, 12 cubos inteiros; tecto, 12 quartos de cubo; torres, duas vezes 5 cubos e uma metade de cubo; entre as torres, um cubo inteiro.

13 Fabrica com chaminé.—O corpo do edificio 16 cubos inteiros; tecto, 6 metades e 4 quartas partes de cubo; chaminé 5 cubos e duas quartas partes de cubo; caldeira 4 quartos de cubo; tecto, dous quartos de cubo.

14 Capella com eremiterio.

15 Duas casas de jardim e fileiras de arvores.

16 Um castello.

17 Um claustro em ruinas



E' de esperar que com estes exercicios a creança já conheça bastante este dom para poder applical-o na construcção das varias fórmas reaes, symetricas e meramente ideaes.

## Fórmas reaes

### Pranchas 1 e 2

A principal condição a preencher nesta occupação, como anteriormente, consiste ainda em que todas as peças do dom entrem em cada construcção, não porque se deva empregal-as sempre num só objecto, mas que as restantes da fórma principal sejam utilizadas na representação de accessorios embora separadas mas sempre em relação com o conjuncto. As creanças devem ainda e sempre perceber, por este meio, que cousa alguma do que pertence a um todo se póde considerar como superfluo, senão que cada parte distincta tem por fim occupar activa e efficientemente a posição que lhe compete em relação ao conjuncto.

Egualmente não se deve esquecer de que nada deve ser destruido, senão que cada fórma nova deve ser obtida por alterações reconstructivas. E' sempre de bom aviso começar pela figura do proprio cubo.

Nas gravuras que juntamos a este capitulo, encontram-se diversos modelos dessas construcções, cujas analogias com objectos reaes constam desta lista.

1. Cubo.
2. Escada.
3. Uma cadeira.
4. Cadeira de braços com escabello.



5. Um leito—Camada inferior, 15 cubozinhos, segunda camada, 6 cubos inteiros e 6 meios cubos, compostos de 12 quartos de cubo; terceira camada 6 meios cubos.

6. Um sofá—Primeira camada 16 cubos e dous meios cubos.

7 Um poço.

8 Casa com pateo.—Doze cubos inteiros, o terreno; 9 cubos inteiros e 6 meios cubos, segunda fileira; tecto, 12 quartos de cubo.

9 Casa de camponez.—Primeira fileira, 8 cubos inteiros e dous meios cubos; tecto, oito cubos e partes de cubos.

10 Casa de escola.—Terceira camada, tres cubos inteiros e 6 meios cubos; quarta camada, um todo e quatro quartos de cubo.

11 Igreja.—Corpo do edificio, 18 cubos inteiros; tecto, 12 quartos de cubo; torre 4 cubos inteiros e meio cubo, sacristia um cubo e uma metade.

12 Igreja com duas torres.—Corpo do edificio, 12 cubos inteiros; tecto, 12 quartos de cubo; torres, duas vezes 5 cubos e uma metade de cubo; entre as torres, um cubo inteiro.

13 Fabrica com chaminé.—O corpo do edificio 16 cubos inteiros; tecto, 6 metades e 4 quartas partes de cubo; chaminé 5 cubos e duas quartas partes de cubo; caldeira 4 quartos de cubo; tecto, dous quartos de cubo.

14 Capella com eremiterio.

15 Duas casas de jardim e fileiras de arvores.

16 Um castello.

17 Um claustro em ruinas



18 Porta de cidade com tres entradas.

19 Casa com torreão.

20 Porta de cidade com duas casas de guarda.

21 Monumento.—Primeira camada 9 cubos e 4 metades de cubos; da segunda até a quarta camada—cada uma, quatro cubos inteiros; de cada lado dous quartos de cubo unidos a uma columna quadrangular; para unir as quatro columnas, 4 quartos de cubo.

22 Um monumento.—Primeira camada, 9 cubos inteiros e 4 quartos de cubo; segunda camada, 5 cubos inteiros e 4 meios cubos; terceira camada, 4 cubos inteiros; quarta camada, 4 meios cubos.

23 Uma cruz.—Primeira camada, 9 cubos inteiros e 4 vezes 3 quartos de cubo; segunda camada, 4 cubos; terceira camada, 4 meios cubos.

Todas as construcções desde a 6.<sup>a</sup> até a 23.<sup>a</sup> são acompanhadas de um plano horisontal, indicando a fórma da superficie occupada pelas bases de cada construcção.

Mesas, cadeiras, bancos, leitos, os primeiros objectos construidos, são os mais familiares ás creanças. Em seguida representa-se uma casa, o que dá ensejo para fallar de suas partes: quartos de dormir, salas de jantar. Bem depressa amplia-se assim o dominio de suas idéas. As construcções como que fazem o espirito infantil pairar sobre os objectos que representam: jardins, ruas, egrejas, casas de escola, onde os irmãozinhos mais velhos se instruem; fabricas de onde á tarde depois do trabalho tantos operarios se retiram para seus lares, a descansarem das fadigas do dia e brincarem com os filhinhos. As idéas que as creanças adquirirem de todos estes objectos por meio das occupações correspondentes, de-



se desenvolvem-se mais correctamente, estudando-os em detalhe, do que espontaneamente se daria com a realidade, porque aqui, em tudo, se faz sentir a influencia instructiva da professora. Cumpre não esquecer que a professora deve influir favoravelmente no espirito das creanças, contando-lhes pequeninas historias sobre as cousas e pessoas que os objectos construidos suggerirem. Não é somente o seu espirito que deve ser disciplinado, mas tambem o coração que todos os nobres sentimentos vivificam e fortalecem.

Não é necessario que as professoras sigam sempre a ordem de desenvolvimento que indicam as nossas gravuras. Toda a ordem que relacionar as construcções de modo a deduzil-as umas de outras é acceitavel. Algumas das fórmulas não são conhecidas das creanças: poucas terão visto um castello, nenhuma conhecerá uma porta de cidade. Nada impede, porém, que, por meio de pequeninas historias, se conduza a creança a uma nova ordem de idéas, ampliando-se diariamente o seu cabedal de conhecimentos. Como se vê, estes jogos não se destinam, pois, a desenvolver apenas a dextreza manual das creanças, educar a vista, excitar a imaginação, fortalecer as suas faculdades inventivas, porém, tambem a acompanhar a instrucção oral illustrando-a e contribuindo para crear o amor do bem, do nobre e do bello.

O 5.º dom é empregado para creanças de cinco a seis annos de idade, que já tenham cursado dous annos de Jardim de Infancia.

Eis como se procede para a sua applicação.

Uma caixa com o seu conteudo acha-se em frente de cada creança. Pelo processo já descripto, cada uma retirará o cubo que se acha dentro, de modo que a camada que contém os meios e quartos de cubo fique collocada na parte superior.



—Que têm cada um de vocês deante de si?

—Um cubo.

Vamos com elles construir uma egreja. Tomem todos os quartos e meios cubos e colloquem adiante de si mas bem em ordem. Movam juntos os tres cubos da ultima camada, de modo que elles venham a ficar á esquerda dos outros cubos. Tomem mais tres cubos do lado direito e colloquem ao lado dos tres primeiros. Tomem os tres cubos restantes que estavam do lado direito e reunam com os quartos e meios cubos.—Que tem vocês agora?

—Uma casa sem tecto, com tres cubos de altura, tres de largura e tres de comprimento.

Vamos agora fazer o tecto. Colloquem em cima de cada cubo superior um quarto de cubo assentado sobre o lado maior. Encham os intervallos entre esses quartos de cubos por meio de outros quartos de cubo, e colloquem um outro quarto de cubo no alto.—Que é que vocês têm agora?

—Uma casa com tecto.

—Quantos cubos restam ainda?

—Tres cubos inteiros e seis meios cubos.

Pois bem, tomem todos os cubos inteiros e colloquem uns em cima dos outros na frente da casa. Juntem em cima um novo cubo formado de dous meios cubos e cubram esse com um meio cubo para representar o tecto.—Que foi que fizeram agora?

—Uma torre.

Vamos agora empregar os tres meios cubos que ficaram para construir a entrada. Tomem dous desses meios cubos e formem um cubo inteiro; colloquem-no atraz da casa e ponham sobre esse cubo o ultimo



meio cubo para formar o tecto. —O que foi que construíram agora?

—Uma igreja com torre e entrada.

E' excusado recommendar que estas, e outras indicações idênticas, sejam sempre acompanhadas pelo exemplo da professora que deverá ir fazendo a construção á medida que a fôr descrevendo.

### Fórmulas symétricas

Tendo-se em vista que o 5.º dom é destinado a crianças de cinco annos, nas quaes, se a educação dos dous annos anteriores foi racionalmente feita, os organos externos, os sentidos, os nervos—mediadores de toda a actividade mental e o organo central—o cerebro deve ter adquirido um gráu conveniente de desenvolvimento, deve-se contar com uma actividade mais extensa da parte dellas, podendo-se portanto inicial-as em exercicios que exigem maior habilidade e ingenho do que os que praticámos com os dons anteriores.

Effectivamente o progresso, que representam estas fórmulas, as symétricas em relação ás anteriores, é apparentemente maior do que o que representam as fórmulas reaes deste mesmo dom, porque nestas, mais frisante se póde tornar a importancia das 39 partes do cubo. Quem quer que conheça um pouco de mathematica sabe que o numero de combinações e permutações de 39 objectos não se contam por centenas, nem por milhares e sim por milhões.

Devemos, pois, estabelecer restricções para taes exercicios e essas restricções são as que resultam das leis do bello, segundo as quaes não se tracta apenas



de formar um conjuncto harmonico em si mesmo, e sim de maneira que cada parte preencha tambem os requisitos da symetria. No realizar estas condições é, por vezes, necessario fazer certos movimentos com varias partes simultaneamente. Em taes casos parece-nos preferivel dividir a acção em seus elementos, deixando que a vista da creança repouse nas figuras de transição de modo que ella possa acompanhar conscientemente todas as transformações e phases do processo de desenvolvimento da fôrma em questão. Isto tornará bem patente ao espirito das creanças que a belleza real só pôde produzir-se pela compensação dos oppostos se as proporções das partes se regulam pela sua relação com um centro commum.

Outra restricção ao numero de arranjos resulta de que cada fôrma fundamental, que serve de ponto de partida, consta de duas partes principaes—a interna e a exterior—e de que, se começarmos as transformações jogando com uma dellas, deve-se proseguir com a mesma até alcançar-se um determinado fim. Por este processo cream-se séries de construcções intermedias que habilitam o alumno, e ainda mais, a professora a constatarem o methodo segundo o qual se origina a fôrma perfeita.

«O inicio de cada construcção determina o processo que lhe é proprio e, embora se possa dar muita liberdade no que respeita ás transformações, comtudo deve-se attender a certos limites».

Todas as fôrmas fundamentaes são distinctas, pois podem ter como centros: o quadrado (prancha n. 3 fig. 9), o triangulo (prancha n. 5 fig. 37), ou o hexagono, o octogono e o circulo.



Antes de iniciar a formação das diversas figuras, a creança deve familiarisar-se com as combinações em que as novas fórmulas dos cubos divididos podem ser postas, umas relativamente ás outras. Para isso, tomem as creanças dous meios cubos, formem com elles um todo e, guiados pela lei das opposições symetricas, reproduzam as fórmulas representadas na prancha n. 3 (figs. 1—8).

A série das figuras das pranchas ns. 4, 5 e 6, são todas deduzidas umas das outras como facilmente se verifica por uma observação attenta. Como levar-nos-ia muito longe a indicação do modo como todas ellas se originam, limitamo-nos a fazer tal demonstração apenas com relação ás figuras representadas na prancha n. 3 (de 9 a 14).

A fórmula fundamental (n. 9) é constituída por um quadrado, composto de 9 cubos e cercado por 4 triangulos equilateros.

As figuras que desta se derivam obtem-se jogando com a parte interna. Os quatro cubos *a* movem-se para fóra (fig. 10); Os quatro cubos *b* fazem identico movimento (fig. 11); Os cubos *a* passam para os vertices exteriores dos triangulos (fig. 12); Os cubos *b* occupam os primitivos logares de *a* (fig. 13); Se os oito cubos continuarem o seu movimento pela mesma maneira, obtemos uma fórmula em que *a* e *b* ficarão com as suas arestas no meio dos cathetos. Segue-se então uma figura semelhante á 13.<sup>a</sup> differindo apenas em que *a* e *b* ficam em posições respectivamente trocadas.

Na fig. 15.<sup>a</sup> chegamos a uma nova fórmula fundamental. Aqui, em vez dos cubos internos, são os dos triangulos externos que fornecem elementos para as transformações.



Não é rigorosamente preciso que a professora, seguindo a lei de desenvolvimento, volte á fôrma fundamental escolhida. Póde interromper o exercicio como acima fizemos e recommençar de accordo com novas condições. Porém, sempre que se offereça oportunidade, deve deixar exercer-se a propria imaginação da creança, não olvidando nunca o principio de Froebel, a fim de que as creanças sejam conduzidas á *acção segundo a lei (lawful action)* acostumando-as a seguir sempre uma regra determinada. Não se esqueça tambem a professora de que a creança só tira proveito das occupações se não excedermos a medida de sua força e habilidade. As leis de formação devem ser, por isso, o mais precisas e simples possivel. Desde que a creança não possa conseguir o que se deseja, volte-se pelo mesmo caminho que se procurou seguir no desenvolvimento da fôrma que se buscava. Se ella não poder descobrir como chegou a um determinado resultado ou como ha de proseguir, eis chegado o momento em que a occupação, em vez de ser proveitosa, começa a ser prejudicial. Cuidadosamente deve-se evitar que chegue esse momento.

Com o intuito de facilitar que a creança regule a sua actividade é bom dar aos cubos, (que são, por assim dizer, representativos da lei do desenvolvimento) nomes de algumas das creanças em vez da designação litteral *a b c* que aqui se encontra. Isto excita o interesse das creanças e as creanças acompanham o movimento das peças com mais attenção.

### Fôrmas ideaes

A representação das fôrmas ideaes a que se presta o 5.º dom são de immensa vantagem para o desenvolvimento das creanças. Aos observadores



superficiaes parecerá que Frœbel attribuiu excessiva importancia ao elemento mathematico, em detrimento de outros, e que taes noções exigem acuidade de entendimento superior á capacidade das creanças do Jardim da Infancia. Quem porém imaginou em applicar a mathematica como sciencia? Muitas creanças de cinco a seis annos de idade tem já ouvido dizer que a lua gira em torno da terra, que a locomotiva é propelida pelo vapor e que o relampago é um effeito da electricidade. Estes phenomenos astronomicos, dynamicos e physicos lhes são apresentados como os factos mathematicos são offerecidos á sua observação nos dons frœbelianos. Seria certamente insensatez introduzir no Jardim da Infancia problemas de mathematica por um modo abstracto. No Jardim da Infancia a creança observa a concretisação de uma verdade qualquer, reconhece-a justa e acceita-a sem difficuldade, sem forçar, por maneira alguma, o desenvolvimento de seu espirito. O que seria difficil á creança apprehender por méras palavras e que, mesmo, em certas circumstancias seria prejudicial, é aqui ensinado naturalmente e de um modo facil pelas fórmas ideaes, que assim se tornam o melhor meio de exercer a faculdade de observação e o raciocinio da creança. Cuidado, pois, com todos os problemas e abstracções... A creança, fórma, constroe, vê, observa, compara e depois exprime a verdade que apprehendeu. Pela repetição, estas verdades adquiridas, mediante observação dos factos, torna-se uma propriedade mental da creança, e isto não se faz precipitada, porém, lentamente nos dous ultimos annos do Jardim da Infancia e em seguida na escola primaria.

As primeiras sete fórmas da prancha n. 6 mostram a divisão regular do cubo em tres, nove, e vinte e sete partes. Num e noutro caso, empregou-se um cubo



embora as fórmulas produzidas pela divisão sejam diferentes. Isto mostra que o conteúdo póde ser igual mesmo que a fórmula seja diferente (figs. 2, 3, 4, 5, e 6).

Esta differença torna-se ainda mais evidente se as tres partes da fig. 2 constituirem paralelepipedos em pé ou paralelepipedos deitados, (fig. 3) ou ainda se apenas fórmarem longos paralelepipedos como na fig. 4.

Tome a creança um cubo, colloque-o á sua frente e tambem um cubo dividido em duas metades. Colloque as duas metades uma sobre a outra, ajustando-as pelas faces triangulares.

Estas duas partes assim reunidas são da mesma capacidade que o cubo ou são *tão grandes* como elle.

As duas metades, porém, podem ser ajustadas de outras maneiras. Podem reunir-se pelas faces rectangulares.

Representem-se simultaneamente estas diferentes fórmulas de reunir as duas partes. Não obstante as differenças de fórmula, continuam a ter a mesma quantidade de substancia, são da mesma grandeza.

Com os cubos divididos em quartos, podem-se illustrar estes mesmos factos mais variadamente.

Seguem-se agora, com o dom inteiro, outros exercicios em que as creanças são levadas a descobrir todas as divisões possiveis em 2, 3, 4, 5, 9 e 12 partes eguaes, (figs. 8 até 18).

Depois de cada divisão, as partes devem ser ajustadas umas sobre outras, pois que a divisão e a separação devem ser sempre seguidas de nova combinação e reunião. A creança percebe assim que a



transformação do cubo todo representa sempre a mesma quantidade de substancia (figs. 19—22).

Deve-se tambem deixar que as creanças juntem umas com as outras as terças, quartas e sextas partes em que os cubos podem dividir-se, como o indicam as figs. 9 16.

E' claro que todos estes exercicios devem ser acompanhados pela lição viva da professora, porque só assim as idéas recebidas pela percepção se tornarão conscientes, e se aproveitarão as oportunidades de aperfeiçoal-as e de amplial-as. A professora deve, entretanto, ter cuidado em não fallar demais pois deve apenas manter a atenção das creanças sobre os objectos que lhes são apresentados, tornando mais vividas as suas impressões.

A's divisões até aqui apresentadas segue-se a representação de figuras mathematicas regulares (planas) como se vê nas figs. 23—26. As proprias figuras deixam facilmente verificar-se de que modo umas se originam das outrás.

Parte das occupações descriptas nas paginas anteriores destinam-se sómente ao ensino primario, onde ellas se combinam com outros exercicios mais complicados, mas igualmente interessantes. Para indicar com simplicidade como este dom póde ser empregado para noções de geometria—posteriormente—accrescentamos as figs. 30 *a* e 30 *b*, pelas quaes se vê a prova do conhecido theorema de Pythagoras, o que certamente facilitará a demonstração abstracta que, mais tarde, se der do mesmo theorema.

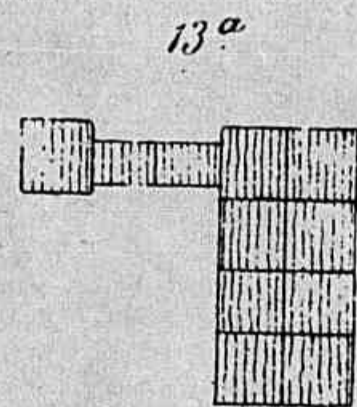
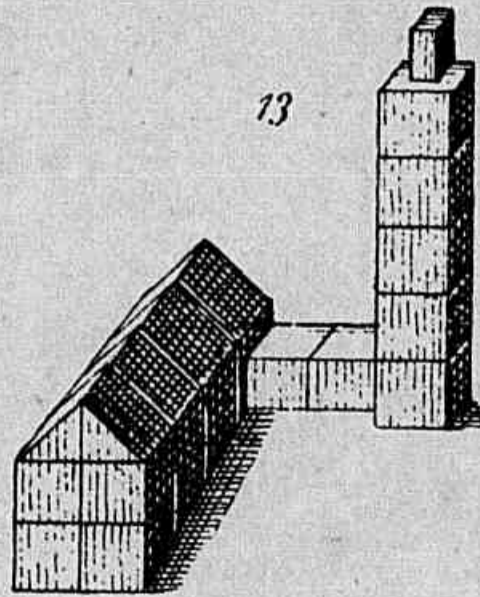
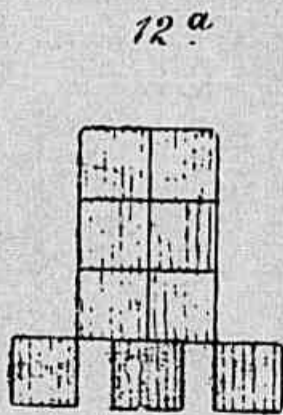
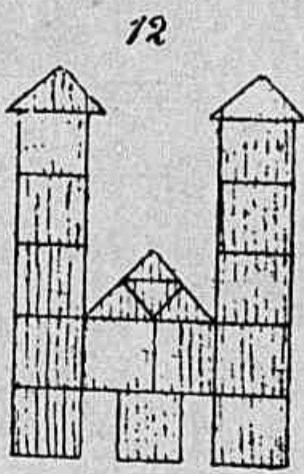
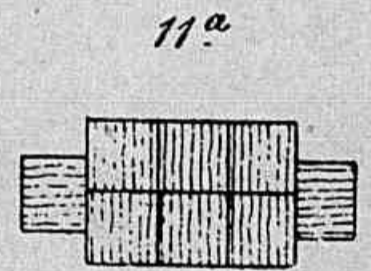
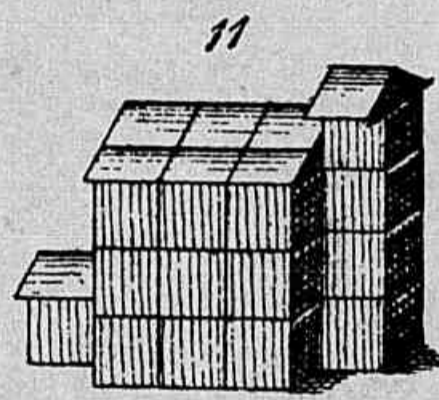
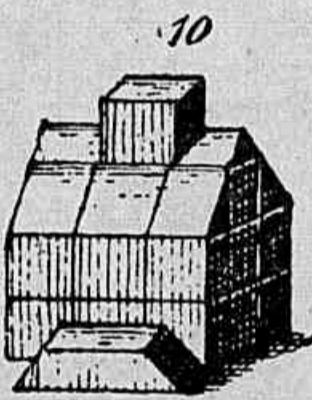
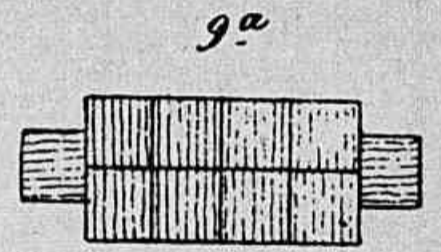
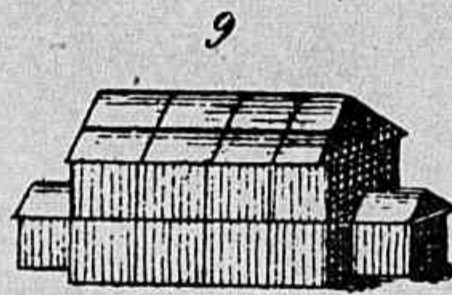
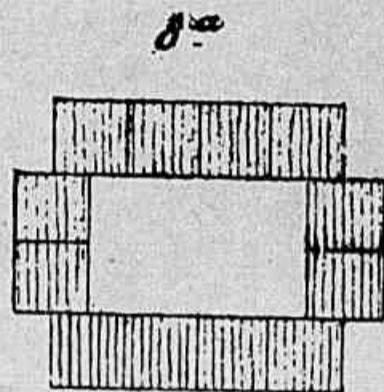
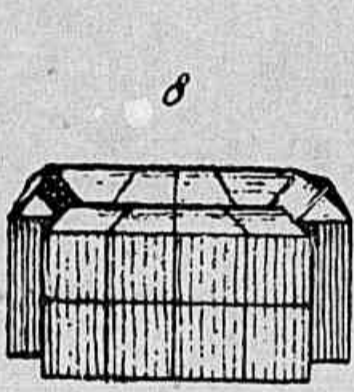
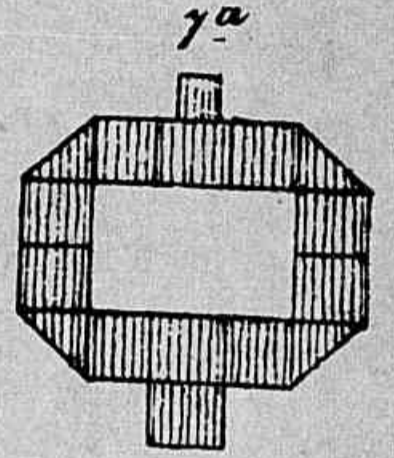
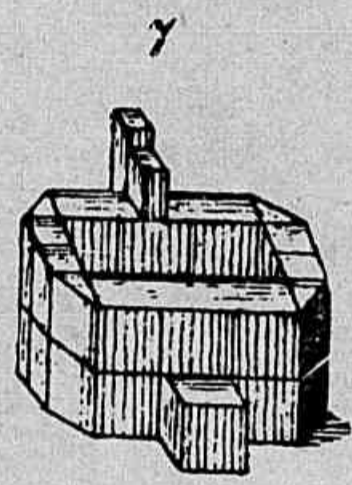
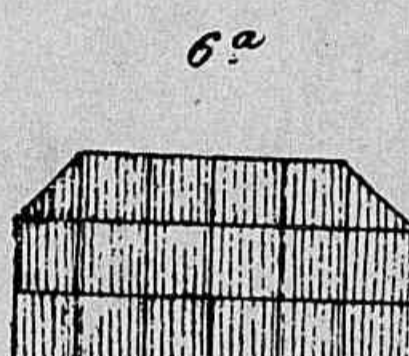
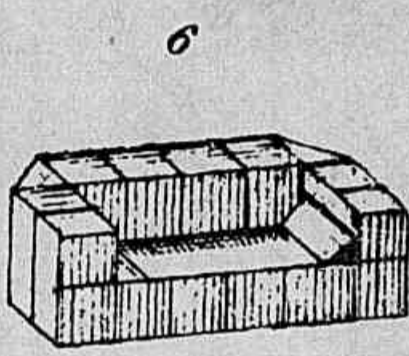
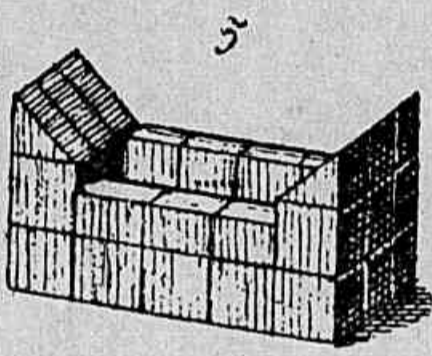
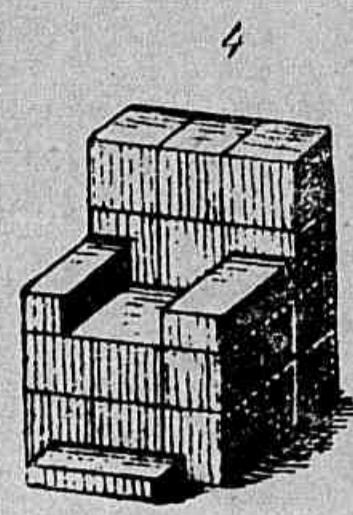
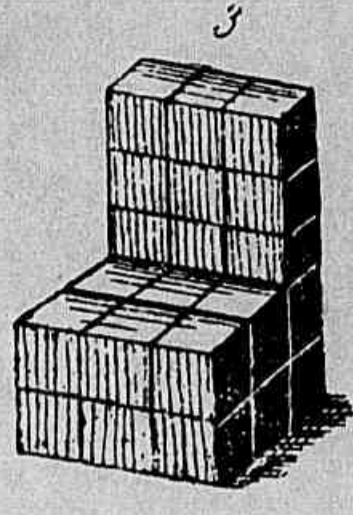
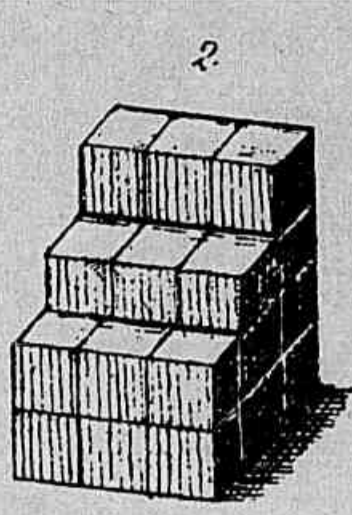
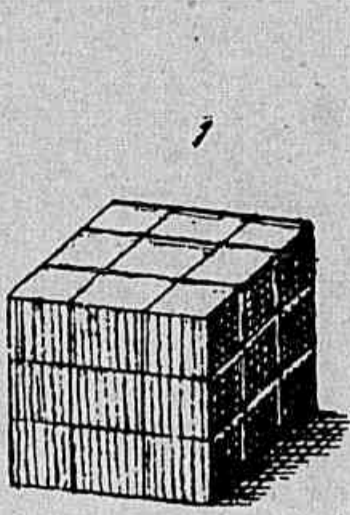
Para continuação dos exercicios de arithmetica, iniciados com os dons anteriores, prestam-se mais os do presente dom.



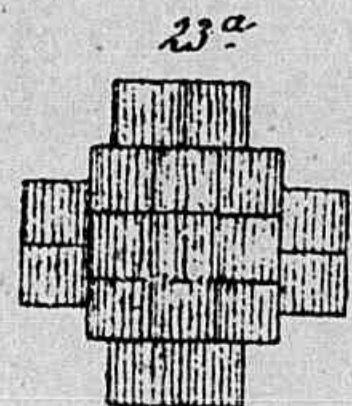
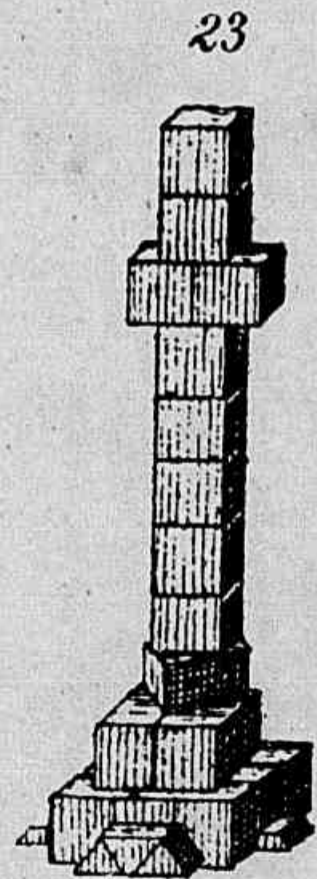
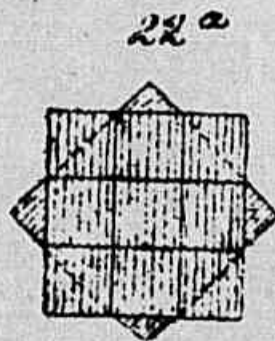
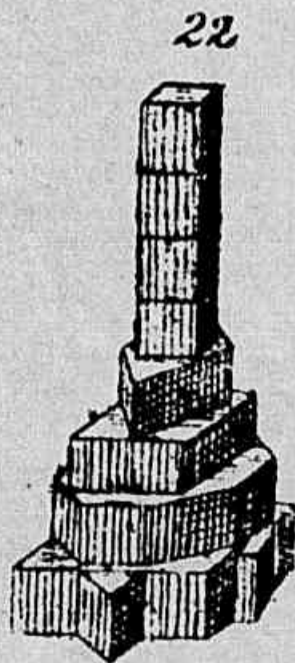
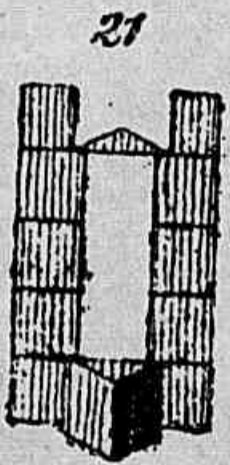
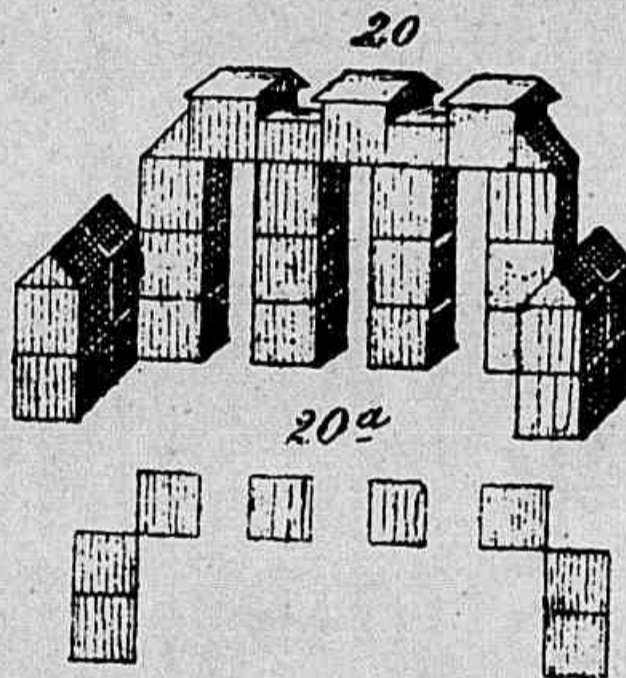
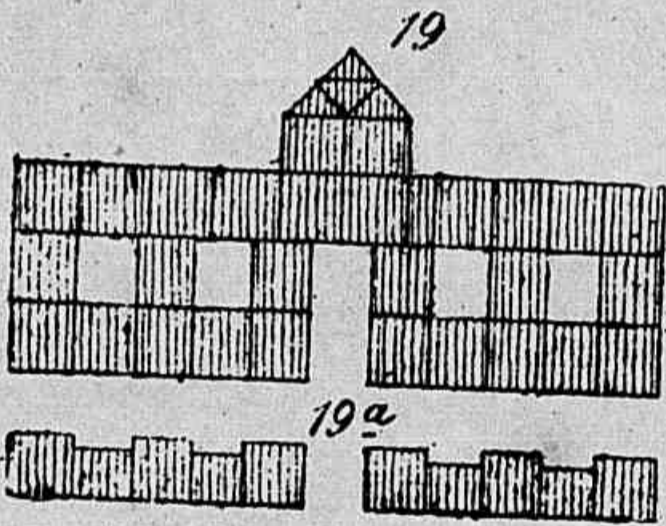
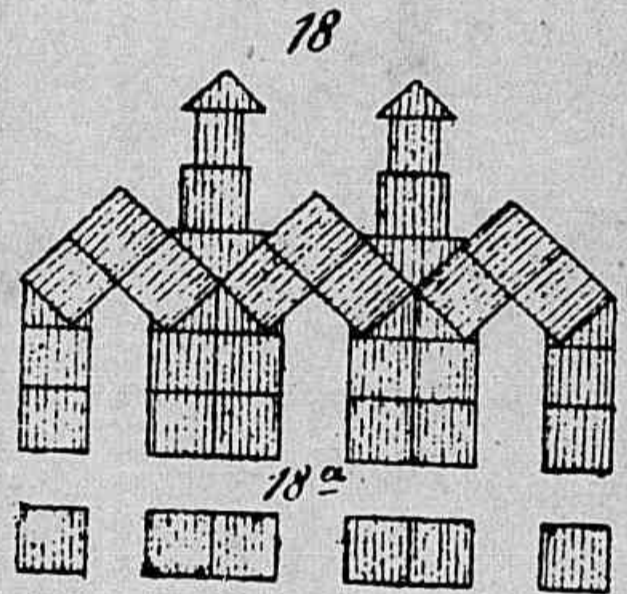
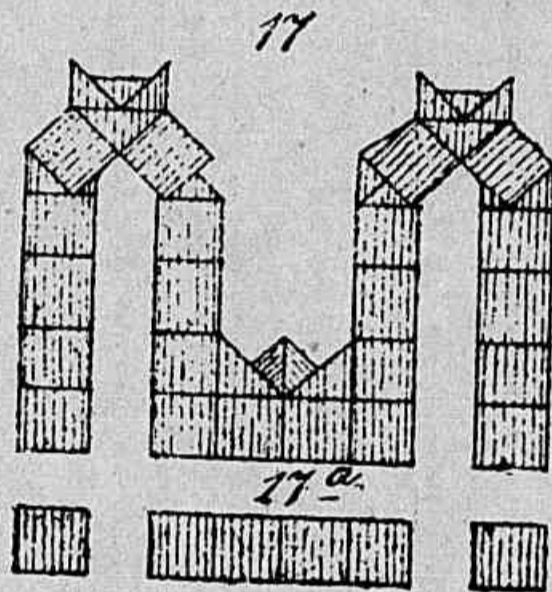
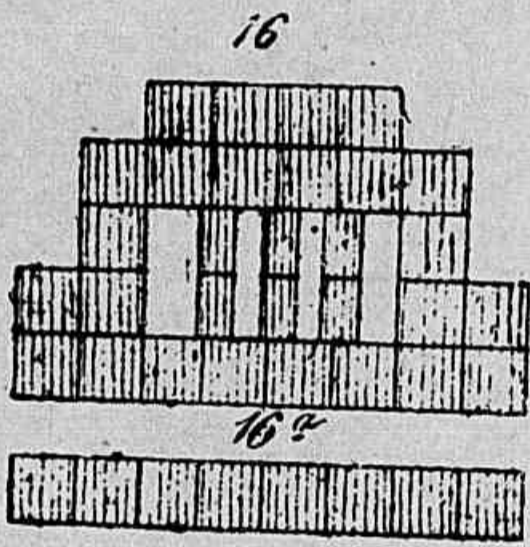
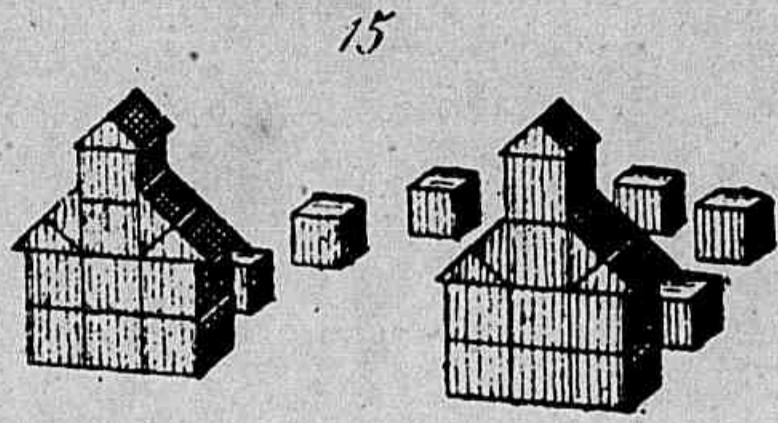
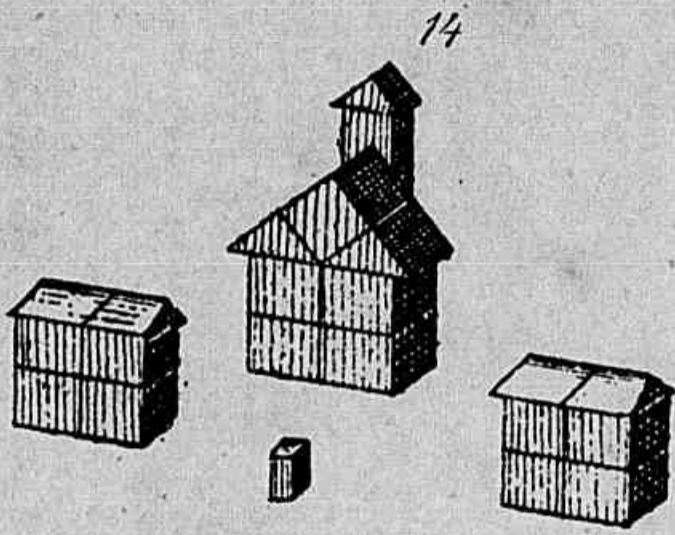
Por meio delle os exercicios de addição e subtração concreta podem ser mais ampliados, e pelo mesmo processo, as creanças aprenderão a taboa de multiplicar com mais brevidade e mais racionalmente do que se tal ensino se baseasse na memoria sem referencia a objectos visiveis.



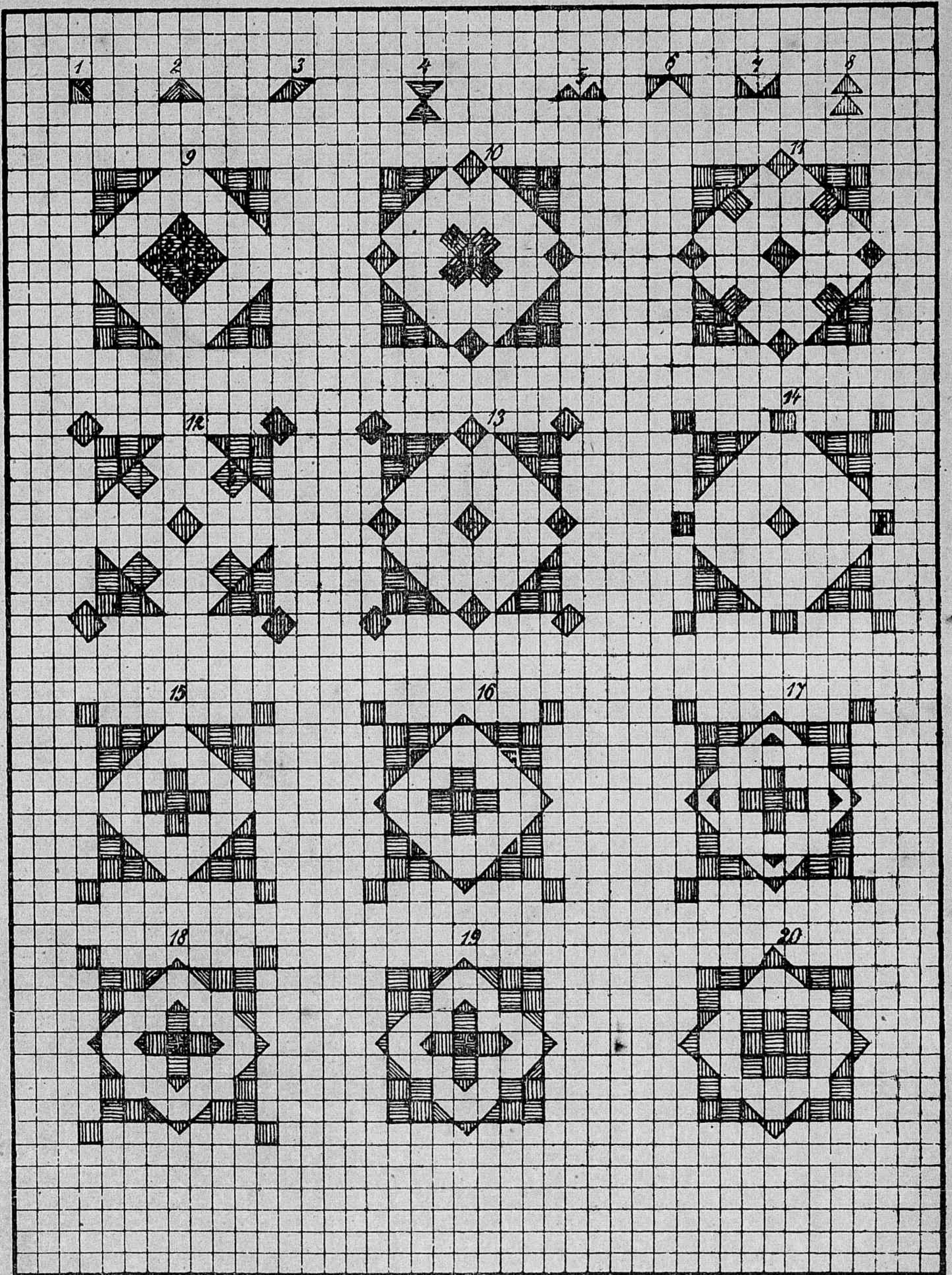




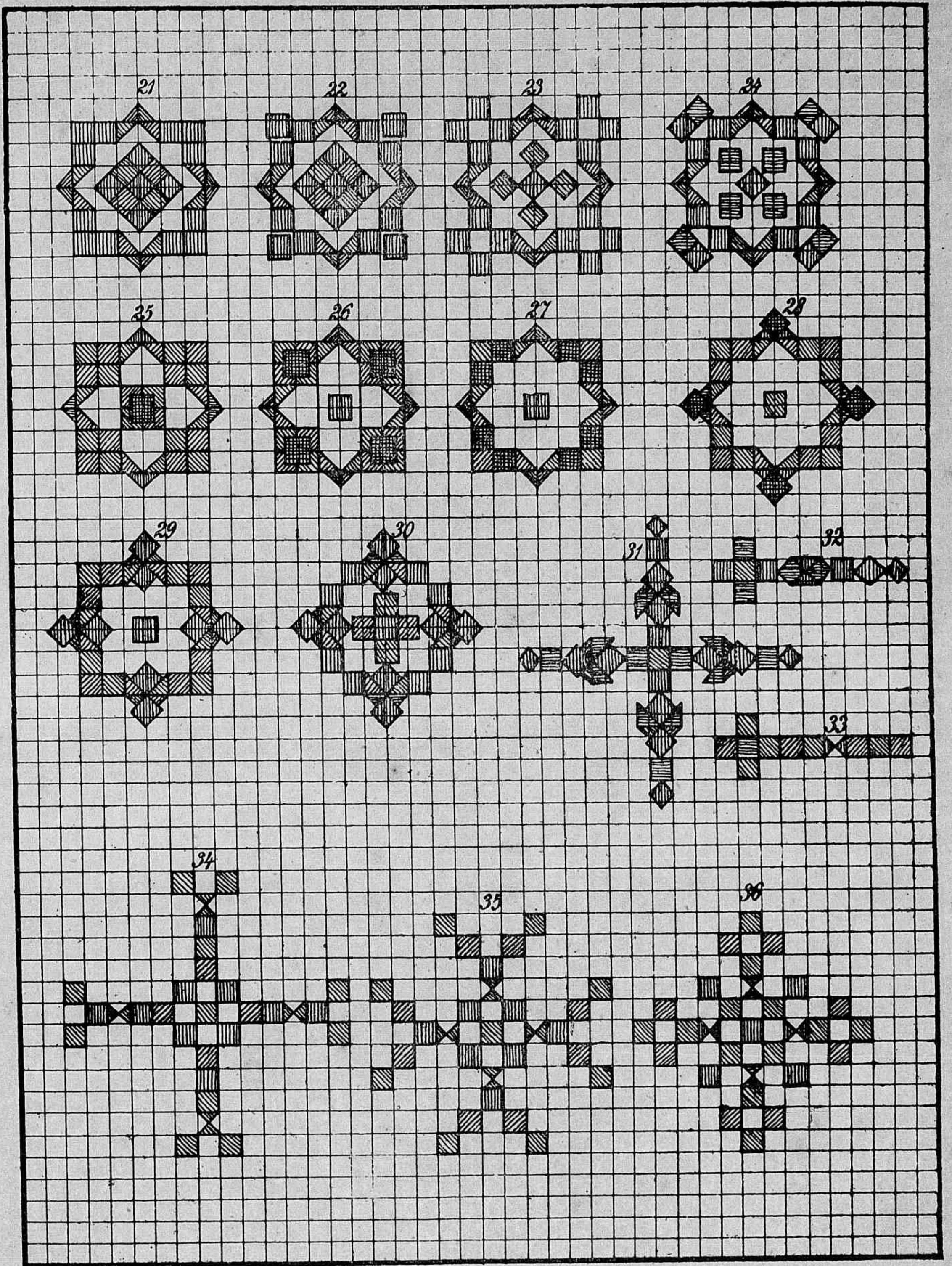




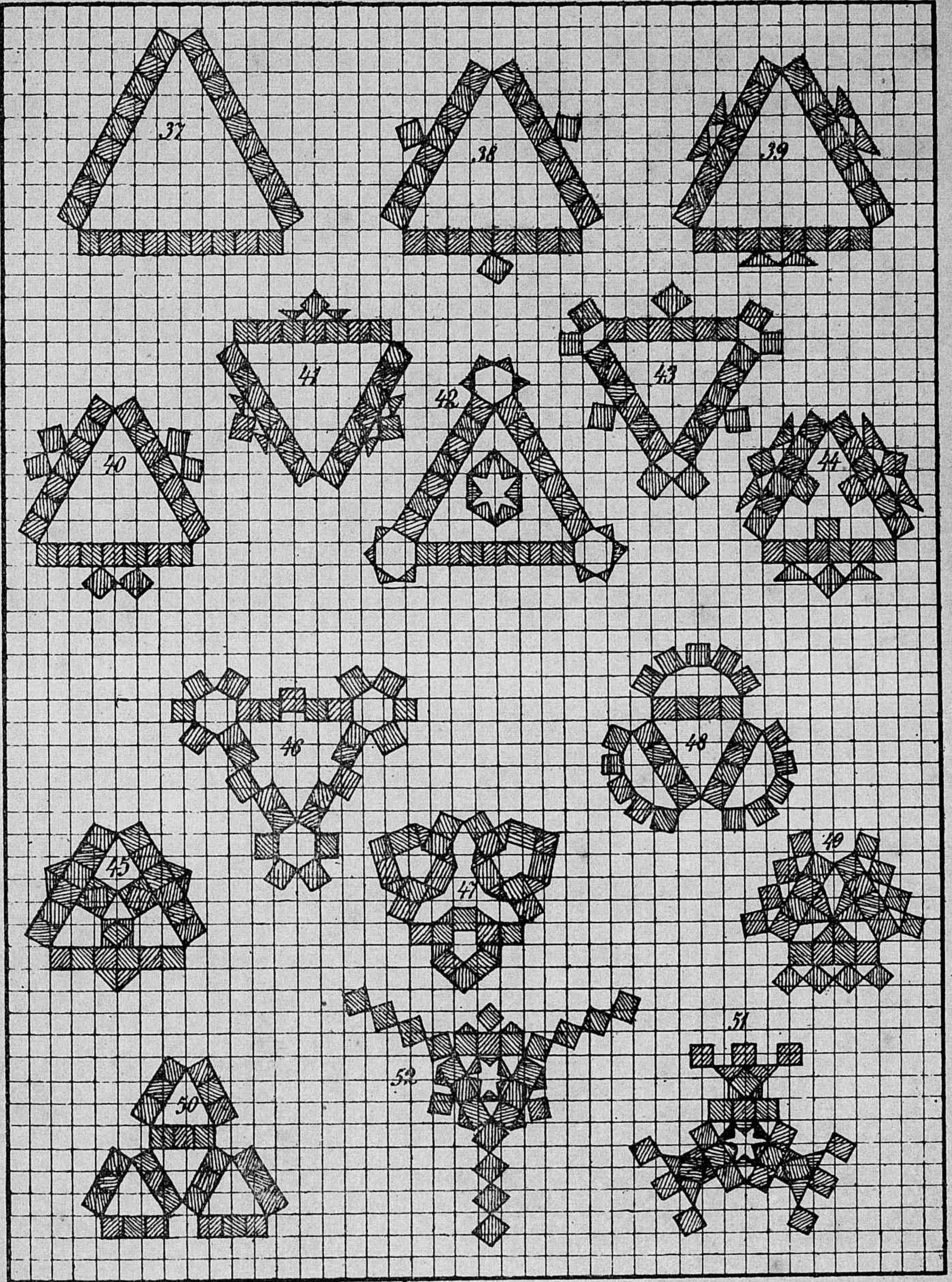




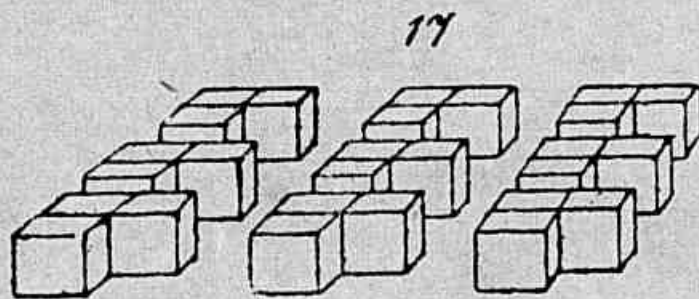
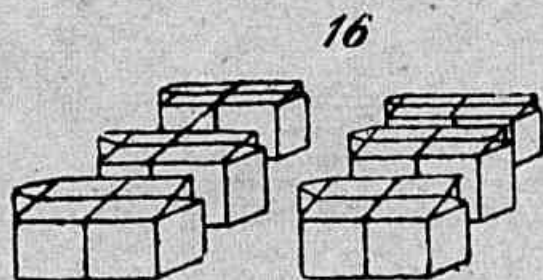
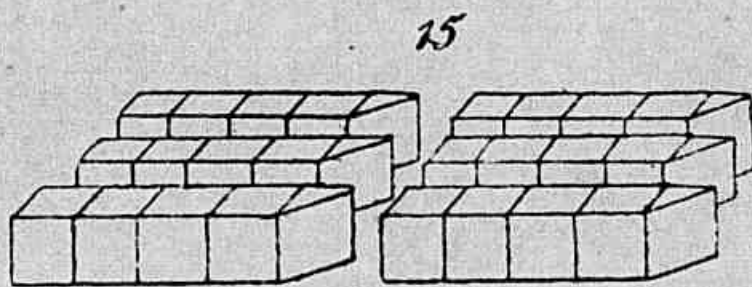
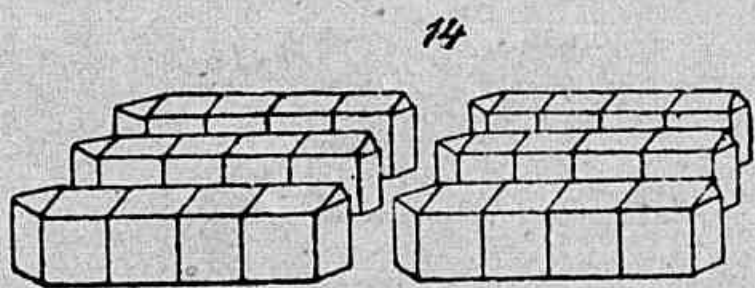
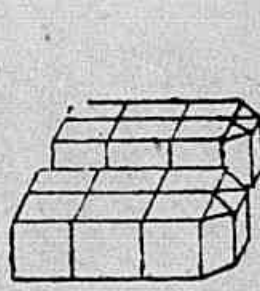
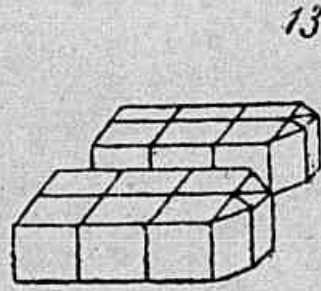
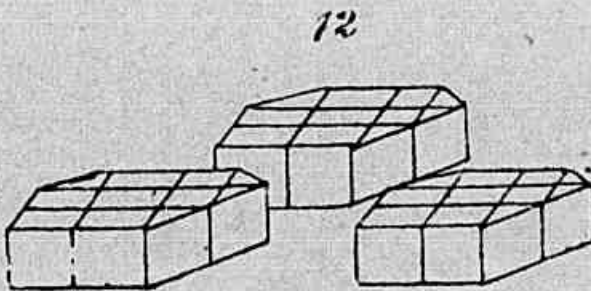
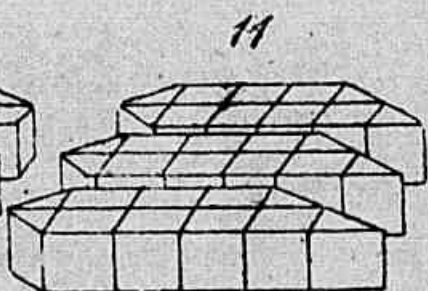
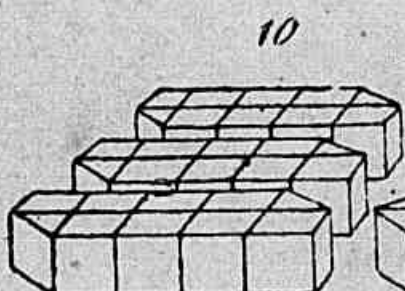
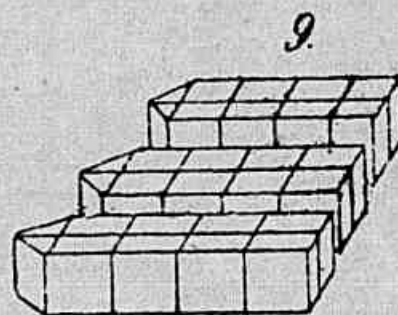
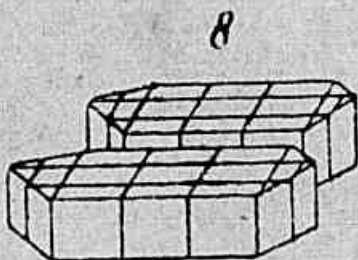
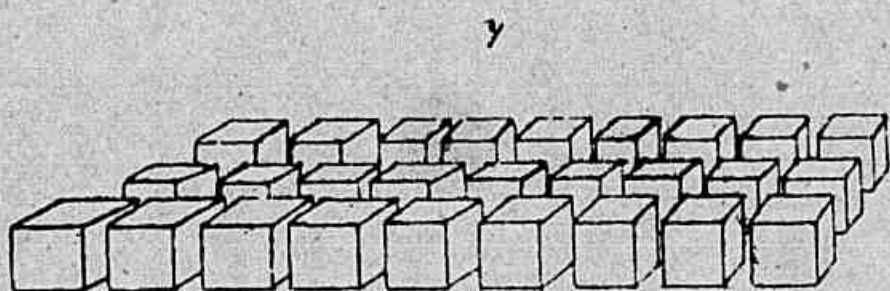
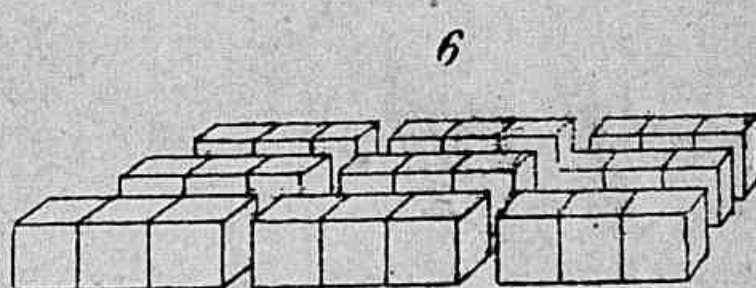
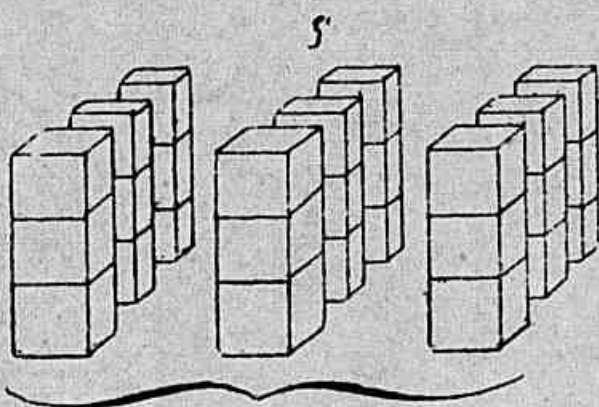
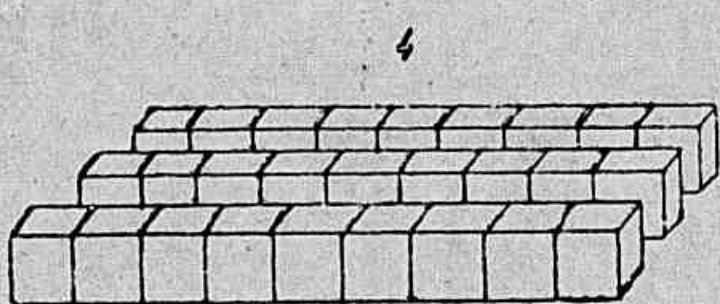
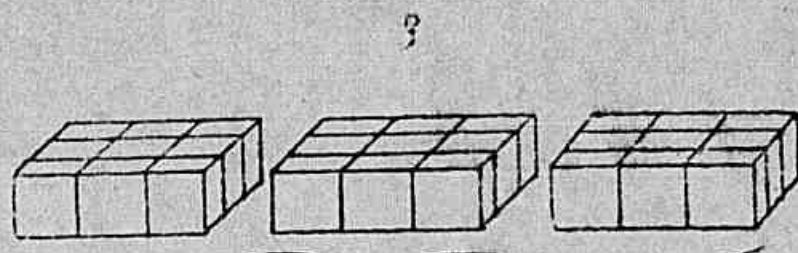
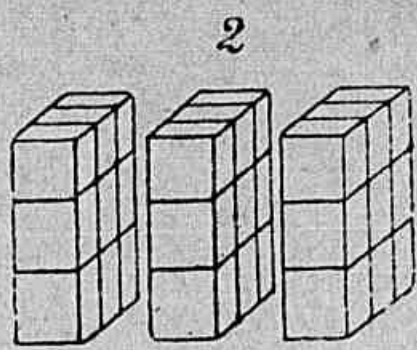
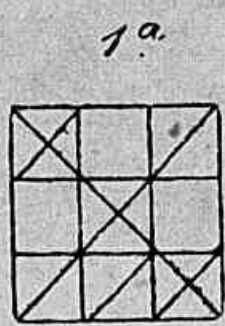
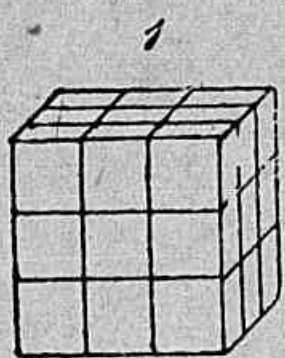




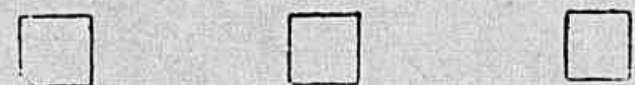
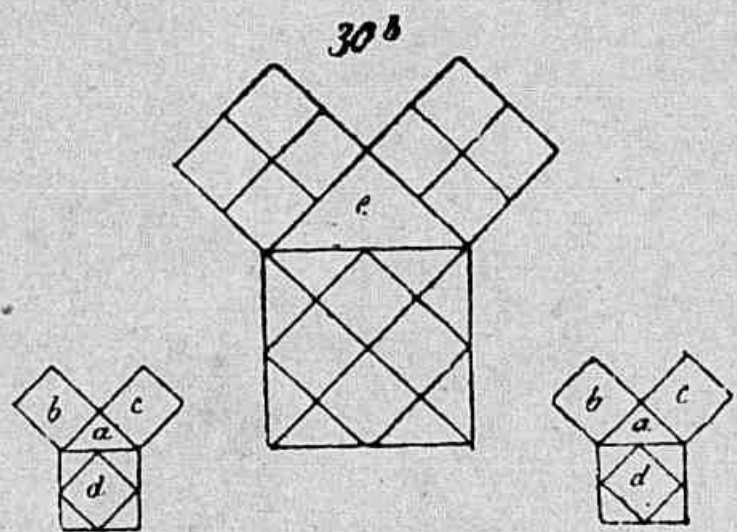
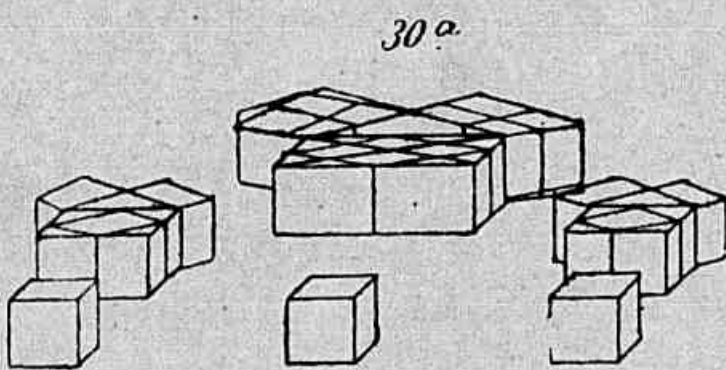
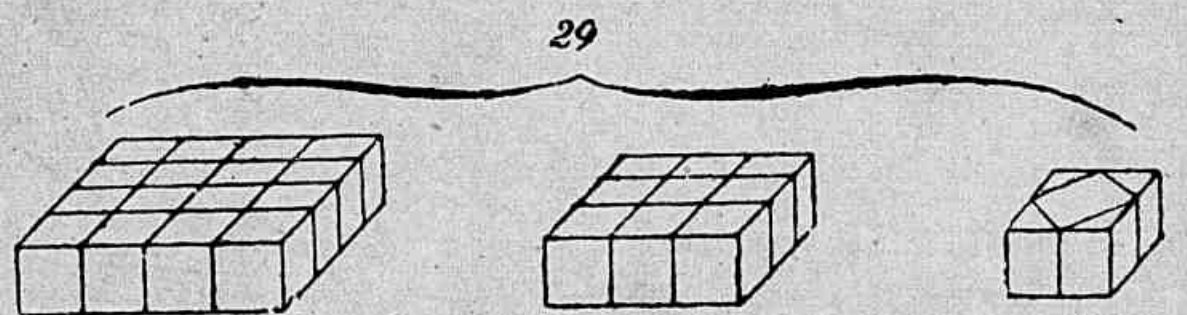
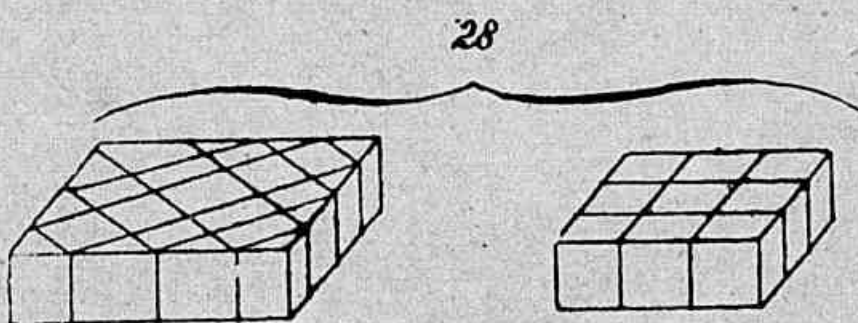
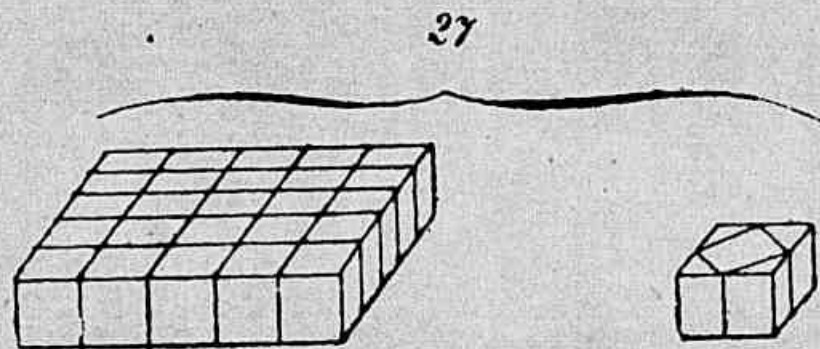
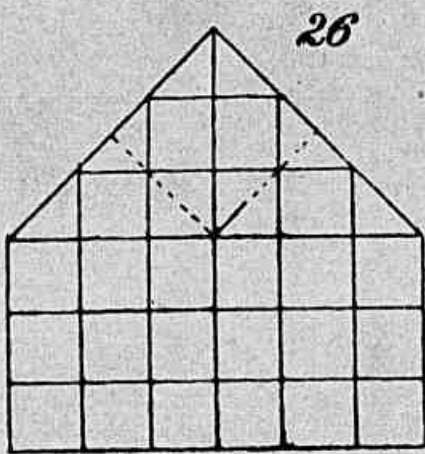
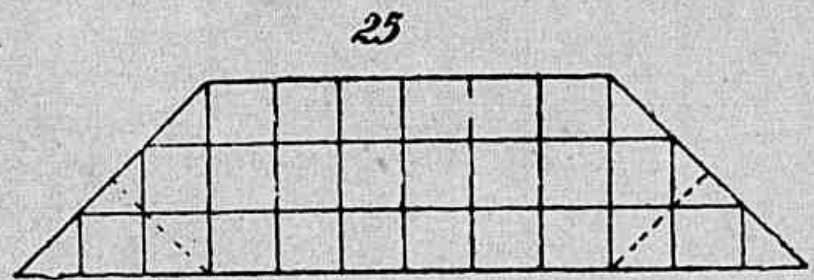
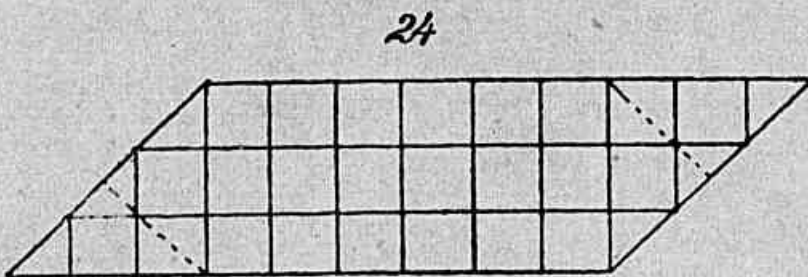
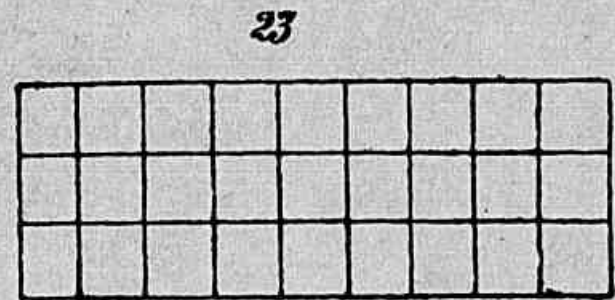
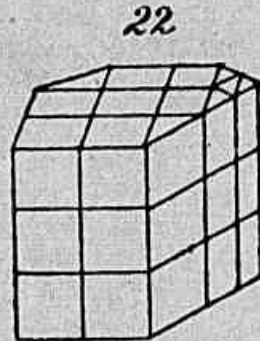
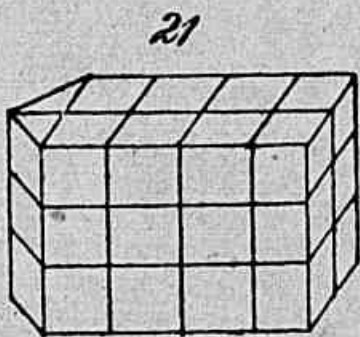
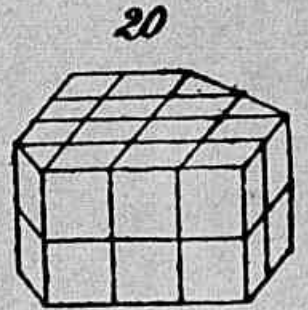
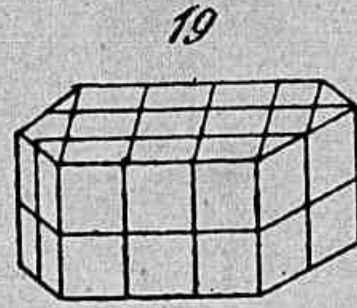
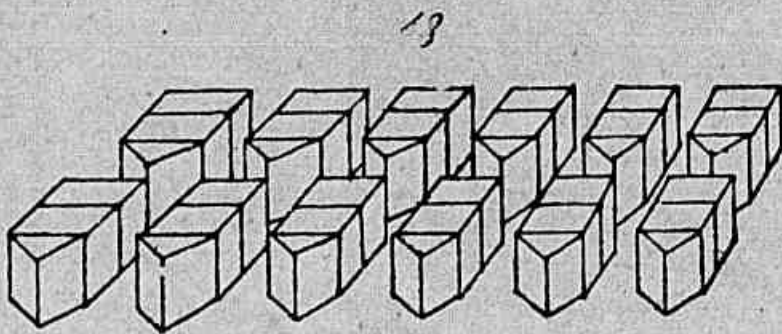














## SEXTO DOM

Assim como o quinto dom é o desenvolvimento do terceiro, do mesmo modo o sexto intimamente se relaciona com o quarto. E', por assim dizer, uma potencia mais elevada deste e dá logar á observação, com maior clareza, das qualidades e relações anteriormente tractadas.

O dom consta de vinte e sete blocos oblongos, da fórma de tijolos, da mesma dimensão que os do quarto dom. Destes vinte e sete blocos dezoito são inteiros, seis são divididos no sentido da largura e tres no sentido do cumprimento de modo a formar cada um duas columnas. Ao todo 36 peças.

Bem depressa a creança se familiarisa com este dom pois que a variedade de fórmas é menor que a do precedente, no qual, como vimos, por uma divisão transversal do cubo dava-se logar ao apparecimento de um elemento inteiramente novo.

As partes componentes deste dom, as suas proporções relativas e as suas fórmas devem ser bem apprehendidas pelas creanças antes de se iniciarem as construcções e os jogos inventivos.

Para isso, colloca-se o cubo na meza, separam-se todas as partes, e reunindo-as em grupo:



— Quantos pedaços (blocos ou taboinhas) têm vocês?

— Quantos compridos (oblongos)?

— Quantos quadrados?

— Quantas columnas?

Comparem-se os lados dos blocos entre si— tome-se para isso um que seja oblongo:

— Quantos pedaços quadrados são precisos para cobri-lo?

— Quantas columnzinhas?

Colloquem-se os blocos oblongos sobre a meza no sentido de suas arestas maiores; em seguida no sentido das menores e verifique-se, em cada caso, quantas vezes se contém nos paralelepipedos assim collocados as dimensões correspondentes á base das columnzinhas. Estes e identicos exercicios habilitam logo a creança a proseguir nas occupações com este dom.

### Fórmias reaes

A esta especie de fórmias o sexto dom se applica mais cabalmente do que os anteriores, pois a fórmia das differentes peças permite abranger maiores espaços, originando combinações mais variadas e completas, de modo que a attenção das creanças mais vivamente se mantem e augmenta de intensidade.

Essa mesma variedade de fórmias, porém, faz com que a professora cuidadosa procure prevenir as combinações puramente accidentaes. Convem não esquecer que é sempre necessario seguir certas regras



e principios para attingirmos um fim. O principio já estabelecido de que cada fórma deve originar-se de uma anterior é aqui mais difficil de explicar devido ás condições peculiares do material. Por esse motivo é muitas vezes necessario recommençar desde a base as novas construcções quando a sua estructura é muito complexa.

E' sempre indispensavel acompanhar as creanças em suas construcções, respondendo-se as suas perguntas e fazendo-se suggestões que ampliem o circulo de suas idéas.

E' sempre muito grato a uma creança vêr que a gente a comprehende e acompanha com interesse o seu trabalho. E', pois, um erro em educação deixar de entrar na esphera dos pensamentos e da actividade do espirito infantil. E se, como estímulo, chegássemos a desfazer nas suas producções em vez de as auxiliar, o erro seria certamente ainda mais funesto.

As fórmas de objectos reaes das gravuras ns. 1 e 2 que, na maioria, são tambem artisticas, em razão de sua fórma architectural, devem constituir um incentivo ao desenvolvimento das faculdades.

São estes os objectos figurados nessas gravuras:

1. Casa sem tecto, muro do fundo sem portas.
2. Columnatas. — Primeira camada 5 blocos oblongos; parede do fundo 10 blocos em pé, sobre os quaes dez quadrados.
3. Sala com columnas.
4. Casa.—Vestibulo formado por seis columnas.
5. Pedestal de monumento.
6. Monumento á memoria de um heroe.—Primeira camada, 8 blocos oblongos; segunda 9 quadra-



dos, parcialmente formados de blocos oblongos; terceira, 4 quadrados; em seguida 4 columnas, 4 quadrados.

7 Fachada de uma grande casa.

8 Monumentos a tres heroes.

9 Entrada de templo.—Primeira camada, 6 quadrados e seis blocos oblongos; segunda, 6 blocos oblongos; terceira, 6 quadrados.

10 Casa de dous andares.

11 Fachada.

12 Coreto.

13 Vista de frente de uma fabrica.

14 Columnatas.

15 O mesmo.

16 e 17 Monumentos.

Nas gravuras que damos, todas as construcções são acompanhadas de plantas que facilitam a sua execução.

A imaginação infantil é inexaurivelmente rica na criação de novas fórmulas; taes como jardins, pateos, cavallariças, objectos de uso domestico, leitos, mesas, cadeiras, etc. Se diversas creanças combinarem as suas construcções formam-se facilmente estruturas mais completas, como terreiros com as suas construcções annexas, cidades com as suas egrejes, torres, casas, muros e ruas. Tornar-se-á por tal modo bem patente á crença o valor da cooperação.



## Fórmulas de symetria

As fórmulas de symetria ou artisticas feitas com este dom apresentam menor variedade que as do quinto, offerecendo, entretanto, ensejo para representações características que não se devem desprezar.

Damos nas gravuras que seguem uma série de desenvolvimentos de taes fórmulas. As transformações successivas são faceis de reconhecer, pois que as partes que têm de mover-se vão designadas por uma letra.

## Fórmulas ideaes

Tambem estas são em menor numero relativamente á multiplicidade originada pelo quinto dom. Pela ausencia de angulos obliquos, as fórmulas limitam-se aqui a figuras originadas do quadrado e do rectangulo. Podem repetir-se, pois, com vantagem os exercicios anteriormente feitos.

Os dons de Frœbel são notaveis pela sua qualidade peculiar de tornarem-se extremamente instructivos pelas frequentes repetições que se podem fazer, sob differentes e variadas condições de fórmula. Por esse meio, pode-se ter certeza de evitar a monotonia fatigante e o tédio que resultam da repetição das mesmas cousas pelo mesmo modo. E ainda mais, a creança habitua-se a distinguir as semelhanças e differenças, a unidade na multiplicidade e a relação no que, apparentemente, é desconnexo.

Nas figs. 16—22 acham-se todos os quadrados que se podem formar com o sexto dom. Na fig. 23



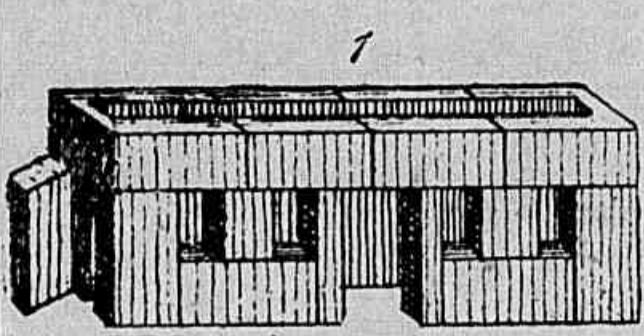
dá uma transição entre as fórmulas ideaes e as de symetria.

Com o sexto dom chegamos ao fim das duas séries de desenvolvimentos dados por Frœbel para as construcções com cubos, parallelepipedos e prismas, cujo intuito é familiarisar as creanças com as qualidades dos solidos, observando-os e utilizando-os.

*(Continúa).*

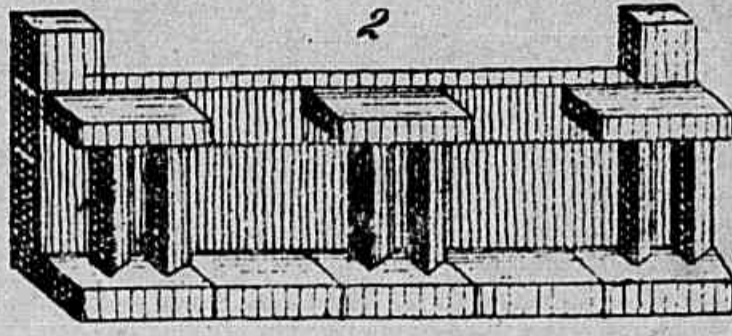
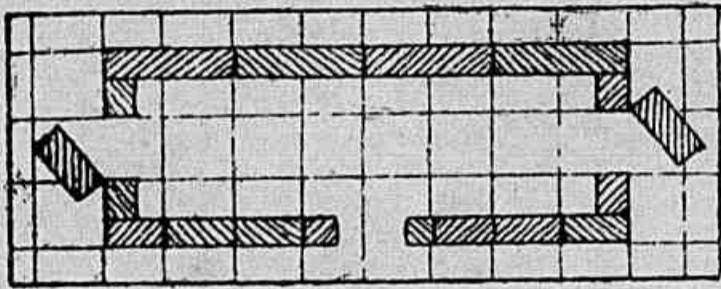
G. Prestes.





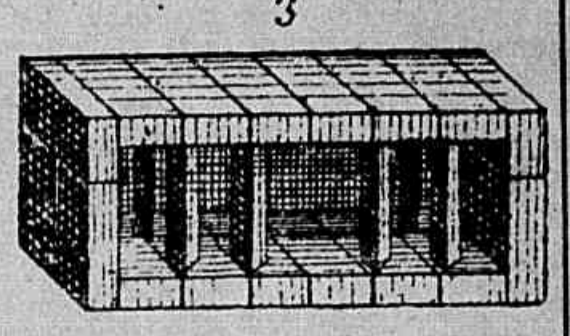
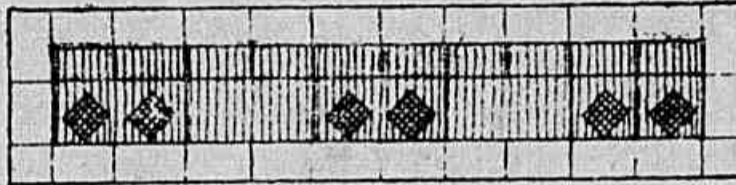
1

1ª



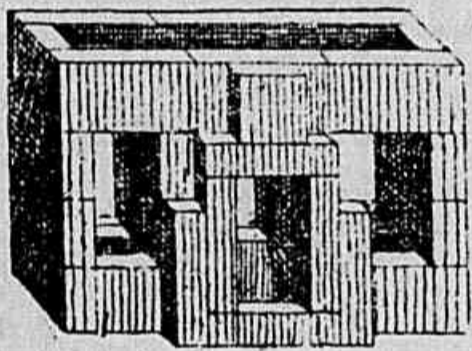
2

2ª



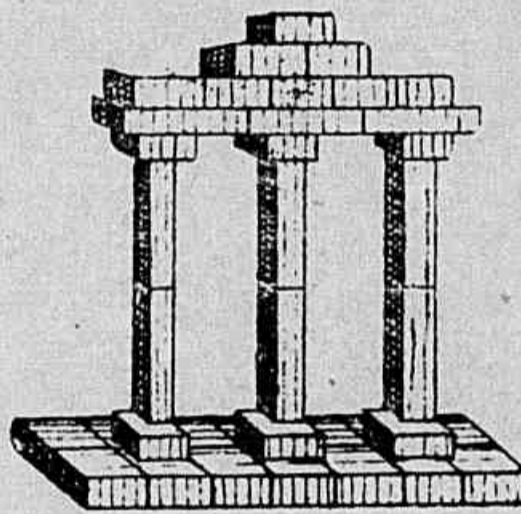
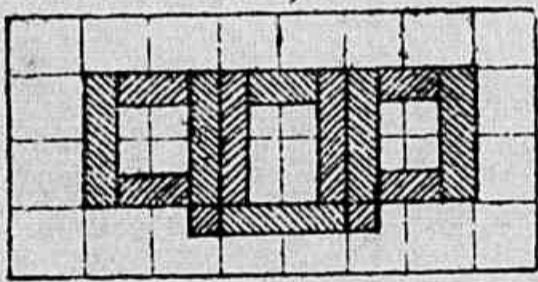
3

3ª



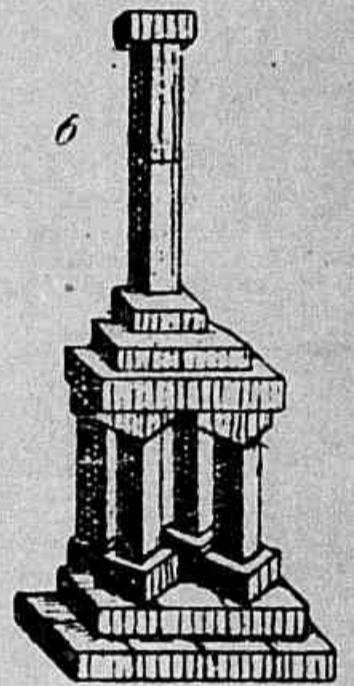
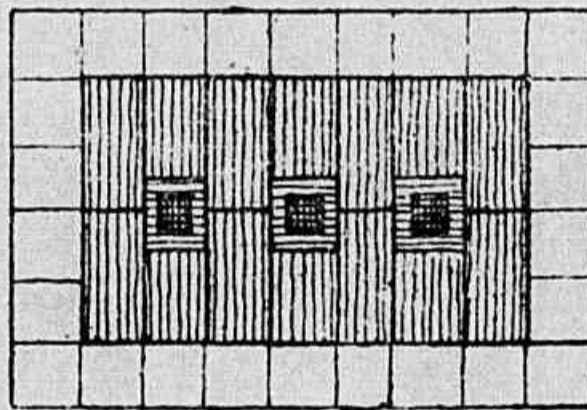
4

4ª



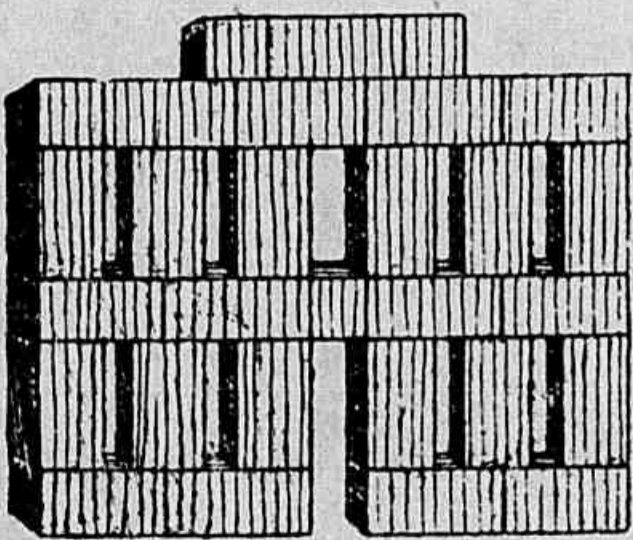
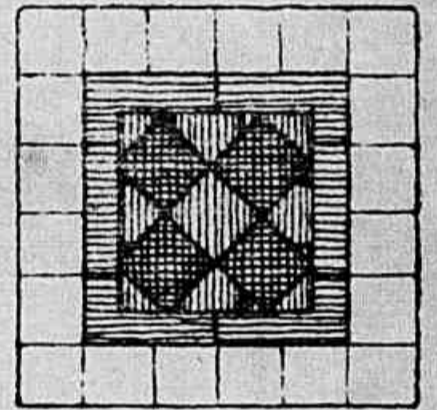
5

5ª



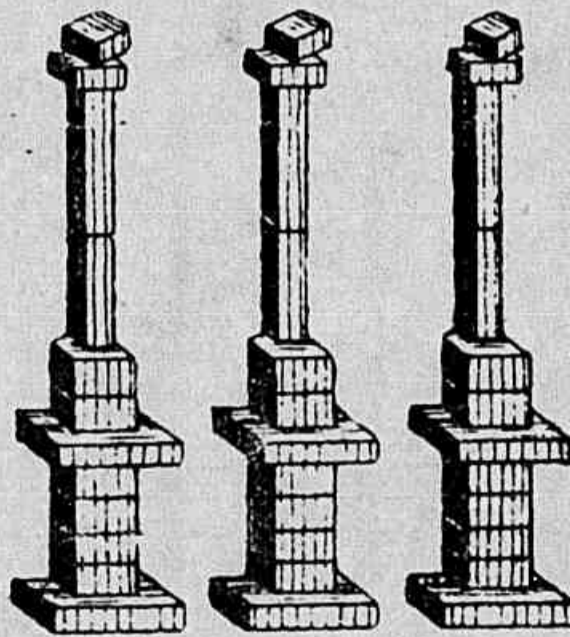
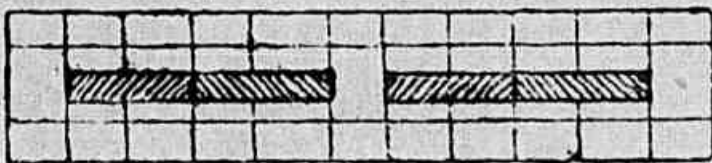
6

6ª



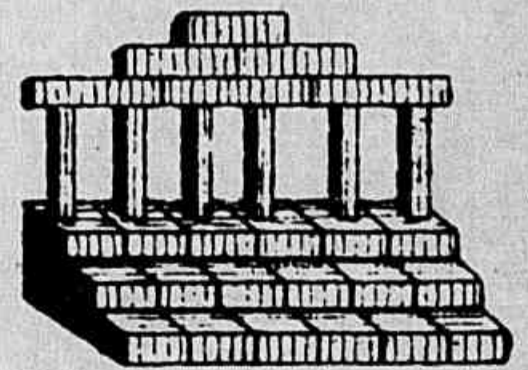
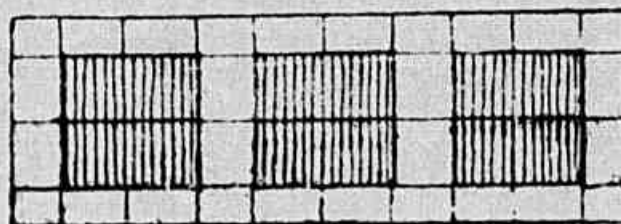
7

7ª



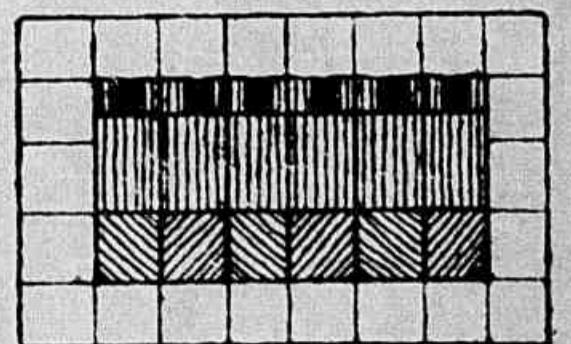
8

8ª

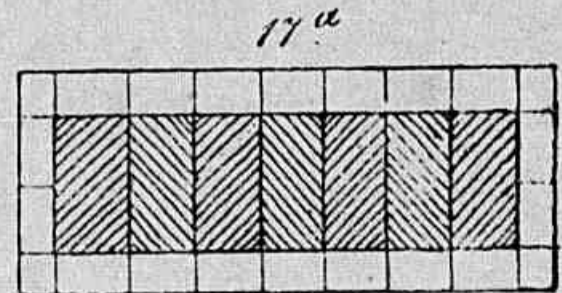
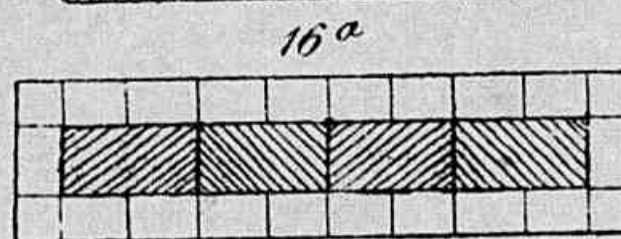
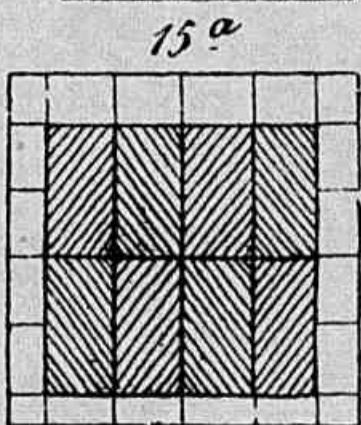
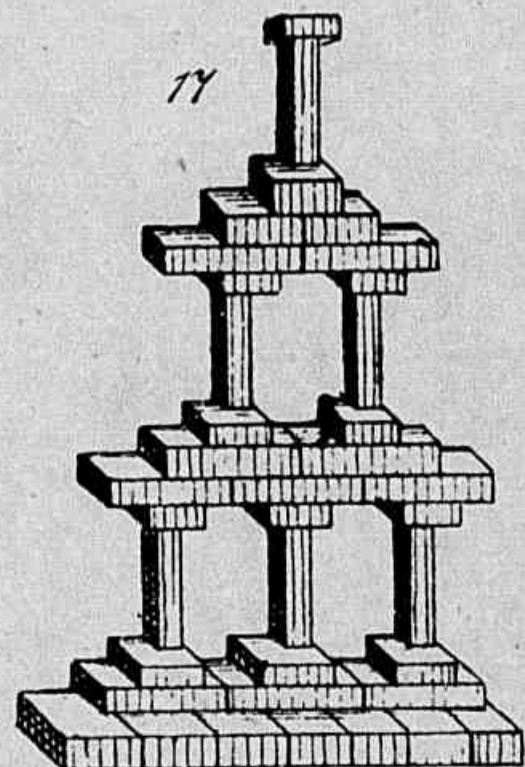
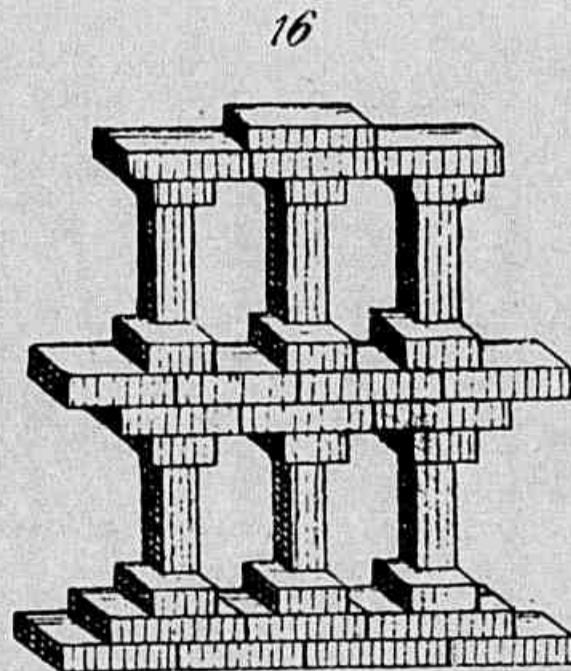
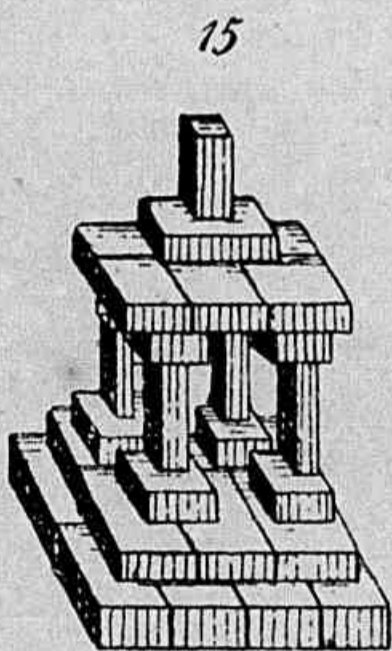
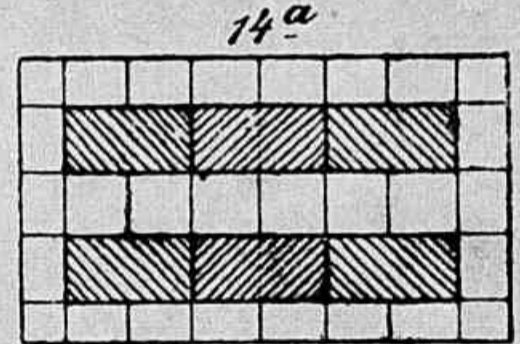
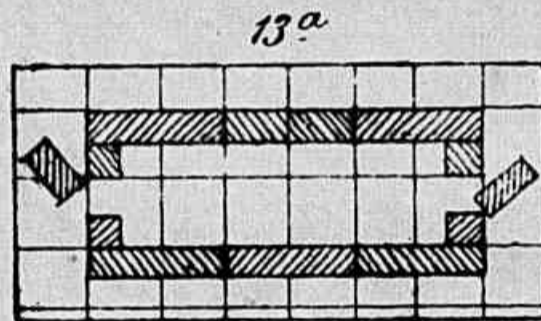
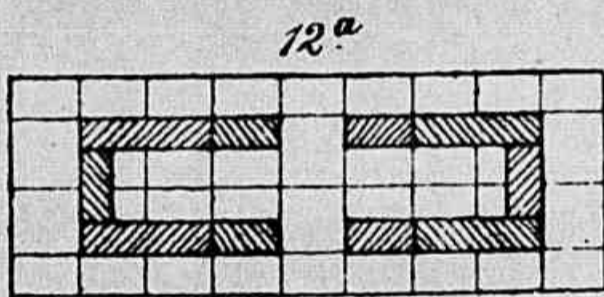
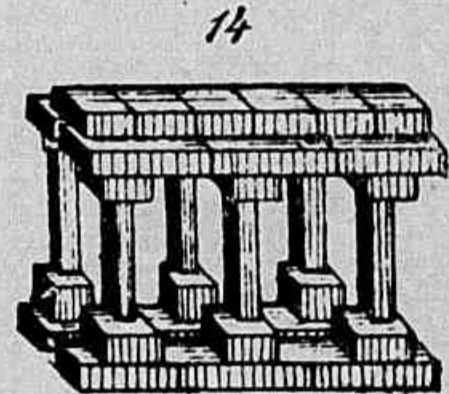
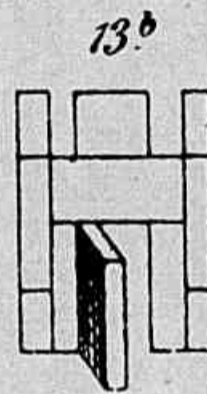
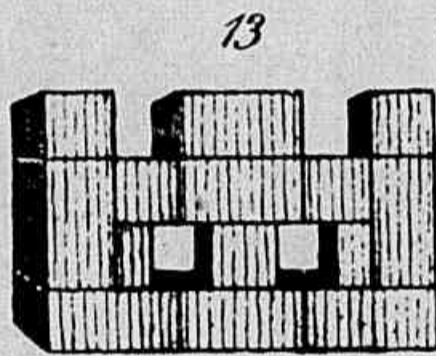
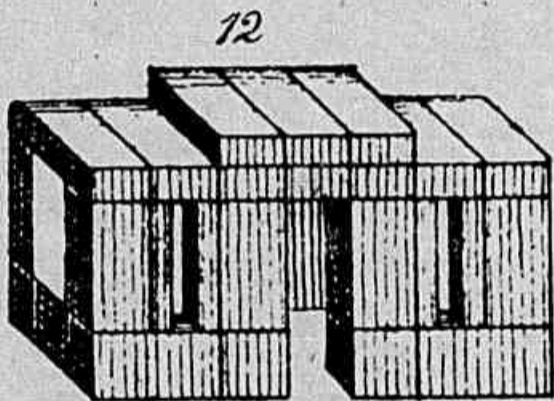
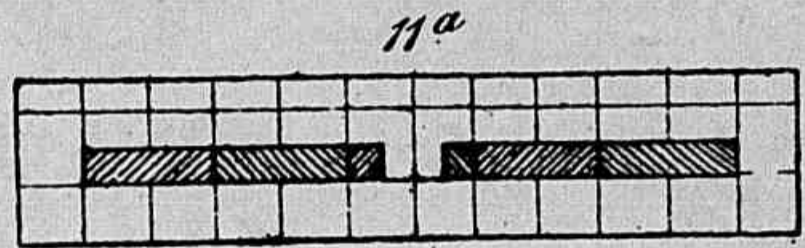
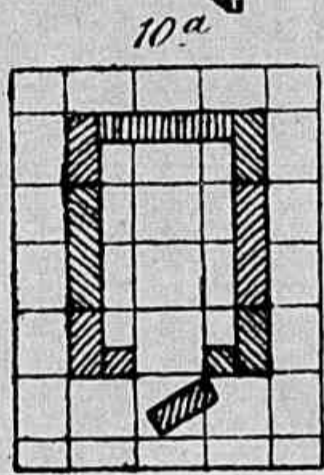
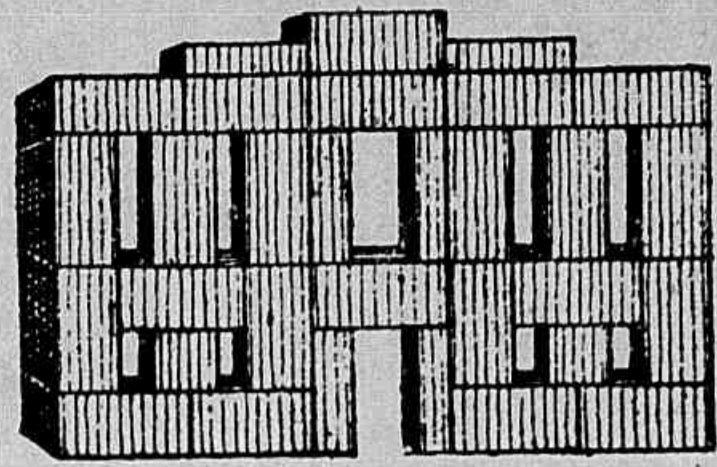
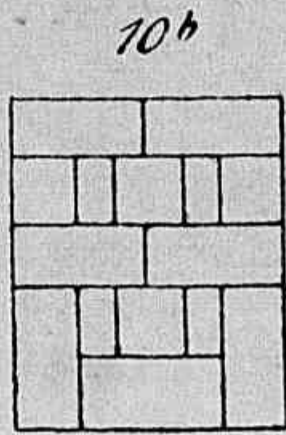
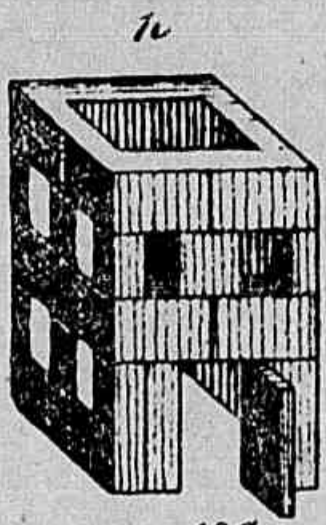


9

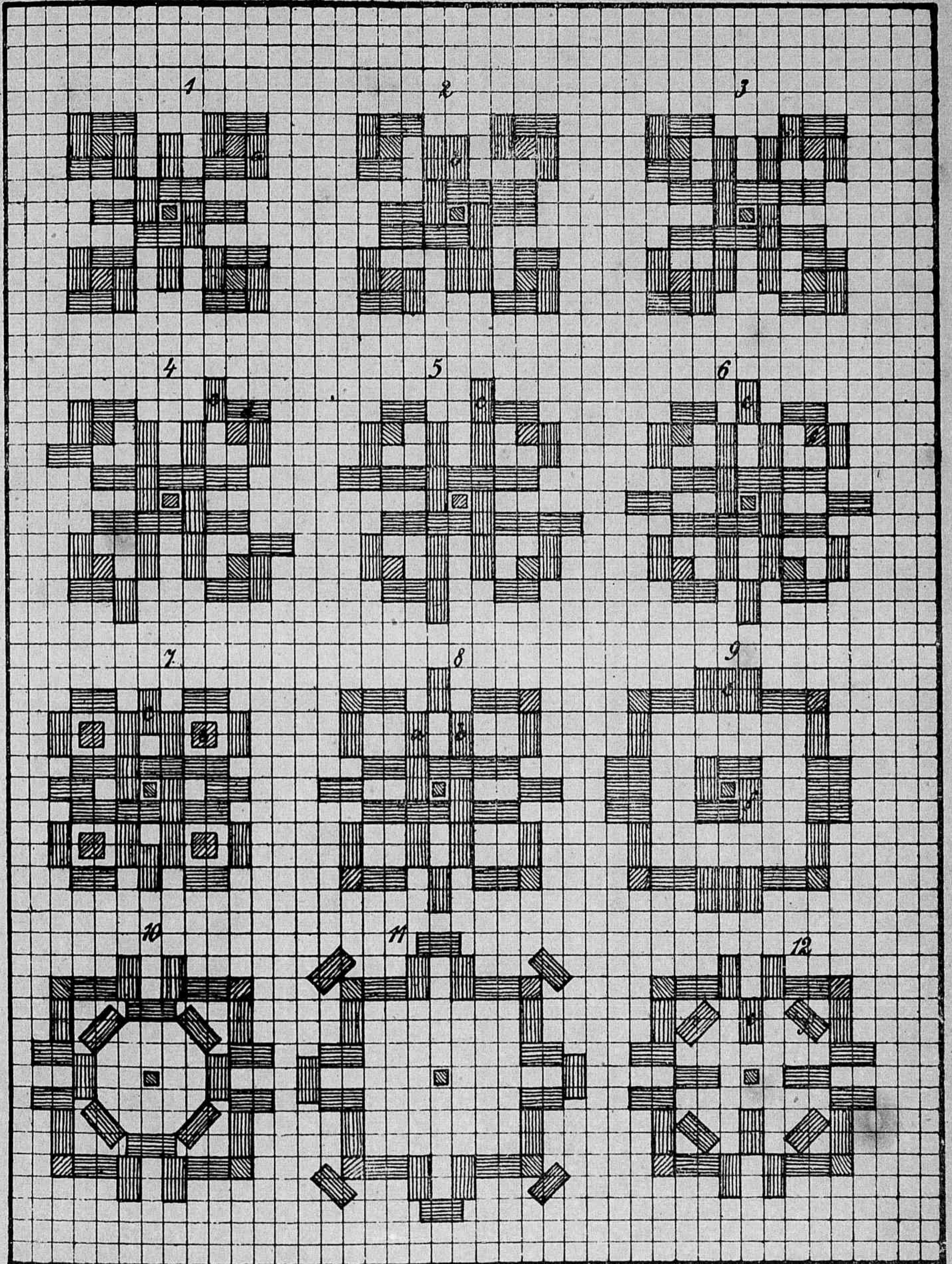
9ª



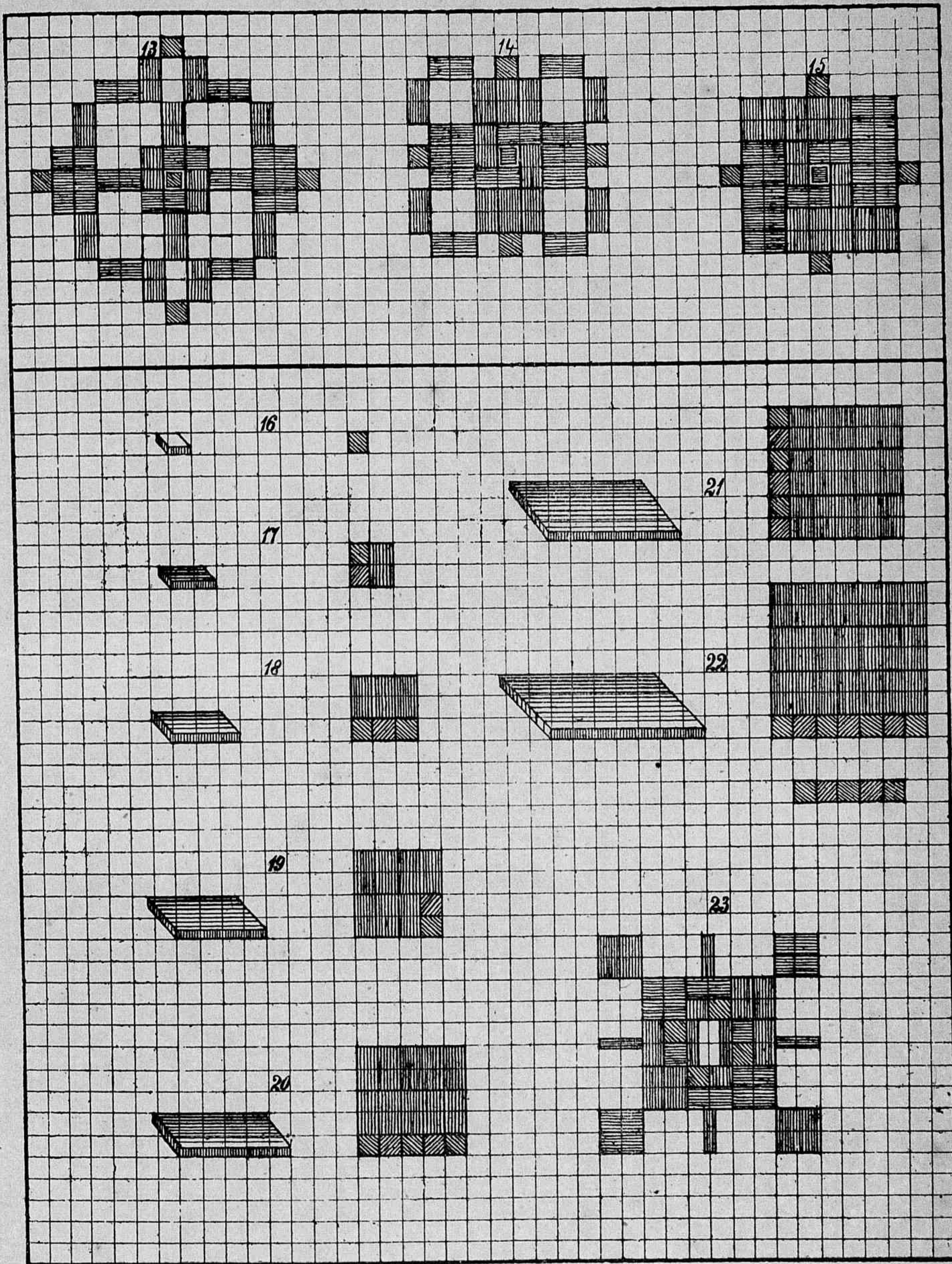














## PASSAROS

—Seria conveniente mostrar um ninho ás creanças e fallar sobre a sua construcção, bem como a respeito da familia que nelle mora.—

### CONVERSAÇÃO

—Como se chama a casa dos passarinhos?

—A casa dos passarinhos chama-se ninho.

—O ninho é uma casa bem pequena para uma familia, não é? Como será que elles podem viver em uma casa tão pequena?

—E' que elles são muito pequeninos e delicados; encolhem-se todos sob as azas da mãe. E o pae, sabeis onde costuma parar? Empoleirado em um galho da arvore, bem perto do ninho, para proteger a sua familia contra qualquer perigo. Os passaros tambem estimam muito a seus filhinhos e por elles fazem tudo quanto os nossos paes fazem por nós. Alguns de vós já viu os meninos máus roubarem os ninhos dos passaros?

A mãe e o pae ficam muito sentidos e soltam uns pios tão dolorosos que parecem gemidos. Nenhuma creança deve tirar os ovos ou os filhinhos dos passaros:—gostarieis que alguém vos roubasse as vossas mães?



—Quando é que os passaros constroem seus ninhos?

—Na primavéra.

—Sabeis qual é o seu primeiro cuidado?—A escolha do logar. Elles procuram sempre fazer o ninho onde lhes seja facil encontrar o alimento necessario a sua existencia. De que são construidos os ninhos?

—De palha, raminhos seccos, fibras de plantas, musgos, folhas, etc., que os passarinhos carregam no bico, de uma em uma.

—Como é que os passaros vão de um logar a outro?

—Voando.

—Porque é que os passaros voam?

—Porque têm azas.

(Animar as creanças a dizerem tudo quanto possam a respeito dos passaros. Nomearem os que conheçam, seus habitos, seu aspecto, etc).

—Que comem os passaros?

—Fructas, grãos e outras sementes, vermes, insectos, etc.

—Onde encontram os insectos?

—Voando pelo ar, ou entre as plantas.

—E os vermes?

—Na terra.

—E as fructas?

—Nas arvores.

Os alegres passarinhos,  
Que esvoaçam pelos ares,  
Tambem amam os seus ninhos  
Como nós os nossos lares.

*Zalina Rolim.*



## O EXPRESSO DO GROU

(De "In the Child's World")

Para ser narrado ás creanças mais adeantadas

Um dia estavam seis passarinhos, todos robustos e contentes, conversando em um valle formoso, á beira-mar.

Um delles disse aos outros:

— Amigos, vamos para a Africa; consta-me que naquellas terras é só a gente abrir a bocca para os vermes nella cahirem. Além disso, dizem-me que elles têm ali um sabor especial».

E os outros passarinhos disseram:

-- «Seria realmente muito bom irmos para Africa, mas, de que maneira faremos a viagem? Nossas azas são curtas e nós somos pequenos; nunca poderíamos voar tão longe. Sujeitamo-nos ainda ao perigo de atravessar os mares—e nós temos tanto medo de morrer afogados! . . . »

— E' verdade, tendes razão. Disse o primeiro, vamos vêr se apparece alguém para levar-nos ás costas».

E pousaram todos em fileira na extensa praia alvejante.



Um grande peixe, cortando as aguas verdes, surgiu de repente, fazendo scintillar ao sol o prateado das suas escamas. Assim que o avistaram, um dos passarinhos adeantou-se e falou desta sorte:

— «Grande peixe de prateada escama, queres levar-nos em tuas costas para a Africa? Consta-nos que alli os vermes, mal abrimos a bocca, saltam por ella a dentro por seu proprio gosto. Vês, que terra maravilhosa!»

— «Eu posso conduzir-vos, disse o peixe, mas é para o fundo do mar; quereis ver o meu caminho?» E curvando as barbatanas, cortou as aguas ligeiro como uma flecha.

«— Ah! disseram os passarinhos, que felizes que fomos em não acompanhar o peixe: a estas horas estaríamos todos a servir-lhe de banquete. Tenhamos paciencia».

Passou-se o tempo e veio chegando um carneiro de alva lãn flocosa e crespa. Os passarinhos pensaram que o carneiro poderia leval-os para a Africa e logo a elle se dirigiram, mas o carneiro respondeu-lhes:

— «Não posso levar-vos, eu não sei nadar: como atravessaríamos os mares? Tambem não posso vôar como vós: Porque não esperaes o *expresso dos groux*?»

— «Quem são os groux? Interrogaram logo os mais curiosos.

— «São uns grandes passaros de bico muito comprido, longo pescoço e ainda mais longas pernas. Todos os annos elles vêm do Norte e vão para a Africa, e, em todas as viagens, costumam conduzir os passarinhos como vós. Admira-me que nunca os tenhaes visto».



—Nós somos muito creanças, disseram os passarinhos; ainda não conhecemos o mundo. Muito obrigado pelo conselho. Agora esperaremos pelos grou».

Não tiveram que esperar muito.

Em poucos minutos ouviram um ruído estranho sobre as suas cabeças e viram um bando de enormes aves, com o pescoço estendido e azas abertas, voando baixo, com o bico aberto.

—«Quereis levar-nos para a Africa? Perguntaram os seis passarinhos, ao mesmo tempo, ao primeiro grou».

—Impossível!—respondeu este.—Estou com a lotação completa. Talvez que o quarto companheiro, que ahi vem, vos possa accomodar; mas andae de pressa».

Então elles olharam e viram que realmente o grou tinha razão; não havia em suas costas logar para uma cabecinha de alfinete. Estava inteiramente coberto de passarinhos, todos seguros com os bicos e os pés.

Passou o segundo e passou o terceiro, ambos completamente cheios. Quando passava o quarto, os seis passarinhos bateram as azas, na agitação da pressa, e foi logo:

—Salta! pousa! aperta! cautela! . . . até que se accomodassem entre os companheiros de viagem.

—Estaes bem? Perguntou o grou.

—Bem; obrigado! Responderam todos.

Então, promptos e firmes!—terminou o grou, e lá se foi, sobre o grande mar tranquillo . . .



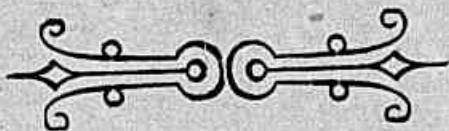
Muitos outros passarinhos, na passagem pela costa, tomavam lugar no *expresso dos grous*. Todos os grous seguiram cobertos de passageiros.

E o *expresso* a caminho da Africa, perdeu-se ao longe, nas brumas do horizonte.



Agora, parte desta historia póde ser verdadeira porque os grous realmente conduzem ás costas, todos os annos, para as terras africanas, centenas de passarinhos. Mas, que os vermes naquella parte do mundo, entrem por gosto para as boccas dos passarinhos, é caso muito differente. Eu, si fosse algum de vós, não o acreditaria sem ter visto primeiro.

*Zalina Rolim.*





# CANTOS E MARCHAS

PARA

ENTRADA E DESPEDIDA

Traduzidos do Inglez e do Allemão.

POR

*D. Rosina N. Soares*

Postos em verso

POR

*D. Zalina Rolim*



## HYMNO DE ENTRADA

(Musica 2)

Que formoso e bello dia!  
Tudo o prazer annuncia...  
Pelas orlas dos caminhos  
Sôa a musica dos ninhos...  
Desde a manhã muito cedo,  
De coração terno e ledô,  
Vamos aos nossos labores;  
Delles teremos as flôres.



## MARCHA

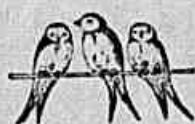
(Musica 38)

A creança alegre

Si tu gostas de marchar,  
Oh, vem me acompanhar!  
Oh, vem me acompanhar!  
Si tu gostas de cantar,  
Oh, vem me acompanhar!  
Oh, vem me acompanhar!



Quando o meu trabalho é feito,  
Fico alegre e satisfeito.  
Mas não sei brincar sósinho  
Oh, não sosinho! . . .  
Quero alegre companhia . . .  
Amigos, viva a alegria!



## MARCHA

(Musica 37)

E' bom deixar o leito bem cedinho  
Para gozar dos matutinos ares,  
E adormecer, tambem, quando a seu ninho  
As avesitas vem chegando aos pares.  
Assim torna-se o corpo activo e ledó,  
Ao rosto vem as côres da alegria;  
Vão para longe as afflicções do medo  
E a gente cresce forte, dia a dia . . .



## MARCHA

(Musica 26)

Quando o dia se levanta,  
La, la, la, la, la, la, la!  
E da luz a gloria canta,  
La, la, la, la, la, la, la!  
Nós, das caminhas saltando,  
La, la, la, la, la, la, la!  
Vamos ao jardim cantando:  
La, la, la, la, la, la, la!





## MARCHA

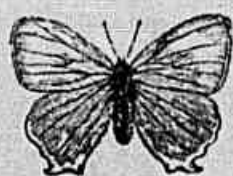
(Musica 29)

Eu gosto de um camarada  
P'ra andarmos sempre juntinhos,  
E, ao som da mesma toáda,  
Marcharem nossos pésinhos.

Vamos cantando assim:  
Dlon, dlin, dlon, dlin, dlon, dlin!  
Oh! vamos cantando assim:  
Dlon, dlin, dlon, dlin, dlon, dlin!

Vamos, como os passarinhos,  
Jubilosos a cantar;  
Nosso jubilo, amiguinhos,  
Sonorise todo o ar.

Vamos cantando assim:  
Dlon, dlin, dlon, dlin, dlon, dlin!  
Oh! vamos cantando assim:  
Dlon, dlin, dlon, dlin, dlon, dlin!



### SAUDAÇÃO DO I.º PERIODO

Na saudação,  
Com alegria,  
E' o coração  
Que diz: Bom dia!





Polidez

(Musica 246)

E' tão bonito ser polida!...  
Polda eu quero ser  
E sendo assim, serei querida  
De quem me conhecer.

Quando desperto, bem cedinho,  
Logo extendendo a mão:  
— Bom dia! Mamãe, papaesinho  
Vos sois meu coração!

Se alguém por mim passando vejo,  
Sei logo repetir:  
— Bom dia! E a todos eu desejo  
O bom dia, a sorrir.

Quando o Jardim alguém visita  
Tambem se diz: bom dia!  
Quem saudações esquece e evita  
Não sabe a cortezia.

— Adeus! eu digo ao ir-me embora,  
— Bôa-noite! ao me deitar.  
Assim, eu sei a qualquer hora  
Meus amigos saudar!





## CANTO PARA A ENTRADA

(Musica 7)

O Jardim da Infancia

O nosso jardim da infancia  
E' bonito e grato e ledó!  
Doce é toda vigilancia  
Todo o trabalho é folguedo.

Vivamos todos contentes.  
Sejamos obedientes.



## CANTO PARA A ENTRADA

(Musica 11)

Salve, salve, jardim formoso  
Que abres em flôr nossas alminhas!  
Aqui o trabalho é riso e gozo,  
E as mestras são as mãesinhas.  
Bem vindos todos, bom dia!  
Seja comnosco a alegria!



## HORAS DO LUNCH

Falla agora o appetite  
Ninguem mais seu *lunch* guarde;  
Das cestinhas ao convite  
Eis-nos promptos:—Boa tarde!





## CANTO PARA A ENTRADA

(Musica 5)

No leito fofinho e quente  
Com meu jardim sonho e sonho...  
Como é bom sentir-se a gente  
De pé, corado e risonho!



## CANTOS DE DESPEDIDA

I

(Musica 360)

Finda a hora dos folguedos  
Vamos p'ra o materno lar,  
Dóceis, bons, activos, ledos,  
A mamãesinha beijar.

Boas mestras, vossas fallas  
Vão aqui no coração,  
Ellas são flôres e galas  
Que vossos labios nos dão.



II

(Musica 73)

Silencio aos nossos rumores,  
Hoje não se brinca mais;  
Nossas boquinhas de flôres  
Vão beijar os nossos paes.





III

(Musica 359)

Depressa—o tempo é findo  
Do nosso grato afan;  
Caro jardim formoso,  
Adeus! até amanhã.



IV

(Musica 362)

São horas, amiguinhas,  
Vamos p'ra nossas casas,  
Quaes leves passarinhos  
Batendo as finas azas.  
Vamos, vamos voando!  
Mamãe está esperando.



ACABADO O LUNCH

São horas de recreio,  
Cada um tome seu par  
E, marchando n'um passeio,  
Vamos p'ra o Jardim brincar!





## SAUDAÇÃO AOS VISITANTES

(Musica 8)

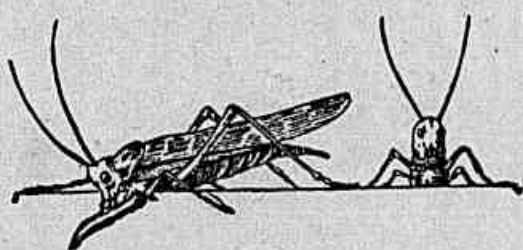
Bemvindos sejaes sempre ao lar das creancinhas  
O' vós, que a luz do amor buscaes nos olhos seus!  
Para saudar-vos, vêde, agitam-se as mãosinhas...  
Voltae a vêr-nos logo! Adeus, Adeus, Adeus!



## MARCHA

(Musica 17)

Vinde, amiguinhas marchar,  
Vêr o campo, o céu as flôres!...  
Ha tanta pureza no ár!...  
O sol tem tantos fulgores!  
Oh, vinde marchar!  
No arvoredos os passarinhos  
Ruflam azas a cantar;  
Zumbem loiras abelhitas...  
Que borboletas bonitas  
Andam leves a esvoaçar  
Pelas orlas dos caminhos!  
Oh, vinde marchar!  
Canta a cigarra vibrante  
Como limpido clarim...  
Que perfume inebriante  
Rescende todo o jardim!  
Oh, vinde marchar!





# PROGRAMMA DE JARDIM DE INFANCIA

*Anna W. Devereaux*

(Trad. de G. Prestes e versos de D. Zalina Rolim)

O programma cuja publicação, em seguida, iniciamos foi organizado pela Inspectora dos Jardins de Infancia de Lowell, Mass. — Estados Unidos.

A distribuição dos assumptos, como é natural, é feita attendendo a circumstancias especiaes dos Estados Unidos, taes como as que se referem ás estações e a todas as modalidades que dahi resultam nos aspectos da natureza. Não é, pois, um programma a seguir: é apenas um modelo de distribuição de ensino que offerecemos aos que se interessam pela organização dos Jardins de Infancia ou praticam os principios de taes instituições no ensino infantil.

Sob este ponto de vista, ha no presente trabalho muita cousa aproveitavel e suggestiva.

Como, em seguida, se verá, o programma da Sra. Devereaux é feito dia a dia. Excusado, pois, será dizer que sómente após um anno de trabalho regular, aproveitando-se as notas diarias, é que se poderá fazer um trabalho nestas condições. E exactamente porque as indicações que nelle se encontram são dadas a *posteriori*, foi que lhe demos preferencia tentando a sua traducção.





## PROGRAMMA

### Setembro

Pensamento dirigente para o mez — A colheita.  
Hymnos para o mez: Graças ao Creador; Os cordeirinhos.

Assumptos semanaes: O lar e o Jardim de Infancia.

Conversações da manhã: Comparação da vida da familia e da creança com a vida em geral, remontando-se á origem de toda vida. Mostre-se á creança uma pintura da Virgem.

Historias: O dedinho vaidoso, da «*Boston Collection of Kindergarten Stories*».

#### BRINQUEDOS DE DEDOS E CANTOS GESTICULADOS

Eis a Mamãe querida e boa; Nos galhos de uma arvore; Eis o campo (cultivado).

#### CANTOS PARA AS SEMANAS

Cantos de bom dia: «A todos, bom dia» «Bom dia, risonho sól;» «Bom dia, dizem os dedos».

#### BRINQUEDOS

Alegres formemos a roda.

E' tempo de brincar.

A bola que não pára.

A creança irrequieta.

Juntemos agora as mãos e brinquemos com a bola.

Voae, voae passarinhos em torno da roda.



## PRIMEIRA DIVISÃO

*Dons e occupaões para a primeira semana de Setembro.*

### Segunda-feira

*Primeiro dom.* Entregue-se uma bola a cada creança, e ellas que vejam o que podem fazer com as bolas. A bola de Alice está andando assim (a professora mostrando). Vamos todas ver se as nossas bolas podem fazer o mesmo que a de Alice está fazendo.

Depois que as creanças tiverem observado os movimentos da bola, mostram-se á classe as côres do espectro.

### CANTO

«Vem cá, lindo raio amigo  
Ora branco, ora de côres;  
Quero ver-te aqui commigo  
Apanhar teus esplendores.

Dá-me a tua luz formosa,  
Quero vel-a em meus brinquedos;  
Córa-me a face mimosa,  
Não fujas dentre os meus dedos.

Indiquem ás creanças a côr vermelha no mappa de côres, e todas as creanças que tiverem bolas desta côr ergam as mãos e digam a côr, se fôr possível, e se não, ensine-lhes a professora o nome da côr.



Mande-se que as creanças tragam objectos vermelhos durante a semana e, com os que mais se prestarem, faça-se um mappa dos vermelhos, collocando-os em cartão.

#### OCCUPAÇÃO

Alinhavo do contorno da bola em vermelho.

#### Terça-feira

*Segundo dom.* Entregue-se a cada creança uma esphera. Digam o que é aquelle objecto. Pergunte-se se ellas podem fazer com a bola dura o mesmo que fizeram com a mole. Repitam-se os exercicios do dia anterior. Colloque cada creança a sua esphera sobre a mesa. Ellas vêem logo que a esphera não gosta de estar quieta.

Vou agora mostrar uma cousa que gosta de estar parada: olhem. O que será isto? Sim: um cubo (Suppõe-se que no jardim hajam creanças que já tenham cursado o anno anterior). Agora vou collocar o cubo no fim da mesa e, como a esphera não gosta de estar quieta, vamos fazel-a rolar para acertar no cubo. Faça-se notar que a esphera faz barulho quando rola.

Mande-se que as creanças tragam pequenos objectos e quando os trouxerem, faça-se com que ellas os classifiquem relativamente ás suas semelhanças com a esphera, o cubo e o cylindro.

#### OCCUPAÇÃO

Modelagem da esphera.



### Quarta-feira

*Terceiro dom.* Abram-se as caixas em unisono. Compare-se este com o cubo do segundo dom. Notem-se as linhas divisorias pelas quaes elle póde ser dividido. Uma das creanças que o divida por uma dessas secções e, em seguida, façam todas o mesmo. Outra creança que o divida por outra fórma. Repitam todas o mesmo. (Invenção).

#### OCCUPAÇÃO

Tecelagem.

### Quinta-feira

Taboinhas quadradas derivadas de um dos cubos menores do terceiro dom.

Faça-se notar que ellas são exactamente das mesmas dimensões dos quadradinhos das mesas. Dêem-se duas a cada creança e veja-se de quantas maneiras ellas podem combinal-as. Marietta tem as suas reunidas assim (a professora illustra o que diz desenhando na lousa)  $\diamond\diamond$ ; vamos todas fazer o mesmo que Marietta fez. Prosiga-se do mesmo modo desenhando as varias combinações feitas pelas creanças taes como

estas:  $\begin{array}{|c|} \hline \square \\ \hline \square \\ \hline \end{array}$   $\begin{array}{|c|c|} \hline \square & \square \\ \hline \end{array}$   $\begin{array}{|c|} \hline \square \\ \hline \end{array}$   $\begin{array}{|c|} \hline \square \\ \hline \end{array}$   $\diamond\diamond$ , etc.

#### OCCUPAÇÃO

Dobrado.

### Quinta-feira

*Pauzinhos.* Se podessemos cortar com uma faca esta parte do cubo (mostrando um cubo, de polegada



e apontando para uma face), teríamos uma taboinha como esta (mostrando uma taboinha quadrada). Agora se nós cortarmos esta parte do cubo, (percorrendo com o dedo uma das arestas), teríamos uma cousa parecida com isto (mostrando um pauzinho de uma polegada).

Dêem-se a cada creança dous desses pauzinhos. Quero vêr o que é que Joanninha vai fazer com os della? Ella collocou-os juntos assim --. Vamos todas fazer o mesmo. Julinho virou os delle deste modo !. Vamos vêr se podemos fazer o mesmo. De que comprimento ficaram os pauzinhos assim? Quantos pauzinhos de uma polegada precisamos para fazer um pauzinho deste comprimento?

Desenhem-se as outras combinações que as creanças o tenham feito, como estas: **L T H**, etc.

#### OCCUPAÇÃO

*Desenho.* Movimento circular no espaço, primeiro sem lapis, e depois com lapis, dizendo a professora:

«Como o sol circulos traço,  
Como a lua um giro faço».

Deve-se ter em vista a posição do lapis. Consegue-se traçar melhor um circulo quando a ponta do lapis se conserva voltada para a esquerda.

### SEGUNDA DIVISÃO

*Dous e occupações para a primeira semana de Setembro.*

#### Segunda-feira

Emprego da bola vermelha, da azul e amarella. Passe-se uma bola a cada creança e deixe-se que façam com ella o que fôr mais de seu gosto. Accen-



tue-se a noção da côr vermelha fazendo rolar as bolas desta côr enquanto todas cantam alguns versos relativos a essa côr. Mostrem-se as côres do prisma a fim de que as creanças indiquem a côr que corresponde á da bola.

Mande-se que as creanças tragam durante a semana objectos vermelhos para fazer-se um mappa.

#### OCCUPAÇÃO

Enfiar palhinhas e discos de papel vermelho.

#### Terça-feira

*Segundo dom.* Mostrem-se as tres fórmãs: a esphera, que póde rolar; o cylindro que póde ficar de pé e rolar tambem; e o cubo que gosta de ficar de parado.

Reunam as creanças as duas mãosinhas em concavo. Colloque-se uma esphera nas mãos de cada creança assim dispostas. Digam as creanças o que foi que a mestra lhes deu e vejam se podem fazer com a esphera o mesmo que fizeram com a bola do primeiro dom. Note-se que esta faz mais barulho do que a anterior.

Colloque-se uma bola vermelha na extremidade da mesa, e as creanças que rolem as suas espheras para acertar nella. Role-se a esphera de uma creança para outra, sendo o exercicio acompanhado de canto.

#### OCCUPAÇÃO

Modelagem da bola.



### Quarta-feira

Lembram-se vocês do que fizemos com as nossas bolas hontem e ante-hontem? Vamos ver se podemos fazer com as mãos o que fizeram as nossas bolas. Repita se a indicação das direcções que forem suggeridas pelas creanças.

Hoje, faz de conta que os nossos pauzinhos são soldados; vamos fazer fileiras bem direitas, uma aqui (faz-se a fileira da esquerda para a direita), agora outra aqui (parallelá á primeira). Mostrem-me agora com as mãozinhas como é que elles estão. Cada creança terá de mover a mão indicando da esquerda para a direita a posição das fileiras. Canto:

«Soldados perfiladinhos  
Vamos a marcha encetar.  
Alerta, meus soldadinhos:  
—Rufa o tambor... e marchar!»

Em seguida, deixe-se que as creanças façam com os pauzinhos o que preferirem.

### OCCUPAÇÃO

#### Collagem.

Passe-se a cada creança uma folha de papel de cinco polegadas em quadro, subdividida em quadradinhos de uma polegada. Assignale-se o quadrado do meio. Dêem-se então a cada creança tres discos de papel vermelho. Colloquem um delles no quadradinho do meio e collem-n'o. Temos dous quadradinhos á esquerda deste. Tomem outra rodinha de papel e collem no quadradinho que está do lado esquerdo, neste, (a professora deve mostrar o quadrado a que se refere). Collem outra no quadrado que está á di-



reita. Sim, muito bem. As rodinhas de papel estão collocadas do mesmo modo que a fileira dos soldadinhos.

Repita-se o exercicio indicado a posição com as mãos e torne-se a cantar:

«Soldados perfiladinhos...»

### Quinta-feira

*Primeiro dom.* Revisão dos exercicios feitos ha pouco. Como estavam os soldadinhos collocados (direita e esquerda—movendo as mãos).

Olhem em volta da sala e vejam se encontram alguma cousa que se esteja movendo da mesma maneira. Sim; o pendulo do relógio. Faça-se de conta que as nossas bolas sejam pendulos e vamos fazel-as baloiçar como elle. Canto:

«Baloçar, baloiçar, gentis bolinhas,  
Ora á esquerda, ora á direita;  
Ao exemplo do pendulo mansinho,  
Seja a tarefa bem feita.»

### OCCUPAÇÃO

Enfiar palhinhas e discos de papel vermelho.

### Sexta-feira

*Segundo dom.* Repitam-se os exercicios anteriores conforme as creanças os forem suggerindo. Accentue-se a noção de direita e esquerda, cantando.

Colloquem as creanças as suas espheras sobre a mesa. Immediatamente ellas hão de ver que a esphera não gosta de estar quieta. Conhecem algum



objecto que goste de estar parado? O cubo. Depois que cada creança o tiver examinado, pegando nelle, colloque-se o cubo na extremidade da mesa e faça-se cada creança rolar a esphera procurando attingil-o.

Applaudam-se as creanças que acertarem e cantem todas:

«A bolla passa girando...  
Tra, la, la, la, tra, la, la!  
Sua face não se altera...  
Tra, la, la, la, tra, la, la!  
Vae sempre, sempre rolando...  
Tra, la, la, la, tra, la, la, la!  
E' curva e chama-se esphera...  
Tra, la, la, la, tra, la, la, la!

#### OCCUPAÇÃO

Caixas de Hailmann, contendo pequeninas espheras, cubos e cylindros para serem enfiados.

Dá-se uma a cada creança. Depois de abrirem as caixas ao mesmo tempo, cada creança toma um cordão e começa a enfiar todas as espherazinhas. Pergunte-se, em seguida se ha na caixa alguma cousa que goste de ficar parada (o cubo). Enfiem todos os cubos que poderem achar. Se houver tempo enfiem os objectos restantes (cylindros).

#### II

### SEGUNDA SEMANA

Assumpto para a semana.—Os fructos.

#### CONVERSAÇÕES DA MANHÃ

Chame-se a attenção das creanças para as arvores e veja-se se as que estiveram no *Jardim* na pri-



mavéra se lembram qual o aspecto que então apresentavam as arvores.

Tragam-se fructos e ensinem-se as creanças a distinguil-os. Faça-se com que deduzam o facto de nascerem as laranjas das laranjeiras, as limas das limeiras, etc.

Mostrem-se as phases que vão da flor ao fructo maduro, e notem-se quaes as condições necessarias ao bom desenvolvimento. Para estas conversações muitos elementos se podem colher no «In the Child's World»: de miss Poulsson.

Neste periodo do anno, quando o lavrador colhe os fructos, os passaros começam a emigrar porque sabem que o tempo frio se approxima, arribando depois do Sul, á volta da Primavéra.

Historia: O somno da maçã do «In the Childs World».

Canto: «Para onde ides, passarinhos?»

#### BRINQUEDOS

O pomar. O tanoeiro. Brinquedos relativos ao sentido do gosto.

### PRIMEIRA DIVISÃO

#### Segunda-feira

*Primeiro dom.* Lembram-se todos da côr que aprendemos na semana passada? Sim, sim, vermelho!

Hoje vamos ver se poderemos achar uma bola de uma cor como esta (aponte-se para o alaranjado). Zulmira é quem vai procurar a bola da côr que eu quero. Extendam agora as mãozinhas e eu vou mandar a bola alaranjada fazer uma visita a cada uma. Passem as creanças a bola de uma para outra,



cantando. Offereça-se uma bola a cada creança, deixando-a escolher a que preferir.

Reforce-se a noção de *direita* e *esquerda*, chamando-se a atenção das creanças para o pendulo e fazendo-as cantar:

«Baloçar, baloçar, gentis bolinhas»

Colloquem-se na extremidade da meza uma bola vermelha e uma alaranjada e faça-se com que as creanças, rolando as suas bolas, procurem acertar nellas, dizendo em qual das duas acertaram. Jogo— «A laranja madura e a maçã madura».

Mande-se que as creanças tragam objectos côr de laranja durante a semana. Faça-se com taes objectos um mappa dessa côr.

#### OCCUPAÇÃO

Alinhavo do contorno da bola em vermelho.

#### Terça-feira

*Segundo dom.* Na semana passada achámos nestas caixas uma cousa que gostava muito de rolar... Sim, a esphera. Hoje eu vou fazer rolar uma esphera para cada uma de vocês. A esphera não anda como nós, porem vai rolando, rolando porque é redonda. Conhecem vocês alguma cousa que seja redonda como a esphera? Deixe-se que as creanças designem alguns objectos redondos.

Hoje as nossas espheras tem mais alguma cousa do que no outro dia... Sim, (um fio, um barbante) um cordel. Podemos, pois, fazer a esphera girar (assim).



Todas as creanças fazem girar a bola, cantando.

«A bola passa girando...  
Tra, la, la, la, tra, la, la!  
Sua face não se altera...  
Tra, la, la, la, tra, la, la, la!  
Vai sempre, sempre rolando...  
Tra, la, la, la, tra, la, la, la!  
E' curva e chama-se esphera...  
Tra, la, la, la, tra, la, la, la!

A esphera parece sempre redonda.

Emquanto vocês estão girando as suas espheras eu vou collocar em cima da mesa um outro objecto que vai ficar bem quietinho... Sim, um cubo. Luizinho diz que sabe porque é que o cubo não rola: é porque elle tem muitas faces. Vamos ver se podemos contar quantas faces tem. Primeiro, temos uma aqui e outra aqui, (aponte a professora duas faces oppostas) outra aqui e aqui; e uma aqui outra aqui.

Vamos ver outra vez e contar: Um, dous; tres, quatro; cinco, seis.

#### OCCUPAÇÃO

Modelagem da maçã.

#### Quarta-feira

*Terceiro dom.* Façam-se notar as divisões do cubo. Na semana passada nós dividimos o cubo, assim, (em metades) por esta divisão, em duas partes. Agora quero ver qual de vocês pode dividir uma destas partes em duas outras. Vamos ver se Alfredo é capaz de fazel-o. Assim, muito bem. Quantos pe-



daços fizemos? Um, dous, tres e quatro. Quantos cubos ha ainda em cada pedaço? Dous. Tirem agora estes dous pedaços (apontando-se os da esquerda) e façam com elles um muro. Quantos cubos neste muro? Quatro. Façam um outro muro como este com os dous pedaços da direita. Juntem esses dous muros, bem juntinhos até formarem outra vez o cubo.

Invenção.

#### OCCUPAÇÃO

Tecelagem.

#### Quinta-feira

Se podessemos tirar esta parte do cubo (apontando-se para uma das faces) teriamos uma cousa como isto (uma taboinha quadrada). Que parte do cubo teriamos? Uma face. Agora vou dar a cada uma de vocês tres destas taboinhas e vejam o que podem fazer com ellas.

Primeiramente, vamos vêr se fazemos o mesmo que Alzira fez com as della; façam agora o mesmo que fez o Alberto.

Faça-se com que as creanças combinem as taboinhas por muitas maneiras.

#### OCCUPAÇÃO

Dobrado.

#### Sexta-feira

*Pauzinhos.* Que cumprimento tinham os pauzinhos que eu dei a vocês na semana passada? Sim;



exactamente, uma polegada. Hoje os pauzinhos que eu dei são mais cumpridos. Sim, elles são exactamente eguaes a dous quadradinhos; por isso, diremos que têm duas polegadas de comprimento.

Vejam agora se ambos são do mesmo comprimento. Como? Sim, colloquem um ao lado do outro em cima da mesa.

Agora separem um do outro deixando um quadradinho entre elles. Agora vou dar mais dous pauzinhos de meia polegada para vocês fazerem uma escadinha  $\begin{array}{|c|} \hline \text{=} \\ \hline \end{array}$ . Isto feito, juntem as creanças as escadinhas duas a duas, de modo a formarem uma escada maior.

Invenção.

#### OCCUPAÇÃO

Dezenho. Repitam-se os exercicios da semana anterior.

### SEGUNDA DIVISÃO

*Dons e occupações para a segunda semana.*

#### Segunda-feira

Deixe-se rolar sobre a mesa uma bola vermelha.

Quero vêr se alguém é capaz de achar uma bola desta côr (mostrando-se um objecto azul). Faça-se rolar na mesa a bola azul que for trazida, e cantem as creanças: «Passêa a bola contente». Dê-se a cada creança uma bola.



Colloque-se uma bola azul e outra vermelha na extremidade da mesa e deixe-se que as creanças rolem as suas bolas procurando acertar nellas. Digam a côr da bola em que acertarem.

#### OCCUPAÇÃO

Enfiar palhinhas e discos de papel azul.

#### Terça-feira

*Segundo dom.* Esta bola dura não gosta de ficar parada, mas não tem pés. Como é que anda? Vai rolando, rolando porque é redonda. Vou deixal-a correr para Maria e Maria vai fazel-a correr para o Carlos, e assim por deante até voltar para mim.

Designem as creanças objectos que sejam redondos.

Tenho agora aqui uma bola com um cordel para cada uma de vocês. Quem me dirá o que podemos fazer com estas bolas? Sim; podemos fazel-as girar. Todas as creanças fazem girar a bola e cantam:

«A bola passa girando».

Accentue-se a noção de face curva.

#### OCCUPAÇÃO

Modelagem da maçã ou da laranja.

#### Quarta-feira

*Taboa para tornos.* Faça-se de conta que cada uma destas taboas é um pomar. Vamos então cercar os nossos pomares. Primeiro vamos fazer esta cerca (a ultima fileira de furos); agora aqui e aqui (á direita



e á esquerda). Falta agora este lado. Muito bem; estão cercados os pomares. Agora vocês vão marcar o logar das arvores e eu quero vêr se adivinho que arvores vocês plantaram. (\*)

#### OCCUPAÇÃO .

Collagem : de papel azul em quadrados de papel branco.

#### Quinta-feira

*Primeiro dom.* Revisão dos exercicios anteriores, prestando-se cuidadosa attenção ás côres azul e vermelha.

Reforce-se o conhecimento das direcções (adeante atraz) cantando-se :

«Para traz e para a frente  
Passêa a bola contente.  
Como as campainhas faz:  
Para a frente e para traz.»

#### OCCUPAÇÃO

Enfiar palhinhas e discos de papel azul.

---

(\*) «*Tiles*» Os americanos dão esta denominação, para a qual não encontramos equivalente preciso, a uma pequena prancha ou quadro de madeira com furos em que se podem encravar pequenos tornos de madeira de varias côres de modo a formarem differentes combinações de fórma. Ha duas especies de *tiles*: a que acabámos de descrever que é a de *Mrs. Putnam's Busy Work Tile*; e outra de *Bradley*. Esta consta de um quadro de madeira com recortes em que se collocam 100 espherazinhas das de Hailmann e é empregada para o ensino de numero e de fórmas.

O exercicio, de que nos vamos occupar aqui, é feito com a primeira dessas *tiles* que, por amor á clareza da exposição, chamaremos—*taboa para tornos*. (N. do Trad).



## Sexta-feira

*Segundo dom.* A esphera rola e rola, bem assim, por ser redonda e ter uma só face curva (superfície é o termo exacto, mas com as creanças pode-se usar da primeira expressão).

Vou agora mandar um objecto fazer uma visita a cada uma de vocês, mas este tem tantas faces que não póde rolar. Distribuam-se os cubos, cantando.

Vejamos se podemos descobrir as faces dos cubos.

Colloque-se o cubo em cima da mesa e distribuam-se as espheras, uma para cada creança. Faça-se de conta que as faces do cubo são portas e que cada esphera é uma creança. Batam então nas portas do cubo. Primeiro batam nesta porta (A profesora indica uma das faces), e agora nesta. Assim, por deante, até que tenham batido em todas.

Repita-se o exercicio, mas contando: um, dous, tres, quatro, cinco, seis.

### OCCUPAÇÃO

Enfiar espherazinhas e cubos alternadamente.

### III

## TERCEIRA SEMANA

Assumpto para a semana—vegetaes.

Nas conversações da manhã falle-se sobre diferentes especies de vegetaes, mostrando-os ás creanças. Faça-se notar que, em alguns dos que nos servem de alimento, a parte que comemos amadurece debaixo da terra. Designem as creanças as especies que conhecem. Dirija-se a atenção das creanças sobre a neces-



sidade do sól e das chuvas para o desenvolvimento dos vegetaes e dos fructos. Mostrem-se differentes sementes de que provém os vegetaes. Historia — «As dez hervilhas numa vagem», da *Boston Collection of Kindergarten Stories*.

Canto : «Bom dia ao verão».

Nas rodas da manhã os vegetaes (as creanças) formam um circulo. Fechem as creanças os olhos. Tire-se uma dellas para fóra e todas cantem : «Quando juntas brincamos, etc». Se uma das creanças poder dizer qual foi retirada da roda, todas applaudem e cantam : Tra, la, la.

#### BRINQUEDO

«Quando juntas brincamos».

### PRIMEIRA DIVISÃO

*Dons e occupações para a terceira semana de Setembro.*

#### Segunda-feira

*Primeiro dom.* Descubram as creanças a bola que corresponde á côr seguinte do espectro (amarello). Reforce-se o conhecimento das tres côres : vermelho, alaranjado e amarello.

Tenham-se em especial attenção as noções relativas á direcção—adeante e atraz—Canto.

«Para a frente e para traz  
Passêa a bola contente,  
Como as campainhas faz :  
Para a frente e para traz».

Faça-se um mappa das variantes do amarello.



OCCUPAÇÃO

Alinhavo do contorno de vegetaes. D'entre alguns como, beterrabas, cenouras, batatas, escolham as proprias creanças os que preferirem contornar pelo alinhavo.

Terça-feira

*Segundo dom.* Fechem as creanças os olhos e extendam as mãos; distribua-se assim uma esphera a cada uma. Isto feito, cante-se:

«Alerta!... Todas despertas!  
Rosto alegre e olhos abertos!

Vou agora, de uma em uma, e vocês todas vão me dizer, bem baixinho no ouvido, o que é que têm nas mãos.

Sim, vocês têm todas uma esphera; e ellas gostam tanto de rolar que nós vamos agora farzer-lhes a vontade. Canta-se, enquanto rolam as espheras:

«Oh! vinde rolar contentes  
Espherinhas deligentes».

A esphera tem uma face curva e, por isso, póde rolar bem.

Distribuam-se os cubos. Tambem o cubo tem uma face só? Não; o cubo tem muitas faces, como disse a Marietta. Vamos vêr onde estão essas faces. Como é que as nossas espheras estavam rodando ainda agora? Para deante e para traz. Se tomassemos uma esphera, acham vocês que poderíamos bater com ella na face de traz do cubo? Faça-se de conta que o cubo é uma casa com duas portas, uma na frente e



outra atraz, no fundo; a esphera é um menino. O menino está batendo na porta? . . . Da frente, sim; e agora? . . . Na de traz.

Rolem as espheras para mim. Como ellas não querem ficar paradas na mesa, vamos mandal-as embora.

Olha, Luizinho, vou agora rolar para você um outro objecto. O que é? Sim, é um rolinho. Marietta está dizendo que o outro nome do rolo é cylindro.

Com certeza vocês querem que eu mande os cylindros fazerem-lhes uma visita; passem então o cylindro de uma em uma.

Agora cada uma ficou com um cylindro. Colloquem agora os cubos no meio da mesa e rolem os cylindros para acertar na face do cubo.

Joanninha está dizendo que o cylindro não rola tão bem como a esphera. Amelia diz que elle póde ficar de pé em duas das faces.

Vamos agora guardar os nossos cylindros para outro dia, e como elle gosta de rolar, façam todos virem rolando até aqui.

Muito bem. Eu queria tambem os cubos, mas esses não podem rolar como a esphera e como o cylindro.

Sim, Carlito, elles podem escorregar na mesa. Então façam os cubos escorregarem até aqui.

#### OCCUPAÇÃO

#### Quarta-feira

*Terceiro dom.* Repitam-se os exercicios de analyse da semana anterior e faça-se a divisão em oito



partes. Comparação com um cubo de duas polegadas. Reconstrucção.

Invenção.

#### OCCUPAÇÃO

Tecelagem.

#### Quinta-feira

Distribuem-se quatro taboinhas a cada creança. Colloquem duas dessas taboinhas juntas para formar um passeio, como nas ruas, e agora vamos ver quem é capaz de dizer-me o comprimento desse passeio? Duas polegadas. Quantas taboinhas são precisas para formar esse passeio de duas polegadas? Duas. Façam outro ao lado, ficando um quadradinho no meio. Quantas taboinhas em cada passeio. Juntem os dous passeios para fazer um passeio mais comprido. Que comprimento tem esses passeios agora? Quatro polegadas. Virem todo o passeio de modo que elle fique collocado da direita para a esquerda. Façam agora dous pequenos passeios, da direita para a esquerda e deixando um quadradinho entre os dous.

Invenção.

#### OCCUPAÇÃO

Dobrado.

#### Sexta-feira

*Pauzinhos* — Dous de 4 polegadas e um de uma polegada. Deixe-se que as creanças descubram por si o comprimento dos pauzinhos — Colloquem-se então todos sobre a mesa. Tomem-se dous pausinhos de 1



polegada e colloquem-se no meio da mesa ao com-  
prido e distantes de uma polegada. Colloquem-se, do  
mesmo modo, os dous restantes á esquerda dos pri-  
meiros, por este modo **|||**.

Como estão collocados os pauzinhos? Quantos  
pauzinhos temos?

Colloquem um dos pauzinhos de 4 polegadas ao  
lado deste, da direita para a esquerda e tocando nas  
suas pontas. Um outro abaixo assim **||||**. Julinho  
diz que isto é uma grade. Juntem varias creanças  
as suas grades para formarem uma grade bem com-  
prida. Digam as creanças de que são feitas e para  
que servem as grades.

#### OCCUPAÇÃO

Desenho, á mão livre de movimentos no espaço,  
primeiro circulares, e em seguida, de um lado para  
outro. Linhas de cima para baixo em papel, á mão  
livre.

Desenho á vontade das creanças.

### SEGUNDA DIVISÃO

#### Segunda-feira

Reforce-se o conhecimento da côr amarella. Re-  
visão do azul e do vermelho, deixando rolar sobre a  
mesa uma bola de cada uma dessas côres. Canto.

«Toma agora esta bolinha,  
Não a deixes se escapar;  
Essa é tua e esta é minha  
—Vamos com ellas brincar.  
Vermelha, azul, amarella  
Qual das bolas é mais bella?



Entregue-se uma bola a cada creança e faça-se a revisão dos exercicios de direcção. Colloquem-se duas bolas na extremidade da mesa, uma azul e outra amarella. Rolem as creanças as suas bolas de modo a acertarem nellas, e digam a côr daquella em que acertarem.

Brinquedo das fructas — venda de laranjas, limas, etc.

Mande-se que as creanças tragam objectos amarellos para um mappa.

#### OCCUPAÇÃO

Enfiar palhinhas amarellas e discos de papel da mesma côr.

#### Terça-feira

*Segundo dom.* Distribuam-se os cubos e, depois que todas as creanças os tiverem collocado no meio da mesa, entregue-se a cada uma dellas uma esphera. Hoje vamos vêr onde estão algumas das faces do cubo.

Supponha-se que o cubo é uma casa e que a esphera é um menino que deseja penetrar na casa. Ha duas portas, uma na frente e outra atraz. O *menino* bate primeiro na da frente e depois na de traz. Este exercicio póde repetir-se por diversas vezes de modo que as creanças venham a ter uma idéia clara das duas posições *adeante* e *atrax*.

Termine-se o exercicio, collocando-se o cubo na extremidade da mesa e fazendo-se as creanças rola-rem as suas esphera para acertar numa das faces do cubo.

Quando acertarem, applauda-se e cante-se.



OCCUPAÇÃO

Modelagem de vegetaes.

Quarta-feira

*Taboas para tornos. (Tiles)* Depois de se dar a cada creança uma taboa com os respectivos tornos, imagine-se que os tornos são soldados. Colloquem as creanças os *soldadinhos* em linha e cantem

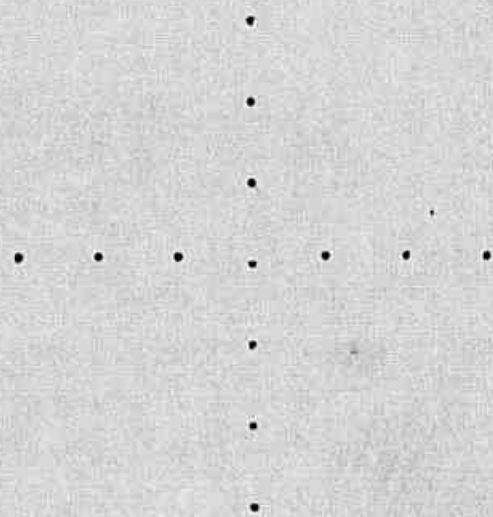
«Soldados perfiladinhos.»

Agora vamos collocar os soldadinhos numa fileira, no meio da taboa, e vindo de traz para a frente, (no sentido da largura)

A professora naturalmente terá que collocar o primeiro torno para muitas das creanças.

Colloque-se outra fileira de soldadinhos no meio da taboa da direita para a esquerda.

Aspecto que apresentará a taboa:



OCCUPAÇÃO

Collagem de papeis . . . em quadrados de papel ou cartão.



### Quinta-feira

*Primeiro dom.* Revisão dos exercícios anteriores. Reforce-se o conhecimento das côres vermelha, azul e amarella.

Accentue-se a noção de movimento circular, cantando-se:

«Giram, giram as bolinhas  
Como as rodas, sem parar,  
Giram, giram, bem mansinhas,  
Sem na mesa resoar.»

Designem as creanças objectos que rodam como as rodas.

### OCCUPAÇÃO

Enfiar palhinhas amarellas e discos de papel da mesma côr.

### Sexta-feira

*Segundo dom.* Deixe-se uma bola livre sobre a mesa e cante-se:

«A bola passa girando»

Deixe-se as creanças pegarem na esphera e dizerem o que observam. E' lisa, é redonda, é dura, etc.

Ponha-se um cubo na meza e faça-se com elle o mesmo exercício. O cubo é redondo como a esphera? Não, o cubo machuca a mão da gente e a esphera não.

Distribuam-se os cubos ás creanças e ellas que mostrem qual a parte que machuca a mão. Vejam



se descubrem alguma cousa semelhante aos cantos do cubo, nas mesas e em outros objectos da sala. Se ellas não chegarem a precisar o nome repita-lhes a professora que são *cantos* ou *angulos*.

Veja-se quantos cantos ellas podem descobrir no cubo, sem referencia á posição. Agora façam o dedo escorregar percorrendo esta parte do cubo que vai de um canto a outro.

Designem as quinas das mesas e de outros objectos na sala.

Colloque-se um cubo na extremidade da mesa e façam as creanças rolar as suas esferas para acertar nelle. Quando acertarem, digam se tocaram numa face ou numa quina.

#### OCCUPAÇÃO

Enfiar esferas e cubos dous a dous.

#### IV

### QUARTA SEMANA

Assumpto para a semana—cereaes.

Tendo-se fallado sobre o effeito do sól e da chuva sobre os fructos e vegetaes, leve-se as creanças a pensarem em outras plantas que crescem nos quintaes. Além de outras, as creanças naturalmente, hão de lembrar-se do milho, do arroz, do trigo. Mostrelhes a professora alguns grãos de cada um desses cereaes, ou uma espiga. Diga-lhes como os lavradores colhem e armazenam os cereaes. Pergunte-se como se chama o tempo em que os lavradores colhem os fructos das plantas e, se não o souberem, en-



sine-lhes a professora que se chama o tempo da colheita.

Na manhã seguinte, mostre ás creanças a farinha dos cereaes e conte-lhes como é que se móe a farinha—Os moinhos e o moleiro.

Em seguida, diga-lhes como se faz o pão. Assim verá a creança a relação que ha entre as sementes e o pão. Chame a atenção da creança para as dependencias em que estamos todos, uns em relação aos outros, perguntando-lhes: Quem é que faz o pão? A mamãe; o padeiro. . . Sim; mas se o moleiro não tivesse moido o trigo, a mamãe nem o padeiro teriam a farinha; se o lavrador não tivesse plantado as sementes, o moleiro não teria o trigo; e se não houvesse chuva nem sól a semente não teria crescido.

Por este modo, a creança vai do conhecido para o desconhecido.

Agradará muito ás creanças verem a representação dos differentes utensilios de lavoura desenhados na lousa. Póde-se tambem fazer uma bonita pintura explicativa do moinho com a sua roda movida pela agua do tanque ou do rio.

Historia — «Carlota e os dez anõezinhos—Do «*Kindergarten Stories*, de Sara E. Wiltse.

BRINQUEDOS DE DEDOS E CANTOS GESTIGULADOS

«O Moleiro», «O padeiro», «Eis, a vovózinha».

BRINQUEDOS

O lavrador.



## PRIMEIRA DIVISÃO

*Dons e occupações para a quarta semana de Setembro.*

### Segunda-feira

*Primeiro dom.* Descubram as creanças uma bola que corresponda á côr seguinte do espectro — á côr verde.

Revisão das côres anteriores, deixando-se as respectivas bolas rolarem em torno da mesa.

Colloquem-se as bolas das quatro côres na extremidade da mesa, e cada uma das creanças que procure acertar nellas com a sua bola.

Jogo de fructas — venda de fructas de differentes côres.

Mande-se que as creanças tragam objectos vermelhos durante a semana e forme-se um mappa triangular para a sala.

Preste-se especial attenção aos movimentos circulares.

### OCCUPAÇÃO

Alinhavo—O sacco de farinha.

### Terça-feira

*Segundo dom.* Chame-se uma creança e mande-se que feche os olhos. Seja o Carlito. Agora vamos todos vêr se Carlito sabe o que é que eu vou pôr na sua mãosinha.

Colloque-se-lhe nas mão uma das fórmulas do segundo dom. Diga-me agora tudo o que sabe sobre o



objecto que eu puz na mão de você mas sem abrir os olhos.

Continue-se estes exercicios com varias creanças até que todas as fórmulas tenham sido descriptas assim, pelo tacto.

Distribua-se a cada creança um cubo preso a um cordel. Façam todas girar o cubo e cantem:

«Vão correndo, vão correndo  
Os meus bellos brinquedinhos,  
De seis faces, quadradinhos.  
Vão correndo, vão correndo,  
Um apoz outro elles vão.  
E' seu guia a minha mão.

Colloquem-se os cubos em cima da mesa. Quem se lembra ainda das faces que vimos na semana passada? Sim; as da frente e de traz.

Vamos vêr agora se podemos descobrir mais duas faces, uma á esquerda, outra á direita.

Quero vêr agora se o cubo tem alguma coisa mais, além das faces.

Sim, Joanninha achou os cantos e Esther descobriu as quinas.

Depois hei de contar a vocês alguma coisa mais, sobre os *cantos* e sobre as *quinas*.

#### OCCUPAÇÃO

Modelar o cubo.

#### Quarta-feira

*Terceiro dom.* Depois de conversar sobre as divisões do cubo, e de achar as faces, cantos e qui-



nas, construam as creanças um celeiro, seguindo as indicações da professora.

#### OCCUPAÇÃO

Tecelagem.

#### Quinta-feira

*Taboinhas.* Apóz um exercicio sobre numero, com quatro taboinhas, deixe-se que as creanças inventem combinações que devem ser desenhadas na lousa pelas professoras ou pelas proprias creanças.

#### OCCUPAÇÃO

Dobrado—Começo de uma série simples de formas de objectos.

#### Sexta-feira

*Pausinhos.* Distribuam-se 6 pauzinhos a cada creança, sendo 1 de 5 polegadas, 1 de 4, e quatro de uma polegada.

Colloque-se um pauzinho na mesa, outro abaixo deste e assim por diante até que se tenham collocado todos os de uma polegada.

Quantos pauzinhos estão na mesa? (deante de cada creança).

Contem os pauzinhos.

—Um, dous, tres, quatro,

Como estão collocados?

Agora colloquem um outro pauzinho deste tamanho (o de 4 polegadas) encostado na ponta dos outros  $\begin{array}{|l} \text{---} \\ \text{---} \\ \text{---} \end{array}$ .



Que comprimento tem o pauzinho que sobrou? Cinco polegadas. Muito bem. Colloquem agora esse pauzinho á direita, deitado e com a ponta no meio do pauzinho de 4 polegadas ———|≡. Sabem com o que se parece isso que vocês fizeram? . . . Sim; com um garfo

Esplique-se para que serve esse garfo (o mondador de que se servem os agricultores para sachar o feno).

Vamos vêr agora se vocês são capazes de fazer com os pauzinhos outras cousas.

Se alguma das creanças construir alguma boa fórmula, faça-se com que todas as outras a reproduzam.

Para isso, a professora deve dezenhar na lousa as invenções que lhe parecerem mais perfectas.

### OCCUPAÇÃO

Dezenho. Dezenho a mão livre, de linhas da esquerda para a direita.

## SEGUNDA DIVISÃO

### Segunda-feira

*Primeiro dom.* Reforce-se o conhecimento da côr alaranjada.

Revisão das outras côres fazendo-se as respectivas bolas girarem em torno da mesa.

Colloquem-se as bolas das quatro côres na extremidade e faça-se com que as creanças rolem as suas bolas alaranjadas para acertar nellas, dizendo sempre a côr em que tiverem acertado.

Mande-se que as creanças tragam durante a semana objectos côr de laranja.



OCCUPAÇÃO

- Enfiar palhinhas e papeis côr de laranja.

Terça-feira

*Segundo dom.* Revisão de alguns dos exercicios anteriores.

Reforce-se o conhecimento das posições (direita e esquerda) por meio do cubo.

Exercicios para observação dos cantos e das quinas.

Colloque-se um cubo na extremidade da mesa e procurem as creanças attingil-o com as espheras.

OCCUPAÇÃO

Modelar o cubo.

Quarta-feira

*Taboas para tornos.* Comece-se do canto esquerdo superior e faça-se uma fileira de soldadinhos (tornos) de cima para baixo. Salte-se uma fileira de furos e faça-se outra fileira no mesmo sentido da primeira.

Cantem todas :

«Soldados perfiladinhos» . . . etc.

OCCUPAÇÃO

Collagem de papel :: — Discos de papel alaranjado.



### Quinta-feira

*Primeiro dom.* Revisão dos exercicios anteriores, principalmente no sentido de tornar mais accentuado o conhecimento das quatro primeiras côres.

Repitam-se os exercicios relativos ao movimento circular, cantando as creanças:

«Baloçar, baloçar, gentís bolinhas».

Designem as creanças objectos que tenham esse movimento.

### OCCUPAÇÃO

Enfiar palhinhas e papeis côr de laranja.

### Sexta-feira

*Segundo dom.* Que é que a esphera gosta de fazer? Vou rolar esta esphera para Alice, e Alice vai depois passal-a para Joanninha e assim por deante até que a esphera volte aqui.

A esphera rola porque é toda bem redondinha. Vamos vêr agora se eu posso rolar tambem este cubo para Alice. Não; elle não póde ir, porque tem muitas faces. Vou, pois, passar o cubo escorregando-o sobre a mesa. Que é que o cubo póde fazer? Sim; póde fazer duas cousas: póde ficar de pé e póde escorregar.

Agora vou passar isto para Alice. Como é que elle vai andando? Sim; vai rolando. Isto, porém, não é uma esphera porque póde ficar de pé e rolar tambem... Sim; é um rôlo ou então?... Um cylindro.



E como elle gosta de rolar, vamos todas fazel-o rolar na mesa, de cima para baixo. Um, dous, tres—rolem. Agora da direita para a esquerda, mas todas ao mesmo tempo. Um, dous. . . tres—rolem.

OCCUPAÇÃO

Enfiar uma esphera, um cubo e um cylindro.

*(Continúa).*

G. Prestes.





## PRIMAVERA

(Conservando-se o habito de fallar todas as manhãs do—novo dia—póde-se fallar tambem do mez e anno e, assim, haverá opportunidade para uma referencia ás estações).

### CONVERSAÇÃO

—Quasi todos os dias vocês vêm para o Jardim, trazendo flôres para as suas professoras.

—De onde vêm tantas flôres?

—Dos nossos jardins.

—Mas, a principio nenhuma de vocês trazia flôres...

—E' porque não havia. Agora, sim, todos os jardins estão flôridos que é um gosto vê-los...

—Então comprehendem vocês que ás vezes ha flôres nos jardins e ás vezes não ha, não é assim? O tempo das flôres chama-se —primavéra.—Começa em Setembro e vai até os ultimos dias do anno. Na primavéra tudo floresce: o campo, o matto, os jardins e os pomares. Ha poucos dias, ainda sentiamos frio, não é? Com a vinda da primavéra, o frio foi-se embora e,



em troca, temos um calorzinho agradavel que faz bem a todos. Não gostam vocês do sól?

— Sim! sim!

— Os passarinhos tambem gostam muito da primavera. E' o tempo em que elles começam a construir seus ninhos. Todos os bichinhos que vivem meio-escondidos entre a relva ou sob a terra, apparecem na primavera para gozar destes bellissimos dias.

(Fallar das flôres, côres, perfumes, etc.)

— Agora quero vêr quem me diz o nome das flôres que conhece, a sua côr, e se têm aroma. Qual é a flôr de que mais gostas, Alzira?

— . . . . .

— Que côr tem ella? Têm aroma ou não?

— . . . . .

— Antes de apparecerem as rosas, que ha nas roseiras?

-- Folhas e botões.

— Sim, folhas e botões; é o botão que vai crescendo, crescendo até que se abre em uma linda rosa como estas que a primavera fez desabrochar em nosso jardim.

Cravos, rosas, violetas . . .

— A primavera chegou.

Passarinhos, borboletas . . .

Tudo alegre despertou!

*Zalina Rolim.*





## HISTORIA DE UM BICHINHO

Continho, correspondente á lição anterior

Era uma vez um bichinho muito pequenino, tão pequeno como a unha do meu dedinho pollegar e quasi tão fino como uma agulha de coser.

Este bichinho morava em uma casinha, por elle proprio construida, no chão. Era uma casinha feita lá a seu modo e onde elle vivia todo enrodilhado como uma bola, apenas com a cabecinha de fóra.

Na casa do bichinho não havia portas ou janellas, além daquella por onde entrava o dono e que tambem lhe servia para olhar os arredores.

Quando a casa se concluiu, o pequenito operario estava muito cansado e arrastou-se para dentro della. Vinha chegando a noite--era a hora dos bichinhos se recolherem para o somno... elle acomodou-se bem a gosto e dormiu toda a noite.

No dia seguinte, muito cedo, os raios do sól foram bater-lhe á porta. O bichinho espreguiçou-se vagarosamente, levantou a cabecinha, olhou para fóra e parecia dizer pensativo:—«Como é bom a gente possuir a *sua casa*»! . . . O jardim pareceu-lhe tão agradável, tão encantador que elle sentiu logo desejos de sahir a dar umas voltas pelos canteiros floridos.



Sahiu para fóra do seu buraco e, como não tinha pés, foi-se arrastando pelas ruas cobertas de areia branca e reluzente...

Os raios do sól abraçavam-lhe o corpinho mole e aqueciam-n'ó docemente; a luz enchia-lhe os olhitos de alegres tons dourados; os cantos dos passarinhos penetravam-lhe os ouvidos numa deliciosa musica e o perfume das flôres vertia-lhe no nariz a delicada e fina essencia.

E o bichinho foi-se arrastando, arrastando ao longo dos caminhos, muito contente da sua vida...

Na casa que o jardim contornava, havia um pequenito de quatro annos.

Quando, naquella manhã, os raios do sól desceram á janella do seu quartinho, já o pequenito estava desperto, lavado e vestido. Elle tinha o bom habito de acordar com os passarinhos.

Sua mamãe já lhe déra o delicioso café com leite acompanhado pelas appetitosas torradinhas com manteiga fresca, e, abrindo a cancelinha do gradil, dissera-lhe risonha:

— «Vae agora correr e brincar enquanto esperas o almoço e a hora de partir para o Jardim da Infancia. Aquece-te ao calor do sól, e gosa desta linda manhã.» E elle partiu correndo por entre as aleas de verdura fresca e cheirosas flôres.

Andavam as borboletas esvoaçando aos pares e ouvia-se o zum-zum das azas scintillantes de um beija-flôr.

Ai! se elle por um descuido, alcançasse com os seus pésinhos ageis o corpo mole e fraquinho do pobresito que andava a se arrastar por aquelles lados...

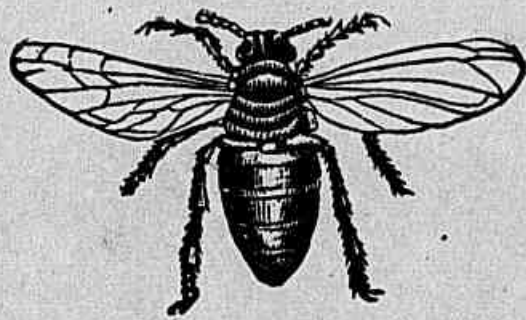


Mas o menino era muito observador, nos seus passeios nada lhe escapava aos olhos vivos e, elle era incapaz da minima crueldade. Quando avistou o bichinho, tão contente da sua vida, elle correu por outras ruas a brincar com as borboletas como se com ellas apostasse corridas.

O bichinho almoçou tranquilamente umas hastes de folhinhas verdes, tomou uma ou duas gottas de orvalho para lenir a sede, e, vagaroso, arrastando-se lento, foi-se chegando para a sua casa.

(De «*In the Child's World.*»)

Zalina Rolim.





# CANTOS

PARA

ACOMPANHAREM OS DIVERSOS JOGOS E OCCUPAÇÕES

Applicaveis aos Jardins de Infancia

E

Alguns, ao primeiro anno das Escolas Primarias.

Traduzidos do Allemão

POR

*D. Rosina Nogueira Soares*



Versos de

*D. Zalina Rolim*



## CANTOS PARA ACOMPANHAREM OS JOGOS DA BOLA

Bola livre

(Musica n. 12)

Quero vêr bem de perto a bolinha,  
Gosto muito de olhar para ella!  
Como é linda! Como é bonitinha!  
Tão redonda, tão clara e tão bella!

(Musica 13)

Eis a bolinha parada,  
Quietinha na minha mão;  
Minha bola socegada  
Não te queres mover, não?

(Musica 14)

Quer agitar-se a bolinha,  
Mover-se d'aqui p'ra alli,  
Ja não repousa quietinha,  
Ja não quer ficar aqui.  
    Não vás rolar no chão;  
    Vae de uma a outra mão.



(Musica 15)

As trefegas bolinhas,  
Rolando sem parar,  
Vão provocar  
Bem boas risadinhas.

(Musica 16)

A bolinha quer passar  
Da minha p'ra tua mão,  
Vai levar-te a saudação:  
— Bom dia!  
E vai e vem a bolinha...  
E, enquanto corre mansinha,  
Vou cantando uma canção  
Que me alegra o coração.

(Musica 18)

Bolinha ligeira, sem pena ou fadiga,  
Saltita aos accordes da minha cantiga,  
Saltita aos accordes da minha cantiga.

Applicação das bolas para o conhecimento  
das côres

(Musica 20)

Vinde comnosco bolinhas,  
De côres tão variadas:  
Vermelhas, amarelinhas,  
Bem roixas, alaranjadas,  
Verdes, azues... que fórmosas!  
Como nos fazeis ditosas! . . .  
Vinde, gentis bolinhas,  
Vinde ás nossas mãosinhas!



Bola na superficie horisontal

(Musica 21)

Quando jogo a bolinha,  
Ella volta pulando;  
Alegre, ligeirinha  
Vae e vem,  
Sem parar;  
Vae e vem,  
Sem parar.

Bola no cordel

(Musica 23)

Vertical, direitinha  
Quero vêr a bolinha:  
Abaixo, a cima!  
Abaixo, a cima!  
Eu, com cautela,  
Faço como ella.

(Musica 24)

Pula e salta a bolinha, velóz,  
Si alegre sôa a minha voz;  
Eu tambem pulo e salto no chão  
Cantarolando uma canção.  
Vamos todos pular e saltar!  
Vamos todos cantar, cantar!

(Musica 25)

Girando, as bolinhas gentís  
Mostram o centro ao nosso olhar;  
Como ellas devemos girar  
Em nossos brincos infantís.



(Musica 29)

Mamãe levou-me outro dia  
A dar comida aos pombinhos:  
Como é bonito! a porfia,  
Elles vêm todos juntinhos:  
    Trique, trique, trique, trique!  
    Trique, trique, trique, trique!  
Depois nos dizem no olhar:  
—Obrigado!— e eil-os a voar...  
    Pombinhos meus,  
    Adeus, adeus!..

(Musica 30)

Si eu fosse um passarinho  
Gentil, vivo e ligeiro,  
Voára do meu ninho  
P'ra ver o mundo inteiro  
    Uit, uit, uit, uit  
    Uit, uit, uit, uit.  
    Passarinho!

(Musica 31)

Cortando as taboas suavemente,  
Trabalha a serra deligente

Jogo da bola

(Musica 33)

Vinde ver o meu moinho:  
E' a bola nas minhas mãos;  
Eil'ó a girar, ligeirinho,  
Como a pedra sobre os grãos.





Esphera

(Musica 34)

Girar, girar,  
Que o giro enxota o frio;  
Girar, girar,  
Num rodopio,  
Sem descançar,  
Oh, sim, girar!  
Oh, sim rodar!

Esphera

(Musica 35)

O giro em que meu corpo vai  
Torna-me esphera: olhae, olhae!



Cubo

(Musica 36)

Ao bom descanço  
Tudo convida  
Neste logar,  
Mas o balanço  
E' a minha vida:  
Vamos rolar?

Cubo

(Musica 37)

Vêm para cá,  
Vae para lá;  
Firme no chão  
Não fica, não.



Cubo

(Musica 38)

Eil-o parou sósinho,  
Firme só num pézinho.

Cubo

(Musica 39)

Tambem posso caminhar,  
Um pé no chão, outro no ar.

O cubo suspenso por uma das faces

(Musica 40)

O movimento  
Causa prazer,  
P'ra meu contento  
Mover, mover.

O cubo suspenso por um canto

No seguinte exercicio os cubos devem ser arranjados de modo que, quando se elevarem fiquem perto da creança e, quando se abaixarem, fiquem mais longe.

(Musica 41)

Eis-me suspenso no ar  
Contente a me baloiçar,  
Conforme quero, vou certo,  
De ti mais longe ou mais perto...  
E longe e perto...



O cubo suspenso por um angulo

(Musica 42)

Si num angulo me agito,  
Sou comprido e mais bonito.



O cylindro suspenso a um cordel, pela borda

(Musica 43)

Ora á esquerda, ora á direita  
Minha vista se deleita.

O cylindro

(Musica 44 a)

Girando satisfeito  
Encurvo o que é direito.

O cylindro

(Musica 44 b)

Eu mostro a altura  
E a profundeza  
Si ródo e giro  
Com ligeireza.

O cylindro

(Musica 45)

Vêde bem como eu danso garboso,  
E não mais me chameis preguiçoso.





Esphera e cubo

(Musica 46)

Abaixo acima!  
Como avesinhas  
Ou creancinhas,  
Abaixo acima!

Movimento circular da esphera ou dos cubos

(Musica 48)

Vou rodando em meu caminho,  
Sem parar,  
Tal qual um moinho,  
Gentil, ligeirinho,  
O milho a quebrar.

A esphera suspensa pelo cordel e girando

(Musica 52)

Olhae, olhae,  
Correndo mansinho,  
No mesmo caminho  
Depressa ella vai,  
Não treme, não cai!...

Esphera e cubo em repouso

(Musica 53)

O cubo está cansado,  
Repouso vai pedir...  
Deixemol-o dormir,  
Deixemol o dormir.



(Musica 54)

Levemol-o á caminha,  
Bem fôfa bem quentinha,  
Que durma e sonhe bem,  
Que durma e sonhe bem!

A esphera e o cubo depois do repouso

(Musica 55)

Eia, acordar  
E trabalhar!  
Não gosto da preguiça,  
Voltai a nobre liça!  
Oh, vinde, ligeirinhos,  
Meus bons companheirinhos!

A esphera pende pelo cordel a um  
páu transversal

(Musica 56)

Bim-bão, vai-vem, bim-bão!...  
Move-te ao som d'esta canção:  
Bim-bão, vai-vem, bim-bão!...

A esphera no cordel oscillando

(Musica 57)

Comvosco está  
Minha alegria,  
E vou e venho  
Em vosso empenho.  
Sempre de cá p'ra lá  
Me leva a sympathia.





Canto de entrada para as construcções

(Musica 58)

Meus novos amiguinhos,  
E' tempo de brincar:  
Deixae o vosso lar  
Deixae os vossos ninhos!

Cubo

(Musica 59)

Cubinhos todos direitos,  
Cubinhos, todos direitos,  
Como uma fila de soldados  
Para o combate preparados!  
Quem edifica procura  
Ter o material disposto;  
Risca o desenho, abre a moldura  
A' solidez combina o gosto.

Pedreiros. Construcções com os cubos

(Musica 60)

Vamos construir agora  
Um muro, bem direitinho,  
Que encerre ás vistas de fóra  
Nosso bello jardimzinho.

(Musica 61)

Um pequenito alegre  
Levanta esta muralha  
Com gosto e paciencia.  
Sejamos sempre activos,  
Sejamos laboriosos.  
Vergonha aos que fogem á lida!  
Vergonha aos que são preguiçosos!



Escóla. Construcção com os solidos

(Musica 70)

Esta construcção graciosa  
E' uma escóla, vinde vêr,  
Onde a mestra cuidadosa  
Vai-nos ensinar a lêr.

Alli dentro, os bons meninos  
Os mais lindos premios têm;  
São felizes, cantam hymnos  
E não invejam ninguem.

A Casinha. Construcção com os solidos

(Musica 81)

Olhae esta casinha,  
Tão bôa e tão bem feita,  
Têm uma janellinha  
Que para fóra espreita.  
Por ella se olha o jardim  
E a rua e o campo sem fim...  
Vê-se um passaro cantando,  
Vê-se o céu todo fulgores,  
E aspira-se o cheiro brando  
Que exhala o seio das flôres.

O navio. Construcção com os solidos

(Musica 84)

Corre o barquinho, n'um balanço  
Sem rumor,  
Se o vento o impelle, manso e manso,  
Com amor.  
E' qual no mundo a creancinha,  
Ao doce olhar da mãesinha...



Ó jardim. Construcção com os solidos

(Musica 86)

Que jardim cheio de flôres!  
Que aroma pelos canteiros!  
A flôr, com suaves odores,  
Paga o amor dos jardineiros.  
Creança, o jardim mais bello  
Seja o teu coraçãosinho;  
Saibas tu o materno anhelos  
Pagar com alma e carinho!

A cestinha. Construcção

(Musica 95)

A cestinha está vasia,  
Eil-a, toma-a em tua mão;  
Vai com ella á padaria,  
Traze biscoutos e pão.

O que comprares, procura  
Trazer com muito cuidado:  
Leva a cesta bem segura  
Pelo arquinho delicado.

Bem, voltaste; leva agora  
Os biscoutos á boquinha,  
E, á parede, onde ella mora,  
Pendura a bella cestinha.





Jogos gymnasticos para as mãos e os dedos

(Musica 97)

Cadenciado, o meu bracinho  
Vai e vêm, e vai e vêm...  
Como um relógio certinho  
Que não engana ninguém.  
Firme, recto, direitinho  
Passa aqui, repassa além;  
Tik, tak, tik, tak!  
O relógio é meu amigo  
Faz-me alegre, dá-me gosto;  
Cedinho ao leito vem fallar commigo,  
Faz-me acordar, vestir, lavar o rosto...  
Sê como elle meu bracinho,  
Vae e vem, e vae e vem...  
Firme, recto, direitinho  
Passa aqui, repassa além:  
Tik, tak, tik, tak!

Gymnastica das mãos

(Musica 103)

A mão direita p'ra cima,  
E a esquerda para baixo,  
Uma acima, outra abaixo,  
Uma acima, outra abaixo.

(Musica 104)

A mão esquerda p'ra cima,  
A direita para baixo,  
Uma acima, outra abaixo  
Uma acima, outra abaixo.



Gymnastica dos pés

(Musica 106)

O pé direito á frente,  
O esquerdo para trás,  
E á frente e para traz,  
E á frente e para traz.

O pé esquerdo á frente,  
O direito p'ra traz,  
E á frente e para traz,  
E á frente e para traz.

Salto

(Musica 107)

Os dois pés para a frente,  
Os dois pés para traz  
Eia, á frente! eia, atraz!

Gymnastica

(Musica 117)

Todos em linha recta, iguaes nossos passinhos  
La, la, . . . . .  
Depois numa espiral, como os caramujinhos  
La, la, . . . . .





4.º Dom. Construcção com dous prismas

(Musica 63)

Olhae um banco, em minha frente;  
Têm dois assentos bem iguaes:  
Um delles olha o sól nascente  
E o matto e os campos sem rivaes;  
O outro o poente, e o fim do dia  
Aos meus olhares annuncía.

Banco de tres assentos. Construcção com  
tres prismas

(Musica 65)

Vinde vêr que bonitinho,  
E de quanta solidez,  
Eu, mamãe e papaesinho  
Cabemos nelle, nós tres!  
E, á tarde, em grupo assentados,  
Vemos do céu os fulgores  
E as montanhas e os vallados  
E os passarinhos e as flôres.

A porta. Construcção com quatro prismas

(Musica 113)

Eu faço uma portinha,  
Com tino e arte e gosto,  
Para o meu paesinho entrar  
Quando de fóra chegar.  
Têm tranca e têm chavinha:  
Foi tudo bem disposto.



A escada. Construcção com cinco prismas

(Musica 69)

Tek, tek, tek,  
Tek, tek, tek!  
Eu subo a minha escada,  
Depois por ella desço...  
Ligeirinha ou socegada,  
Sua altura já conheço.

O pocinho. Construcção com seis prismas

(Musica 94)

Fiz um pocinho,  
Oh! vinde vêr!  
Quem tiver sêde  
Póde beber.

Não venham creancinhas  
Metter aqui as mãosinhas,  
Que o poço é muito fundo.  
Quem nelle o corpo inclina,  
Mamãe sempre me ensina,  
Vai já para outro-mundo...  
Fugi do pocinho fundo!

A mina. Construcção com sete prismas

(Musica 67)

Desce ás minas o mineiro,  
Entra no seio da terra,  
Cava a rocha o dia inteiro,  
Della os metaes desenterra.  
Como elle hei de cavar!  
Como elle hei de cavar.  
E a mina hei de encontrar.



Os metaes são preciosos  
Mas não valem a sciencia;  
O estudo é mina de gozos.  
Ao trabalho, companheiros!  
Sejamos todos mineiros!

Casa de campo. Construcção com oito prismas

(Musica 93)

Oh! que linda construcção!  
Trabalho de minha mão!  
E' uma quinta de recreio  
Dos arvoredos no meio.  
Tem horta, jardim, pomar  
Onde as aves vão cantar.  
Tudo aqui deleita a vista...  
Como é bello ser artista!...





## A FRUCTINHA DO CAFÉ

Foi quando eu era pequenina que se deu o que vou contar.

Era em uma fazenda de café, uma bella fazenda muito bem situada, no meio de extensos terreiros muito limpos.

Eu gostava immenso de passear pelo cafezal que se extendia pelo morro além, em longas fileiras de um verde carregado.

Uma tarde sahi com minhas irmansinhas, todas pequeninas com eu, a brincar o «Esconde! esconde!» por entre as aleas dos cafeeiros que se vestiam desde a base de folhagem espessa.

Era pelo tempo da colheita.

Como eu andasse, pé ante pé, para que ninguem me presentisse, ouvi uma vózinha muito doce que parecia vir de sob os meus pés, dizendo:—Ai! ai! Não me esmagues, bôa menina. Tu és minha amiguinha bem o sei... retira o teu pésinho, já, por piedade...

Eu tive um sobresalto... Que vóz seria aquella? Alguma formiguinha? Mas eu nunca fôra amiga dessas taesinhas... Até muitas vezes procurava fazer-lhes



mal apesar de mamãe dizer-me sempre—que nunca se deve maltratar uma creatura, seja ella a mais humilde neste mundo.

Afastei curiosa o pé e ouvi a mesma vózinha murmurar: - - Obrigado minha bôa menina.

Pois querem saber quem me fallava?

Uma fructinha vermelha de café! vermelha como uma conta de coral ou como os labios das creancinhas sadias.

—Como!—interroguei admirada—Tu sabes fallar, fructinha vermelha?

—Oh!—exclamou ella—sei fallar muito bem; mas, sómente faço uso da minha vóz quando é muito necessario. Agora fallei, para escapar á morte.

Mas, desde que sabes fallar has de saber contar muitas historias da tua vida, não é? Como eu gostaria de conhecer os teus costumes!...

E' facil, disse a fructinha falladora, eu hoje sinto-me disposta a conversar; mas neste caso é bom que te assentes ahi pertinho porque a minha historia vai longe...

Contente, ageitei o meu vestidinho claro para que não ficasse amarrotado e tomei logar ao pé da fructinha que tanto me interessava.

Ella começou assim.

—Os primeiros tempos da minha vida são confusos para mim. Não me recordo bem de que maneira vim parar nesta terra. Quando me lembro já eu era botão de flôr. Desabrochava, pouco a pouco, entre muitos outros, no meio de uma haste delgada e flexivel. Na mesma haste, de espaço, a espaço havia um grupo de botõesinhos, e, em torno de mim, pelas



visinhanças, em todos os arbustos a mesma coisa havia.

O sól vinha todos os dias beijar-me as faces. Uma noite senti que alguma coisa se operava em mim; abri-se o estojoso verde que me envolvia e eu me transformára em flôr. Minhas petalas eram brancas como o leite e do meu seio se evolava um delicioso perfume. Esperei anciosa a visita do sol. Quando elle veio, mais formoso ainda que nos outros dias, senti que os seus affagos eram mais doces, mais protectores... Todos os botõesinhos, meus companheiros, tinham passado por igual transformação, e o cafezal todo, vestido de branco, alvejava que era um encanto.

Tambem fizemos tal barulho com a nossa alegria que o fazendeiro ao passar junto de nós com uns amigos, visitando a plantação, parou a contemplar-nos e ouvi bem estas palavras:

Que esplendido arbusto! Que viço nestas flores! A colheita deste anno vai exceder ás minhas esperanças».

Eu fiquei toda vaidosa. Pobre de mim que não sabia ainda o que queria dizer colheita...

Em nosso galho era uma festa continua: barboletas e beija-flôres visitavam-nos diariamente. Mas, pouco durou a nossa ventura. Com o passar do tempo minhas petalas foram cahindo; de flôr fui-me tornando fructo — a principio, uma fructinha verde e pequenina que ficava quasi escondida entre as folhas. E crescia, e crescia...

O sól que não se esquecera da nossa velha amisade, de meu tempo de flôr, continuava a beijar-me as faces que se coloriam de encarnado. Minhas companheirinhas, imitavam-me em tudo e a nossa haste



vergava ao peso de tantos fructos. Ficaria linda para fazer-te um collar...

Em fim—estavamos todas vermelhas e maduras como tú me vês agora.

Um dia vieram os trabalhadores do cafésal, que andavam sempre a revolver a terra em torno dos arbustos, e varreram cuidadosamente o chão, onde a sombra dos cafeeiros se extendia. Era a colheita... Vinham aquelles homens, cuja presença até então nunca me assustára, com as mãos grosseiras e duras seguravam o alto da haste e—zas!... lá vinha a mão abaixo despencando as pobres fructinhas que rolavam pelo chão, varrido de fresco. Eu não percebi quando chegou a minha vez porque de susto perdi os sentidos. Soube mais tarde que as minhas companheiras tinham sido conduzidas para o terreiro onde o sól—o nosso querido sól de outros tempos—lhes crestára a pelle mimosa. Depois iriam as pobresinhas passar por uns complicados machanismos, que não comprehendes ainda, até que, promptas para a venda, fossem em grandes saccas remettidas ao mercado. E só eu, por um accaso, fiquei esquecida neste cantinho onde escapei de ser esmagada pelos teus pesinhos.

—E não sabes—interroguei então—o que ellas ainda terão que soffrer no mundo?

—Oh, não; respondeu a fructinha—e bem desejos tinha de saber tudo...

—Pois bem; em paga de tua historia eu te contarei o que ignoras. Escuta-me: Quando mamãe faz a compra do café para o nosso uso, a criada tem o cuidado de lavar as fructinhas e deital-as ao sol para que fiquem enxutas. Depois de seccas, vão para o fogo em um torrador de ferro até que fiquem negras como o carvão. Sahindo do fogo são moídas em pilões de



madeira ou em moinhos de ferro que as reduzem a um pó cheiroso, o qual, misturado com agua e preparado por mãos habéis e experientes, nos dá o saboroso café de que tanto gósto. Mamãe ainda me contou outras cousas a proposito do café, disse-me, por exemplo: que uma das fontes da riqueza do nosso amado e formoso Brazil é a cultura do café. Disse mais, que o nosso café é famoso por todo o mundo e muito procurado. Já vês, bella fructinha vermelha, que não deves ficar descontente com a tua sorte. Não é uma gloria prestarmos um serviço á nossa terra?» Quando eu dizia estas ultimas palavras ouvi a vóz de mamãe que me procurava pelo cafezal e que approximou-se, dizendo-me em carinhosa censura:

—Meu Deus! filha, que susto me fizeste passar! Julguei que te houvesse acontecido alguma cousa...

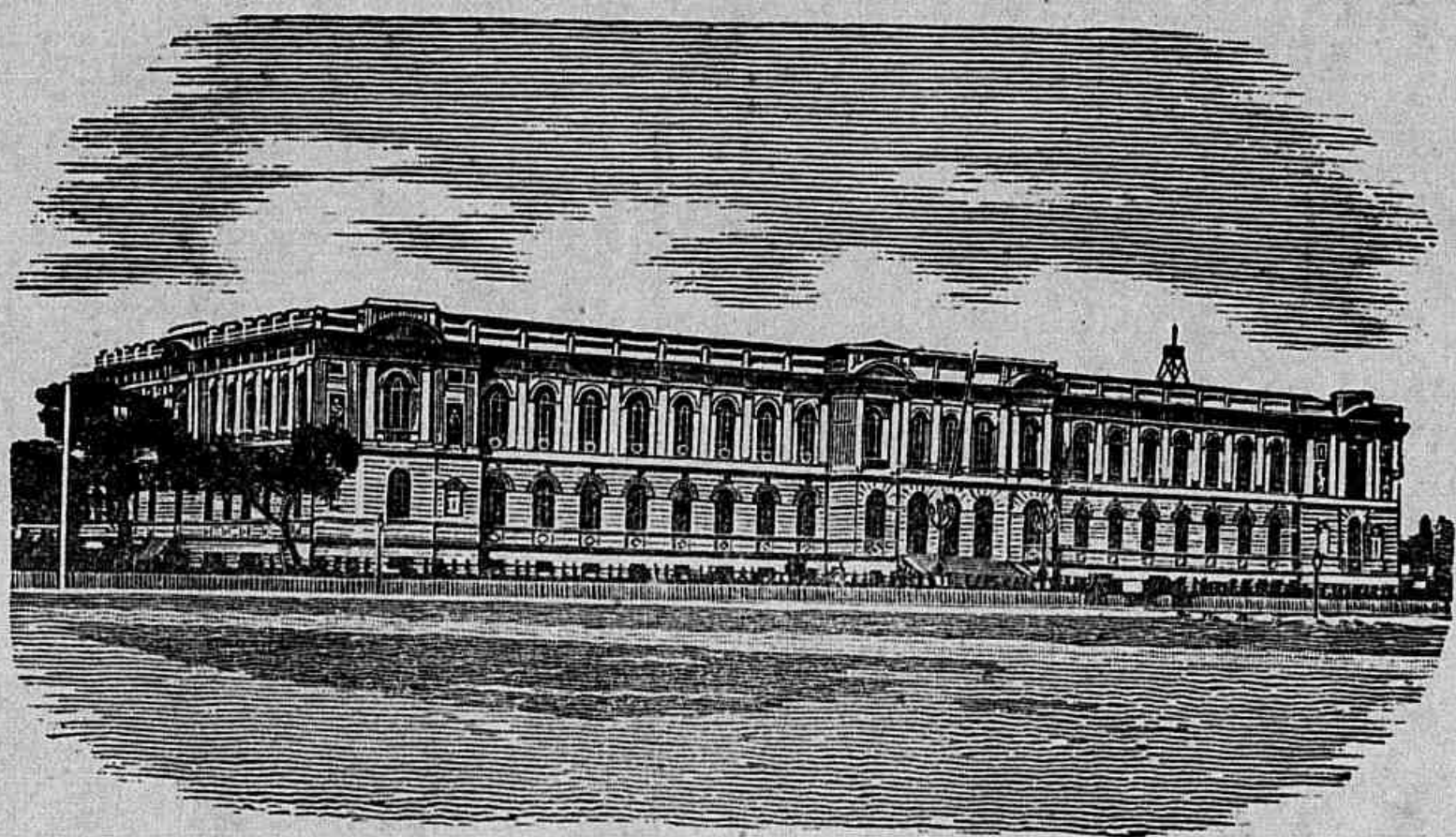
E, tomando-me pela mão, levou-me para a casa.

*Zalina Rolim.*





## A ESCOLA NORMAL



O edificio em que funciona hoje a Escola Normal de S. Paulo, do qual damos acima uma vista em perspectiva, foi inaugurado em 2 de Agosto de 1895, tendo sido a construcção iniciada em 17 de Outubro de 1890, por determinação do dr. Prudente de Moraes, constante do decreto de 13 do mesmo mez.

A construcção realizada pelo habil architecto dr. Ramos de Azevedo foi, por algum tempo interrompida, sendo recommçada durante o periodo da administração do dr. Cerqueira Cezar e concluida em 1894 sob a presidencia do dr. Bernardino de Campos que inaugurou o novo estabelecimento.



O edificio, primitivamente, media 86 metros de frente por 37 de fundo. Em 1896, porém, foi augmentado com duas alas lateraes, aos fundos, destinadas á Escola Complementar Modelo.

A escada que dá accesso para o primeiro pavimento, é de alvenaria e as que dão entrada para o pavimento superior são de marmore branco.

Sem contar os vestibulos, tem o edificio 79 salas assim distribuidas :

No pavimento inferior . . . . .	25
No 1.º pavimento . . . . .	27
No pavimento superior . . . . .	27

No pavimento superior funcionam as aulas da Escola Normal ; no primeiro pavimento as da Escola Modelo Caetano de Campos e nos dous pavilhões annexos, aos fundos, as da Escola Complementar.

O pavimento inferior, finalmente, é occupado por diversas officinas escolares para trabalhos em madeira, e modelagem.

Ha no estabelecimento completa separação entre a secção masculina e a feminina ; a primeira occupa a ala direita e a segunda a ala esquerda do edificio.

Aos fundos do edificio existe ainda um bello e vasto pavilhão, em meio dos recreios, para servir de abrigo aos alumnos. A parte central desse pavilhão é occupada por um espaçoso gymnasio com todos os apparelhos necessarios aos exercicios phisicos.

Está actualmente em construcção um novo edificio annexo á Escola, destinado ao Jardim da Infancia.

A construcção dessa parte do estabelecimento que foi iniciada em dezembro do anno passado deverá concluir-se, o mais tardar, em Janeiro de 1897.



Desde que se iniciem as aulas do Jardim da Infancia no predio definitivo, a lotação da Escola Normal, com as instituições que lhe são annexas, póde ser calculada do modo seguinte:

Jardim da Infancia de. . . . .	200 a 250
Escola Caetano do Campos. . . . .	400
Escola Complementar Modelo. . . . .	360
Escola Normal de. . . . .	250 a 280
Total de alumnos. . . . .	<u>1.290</u>

Os cursos da Escola Normal são distribuidos do modo seguinte:

Jardim da Infancia—tres annos de curso, pelos processos de Frœbel—alumnos maiores de tres e menores de 7 annos de idade.

Escola preliminar «Caetano de Campos»—cinco annos de curso—alumnos de 7 a 12 annos, pouco mais ou pouco menos.

Escola Complementar Modelo—quatro annos de curso—alumnos de 12 a 16 annos, pouco mais ou menos.

Escola Normal—quatro annos de curso—idade minima para a matricula: 14 annos para o sexo feminino e 15 para o sexo masculino.

Consignamos aqui estas notas sobre o notavel estabelecimento da Escola Normal como explicação da gravura que escolhemos para ornar o frontespicio desta Revista; deixamos, por isso, de dar outras indicações que nos levariam além dos limites a que temos de nos cingir.





## OS TRAVESSOS AMIGUINHOS

Onde estão os travessos amiguinhos  
Que vêm conosco brincar?  
Onde estão os activos homensinhos  
Que nos fazem trabalhar?

Em cada mão  
Promptos estão  
Para o trabalho ou brinquedo:  
D. Pollegar  
Vem vindo a par  
Do indicador vivo e ledão.  
Depois também  
O médio vem  
E o anular triste e fraquinho.  
Por fim, gentil,  
Segue o perfil  
Do nosso dedo mindinho.

Onde estão os travessos amiguinhos  
Que vêm conosco brincar?  
Onde estão os activos homensinhos  
Que nos fazem trabalhar?

*Zalina Rolim*

(«Do Finger Plays.» de Emilie Poulsson)

Musica do mesmo livro





## O PRESENTE DE LUIZINHA

Luizinha era uma menina muito alegre e inteligente.

Como já não tinha mãe, vivia só com o seu querido papae numa casa pequenina e risonha, meio escondida entre tufos de arvoredos e rosas trepadeiras.

O pae de Luizinha costumava sahir todos os dias para o trabalho, e ella ficava a zelar pela casa attendendo a que tudo estivesse bem disposto para quando o papae voltasse.

Mas ella gostava tanto de brincar!... E o preparo da casa tomava-lhe tanto tempo...

Luizinha quasi que chegava a desanimar.

Não raro, acontecia-lhe ficar horas e horas inactiva só por não saber por onde começar o trabalho.

Num desses dias ella sentou-se chorosa nos degraus da entrada e murmurou comsigo:

—Ah! Se apparecesse alguma fada generosa que me desse o seu auxilio...

Quando acabou de fallar, ouviu um ruido entre o arvoredos e uma voz que dizia:

—Está satisfeito o teu desejo, menina; aqui estou.



Luizinha voltou-se e viu uma velhinha toda envolvida nas fartas prégas de um capóte de côres vivas e encostada em um bastão nodoso.

A menina sabia fazer as honras da casa a qualquer visita e perguntou-lhe amavelmente:

—Em que poderei servir-te, bôa fada?

—Eu não vim a tua casa para que me sirvas, mas para servir-te, disse a fada,—para esse fim trouxe commigo dez pequeninos trabalhadores que tudo sabem fazer.

E abriu o seu capóte de côres vistosas, de cujas dobras saltaram dez anõesinhos de diferentes tamanhos.

Os dois primeiros eram baixinhos e gorduchos e, sob uma apparencia rustica, denotavam grande vigor. Os seguintes eram mais altos que os primeiros e tinham um aspecto mais gentil e interessante. Após estes, vinham dois ainda mais altos, um dos quaes tinha uma habilidade especial para a costura e usava mesmo um barretinho de metal reluzente, chamado dedal. Os outros dois que se seguiam eram fraquinhos e debeis, traziam anneis de pedras faiscantes que scintillavam como o sól, e, como apenas se moviam com difficuldade, tinham dois lepidos companheiritos a acompanhá-los de perto.

Quando estiveram todos enfileirados em frente á porta a fada perguntou a Luizinha:

Queres vêr como elles são desembaraçados e ageis para qualquer serviço?

E a um signal dado, os dez anõesinhos deslisaram pela casa a dentro, sob os olhares curiosos da menina.

Num abrir e fechar de olhos fizeram todo o preparo e ordem dos aposentos, sollicitos nos trabalhos grosseiros como nos mais delicados.



Luizinha estava encantada com os seus interessantes hospedes e supplicou:

—Bôa fada, serás tão generosa que me queiras emprestar algumas vezes os teus activos anõesinhos?

—Com muito gosto: respondeu a fada—farei melhor ainda: eu t'os darei. E, para poupar-te o incommodo de andares a conduzil-os por toda a parte vou escondel-os nos teus dedinhos.»

—Deu uma pancada com o seu bastão no assoalho e exclamou:

—Prompto:

Quando Luizinha olhou em torno, admirada, já não viu os anõesinhos.

A fada sorria-se:

—Agora, minha menina, é preciso que não esqueças o thesouro que possues. Nunca deixes os teus dedinhos sem occupação. Só tú saberas que o teu trabalho é feito por encanto.

Desde então, nunca mais Luizinha sentiu difficuldade em qualquer serviço. Os seus dez dedinhos deslisavam por tudo com habilidade e presteza, e a sua casa andava sempre numa ordem perfeita.

(Trad.)

Zalina Rolim.





## Os Dons de Frœbel

Breve summario, feito segundo o resumo final do «Paradise of Childhood» e de accordo com algumas indicações do Catalogo do material de Jardins de Infancia, de J. L. Hammett.

Na impossibilidade de dar neste numero da *Revista* todo o *Guia para Jardineiras*, do «Paradise of Childhood», de Edward Wiebé que começámos a publicar, pareceu-nos conveniente antecipar esse trabalho, dando uma indicação summaria sobre a natureza de todos os dons de Frœbel, de modo a facilitar o conhecimento do seu emprego e a natureza das varias occupações a que o material dos Jardins de Infancia se destina.

Embora a parte do *Guia das Jardineiras* que atraz se encontra, comprehenda já os seis primeiros dons, repetimol-os, entretanto, neste resumo porque esta fórma reduzida parece-nos mais propria a dar uma noção geral do conjuncto.

Começamos, por isso, reproduzindo breves indicações relativas aos primeiros dons embora resumindo-as mais ainda do que as do Manual com que Edward Wiebé termina a sua obra.



## PRIMEIRO DOM

VERSOS DE D. ZALINA ROLIM

O primeiro dom, constante de seis bolas cobertas de lã com as côres primarias e com as secundarias, é um objecto de prazer para as creanças que entram para o Jardim de Infancia na idade propria— os tres annos.

Se a creança nessa idade não teve ainda o minimo cultivo anterior, é conveniente dar-lhe apenas uma bola de cada vez, sendo que a primeira escolhida deve ser a de côr vermelha.

Depois de bem familiarizadas com essa côr, as creanças poderão passar á segunda e depois á terceira.

Consagrem-se algumas semanas ao conhecimento de tres côres apenas, de modo que as creanças, além desse conhecimento, venham a affeição-se ao jogo da bola que deverá tornar-se uma fonte de prazer para ellas.

Façam-se taes jogos em rythmo seguindo o compasso de musicas apropriadas.

Ao distribuirem-se, por exemplo, as bolas, passando-as de mão em mão, as creanças devem fazel-o cantando versos como estes:

«Meu querido brinquedinho

Vai e volta ligeirinho . . . etc.

Tendo-se as bolas presas a um cordel, as creanças podem fazel-as mover em diversos sentidos, como de cima para baixo, da direita para a esquerda ou descrevendo circulos. Para indicar estas differentes especies de movimento. devem empregar-se as mais simples e familiares expressões.



Outro jogo que as creanças muito apreciam consiste em fazer as suas bolinhas deitarem-se para dormir. Para esse brinquedo cantem-se os versos seguintes:

«Minha bola está cançada  
Vai descansar a bolinha.  
Que ella durma socegada  
Na sua fôfa caminha.

Se ainda não fôr tempo de guardar as bolas, faça-se com que as creanças cantem:

«Eil-a agora que desperta!  
A bola quer movimento:  
—Move-te bolinha experta  
A teu sabor e contento.

Acompanhando o canto passem-se as bolas de mão em mão. Nada é mais harmonioso e util nos Jardins de Infancia do que habituar as creanças aos movimentos rythmados.

As bolas devem ser um meio de suggerir ás creanças objectos semelhantes quanto á fórma e á côr, de modo que desde principio se cultive a observação.

Os jogos e brinquedos, suggerindo noções de fórma, movimento, côr e posição devem estar em immediata relação com os dons.

## SEGUNDO DOM

O segundo dom: a esphera, o cubo e o cylindro, não devem ser dados de uma vez ás creanças. Começa-se pela esphera a fim de que ellas a comparem com a bola macia do primeiro dom. A sua primeira



impressão leva-as a suporem que se lhes deu uma outra bola, pois que o que primeiro lhes chama a attenção é a identidade da fórma. E este é um dos principios do systema. Cada occupação mantém sempre pontos de semelhança com as anteriores de maneira a associarem-se as novas com as anteriores sensações. Immediatamente, porém, a nova bola se manifestará differente da primeira pelo facto de produzir rumor, o que muito agrada as creanças pois que ellas sentem prazer em ouvir sons assim como gostam de vêr e palpar os objectos. Antes de discriminarem o rumor—da musica, as creanças apreciam o barulho até que, pelos sons rythmados, sejam levadas a affeioar-se á musica. Assim pois, deve-se permittir o barulho das bolas nas mesas, desde que esse rumor seja produzido com um determinado fim.

Dêem-se as bolas de lã e as de madeira emquanto se notar que esses dons agradam as creanças. O numero de vezes que as bolas pódem ser dadas fica, assim, dependendo, em parte, da habilidade das jardineiras. Passe-se então ao cubo. Neste a primeira qualidade que lembrará o dom anterior será a propriedade de produzir rumor. Em seguida surgem logo as differenças, que são como um novo mundo offerecido á sua observação. Começa-se então o estudo dos seis lados, dos oito cantos, das doze quinas. A observação levará as creanças a certificarem-se da egualdade das faces, e da sua limitação constante por quatro quinas e quatro cantos. Verificarão ainda que das seis faces, quatro são mais lisas do que as duas outras. E mais, que o cubo não róla como a esphera, fica parado no mesmo logar emquanto não se puxa por elle.

Depois de satisfeita a curiosidade das creanças quanto ao cubo, junte-se a este o cylindro, a que ellas chamarão de *rôlo*. Tambem este faz barulho e



assemelha-se aos anteriores quanto á côr, e ainda mais, relaciona-se com ambos porque róla como a esphera e fica de pé como o cubo.

Em seguida dá-se ás creanças a caixa inteira do segundo dom, fazendo-se notar a sua fórma, as varias maneiras de collocal-a na mesa:—no sentido do comprimento, de cima para baixo ou no sentido da largura, da direita para a esquerda. O que mais agrada, porém, as creanças é o possuírem de uma vez tudo o que a caixa contém. Alli estão todos os objectos que já lhe são conhecidos, a bola á direita, o cubo no meio e o cylindro na extremidade esquerda. Não levará muito tempo para as creanças descobrirem que as varetas que se encontram na mesma caixa se ajustam nos furos interiores e que as argolinhas que se vêem nos cubos servem para suspendel-os por um cordel.

Este dom necessariamente produz rumor e, por esse motivo, tem sido excluído de muitos Jardins de Infancia, conservando-se apenas uma caixa para servir de objecto a *lições de cousas*. Taes lições, assim reduzidas pódem ter o inconveniente de não permittirem que as creanças *descubram* por si mesmas:

### O TERCEIRO DOM

O terceiro dom, bem como os seguintes, empregase na construcção de varias fórmas que tem por fim representar:

- 1.º Objectos reaes.
- 2.º Fórmas que concretisem relações e formações numericas.
- 3.º Fórmas artisticas, resultantes de combinações symetricas.



As caixas devem sempre distribuir-se de modo a manter-se inteira ordem, primeiro fazendo-se uma só das caixas passar de mão em mão até voltar ao extremo da mesa, o que dará ensejo para interessantes observações por parte de cada creança.

Por ultimo, retire-se a caixa, deixando-se o cubo que estava dentro assentar sobre a mesa.

Distribuidas as caixas, repitam as creanças esta operação e comece-se a divisão dos cubos pelas diversas secções: em partes para a direita e para a esquerda, ou para cima e para baixo. Depois em quatro partes, dando logar ás diversas combinações, quer para a representação de objectos reaes, quer para representar relações numericas ou para formar combinações symetricas. Quanto a estas, partindo-se de uma fórma fundamental póde-se modificá-la, originando-se uma grande série de desenvolvimentos. Para isso deve-se attender a que cada alteração de uma parte deve ser acompanhada de alterações correspondentes nas partes oppostas. Produz-se assim uma immensa variedade de fórmulas symetricas que agradam á vista e cultivam o gosto.

Em todas ás construcções devem entrar todas as partes de que se compõe o dom.

Terminadas as occupações, deve-se sempre reconstruir o cubo em sua fórma primitiva, guardal-o nas caixas e recolhel-os pela mesma fórma pela qual se fez a distribuição.

## O QUARTO DOM

O quarto dom, em virtude da fórma e das dimensões de suas partes dá logar a maior variedade de construcções. Por meio deste dom, tornam-se mais claras as noções relativas ás diversas dimensões.



As construcções que as creanças fizerem podem ser reunidas de modo a formarem-se conjunctos harmonicos e que mais excitem a sua imaginação.

A distribuição das caixas faz-se da mesma maneira que a dos dons antecedentes. As creanças percebem logo que a grandeza do cubo todo é a mesma que a do dom anterior, e igual o numero de partes que os compõem, differindo apenas quanto á fórma.

Deêm-se ás creanças um cubo do terceiro dom para que ellas estabeleçam esta comparação,

Se em vez de um só cubo a professora lhes dêr dous, ellas facilmente verão que duas das partes do quarto dom, postas, uma em cima da outra, formam um bloco exactamente igual aos dous cubos, verificando-se assim a sua igual capacidade.

## O QUINTO DOM

Os primeiros exercicios com este dom são identicos aos dos dons anteriores, sendo de notar que este presta-se mais do que os outros para a transformação das fórmas symetricas, tornando bem evidente que, se todas as partes se relacionam em torno de um centro commum, a regularidade e a belleza das combinações só poderá resultar da alteração simultanea das partes oppostas.

As indicações para a formação dessas combinações devem ser bastante simples, de modo a permittirem que as creanças, por operações inversas, voltem a reconstruir sem muito esforço a fórma primitiva que lhes serviu de ponto de partida.



## O SEXTO DOM

Este dom consta de vinte e sete parallelepipedos, do mesmo volume, como no quarto dom: Dezoito são inteiros e seis são divididos no sentido da largura e do comprimento, perfazendo ao todo trinta e seis partes. Neste dom as creanças, antes de iniciar em as construcções, devem observar as differentes fórmulas das partes, sua grandeza e numero.

As combinações das differentes peças de que se compõe o dom, fazem-se conforme as indicações geraes relativas aos anteriores.

Com o sexto dom realizam-se as duas séries de desenvolvimentos dados por Frœbel, cujo fim é dar a conhecer ás creanças as propriedades geraes dos solidos, por meio da observação e da experiencia.

## O SETIMO DOM

Uma das principaes vantagens dos Jardins de Infancia consiste em lançar os fundamentos para a educação scientifica systematica que preparará os individuos a tornarem-se operarios aptos em qualquer occupação que venham a escolher.

Ha em nosso paiz grande escassez de operarios para manufacturas que tenham assaz de gosto artistico e habilidade manual. Esta situação ha de necessariamente perdurar, fazendo com que as nossas manufacturas soffram no confronto com as dos paizes mais antigos, emquanto não tivermos escolas de artes e officios em cada cidade, que completem a obra inicial dos Jardins de Infancia que felizmente vão adquirindo um grande desenvolvimento.



E' neste sentido que mais sobresahe o valor do setimo dom, que, entretanto, tem sido, em grande parte, prejudicado pela falta de formas systematicas e de sequencia nas taboinhas de que elle se compõe. Esse inconveniente desaparece, porém, com as formas que adoptamos, como adeante se verá.

O quadrado é o typo das figuras de quatro lados. E' a mais simples e, por isso, a primeira que se apresenta á creança. Dividindo-se o quadrado, de angulo a angulo, diagonalmente, origina-se uma nova figura de tres lados mas que não é o typo das figuras dessa especie. O triangulo equilatero que em seguida se apresenta é que constitue o typo das figuras trilateras. Temos, pois, o quadrado que é o typo das primeiras e o triangulo equilatero, typo das segundas. Se dividirmos este ultimo por um dos seus angulos como fizemos com o quadrado, teremos ainda dous outros triangulos de differente fórma—o escaleno. — Se collocarmos estes dous ajustados pela base, o resultado será ainda uma nova especie --o obtusangulo. Temos assim todas as fórmas que constituem o setimo dom, as quaes podem originar innumeradas combinações.

Examinemos agora essas formas em sua applicação á educação artistica e mathematica.

O quadrado educa a vista para a avaliação exacta do angulo recto que é uma das principaes necessidades do artista. A divisão do quadrado dá angulos de  $45^{\circ}$  educando a vista ao conhecimento desse angulo de uso universal—a meia esquadria ou meio angulo recto.

Estes são os angulos de que mais frequente uso fazem os desenhistas. O circulo dividido em oito partes dá tambem angulos de  $45^{\circ}$  e o triangulo que



tem angulos dessa grandeza é empregado de um modo muito simples para o traçado do octogono, assim :

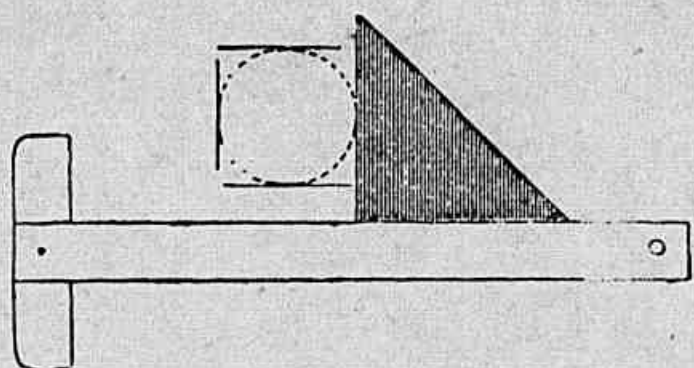


Fig. 1

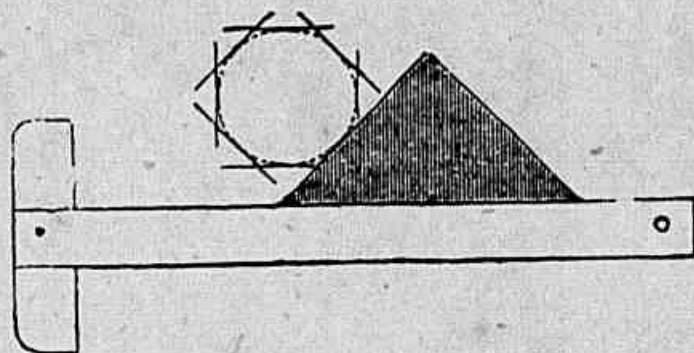


Fig. 2

Desenha-se um circulo e com o esquadro em T traçam-se as duas tangentes, superior e inferior. Com o esquadro triangular traçam-se as lateraes (fig. 1). Em seguida com os angulos de  $45^{\circ}$  traçam-se as outras quatro tangentes, como se vê na fig. 2. E assim, faz-se o octogono em menos tempo de que o que levamos a descrever o processo. Esta é apenas uma das muitas applicações que destas fórmaz fazem os desenhistas em seus trabalhos.

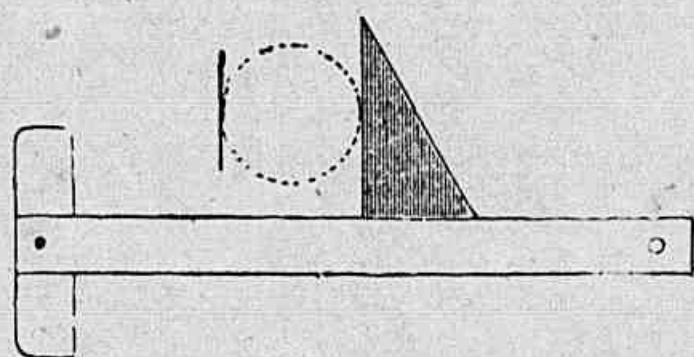


Fig. 3

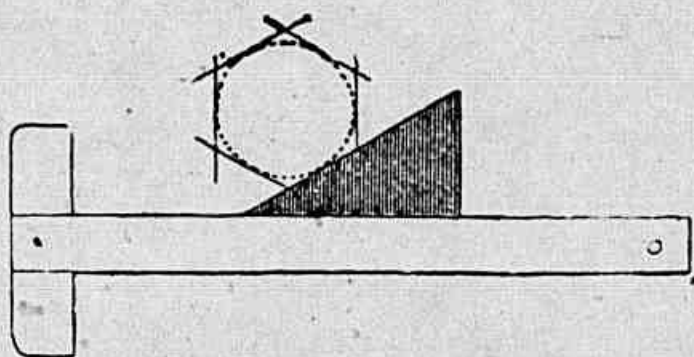


Fig. 4

O triangulo equilatero tem, como se sabe, angulos de  $60^{\circ}$ , de modo que seis desses angulos formam um circulo, servindo assim para o traçado do hexagono como o anterior serviu para o octogono.

O triangulo equilatero, bidividido dá, como vimos, escalenos rectangulos cujos angulos são de  $90^{\circ}$ ,  $60^{\circ}$  e  $30^{\circ}$ . Esta fórmula, pela natureza de seus angulos, constitue outra especie de esquadro indispensavel aos dezenhistas.



Estes triangulos, pois, comprehendem todos os angulos que poderiam denominar-se estalões e que são os de  $90^{\circ}$ ,  $45^{\circ}$ ,  $60^{\circ}$  e  $30^{\circ}$ .

Ha, portanto, incontestavel vantagem em que nos Jardins de Infancia as creanças se tornem bem familiarizadas com essas especies de triangulos.

Porém, se como até agora se praticava, o escaleno, em vez de ser formado como indicámos, for originado pela divisão do rectangulo (quadrilatero) os dous angulos agudos resultantes perdem este caracter typico.

Entre as taboinhas em uso em nossos Jardins de Infancia encontram-se estas duas fórmulas do triangulo escaleno e, apparentemente, pouca importancia se tem dado ao assumpto. Comtudo, as vantagens da fórmula que indicamos parecem ser de tal relevancia que as jardineiras certamente procurarão, de ora em diante, decidir por si mesmas da conveniencia da escolha.

\* \* \*

Como preparo para a apresentação deste dom, corte-se um pedaço de maçã, de pão ou de argila exactamente com as dimensões e a fórmula do cubo do terceiro dom, e em seguida faça-se a secção de uma das faces de modo a mostrar a semelhança entre uma qualquer das faces do cubo e a primeira taboinha que se vai dar ás creanças. Muitas creanças haverá que apprehendam essa semelhança independentemente deste recurso; com tudo, é sempre preferivel dar-lhes, quando possivel, a noção concreta dos factos.

As creanças desde logo hão de querer bastantes taboinhas para com ellas formarem um cubo e feito isto, interessar-se-ão em descobrir o que lhes é pos-



sivel fazer com o cubo assim seccionado em varias camadas.

Ao quadrado deve seguir-se o triangulo rectangulo isocetes, e apenas dous devem dar-se, a principio, para que as creanças vejam que elles constituem metades do quadrado. O equilatero relaciona-se com estes, de modo que deve ser dado conjunctamente com um isocetes a fim de que as creanças observem e descubram as differenças que existem.

Dêem-se dous triangulos equilateros e faça-se com que sejam collocados um em cima do outro, de modo que cada angulo do superior venha a occupar um ponto equidistante dos extremos dos lados do inferior. O contorno do circulo fica assim quasi marcado.

Fazendo-se isto sobre uma lousa ou sobre uma folha de papel e assignalando-se o contorno ao redor dos seis vertices, torna-se bem frisante esta noção.

Segue-se aos equilateros o escaleno que deve ser apresentado como constituindo uma metade do primeiro, assim como o triangulo rectangulo isocetes é tambem metade do quadrado, e que unidos pelos seus lados menores formam o triangulo obtusangulo.

Depois de se tornarem bem familiares estas fórmulas, podem-se dar ás creanças duas ou mais especies de triangulos.

Com elles as creanças iniciam as combinações de modo a originar varias fórmulas.

Cumpra notar que ellas gostam muito de tornar permanentes as formas que com as taboinhas tenham chegado a construir ou a inventar.

Para esse fim os Jardins da Infancia devem dispôr de papeis coloridos tendo as mesmas fórmulas das taboinhas para serem collados em folhas de papel, reproduzindo



as combinações feitas na mesa: Estes mosaicos (*Parqueterie*) não sómente constituem um objecto de prazer, mas, além disso, habituam á precisão da vista no collocar os differentes pedaços de papel e cultivam o gosto pela escolha das côres que produzam effeito mais harmonico.

## O OITAVO DOM

Assim como as taboinhas do dom anterior não são mais do que a corporisação das faces do cubo, do mesmo modo os pauzinhos de que este se compõe são a representação concreta das arestas do mesmo cubo.

Os pauzinhos estão contidos tambem nas taboinhas, pois que, o plano é concebido como uma superficie formada de linhas, o que se póde illustrar collocando-se um numero sufficiente de pauzinhos, uns ao lado dos outros, de modo a formarem um quadrado.

Este dom faz-nos avançar um passo mais no dominio da abstracção. Por meio das taboinhas podiamos representar num plano imagens de objectos reaes. Por meio dos pauzinhos, podemos traçar, tão perfeitamente quanto possivel, o contorno de objectos com linhas *concretizadas*. Os pauzinhos são os favoritos das creanças porque vêem nelles uma enorme variedade de objectos, e de facto elles podem representar para a imaginação infantil os objectos que tenham o caracteristico daquella fórma elementar. Este dom constitue para as jardineiras um mundo de inesperados resultados.

Os pauzinhos podem ser dados desde logo para se ensinar as creanças a contarem, a addicionar subtrahir, multiplicar e dividir e tambem como o primeiro passo no ensino do desenho, devendo as creanças



reproduzirem nas lousas o *desenho concreto* que tiverem feito com os pauzinhos.

## NONO DOM

Depois das linhas rectas (os pauzinhos) e em directa relação com ellas, Frœbel passa ás linhas curvas representadas por anneis e meios anneis de diferentes tamanhos, que constituem o nono dom.

Distribuem-se os anneis ás creanças, um para cada uma, faça-se com que ellas notem que as *argolinhas* não tem principio nem fim. Dêem-se dois meios anneis e as creanças notarão logo os dois extremos que desapparecem desde que os juntemos para formarem um anel inteiro. Todas as fórmulas feitas com os anneis, em virtude de sua propria natureza, são de bello effeito e, por isso, muito importantes para o cultivo do senso artistico.

As figuras assim feitas, bem como as anteriores, depois de realizadas com os anneis sobre a mesa devem ser reproduzidos nas lousas ou em papel pelas creanças.

## O DECIMO DOM

O desenho deve começar desde logo nos Jardins da Infancia, pois os elementos preparatorios devem iniciar-se logo que os dedos das creanças possam manejar o lapis.

Com todos os dons até agora empregados as creanças habilitavam-se a representar fórmulas com objectos. Desenvolviam-se assim a imaginação e o



gosto, dando-se ao mesmo tempo correctas noções sobre os solidos, superficies e linhas.

Bem depressa as creanças manifestam o desejo de *pintar* essas fórmias e figuras que até agora fizeram de um modo concreto.

O desenho não desenvolve apenas a faculdade de representar as cousas percebidas, mas offerece tambem o melhor meio de se constatar quão correctia foi a percepção. Ambas estas condições foram plenamente satisfeitas por Frœbel.

Para esse fim deve-se dar ás creanças lousas, tendo um dos lados coberto de um cruzamento de linhas, formando quadradinhos de uma polegada que servem para regularizar a actividade das creanças.

Taes linhas guiam as creanças no movimento dos lapis e, ao mesmo tempo, as auxiliam a estabelecer relações entre posições e distancias.

Em seguida ao desenho nas pedras póde-se passar ao desenho em papel quadriculado do mesmo modo que as lousas, e esses papeis devem ser colleccionados de modo que as creanças possam acompanhar o desenvolvimento das differentes fórmias que traçarem.

## UNDECIMO DOM

Os dons de Frœbel constituem um todo harmonico e systematico, começando pelos solidos, passando em seguida ás superficies e terminando nas linhas. Estas, que a principio são concretamente representadas por *pauzinhos*, passam, em seguida, a ser *traçadas*, e só então é que se chega á noção de *ponto*.



Assim, gradualmente vamos-nos afastando das formas *corporisadas* para nos approximarmos do dominio abstracto.

Eis como se procede para desenvolver as noções a que este dom se destina.

Dá-se a cada creança um cartão coberto de uma camada de feltro e sobre esta um outro cartão ou papel, para ser perfurado ou picado por meio de uma agulha encravada em um cabinho de madeira. Para guiar as creanças nesta occupação estende-se uma folha de papel quadriculado sobre o cartão que tem de ser perfurado. A principio os furos, que são pequenos mas distinctos, devem ser feitos nos pontos em que as linhas verticaes cortam as horizontaes. A' medida que as creanças progredirem, os furos passam a ser feitos entre esses pontos, em todas as direcções, e tambem diagonalmente.

O resultado mais evidente desta occupação consiste em dar segurança á vista, na exacta apreciação das distancias e posições, de modo que utilizados os cartões para alinhavo não se notem enganos na collocação dos pontos:

Pode seguir-se neste dom o mesmo methodo já indicado quanto ao desenho para a formação de linhas, angulos, quadrados, rectangulos, etc.

Além dessas formas elementares podem ser dadas ás classes mais adeantadas desenhos representando o contorno de flores, insectos, fructos, etc., para a perfuração pelo mesmo processo.

## DUODECIMO DOM

A occupação relativa a este dom constitue um seguimento natural da anterior de modo que muitos



dos modelos de picado anteriormente feitos podem servir agora para os alinhavos que são o objecto do 12.º dom.

Os alinhavos, porém, devem fazer-se sempre em papel resistente como o papel Bristol de modo que não se prejudique o polido da superfície. Alguns dos modelos sobresaem de modo admiravel pela boa combinação das côres. E, por isso, é que este genero de occupação é um dos que mais contribuem para a realização dos intuitos de Frœbel entre os quaes occupa logar saliente a cultura do amor do bello por meio da côr e da fórma.

### DECIMO TERCEIRO DOM

O decimo terceiro dom consta do recorte de papel, e, a proposito, têm-se feito objeções contra o uso das tesouras. Como, entretanto, as tesouras empregadas não têm pontas, não ha motivos para se receiar que as creanças possam ferir-se com ellas. Demais, importa ensinar, desde logo, as creanças a servirem-se de instrumentos, como este, com o necessario cuidado.

Dando-se ás creanças o material com o qual ellas pódem produzir fórmias attrahentes pela belleza, recordando-as segundo certas leis, o *desejo de destruir* com as tesouras bem de pressa se extinguirá e, assim, muitos incidentes desagradaveis se poupará, tanto ás creanças como aos paes.

O material empregado consta de quadrados de papel branco ou colorido que, depois de dobrados em fórma triangular, são recortados segundo linhas determinadas.

Para facilitar o recorte regular pode-se, em vez de simples folhas de papel, empregar os quadrados



já preparados para esse fim, feitos de modo que, quando dobrados, apresentem uma das faces triangulares coberta de quadriculas, segundo as quaes o proprio alumno póde traçar o plano do recorte que vai fazer, reproduzindo as indicações da professora.

O recorte, como aliás acontece com todas as occupações do Jardim de Infancia, é regulado pela *lei dos oppostos*.

Começa-se pelo corte vertical, passando-se ao seu opposto, o horizontal e á posição média, a obliqua, devendo as creanças traçarem segundo as indicações das professoras as linhas que terão de seguir no recorte.

No *Paradise of Childhood* encontram-se os modelos para esses recortes

Para realizal-os, o papel deve ser dobrado de modo a formar oito triangulos supperpostos. E' essa a fórma do dobrado fundamental para os recortes mais simples.

Além dessa fórma fundamental, emprega-se tambem uma outra constante da mesma fórma triangular, mas differindo da anterior pelo facto de ser constituído por seis triangulos equilateros em vez de oito como acima.

Essa fórma póde-se obter de um modo muito simples, dobrando o quadrado pela diagonal e no meio desta fazendo dobras segundo angulos de  $60^\circ$ , o que quivale a dividir o triangulo todo em tres partes eguas e, por ultimo, cortando os cantos que excedem á base opposta ao vertice commum. Além dos recortes retelineos pódem-se fazer tambem recortes segundo linhas curvas, as quaes produzem effeitos mais attrahentes.

As quadriculas destinadas a guiar o recorte na fórma constituída pelos seis triangulos equilateros, fa-



cilmente se traçam dividindo os lados, cada um em quatro partes e unindo-se os pontos de divisão de dous desses lados ao terceiro que se toma como base e, finalmente, tirando-se uma vertical do vertice para essa base.

As partes cortadas devem ser utilizadas para formar também combinações symetricas, e para isso distribuem-se folhas de papel ou de cartão em que as creanças possam collal-as, pela maneira que a sua imaginação lhes suggerir.

## O DECIMO QUARTO DOM

Tecelagem, a occupação relativa a este dom contribue notavelmente tanto para o desenvolvimento mental como para o corporal e, além disso, é um dos exercicios que as creanças mais apreciam. Este dom occupa ambas as mãos, agrada a vista pela variedade das côres, cultiva o gosto pela symetria das figuras produzidas, e, pela necessidade constante de contar as fitinhas de papel, dá logar á pratica das noções de numero.

O material empregado nesta occupação consta de folhas de papel, cortadas em fitas, de modo a formar a trama (*mats*) para os tecidos em papel.

Com as creanças menores é preferivel começar empregando fitas mais largas de modo que o modelo seja mais facilmente comprehendido e reclame menos paciencia na execução.

O modelo mais simples é aquelle em que as fitas da trama ficam alternadamente collocadas superior e inferiormente. E' por esse que se deve começar, passando-se em seguida á alternção de duas em duas fitas, que já se presta á composição de varios desenhos,



e em seguida á reprodução dos modelos que dão origem a combinações mais complexas e de resultados mais attrahentes.

No proximo numero desta Revista daremos os modelos para esta e outras occupações, acompanhando-as de indicações mais minuciosas. Por em quanto, limitamo-nos a remetter os leitores á série de modelos appensa ao *Paradise of Childhood*.

### O DECIMO QUINTO DOM

Consta este dom de varetas de differentes côres para entrelaçamento que servem de intermediarias entre as superficies (as taboinhas) e as linhas representadas por pausinhos ou arame. Prestam-se as varetas á construcção de um grande numero de fórmás, de que daremos modelos no proximo numero desta Revista.

### O DECIMO SEXTO DOM

O decimo sexto dom presta-se a occupações e exercicios identicos aos do anterior. Consta de varetas com juntas dobradiças por meio das quaes póde-se construir uma grande variedade de fórmás. Com relação a este dom, além dos modelos do «Paradise of Childhood» publicaremos tambem as do manual de Krauss Boelte.

### O DECIMO SETIMO DOM

Os exercicios com este dom são ainda semelhantes aos anteriores. O material, porém, em vez de



constar de varetas de madeira, como acima, consta de fitas de papel de oito ou dez polegadas de comprimento e um quarto de polegada de largura

## O DECIMO OITAVO DOM

Consta este dom de quadrados de papel para dobrado. Formam-se assim as mais variadas formas, que contribuem para facilitar o estudo posterior das propriedades geometricas.

Uma das fórmulas fundamentaes, da qual se póde originar uma grande série de dobras, obtem-se pelo modo seguinte:

Colloque-se um quadrado de papel sobre a mesa, de modo que dous angulos fiquem collocados no sentido da largura da mesa. Dobre-se o angulo inferior sobre o de cima ajustando bem os seus respectivos lados; dobre-se em seguida o angulo direito sobre o esquerdo. Abra-se o papel, que vem a ficar dividido por duas diagonaes. Dobrem-se para o centro os quatro cantos, de modo a formar um quadrado menor. Desta fórmula primitiva deduz-se uma grande série de figuras que as creanças podem executar seguindo as indicações da professora, ou por invenção propria.

## O DECIMO NONO DOM

Chegamos agora ás occupações que tem por objecto a construcção do contorno de solidos.

O material para taes exercicios consiste em fios de arame que se reúnem por meio de ervilhas previamente embebidas em agua para que os fios de arame facilmente se possam encravar nellas.



Em vez de ervilhas pode-se também com vantagem applicar para o mesmo fim cubozinhos de cortiça.

## O VIGESIMO DOM

Sendo incontestavel a opinião de Frœbel de que se deve iniciar o ensino das creanças por meio de jogos, pois que tal processo está de accordo com os caracteristicos da infancia—tambem é evidente que as substancias plasticas, como a argila, devem constituir um importante meio de promover o seu desenvolvimento. O gosto que, em toda a parte, as creanças manifestam pelos brinquedos em que podem servir-se de substancias plasticas, taes como o barro, a neve, etc., demonstram o que acima affirmámos. Por isso mesmo, nenhuma das occupações do Jardim de Infancia se faz com mais prazer e utilidade para as creanças do que a modelagem em argila.

Para os exercicios de modelagem, distribuem-se taboas apropriadas e um pedaço de argila para cada creança. A primeira occupação deverá consistir na modelagem da esphera. Desta muitas outras fórmulas podem originar-se, taes como a da laranja, da maçã, etc., devendo, porém, a professora respeitar a espontaneidade das creanças, evitando, entretanto, que a sua acção se exerça sem fim determinado, com inconstancia.

Sómente depois de desenvolvida a habilidade das creanças por estes primeiros exercicios é que se poderá passar a construir as fórmulas geometricas, taes como o cubo, o cylindro, etc,

No proximo numero daremos modelos para os primeiros exercicios de modelagem.

G. Prestes.

(Traducção e resumo.)



# TRECHOS

Pequeninos trechos para serem reproduzidos em lições de linguagem com a accentuação própria, primeiro como simples meio de dar ás creanças o necessario desembaraço no fallar e em seguida para a formação de dialogos.

## 1.º PERIODO

- Eu tenho duas mãosinhas.
- Eu tenho dois pésinhos.
- Eu tenho cabellos louros.
- Eu tenho cabellos compridos.
- Eu tenho cinco dedos em cada mão.
- Eu gosto de mamãe e papae.
- Eu gosto de doces.
- Eu posso fechar meus olhos.
- Eu não posso estar quiéto.
- Eu sei bater palmas.
- Eu sei cantar.
- Eu sei dar um pulo.
- Minhas faces são coradas.
- Meus olhos são negros.
- Meus braços são compridos.
- Meus dentinhos são alvos.
- Meu nariz é bem feitinho.
- Minhas unhas são côr de rosa.
- Eu posso virar uma róda.
- Eu sou muito obediente.
- Eu fallo quando é preciso.
- Eu sei o nome dos meus dedinhos.
- Eu gosto do Jardim da Infancia.
- Mamãe quer que eu seja bonzinho.
- Papae quer que eu aprenda muita cousa.

Então estudemos  
Que o tempo se vae,  
E alegres veremos  
Mamãe e papae.



2.º PERIODO

- Meus olhos servem para vêr.  
-- Meus ouvidos servem para ouvir.  
— Meu nariz serve para cheirar.  
— Minha linguinha serve para sentir o gosto do que eu como.  
— Minhas mãos servem para apalpar.  
-- Que vêm seus olhos, Antonio?  
— A professora e meus companheirinhos.  
— Que ouvem seus ouvidos, José?  
-- A sua voz e a dos que estão aqui.  
— Como você sabe que é com os ouvidos que se ouve, Waldemar?  
— Porque tapando os ouvidos não ouço nada.  
— Que cheiro sente você quando está no Jardim, Raul?  
— O perfume das flôres.  
— Como você sabe que é pelo nariz que se sente o cheiro, Esther?  
— Porque tapando o nariz, não sinto cheiro nenhum.  
— Que gosto sente agora a tua boquinha Judith?  
-- Nenhum, não estou comendo.  
— Que apalpam suas mãos, Luisita?  
— Meu vestidinho.  
— Como é que vocês sabem tudo isto?  
-- Vendo com os olhos.  
— E quando estamos no escuro, Joãozinho?  
— Apalpando com as mãos.

Temos pois cinco sentidos:

- Vêr, gostar, ouvir, cheirar...  
— Um, dois, tres, quatro, eis o quinto:  
— E' o que se chama apalpar.



3.º PERIODO

— Nós estamos reunidos para uma conversação.  
— Vamos todos prestar atenção.  
— Quando se conversa muita cousa se aprende.  
— Mas, mamãe diz que é melhor estar calado do que fallar.

— Isso é quando se diz tolices.

— E nós não diremos tolices, não é?

— Nós não somos tolos.

— Que costumam fazer os tolos, Orlando?

— Muita cousa censuravel.

— Que cousas são censuraveis, Oswaldo?

— As cousas mal feitas.

— Os tolos fazem essas cousas.

— Não se portam bem em parte alguma.

— Não obedecem a ninguem.

— Mettem-se em tudo que não lhes importa.

— Brigam com seus companheiros.

— Fallam quando se deve estar quiéto.

— Ficam calados quando se deve fallar.

— Não querem ficar na classe.

— Eu não quero ser tolo.

— Nem eu.

— Para termos juizo, que devemos fazer?

— Ouvir os conselhos de mamãe e papae.

— Prestar atenção ás palavras da professora.

— Ser muito delicado para com todos.

— Eu quero ter juizo.

— Eu tambem.

— Que são os que ficaram quiéto agora?

— São tolos.

Os tolos ficam mudos  
Quando é o fallar preciso,  
Fallando agora todos  
Mostramos ter juizo.

Zalina Rolim.



## PRIMEIRO EXERCÍCIO DE DESENHO FEITO NO 3.º PERÍODO DO JARDIM DA INFÂNCIA

PELA PROFESSORA

*D. Izabel Prado*

Antes de começarmos o nosso exercício de desenho, vamos primeiramente dizer alguma coisa sobre as ardosias e lapis, usados actualmente no Jardim da Infância, para o desenho das primeiras linhas.

As ardosias são quadriculadas nas duas faces, tendo sobre uma das faces quadriculas de um centímetro; sobre outra, traços separados de meio centímetro sómente.

Os lapis empregados para o desenho nas ardosias, devem ser aparados com auxílio de uma lima, podendo-se, porém, substituí-los pelos lapis communs.

Vamos agora dar começo a nossa aula:

—As creanças em numero de dez, como de costume—acham-se sentadas nas cadeirinhas ao redor de cada mesa.

Para distribuirmos as ardosias, collocamos sobre as extremidades das mesas, tantas ardosias e lapis, quantas forem as creanças que estiverem nas referidas mesas. A classe conserva-se de bracinhos cruzados.

Diremos o seguinte á classe:

O primeiro signal dado na campainha é para vocês que estão na extremidade da mesa collocarem a mãozinha direita sobre a pedra de cima; ao segundo



signal vocês passarão, de uma em uma, a ardosia para a sua vizinha da direita e esta irá passando até a ultima da classe, sempre passando de mão em mão.

O mesmo processo deve ser empregado na distribuição dos lapis. Este exercicio constituirá um divertimento bastante interessante para as creanças e, uma vez habituadas, ellas o farão com muita rapidez e regularidade.

Pelo processo inverso voltam as ardosias e os lapis ao logar de partida.

Concluida a distribuição das ardosias e lapis, deve ter cada creança em sua frente uma ardosia e um lapis.

Dirá então a professora á classe :

Tome cada creança o seu lapis na mão direita, levantando bem alto o braço.

Tome a professora tambem um lapis e fique na posição indicada.

Prestem muita attenção :

Façam com o lapis o mesmo movimento que eu fizer com o meu.

Levante a professora o braço direito bem alto, tendo o lapis na mão e fazendo primeiramente os movimentos no espaço para habitual-as depois a traçarem nas lousas. A professora deve contar—um—devendo estar com o braço extendido para fazer uma linha vertical—dois—deve estar no meio da linha—tres—deve ter a linha prompta feita no espaço devendo as creanças tambem acompanhar a professora n'esses movimentos.

Fará este exercicio muitas vezes, assim como as linhas: horisontal e inclinada, o que facilitará a reproducção nas lousas das linhas que estiverem n'essas posições.



Reprodução das linhas nas ardosias

Marque a professora no quadro negro que, como as ardosias deve ser também quadriculado, um pontinho com giz, no canto esquerdo superior, e mande que as creanças façam o mesmo nas ardosias. Se não souberem, ensine-lhes a professora os lados e cantos das ardosias, indicando os lados superior, inferior, direito, esquerdo, canto direito, esquerdo, superior, inferior até que a creança os reconheça de prompto.

Em seguida devem marcar um pontinho e contar quatro quadradinhos abaixo do ponto e marcar outro. Uniremos então esses dois pontinhos e teremos *uma linha recta que está na posição vertical*.

Será necessario vermos todas as ardosias da classe para verificar si as creanças traçaram também ao mesmo tempo aquellas linhas.

Mandaremos as creanças mostrarem em suas ardosias, nos desenhos das paredes, nos objectos da sala, etc., as linhas que estejam nas posições indicadas.

Faça a professora a seguinte pergunta á classe.

Quem sabe em que posição está a linha que traçámos?

Responderão certamente. «Em pé». Sabem como devemos dizer quando uma linha está de pé?—«Recta e na posição vertical». Fazemos então a classe repetir a mesma posição.

Marcaremos outro pontinho no quadro e mandaremos as creanças fazerem o mesmo; 2, 3, 4, ou quantos quadradinhos estiverem ao lado do pontinho e unindo-se esses dois pontinhos teremos outra *linha recta horisontal*. Chamaremos a atenção das creanças para que fallem sobre a posição daquella linha.



— Continue-se sempre a mostrar objectos que estejam na posição da linha que acabámos de traçar, empregando-se sempre o mesmo processo com relação a linha inclinada.

Depois que palestrarmos bastante com as creanças sobre este ponto, começaremos então a traçar figurinhas, começando pela combinação de 2, 3, 4, 5, 6 e até 12 linhas. Isto não só entretêm muito as creanças como também é de muita utilidade nas construcções.

*Isabel Prado.*



## A Creança Alegre

Gosto muito de acordar  
E levantar-me cedo;  
Quem madruga no meu lar  
Somos eu e o canarinho.

Vou para o banho sósinho,  
Depois vestir-me e pentear,  
E mamãe e papaesinho  
Muito contente abraçar.

Corro e brinco enquanto posso . . .  
Depois, vou a mesa e almoço  
Com appetite sem fim.

E então, no braço o cestinho,  
Alegre tomo o caminho  
Do nosso bello Jardim.

*Zalina Rolim*



## AS FAVAS

Um dia a mamãe de Lulú mandou-o á cidade, comprar favas.

Para não esquecer o nome do que ia comprar, o menino foi por todo o caminho repetindo:—Favas, favas, favas....

Ao passar em um largo Lulú avistou um grupo de rapasitos como elle, muito entretidos no jogo do pião.

Ora, Lulú era doido por aquelle divertimento; interessado, parou sem mais pensar nas favas.

Quando os rapasitos se foram, elle já não se lembrava do que sahira a comprar.

Caminhou uns passos para deante, voltou uns passos para traz, dizendo em voz alta:

—Daqui até alli, perdi; daqui até alli, perdi...

Um homem que passava interrogou-o curioso:

—Que perdeste, menino?

—Daqui até alli, perdi; daqui até alli, perdi...

—foi a resposta de Lulú.

—Mas, que perdeste? falla!...

—Daqui até alli, perdi...

—Ora, vae ás favas!...—gritou o homem, encolerizado.

—Achei, achei!...—Exclamou Lulú.

E lá se foi a correr para a cidade.

*Zalina Rolim*

---



## DESENHO

No 2.º Período do Jardim da Infância, o ensino de desenho é feito com umas pequenas varetas de 25 centímetros de comprimento, 1 de largura e espessura conveniente para a flexibilidade necessária.

Primeiramente, faz-se a distribuição das varetas, pelo processo de circulação, devendo as crianças que ocupam uma das extremidades de cada mesa, passar os macinhos de varetas a cada signal dado. A' medida que as crianças forem passando as varetas, irão collocando-as sobre a mesa na sua frente. Convidal-as-hemos então a prestarem muita attenção.

Tomaremos uma vareta e a primeira pergunta que devemos dirigir á classe, deve ser a seguinte: com o que acham parecido isto que tenho na mão? As crianças, certamente, responderão: «Com uma varinha». Ensinaresmos então a dizerem varetas e não varinha. Pediremos a cada criança para descrever a sua vareta.

Aristides, conte-me alguma cousa da sua vareta. Elle dirá, por ex: a minha vareta é comprida. Adelaide, falle-me sobre a sua vareta.

Si ella não responder, logo, podemos fazer perguntas para, assim, facilitar mais. A vareta é larga? E' estreita? E' curta? E' pesada? E' léve? Ao que certamente ella responderá a qualquer uma destas perguntas por ex: E' léve.



Então, para que as creanças prestem bastante atenção sobre o que se está tratando, mandaremos repetir, novamente, toda a sentença: Esta vareta é léve.

Agora, quero que um de vocês me diga de que é feita a vareta. Ella responderá, que é de páu. Muito bem, mas como poderemos, ainda dizer não se empregando a palavra páu?... Você, Esther.

--E' de madeira.

Agora, todas as creanças sabem que a vareta é feita de madeira.

Vamos vêr, o que vocês são capazes de fazer com a vareta? Certamente, as creanças não responderão logo. Traçaremos no quadro negro, uma linha recta na posição horizontal. Mandaremos em seguida cada creança collocar a sua vareta nessa posição, e faremos cada uma repetir a seguinte sentença e outras semelhantes: A minha vareta está na posição horizontal.

Uma vez que ellas fiquem bem certas sobre este ponto, ensinaremos as outras duas posições, não nos descuidando de sempre, mandal-as repetir sentenças completas, sobre as varetas, os objectos da sala, e suas posições.

Terminada a aula de desenho, as creanças a um signal dado, passarão cada macinho de varetas, de mão em mão, pelo mesmo processo da distribuição, porém, em sentido inverso.

Anna de Barros.





# GYMNASICA DOS DEDOS

(Os exercicios são acompanhados pelos respectivos movimentos dos dedos)

## 1.º PERIODO

Fecho o dedo pollegar,  
Para o indicador abrir;  
Vem o médio se deitar,  
Erecto fica o annular,  
Que o minimo vai dormir.

## 2.º PERIODO

Indicadores e pollegares,  
Minimos, médios e annulares;  
—São amaveis meus dedinhos,  
Sabem se cumprimentar,  
Tambem eu meus amiguinhos  
Quando encontro —sei saudar.

## 3.º PERIODO

Em frente de uma a outra mão,  
Empertigados meus dedinhos  
Formam luzido batalhão  
De valorosos soldadinhos.  
—Marcham na frente os pollegares,  
Pertinho os dois indicadores,  
Depois os médios e annulares;  
Seguem-se os minimos quietinhos,  
E as palmas batem os tambores.

*Zalina Rolim.*





## O BRINQUEDO NO JARDIM DA INFANCIA

POR

*D. Joanna Grassi*

E' preciso que o Jardim da Infancia attraia as creancinhas como o olhar benigno de uma mãe, o sorriso mellifluo duma amiga. Quanto amor, quanta ternura deve haver então!

As creancinhas deixando o regaço materno devem encontrar continuadoras desse carinho, que tantos sentimentos sublimes infiltra n'alma!

E como desempenhar essa missão, sem inspirar o tedío que mata o que devia germinar?

E' desenvolver natural e sensivelmente os sentimentos nobres, que apenas começam a desabrochar e formar o espirito que desponta tão tenro como a avezinha ao dar o primeiro vôo. E' só invocando a musica e os brinquedos que poderemos chegar ao fim desejado.

O poder que exerce a musica prova-o a historia, provam-n'ó os factos quotidianos.

Não menos poder têm os brinquedos tanto mais que a maior parte das vezes é elle acompanhado pela musica—dous factores que actuam.



Que alegria não se lê na physionomia angelica das creancinhas ao dar o primeiro signal para o brinquedo? E disso quanta vantagem? Quanta actividade se desenvolve?

Nesses brinquedos além do habito da ordem que sempre infundem, conduzem tambem a fins moraes e uteis como se nota no brinquedo seguinte:

Achando-se as creanças sentadas nos seus logares, dá-se o primeiro signal com a campainha afim de ficarem attentas; ao seguúdo, devem ficar em pé e com as mãosinhas pousadas sobre os encostos das cadeirinhas e, ao terceiro, collocarem estas em baixo da mesa.

Ao som do piano as creanças saem marchando umas atraz das outras, até que, a um outro signal da campainha, formem o circulo, de mãos dadas.

Collocam-se então quatro creancinhas no centro, de modo a formar uma cruz, unidas umas ás outras pelas mãosinhas direitas. Tanto ás do centro, como as que formam o circulo devem girar cantando os versinhos seguintes, acompanhados pelo piano:

Já viste o moinho girando  
Ao sopro do vento amigo?  
Dia e noite trabalhando  
Móe o milho, móe o trigo.

Nossa vontade amiguinhos  
E' um vento de azas potentes;  
Sejamos como os moinhos,  
Activos, bons, diligentes.

Cantando estas quadras, fazem as creanças acenos correspondentes aos movimentos dos moinhos. Finali-



zado o canto chamam-se outras quatro creanças ao centro, e assim vai-se proseguindo até que todas ahi tenham estado.

Este brinquedo intitulado—moinho de vento—desperta nas creancinhas o gosto pelo trabalho.

Joanna Grassi.

---

## VERSOS PARA EXERCICIOS DE DICÇÃO

### 1.º PERIODO

Em bôa companhia  
A gente a vida goza,  
E cousa proveitosa  
Aprende cada dia!

Nossas gentís boquinhas  
Fallam com senso e graça  
De tudo o que se passa  
Em nossas cabecinhas.

De lêr não temos ancia,  
Que é cedo, muito cedo;  
—Viva o folguedo!  
—Viva o Jardim da Infancia!

### 2.º PERIODO

Minha bocca tem juizo,  
Não desperdiça um thesouro;  
Só falla quando é preciso,  
Sabe que o silencio é de ouro.



3.º PERIODO

Olhos abertos  
E fino tacto,  
Ouvidos certos .  
E gosto e olfacto.

—Os meus cinco sentidos  
Assim são divididos.

Com meus olhos tudo vejo,  
Com minhas mãos palpo e tacteio,  
Aos meus ouvidos chegam sons ;  
Cheira o nariz o que eu desejo,  
Na bocca os doces saboreio  
E tenho assim precíósos dons.

*Zalina Rolim.*





# EXERCICIOS PRATICOS DO JOGO DA BOLA

POR

*D. Maria E. Varella*

VERSOS DE *P. ZALINA ROLIM*

---

## PRIMEIRO DOM

De todos os exercicios que até hoje temos executado no Jardim, taes como mosaico, anneis, varetas, paosinhos, cantos, historias, discos, etc., é sem duvida o brinquedo mais attrahente e preferido das creanças — o da bola.

E' com certeza a influencia de suas côres, e a sua fórmula graciosa que impressionam o cérebro infantil. Pois bem, sendo este o brinquedo predilecto das creanças, devemos cultival-o do melhor modo possivel.

Tratemos pois da bola.

Este jogo, ou brinquedo, é feito no Jardim da Infancia do seguinte modo: collocam-se as creanças em circulo de maneira que fiquem afastadas das mesinhas, e de modo que a creança de menor tamanho da classe fique mais proxima duma das mesas para fazer a distribuição das bolas.



Antes que seja feita pela professora a apresentação da bola ás creanças deve-se fazer um pequeno exercicio de movimento das mãos, afim de facilitar a passagem das bolas durante o exercicio.

Assim diremos:

Levantem todas a mão direita bem alto; a esquerda; as duas mãos; abaixem agora a direita, a esquerda, etc. Quando fizerem este exercicio perfeito, que será preciso repetir por alguns dias até que discriminem de prompto a mão direita e a esquerda, começa-se propriamente o exercicio.

E' muito commum á creança cumprimentar, ou querer receber um objecto qualquer com a mão esquerda em vez da direita, cumprindo pois, á professora sempre insistir em que a creança dé a mão direita e não a esquerda.

Repete-se este exercicio muitos dias até que, a creança quando ouvir a voz de commando da professora: Mão direita bem alto; agora mão esquerda, etc, a classe execute ao mesmo tempo o movimento.

No final deste exercicio entoem-se as seguintes quadrinhas:

Musica 103

A mão direita para cima,  
A mão esquerda para baixo;  
Uma acima, outra abaixo,  
Uma acima, outra abaixo.

Musica 104

As duas mãos para cima,  
A direita para baixo;  
Uma acima, outra abaixo,  
Uma acima, outra abaixo.



## PRIMEIRO DOM

A classe é formada do mesmo modo que indicámos na lição anterior.

A professora traz dentro duma caixa uma bóla de borracha, coberta de lã e segura por um cordel de 30 a 35 centímetros, tendo a bola as côres do espectro solar, e devendo ser tambem maior do que as que as creanças commumente usam.

Dirá então a professora:

Qual de vocês poderá dizer-me o nome deste brinquedo? (tirando a bola da caixa). Responderão todas: é uma bola.

—Muito bem.

Agora extendam todas a mão direita para a frente para eu vêr se vocês já sabem receber um objecto. A que extender a mão dum modo mais gracioso chamará a professora, de preferencia, para perto de si afim de fazer entrega da bola e dirá:

—Maria, vou pôr esta bola na tua mão direita:

Deve esperar e mesmo insistir que a creança responda:

—«Obrigada».

Chamará a professora neste exercicio diversas creanças, até que todas da classe executem com bastante desembaraço o exercicio da apresentação da mão direita.

Convêm fazer tambem aqui a distribuição das bolas ás creanças—chamando a professora uma por uma para evitar que fallem todas ao mesmo tempo, e de modo que não seja preciso empregar muito tempo no acto de recebimento das bolas entregues pela professora.



A que fôr chamada pela professora depois de ter agradecido a entrega da bola do modo já indicado, deve construir as seguintes sentenças: Esta bola é de borracha. Minha bóla é redonda. Tenho uma bola léve. Estou segurando nesta bola pelo cordão. Tenho uma bola de muitas côres, etc.

Si a primeira vez não poderem as creanças dizer alguma cousa a respeito da bola, dirá então a professora:

Quando vocês pelo Natal, ou dia de anniversario, recebem do papae uma boneca, ao tomarem-n'a nas mãos, não dizem: Que bonitinha!! Tem cabellos crespos, vestidinho de renda, sapatinhos, fecha os olhos... etc.

O que devem dizer?

—«Obrigada papaesinho».

Pois bem: eu quero que vocês tomando esta bola me digam o que vêem nella; mas não quero que repitam todas a mesma cousa.

Durante este exercicio convêm que as creanças conservem-se bastante silenciosas.

Esta occupação tem por fim instruil-as nos principios de polidez.

Depois que souberem que a bola é redonda, léve, lisa, de borracha, coberta de lã, etc., passará a professora a ensinar a fazerem a distribuição.

### Distribuição das bolas

A classe é formada pelo mesmo modo que para a lição anterior.

Traz a professora dentro duma caixa tantas bolas quantas forem as creanças da classe; correspondendo as côres primarias pelos dias da semana: segunda,



terça e quarta; e as secundarias pelos dias: quinta, sexta e sabbado; e além dessas, uma maior em que se achem reunidas as côres primarias e secundarias para seu uso. Estas bolinhas devem ser de borra-cha, cobertas de lã, presas por um cordel de 25 a 30 centímetros. A bola que se achar com a professora deve ter o cordel mais comprido.

Neste exercicio de bolas devem as crianças só trabalharem com a mão direita, e, para evitar que trabalhem tambem com a mão esquerda—havendo então confusão, devem ficar com a mão esquerda apoiada na cintura.

Ao signal dado pela professora, a creança menor da classe, que deve ter adeante de si todas as bolinhas dentro duma caixa, vai fazendo a distribuição de mão em mão até a ultima da classe e todas as creanças entôam as seguintes quadrinhas:

Musica 16

A bolinha quer passar  
Da minha p'ra tua mão,  
Vai levar-te a saudação:

—Bom dia!

E vai e vem a bolinha...  
E enquanto corre mansinha,  
Vou cantando uma canção  
Que me alegra o coração.

Depois de findas as quadrinhas, dirá a professora: Extendam todas a mão direita para a frente, tendo já as creanças as bolas em suas respectivas mãos.

Cada uma de vocês me diga o que é que póde fazer a sua bolinha.



A minha bolinha póde pular. Esta bolinha póde cair. Minha bolinha póde mover-se.

Esta bolinha póde ficar quietinha na minha mão. Esta bolinha póde rolar.

Então quero que todas *rolem* as suas bolinhas e cantem:

Musica 15

As trefegas bolinhas,  
Rolando sem parar,  
Vão provocar  
Bem boas risadinhas.

Agora levantem todas as bolinhas com a mão direita.

Abaixem a mão direita.

Levantem a mão esquerda. Abaixo.

Levantem as duas mãos. Passem a bolinha da mão esquerda para a direita. Abaixem a mão direita. Extendam a mão direita para a frente.

O fim deste exercicio é fazer com que as creanças distingam a mão direita da esquerda.

Em todos estes exercicios da bola devem as creanças executar com graça os movimentos correspondentes aos exercicios.

### Exercicio de comparação

Neste exercicio as creanças devem conservar-se com a mão direita extendida para a frente e tendo entre as mãos a bola.

Tome a professora uma bola vermelha e mande que as que tiverem igual a essa as levantem. Tome outra



(uma amarella) e mande que a colloquem na mesa mais proxima. Tome uma roxa e mande que as tragam uma após outra e colloquem dentro da caixa. Uma azul a segurarem com as duas mãos e collocarem na mesa mais distante. Uma verde, para ser collocada dentro da tampa da caixa. Uma alaranjada a passar de mão em mão. Agora venham as creanças, de uma em uma, tirar da caixa uma bola igual a esta (levantando uma bola vermelha). Neste exercicio as creanças não aprendem ainda a distinguir as côres. Sómente fazem comparação das que conduzem com a apresentada pela professora.

Dir-se-á então: agora vocês todas têm na mão, o que? Uma bola.

Entoe-se a seguinte quadra:

Musica 33

Vinde vêr o meu moinho,  
É' a bola nas minhas mãos;  
Eil-o a girar, ligeirinho,  
Como a pedra sobre os grãos.

Depois de acabada a quadra acima, tome a professora a bola maior.

Faça então as seguintes perguntas á classe:

Digam-me o que é que vocês todas têm nas mãos? Do que são feitas? São cobertas de que? Léves ou pezadas? Macias ou asperas? Pequenas ou grandes? (Em relação a que está commigo) Iguaes em que? Differentes em que? Parecidas com que? São pontudas? Chatas? Compridas?

Devem ser estas as respostas:

Nós todas temos bolas nas mãos.

São feitas todas de borracha.

São cobertas de lã. Léves. Macias.



Pequenas. Iguaes em fórma. Differentes em côr. Parecidas com laranjas (limas ou maçãs). Não são pontudas. Não são chatas. Redondas.

Terminadas as respostas, a classe entôa o seguinte:

Musica 18

Bolinha ligeira, sem pena ou fadiga,  
Saltita aos accordes da minha cantiga  
Saltita aos accordes da minha cantiga.

A restituição das bolas é feita sempre do mesmo modo que a distribuição, collocando-se a creança menor junto á caixa. Assim, a classe toda faz a passagem de diante para traz até a ultima.

### A fórma

As creanças conservam-se com as mãos extendidas para a frente, e fazem a passagem das bolas de mão em mão e vão entoando o seguinte:

Musica 14

Quer agitar-se a bolinha  
Mover-se d'aqui p'ra alli;  
Já não repousa quietinha,  
Ja não quer ficar aqui;  
Não vás cahir ao chão,  
Vae de uma a outra mão.

Dirá então a professora:

Quem poderá dizer-me que fórma tem esta bola?  
(apontando para uma que tem em sua mão) A bola é redonda.



Faça com que as creanças designem diversos objectos que tenham a fórma da bóla, para vêr se bem observaram a sua fórma.

Mas, como é que vocês podem saber que a fórma da bola é redonda?

Porque vemos. Então para se saber que um objecto é redondo é só vendo-o?... Não, tocando-o tambem. Então fechem os olhos e tomem suas bolinhas entre as palmas das mãos e façam-n'as rolar. Como é que vocês podem agora saber si ella é redonda?

Porque estamos rolando com as mãos, e não nos machucam, sendo que se tivessem pontas não poderiamos fazel-as rolar com a mesma facilidade.

Para comprehenderem melhor a fórma da bola deve-se comparal-a com fructos e outros objectos.

Dirá então a professora:

Cada uma de vocês vai dizer-me o nome duma fructinha que tenha mais ou menos a fórma da bola e construir sentenças com ellas. Devem ser mais ou menos estas as respostas:

Minha bolinha é *redonda* como uma maçã.

Esta bolinha é *redonda* como uma laranja.

A bolinha que eu tenho na mão é *redonda* como uma jaboticaba.

Convêm não consentir que as creanças repitam sempre a mesma palavra, quando estão tacteando a bola, de modo a usarem da mesma expressão no principio de sentenças; não devem dizer todas, por exemplo: *minha*; poderão empregar: *esta, a*, etc.

Dirá então a professora:

Quem é que gosta da bolinha? Eu.

Então vamos entoar um canto á bolinha.



Musica 13

Gosto muito da bolinha,  
Quero vel-a em minha mão.  
Tão lisa, tão redondinha!  
Não a deixo ir para o chão.

### Continuação da fôrma

Qual de vocês se lembra do que estavamos fazendo com nossas bolinhas no ultimo dia que fallamos dellas? Estavamos mostrando a sua fôrma. Então vamos continuar:

Quem sabe qual é outro nome que nós podemos dar a todos os objectos que têm a fôrma redonda?

Espherica. Então que fôrma tem a bola?

A bola tem a fôrma espherica.

Faça-se as creanças designarem alguns objectos que tenham a fôrma espherica.

Dirija-se a seguinte pergunta á classe:

Qual é e parte do nosso corpo que vocês acham parecida com a fôrma espherica?

Nossa cabeça. Bem. Então qual é a fôrma della?  
Espherica.

Faça com que repitam muitas vezes a palavra *espherica* até a pronunciarem sem difficuldade.

Neste exercicio deve-se, tomar muito cuidado com a pronuncia das creanças para evitar certos vicios, proprios á linguagem infantil, pois é certo que as creanças não ouvindo a professora repetir algumas palavras pouco vulgares, as pronunciam erradamente. Vamos agora cantar:



Musica 30

Minha gentil bolinha,  
Eu sei de mais alguém  
Que a fórmula redondinha  
Qual tua face, tem:  
Sim, bolinha,  
E' a minha  
Cabecinha.

### Côres

A classe continúa do mesmo modo, em roda.

Não se deve fazer a distribuição das bolas antes de ensinar as côres.

Chame a professora duas creanças e colloque-as no meio da roda e faça a seguinte pergunta: Zilda o que é que você tem igual a Augusta? E' provavel que ella responda: A altura. Só?... Que mais? A côr. Bem. Porque? Nós duas somos brancas. Chame outra: Você, Esther. No que estas duas lousas são parecidas? Na côr. Porque? São pretas. Outra: As cadeiras se parecem em que? Na côr. Então tudo têm côr? Sim, Senhora.

Quem poderá me dizer mais alguma cousa que tenha côr? Dirá uma: As plantas. Que côr tem ellas? São verdes. Chame outra: O que mais têm côr? O céu. Que côr têm elle? Azul. Outra: Que mais? A lima quando está madura. Que côr têm? Amarella.

Quem poderá me dizer mais alguma cousa que tenha côr? Dirá uma: Eu: as nossas faces rosadas. Conhecem vocês mais algumas côres que ainda não dissemos? Roxa. O que é que vocês conhecem que seja roxo? As Violetas. Quem conhece outra côr? Ala-



ranjada. O que é que vocês conhecem que seja alaranjado? A laranja quando está madura.

Depois das creanças designarem todas as côres, faça a professora o seguinte:

A creança que tiver um objecto vermelho venha para o meio da roda. Porque é que vocês vierão para o meio? Porque tínhamos um objecto da côr que a Sra. nos indicou.

Chame outra: Mostre-me aqui na roda uma côr azul? Esta fita de Antonietta. Que côr têm ella. Azul. Outra: Vá ao jardim e me traga uma flôr roxa. Que flôr você me trouxe? Uma Saudade. Porque? A Sra. disse-me que trouxesse uma flôr roxa. Chame outra e mande-a tirar do jarro uma flôr alaranjada. Que côr tem esta flôr? Alaranjado o (Malmequer).

Venha você: Paulo? Vá a uma sala de outra classe e traga-me uma menina que tenha um vestido ou avental amarello. Porque veio esta menina? Porque está com vestido amarello como a Sra. me pedio. Outra: Vá ao jardim buscar alguma cousa que seja verde. Trouxe uma folha. Porque me trouxe esta folha? Foi a que eu encontrei da côr que a Sra. me indicou.

Neste exercicio de côres deve a professora arranjar a maior variedade possivel de objectos como sejam: jarro com flôres naturaes, fructas mui conhecidas das creanças, pedaços de fitinhas, discos, mappas de côres, etc. Quanto mais variados os objectos mais serão apreciados pelas creanças

Depois de bem reconhecidas as côres pelas creanças fará a professora a distribuição de todas as bolinhas.



### Continuação de côres

A classe conserva-se ainda em roda, porém bastante afastadas as creanças umas das outras, de modo que cada creança, com os braços estendidos, possa tocar nas mãos dos seus visinhos da direita e da esquerda, e, depois de marcarem as distancias com os braços abertos, levantem-n'os para cima, e façam então a passagem das bólas por cima da cabeça, tendo a professora o cuidado de não deixar que as creanças acompanhem o movimento com os olhos. Sómente o farão pelo sentido do tacto.

Na passagem das bólas será cantado o seguinte:

#### Musica 20

Vinde comnosco, bolinhas,  
De côres tão variadas:  
Vermelhas, amarelinhas,  
Bem roxas, alaranjadas,  
Verdes, azues . . . que formosas!  
Como nos fazeis ditosas!  
Vinde gentís bolinhas  
Vinde ás nossas mãosinhas!

Depois que todas tiverem as bolinhas nas mãos devem abaixar os braços ao lado.

Dirá então a professora: Que côr tem esta bóla? (levantando uma vermelha) Responderão: E' vermelha. A bola que atirei no chão? Azul. Essa bola de Noemia? Amarella. Sabem como se chamam estas tres côres? Primarias. Então as creanças que tiverem as 3 bolinhas das côres primarias levantem-n'as.

Tome a professora uma bola roxa e entregue a uma creança. Quem poderá me dizer a côr da bola que eu dei a João? E' roxa.



Agora, quem tiver uma bóla verde venha colloc-a na caixa em que estava.

Deve a professora insistir a fim de que a creança diga:

— Eu colloco com a minha mão direita esta bola dentro da caixa em que estava.

Quem estiver com a bola alaranjada venha e diga a mesma cousa.

Sabem como se chamam estas côres das bolas que acabamos de collocar dentro da caixa?

Chamam-se secundarias. Agora, Maria—recolha todas as bolinhas primarias.

Que côres devem ter? Vermelhas, azues e amarellas. Para vêr se conservaram as denominações, primarias e secundarias, diga: Amanhã eu quero que vecês me tragam de suas casas uma flôr, ou um pedaço de papel igual á côr das bolinhas que vocês hoje tiveram. As que tiveram secundarias trarão secundarias, as que tiverem primarias, do mesmo modo.

Agora digam-me: Que differença ha de suas bolinhas para a minha? As nossas só tem cada uma côr; a sua tem todas as seis côres reunidas.

Conhecem mais alguma cousa que tenha as côres reunidas? O arco-iris, o espectro solar.

Então vamos contar como chamamos as bolinhas vermelhas, azues, e amarellas; e as bolinhas roxas, verdes e alaranjadas:

Musica 53

Quanta cousa bonita  
Na escóla ha para vêr!  
E tudo, tudo excita  
Vontade de aprender.

Ja sei primarias côres  
E côres secundarias,  
Do iris resplendores  
Do espectro as côres varias.



## Côres em brinquedo

Um segundo exercicio de côres que muito apreciam as creanças:

Conservam-se as creanças sentadas em suas cadeirinhas em roda das mesas.

A creança que estiver sentada na extremidade da mesa, tem adiante de si tantas caixas do 1.<sup>o</sup> dom com as 6 bolinhas em cada uma, quantas fôr o numero das creanças que comportarem as mesinhas.

Ao signal dado pela professora, a creança, que já tem adiante de si todas as caixas, vai fazendo a passagem das caixas de mão em mão até a ultima da mesa. Dá a professora o segundo signal, e todas devem abrir as caixas ao mesmo tempo.

Dirá então a professora:

Quero vêr o que vocês podem fazer com suas bolinhas? Muita cousa. . . . . Tirem as bolinhas; colloquem os dois paosinhos em pé, e um deitado em cima. Vamos vêr quem pode inventar alguma cousa. Dize Ida. Eu já colloquei minhas bolinhas em côres primarias e estando na frente a bolinha vermelha, e depois arranjei as côres secundarias. Dize Jayme. As minhas bolinhas estão marchando.

Jayme e Ida arranjarão muito bem as suas bolinhas quero que todas façam a mesma cousa. Vamos vêr como é que estão agora as bolinhas?

Em fileiras. (Naturalmente já tinham ouvido esta palavra) Muito bem.

Estão todas collocadas em fileiras. Vocês sabem os nomes daquelles que são sempre collocados em fileiras e marcham muito bem? Os soldados. Bem. Então vamos fazer com que as nossas bolinhas sirvão de soldadinhos.



Os soldados, quando estão muitos reunidos, andam sós? Não. Elles tem um que commanda. Como se chama? Commandante.

Então vamos fazer hoje no nosso batalhão o commandante ser a bolinha vermelha.

Onde deve ella vir? Na frente. Façam vocês as bolinhas marcharem ao mesmo tempo. Quantos soldados marcham em cada fileira? 5 — com o commandante 6. O commandante ficou doente porque apanhou muito sol e pediu a seu visinho que ficasse em seu logar. Quem era o seu visinho? A bolinha azul. E agora o que ficou sendo a bolinha azul? O commandante. Quantos soldados são agora? Quatro. Vamos continuar com os nossos soldadinhos no exercicio.

Tão longo foi o tal exercicio que os soldadinhos ficaram cansados e recolheram-se para o seu quartel. (dentro das caixas). Quantos soldados estão em exercicio? Nenhum, porque todos cansados foram para suas casas ou quartel.

Então depois de nossos soldadinhos se cansarem foram descansar. Vamos cantar tambem agora para depois irmos brincar e descansar.

Musica 29

Rataplum! Tóca a marchar  
Numa fileira, bolinhas;  
Vai em primeiro logar  
A vermelha commandar,  
Depois a azul e a amarella...  
Todas, todas ligeirinhas  
Hão de ao commando chegar.  
Findo o trabalho, amiguinhas,  
Devem todas descansar:  
Vão para as caixas as bolinhas,  
E as creanças vão brincar.



## Posições entre dous objectos

Faça-se este exercicio com as creanças sentadas em roda das mesinhas.

Veja-se o exercicio anterior—brinquedo em côres—o arranjo e a distribuição como deve ser feita.

Use a professora neste exercicio as caixas vazias do 3.º dom, tendo cada caixa uma bolinha dentro.

Depois de feita a distribuição devem estas caixas achar-se em frente a cada creança.

Na passagem das caixas devem cantar:

### Musica 16

Vinde, vinde, ligeirinhas,  
Mão em mão, leves caixinhas  
Que são horas de brincar...

Bemvindas!

Que gentís companheirinhas!  
Que travessas amiguinhas!  
Correm, correm sem parar,  
Sempre comnosco a brincar.

Dá a professora um signal na campainha para todas as creanças tirarem as bolinhas das caixas. Pergunte a uma: o que fez? Deve insistir a fim de que ella diga: Eu tirei a bolinha de dentro da caixa com a minha mão direita, fazendo depois todas da classe repetirem a mesma cousa.

Colloquem agora as bolinhas á direita da caixa. A' esquerda. De cada vez chame uma da classe, fazendo depois todas repetirem o mesmo. Colloquem as bolinhas adiante da caixa. Atraz. Perto. Longe.



Agora quero que colloquem as bolinhas atraz de si. Para fazerem isto têm ellas de voltar o braço por cima da espadua. Colloquem agora acima da caixa. Abaixo. Tem ellas de levantar a caixa com a mão esquerda.

Vamos vêr quem póde collocar a bola sobre a caixa. Tem a creança de por a caixa com a abertura para baixo.

Vamos vêr si Luizinho póde collocar a bola no logar da caixa? Não posso; só tirando-a. Então dois objectos não podem occupar o mesmo logar? Não é? Venha, Paulo, sentar onde está Noemia. Só si ella sahir. Porque? Nós dois não podemos sentar em um só logar.

Deve a professora fazer com que as creanças mostrem objectos que estão: perto, longe, abaixo, acima, á direita, á esquerda, etc.

Agora fiquem com suas bolinhas paradas nas mãos, e vamos cantar o seguinte:

#### Musica 70

Não descança esta bolinha,  
O seu gosto é se mover;  
Vai para traz da caixinha,  
Quer para adiante volver;  
Vai de um para outro lado,  
Sobre ella pousa mansinha...  
Mas attende ao meu chamado  
E pára em minha mãosinha.

### O movimento

Deve a classe continuar como no exercicio anterior. Faça-se a distribuição das bolas como no exercicio de comparação.



Sempre nas passagens das bolas se fará um exercício de canto, e os versos acompanhados com movimentos imitativos.

Depois que cada criança tiver a sua bolinha na mão devem ser ellas suspensas pelo cordel.

Dirá a professora ás crianças que fiquem paradas com as mãos para verificar como estão as bolinhas.

De que modo estão as bolinhas?

Paradas nas nossas mãos.

Cante-se o seguinte:

Musica 13

Eis a bolinha parada  
Quietinha na minha mão;  
Minha bola socegada  
Não te queres mover não?

Tome a professora uma bola fazendo-a mover-se adeante da classe.

Faça então a seguinte pergunta á classe:

Quem poderá me dizer como está esta bola?  
(Mostrando a que tem.) Está se movendo. E as de vocês? Estão paradas.

Porque é que a minha bola não está parada?  
Porque a sra. a moveu.

Então as bolinhas não se movem por si? Não é?  
E' preciso que se lhes dê movimentos.

Façam agora todas as bolinhas moverem-se da direita para a esquerda, da esquerda para a direita.

Conhecem alguma outra cousa que se mova como estas bolinhas? A pendula do relógio. Como faz?  
Tik, tak.



Movam agora de traz para diante. Vamos fazer um movimento circular (para isso mostre a professora um anel de metal que tem a fórmula acima indicada).

Colloquem agora as bolas sobre a mesa, e larguem tambem do cordão. Como estão agora? Em repouso.

Tomem agora a bola na mão esquerda e torçam o cordel com a mão direita, depois de bem torcido segurem-n'o pela ponta e vejam o que estão fazendo as bolinhas.

Insista para que digam: As bolinhas estão girando. Então vamos girando nossas bolinhas e cantando:

Musica 25

Girando, as bolinhas gentís  
Mostram o centro ao nosso olhar;  
Como ellas devemos girar  
Em nossos brincos infantís.

Façam todas as bolinhas rolarem sobre a mesa do lado direito para o esquerdo, de diante para traz, rolar depresa, de vagar, pular de cima para baixo de baixo para cima, saltar bem alto, etc.

Vamos cantar o que fizeram nossas bolinhas.

Musica 24

Pula e salta a bolinha veloz,  
Si alegre sôa a minha vóz;  
Eu tambem pulo e salto no chão  
Cantarolando uma canção.

Vamos todas pular e saltar!  
Vamos todos cantar, cantar!



## O peso

Tomem as creanças as bolinhas pelo cordão e deixem-n'as cahir. O que fizeram as bolinhas? Cahiram. Quem sabe a rasão porque ellas cahiram?

E' provavel que respondam : Porque largamos do cordão. Deve a professora encaminhal-as a dizerem: Porque ellas têm peso.

Chame a professora uma creança e colloque na mão direita della uma bolinha de papel e na esquerda, uma bolinha de páo e faça-a dizer alguma cousa do que sente entre uma e outra.

Façam-se a respeito diversas comparações.

Chame duas creanças e dê a uma um pedaço de papel, a outra um lapis, e faça com que estes objectos caiam ao mesmo tempo.

Quem poderá me dizer o qual cahio primeiro? Diz uma: a bola de páo. Porque será diz a professora? Deve fazer com que digam: Por ser mais pesada. Então quanto mais pesado mais depressa cae. Quem poderá me dizer si tudo tem peso? Sim, sra. tudo tem peso.

Tomem suas bolinhas; e quando eu disser: larguem (\*) todas abandonem as bolas ao mesmo tempo e vamos, entretanto, cantando o seguinte:

Musica 21

E' o peso da bolinha  
(\*) Que a faz cahir no chão  
Alegre e ligeirinha.  
Boa amiguinha  
Não pares não;  
Volta, bolinha  
A' minha mão.



## Posições do cordão no espaço

Terminando o jogo da bola, como estas ficam suspensas pelo cordão, deve-se dizer alguma coisa a tal respeito mostrando ás creanças as posições que elles podem tomar no espaço, isto, porém, mui rapidamente, visto não estarmos tractando de desenho. Para este fim especial teremos diversos objectos mais apropriados como sejam: paosinhos, lentilhas, taboas para tornos, varetas, anneis, etc.

Faça-se a distribuição das bolinhas pelo modo já indicado e tambem de modo que as creanças ao tomarem o cordão este fique em sua frente.

Faça a professora as seguintes suggestões á classe:

Quero que vocês arranjem os cordões em diversas posições. O meu já o arranjei, diz um. Como foi que você fez? Segurei a bolinha pela ponta do cordão e ella ficou em pé. Faça-se sempre as creanças esticarem o cordão para verem bem a posição que elle toma.

Sinhá: Você sabe como se chama a linha que está nessa posição—em pé? Diz-se—posição vertical. Todas arranjem as suas bolinhas na mesma posição. Como estão agora os cordões? Em posição vertical.

Cante-se o seguinte:

Musica 23

Vertical, direitinha  
Quero ver a bolinha:  
Abaixo, acima!  
Abaixo, acima!  
Eu, com cautella,  
Faço como ella.



Quero que todas mudem o cordão da posição em que está. Maria, como está o teu cordão? Está deitado. Sabe você como se diz quando um objecto está nessa posição? Horizontal. Arranjem todas os cordões na posição horizontal. Como estão agora os cordões? Em posição horizontal. Mas para ficarem nessa posição o que foi preciso fazermos? Segurar a bolinha com a mão esquerda e tomar a ponta do cordão com a direita. Vamos ver quem póde arranjar de outro modo o cordão? Você, Luizita: O cordão está um pouco torto. Sabe você como se diz quando os objectos estão nessa posição? Diz-se:—posição inclinada. Para as creanças collocarem os cordões nesta posição (inclinada) devem tomar a bolinha na mão direita porém de modo que esta fique mais baixa do que a esquerda, a qual deverá segurar a extremidade do cordão.

Colloquem todos os cordões na posição inclinada. Mudem o cordão em outra posição. Eu ja achei outro modo, diz o Arthur: tomei a bolinha na mão direita e cheguei a ponta do cordão com a mão esquerda. Quem sabe fazer como Arthur?

Digam-me como estão agora os cordões?

Está como um arco. Vamos ver quem sabe outro nome que não seja arco? Curva. Muito bem, que posição?... Posição curva. Quero ver depois de tantas posições que vocês fizeram si ainda podem fazer mais alguma?

Uma das creanças ou a professora juntará as duas extremidades do cordão:

Como é que está agora o cordão? Está como nossa roda, quando brincamos. Vocês sabem como podemos tambem chamar esta posição?

Em circulo. Façam todas a mesma posição.



Deve a professora mandar as creanças collocarem os cordões nas posições: vertical, horisontal, inclinada, curva e em circulo, e mesmo chamar uma para tomar o cordão nas posições acima mencionadas, recordando por este modo todas as posições.

Um pequeno exercicio de canto.

Musica 21

Quando joga a bolinha,  
Ella volta pulando;  
Alegre e ligeirinha  
Vai e vem,  
Sem parar...  
Vae e vem  
Sem parar.

### A despedida das bolinhas

As creanças acham-se sentadas em suas cadeirinhas ao redor das mezas.

Diz a professora o seguinte:

Vou contar a vocês a historia de uma visita que tive hontem á tardinha, e, depois que eu acabar de contal-a, vocês me dirão alguma cousa a esse respeito e me dirão se é ou não verdadeira a minha historia.

Estava eu sentada em uma cadeira de balanço, na sala, como de costume, descansando de meu trabalho diario, quando ouvi bater á porta. Quem é? Não responderam. Batem pela segunda vez: Quem é? São as bolinhas que vieram trazer as suas despedidas. Levantei-me e abri a porta: São vocês, bolinhas!? Entrem... Fil-as entrar. Então vocês por aqui?... Como soubemos que a sra. não nos quer



mais para suas companheiras de brinquedo, porque já somos muito velhas e a sra. já tem outras novas amigas: a *esphera*, o *cubo* e o *cylindro*, e como, quando brincamos juntas no Jardim fomos muito bem tractadas por todas de lá, viemos apresentar-lhe as nossas despedidas e, ao mesmo tempo, agradecer-lhe tantas finezas que nos dispensou. Viemos hoje porque amanhã vamos procurar outras amiguinhas.

—Não! Não devem fazer isso. Quero que todas vão ao Jardim despedir-se de suas amiguinhas que lá deixaram.

—Não tenho coragem de me encontrar mais com as nossas amiguinhas do Jardim, responde a bolinha vermelha.

—Não deves fazer isso. Vão.

Combinaram ellas entre si, e disseram-me:

—Amanhã ás 2 horas lá estaremos.

Despediram-se depois muito amaveis, e retiraram-se.

—Que é que vocês acham sobre o que acabei de lhes contar?

—Não é possível.

—Porque?

—Porque as bolinhas não andam e não fallam.

—Bem. Mas como vocês sabem andar e fallar, vamos fazer de conta que vocês é que são as bolinhas.

Chame a professora seis meninas e entregue a cada uma dellas uma bola de côr, e diga-lhes que quando vierem despedir-se de suas amiguinhas fallem em logar das bolinhas que trouxerem nas mãos.

Sahem as creanças da sala.



Batem á porta.

Estão batendo, diz Paulo. Quem será? De certo são as bolinhas, exclamam todas. Levanta-se a classe para recebê-las. Entrem... Boa tarde, amiguinhas! Boa tarde, bolinhas. Sentem-se.

—Vierão brincar hoje comnosco, Não?

—Já brincámos muito tempo juntas, já é tempo de irmos embora.

—Porque vieram então ao Jardim da Infancia si não querem mais brincar?

—Viemos para nos despedirmos de vocês.

—Despedirem-se! Porque?... O que fizemos?

—Nada.

—Pois olhem: ficaremos muito tristes sem vocês.

—Qual!... Contentes hão de ficar porque vão ter novas amiguinhas.

—Quaes são ellas?

—A esphera, o cubo e o cylindro.

—Pelos nomes, não me parecem serem boasinhas como vocês, bolinhas!

—Vamos nos despedir, disse a bolinha vermelha: já é tarde. Principio pela minha amiguinha Judith:

—Has de te lembrar mais algum dia da tua bolinha vermelha?

—Sim! Sim. Cada vez que a mamãe me vestir de vermelho lembrar-me-hei de ti.

Approxima-se a bolinha azul:

—Minha amiguinha, Noemia: E tu tambem has de te lembrar de mim?



—Sempre que olhar para o céu, visto ter elle a tua bella côr.

Despede-se a bolinha amarella:

—Chegou a nossa despedida, Luizinho. E tú?...

—Eu? Todas as vezes que passeiar no pomar da minha casa, vendo uma fructinha madura, lembrar-me-hei de ti.

A roxa approxima-se da sua amiguinha Dulce: E tu?...

—Sempre que trazer uma violeta á minha professora.

Diz a bolinha verde á sua amiguinha Algira:

—Dá-me um abraço de despedida....

—Todas as vezes que olhar para as plantas não poderei deixar de lembrar-me dos nossos brinquedos alegres!

Finalmente despede-se a bolinha alaranjada: E tu, Zilda?...

—Eu só poderei esquecer-me de ti quando não trazer laranjas para o meu lunch no Jardim da Infancia.

E' claro que as creanças não farão exclusivamente por si as perguntas e respostas que aqui figurámos. Suggestindo-as, porém, convenientemente, a professora terá ensejo de despertar o interesse das creanças e de ensinar-lhes os cumprimentos usuaes nas visitas e despedidas.

Terminado o brinquedo, cuja duração dependerá do interesse que a professora consiga despertar, cantem-se as seguintes quadrinhas:



Até a vista, bolinhas,  
Que agora nos deixais,  
Gentis companheirinhas  
Oh! porque não ficais?  
Fugis dos olhos meus,  
Fugis destas mãosinhas...  
Adeus, adeus, adeus!..

Finalizo aqui todo exercicio pratico do jogo da bola, conforme é feito no Jardim da Infancia.

No proximo numero da Revista tractarei do 2.º Dom que comprehende: a esphera, o cubo e o cylindro.

Maria E. Varella.





## A BONECA

Continho para ser narrado pela professora e reproduzido  
pelas creanças nas aulas de linguagem

Uma tarde, quando nenê voltava do passeio, avistou uma linda boneca no mostrador de uma loja entre nuvens de fitas e rendas.

A boneca tinha olhos azues, cabellos dourados e uma boquinha vermelha como os bagos da romã.

Nenê ficou encantada.

A' noite, quando estava pertinho da mamãe ella pediu:

—Mamãe, você me dá uma boneca?

Mas a mamãe lhe respondeu:

—Não posso, minha filhinha: é muito tarde, as lojas já estão fechadas.

Nenê ficou muito triste. Encostou o rostinho na mão e nada mais disse.

A sua mamãe ficou com pena de vê-la chorosa. Chamou-a para junto de si, affagou-a carinhosamente e disse-lhe:

—Minha filhinha, queres dar-me um beijo?

Nenê respondeu:

--Não posso, mamãe: é muito tarde, minha bocca já está fechada.

*Zalina Rolim.*



## EDIFICIO DO JARDIM DA INFANCIA

A planta e a vista em perspectiva que acompanham esta breve noticia representam o novo edificio em que, no proximo anno, deverá funcionar o Jardim da Infancia.

Esse edificio fica situado numa espaçosa área de terreno aos fundos da Escola Normal formando com esta um conjuncto de magnifico effeito architectonico.

A vista em perspectiva que aqui reproduzimos, devida ao sr. Domiziano Rossi, habil professor da Escola Polytechnica e desenhista do escriptorio do dr. Ramos de Azevedo, representa no primeiro plano o edificio do Jardim da Infancia e, em seguida, o gymnasio e uma das alas da Escola Normal que se destacam, aos fundos, do ponto de vista escolhido para esta perspectiva.

Como pela planta se vê, o edificio mede novecentos e quarenta metros quadrados approximadamente, comprehendendo 4 salas de aulas, amplamente illuminadas e um grande salão central para reunião geral e solemnidades infantís, medindo este  $15^m \times 15^m$ .

Além dessas salas ha mais duas annexas ao corpo do edificio, sendo estas destinadas: uma a servir de deposito do material e outra para reunião das professoras.

O salão central forma uma elevada e elegante rotunda octogonal, aos flancos da qual, em pontos



diametralmente oppostos, ficam situados quatro terraços, de forma triangular, com vista para differentes pontos da cidade. Correspondendo a esses terraços ha, no pavimento inferior, quatro salas triangulares que estabelecem communição entre as salas de aula e o salão central, servindo ao mesmo tempo para conterem os lavatorios e os apparatus necessarios para o fornecimento de agua filtrada a cada classe.

Ao nivel dos quatro terraços e interiormente, a rotunda é circumdada por uma galeria destinada ás pessoas que assistirem ás solemnidades escolares que se realizarem no salão central.

O edificio é todo rodeado por uma varanda aberta com facil communição para todas as salas e dependencias do estabelecimento. Uma parte dessa varanda, correspondente ás duas entradas principaes do edificio, será coberta por elegantes abrigos de vidro fosco encaixiliado em ferro.

O terreno em torno do Jardim da Infancia será occupado por um vasto jardim ficando, porém, dous espaços calçados a macadam para os jogos infantís. Esses pequenos recreios serão em parte cobertos por abrigos de forma octogonal construidos sobre columnas.

A construcção do Jardim da Infancia está a cargo do dr. Ramos de Azevedo.

Terminando esta breve noticia, devemos ainda accrescentar que a gravura lithographica que aqui reproduzimos foi executada nas officinas graphicas dos srs. V. Steidel & Comp.



## EDIFICIO DO JARDIM DA INFANCIA

A planta e a vista em perspectiva que acompanham esta breve noticia representam o novo edificio em que, no proximo anno, deverá funcionar o Jardim da Infancia.

Esse edificio fica situado numa espaçosa área de terreno aos fundos da Escola Normal formando com esta um conjuncto de magnifico effeito architectonico.

A vista em perspectiva que aqui reproduzimos, devida ao sr. Domiziano Rossi, habil professor da Escola Polytechnica e desenhista do escriptorio do dr. Ramos de Azevedo, representa no primeiro plano o edificio do Jardim da Infancia e, em seguida, o gymnasio e uma das alas da Escola Normal que se destacam, aos fundos, do ponto de vista escolhido para esta perspectiva.

Como pela planta se vê, o edificio mede noventa e quarenta metros quadrados approximadamente, comprehendendo 4 salas de aulas, amplamente illuminadas e um grande salão central para reunião geral e solemnidades infantís, medindo este  $15^m \times 15^m$ .

Além dessas salas ha mais duas annexas ao corpo do edificio, sendo estas destinadas: uma a servir de deposito do material e outra para reunião das professoras.

O salão central forma uma elevada e elegante rotunda octogonal, aos flancos da qual, em pontos



diametralmente oppostos, ficam situados quatro terraços, de forma triangular, com vista para differentes pontos da cidade. Correspondendo a esses terraços ha, no pavimento inferior, quatro salas triangulares que estabelecem communição entre as salas de aula e o salão central, servindo ao mesmo tempo para conterem os lavatorios e os apparatus necessarios para o fornecimento de agua filtrada a cada classe.

Ao nivel dos quatro terraços e interiormente, a rotunda é circumdada por uma galeria destinada ás pessoas que assistirem ás solemnidades escolares que se realizarem no salão central.

O edificio é todo rodeado por uma varanda aberta com facil communição para todas as salas e dependencias do estabelecimento. Uma parte dessa varanda, correspondente ás duas entradas principaes do edificio, será coberta por elegantes abrigos de vidro fosco encaixiliado em ferro.

O terreno em torno do Jardim da Infancia será occupado por um vasto jardim ficando, porém, dous espaços calçados a macadam para os jogos infantís. Esses pequenos recreios serão em parte cobertos por abrigos de forma octogonal construidos sobre columnas.

A construcção do Jardim da Infancia está a cargo do dr. Ramos de Azevedo.

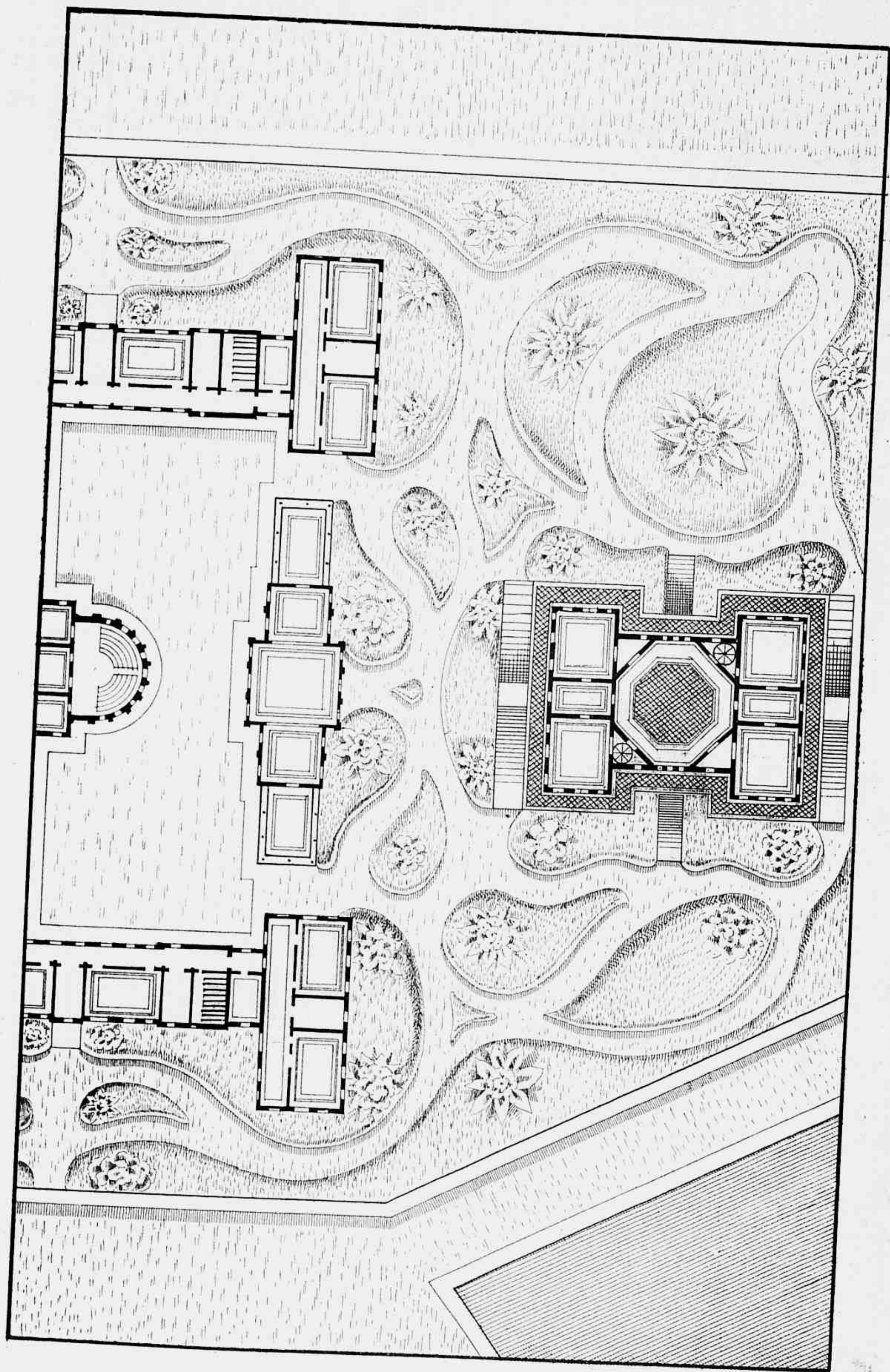
Terminando esta breve noticia, devemos ainda accrescentar que a gravura lithographica que aqui reproduzimos foi executada nas officinas graphicas dos srs. V. Steidel & Comp.





Estab. Graphica V. Steidel & Cia São Paulo







## ERRATA

Tendo de fazer esta publicação com urgencia, de modo que ella viesse ainda a servir para facilitar os trabalhos de organização do Jardim da Infancia antes de encerrado o presente anno lectivo, não nos foi possivel fazer uma revisão cuidadosa do texto. Por esse motivo, ha nesta Revista erros de composição que o leitor desculpará.

Cumpre, porém, resalvar os cinco enganos seguintes :

Na pag. 9, em vez de «Die Ruwegungsspiele», leia-se «Die Bewegungsspiele»,

Na pag. 152, onde está «Suppõe-se que no Jardim hajam», leia-se : «Suppõe-se que no Jardim haja.»

Na pag. 57 em vez de : «Amar não corta as azas;» leia-se : «Amor não corta as azas,»

Na pag. 213 onde está «foi inaugurado em 2 de Agosto de 1895» leia-se «foi inaugurado em 2 de Agosto de 1894».

Na pag. 259 onde está : «Convém fazer tambem aqui,» etc. leia-se : «Não convém fazer aqui a distribuição das bolas ás creanças. Chame» etc.

Quanto a outros erros de menos importancia, confiamos as respectivas emendas á intelligencia dos leitores benevolos.



# INDICE

	PAGINAS
Revista do Jardim da Infancia . . . . .	5
O Jardim da Infancia (Relatorio). . . . .	8
Familia e lar . . . . .	14
Espera e verás. . . . .	17
Programma . . . . .	20
Horarios . . . . .	26
O dedinho vaidoso . . . . .	29
Plano de um Jardim de Infancia . . . . .	32
Fructas . . . . .	45
O sommo da Maçã . . . . .	47
O moinho de vento—Brinquedo . . . . .	50
O Pombal—Brinquedo . . . . .	50
Foge ratinho—Brinquedo . . . . .	51
O temporal—Brinquedo . . . . .	53
O passarinho preso—Brinquedo . . . . .	55
A Cegonha e os sapinhos—Brinquedo . . . . .	57
Adivinhação de flores ou fructos—Brin- quedo . . . . .	58
O Mensageiro—Brinquedo . . . . .	60
Canção do Moleiro—Brinquedo . . . . .	60
Tres passos—Brinquedo . . . . .	61
Si eu fosse um passarinho—Brinquedo . . . . .	62
A creança e o ribeirinho—Brinquedo . . . . .	63
Os quatro irmãos—Brinquedo . . . . .	64
As flores da primavéra—Brinquedo . . . . .	66
A cestinha—Brinquedo . . . . .	68
Guia para Jardineiras . . . . .	69
Passaros . . . . .	132
O expresso do Grou . . . . .	135



Hymno de entrada . . . . .	141
A creança alegre . . . . .	141
Marchas . . . . .	142—143
Saudação do 1.º Periodo . . . . .	143
Polidez . . . . .	144
Cantos para entrada . . . . .	145
Horas do lunch . . . . .	145
Canto para entrada . . . . .	146
Cantos de despedida . . . . .	146—147
Acabado o lunch . . . . .	147
Saudação aos visitantes . . . . .	148
Marcha . . . . .	148
Programma do Jardim de Infancia . . . . .	149
Primavéra . . . . .	184
Historia de um bichinho . . . . .	186
Cantos para acompanharem os diversos jogos e occupaões . . . . .	189
A fructinha do café . . . . .	208
A Escola Normal . . . . .	213
Os travessos amiguinhos . . . . .	216
O presente de Luizinha . . . . .	217
Os dons de Frœbel . . . . .	220
Trechos . . . . .	242
Primeiro exercicio de desenho . . . . .	245
A creança alegre . . . . .	248
As Favas . . . . .	249
Dezenho . . . . .	250
Gymnastica dos dedos . . . . .	252
O Brinquedo no Jardim da Infancia . . . . .	253
Versos para exercicios de dicção . . . . .	255
Exercicios praticos do jogo da bola . . . . .	257
A boneca . . . . .	285
Edificio do Jardim de Infancia . . . . .	286



# "A ESCHOLA PUBLICA"

REVISTA TRIMENSAL DE PEDAGOGIA PRATICA

---

Esta publicação editada e redigida por um grupo de professores publicos de São Paulo insere em suas paginas artigos sobre a methodisação das disciplinas que constituem o programma de nossas escholas.

Publica em todos os numeros **Cantos escholares com a respectiva musica; Poesias** e outros trabalhos originaes de **Litteratura Infantil**; noticiario puramente pedagogico; bibliographia didactica, etc.

A' frente de cada numero dá o retrato e traços biographicos de homens eminentes do ensino, tanto nacionaes como estrangeiros, constituindo assim uma galeria pedagogica que intitidou **Pantheon Escholar**, tendo já publicado magnificos retratos de

CAETANO DE CAMPOS

PESTALOZZI

ABILIO CESAR BORGES

---

Acceita e pede a collaboraço de todos os professores que quizerem contribuir para a methodisação do ensino.

---

Tendo obtido auxilio do patriotico **Governo do Estado**, conseguiu nos tres primeiros numeros que publicou, condensar um bom repositorio de trabalhos didacticos illustrados com magnificas gravuras formando desde já um volume de 296 paginas, devendo com o ultimo numero do anno, a publicar-se em Dezembro, formar um tomo de mais de 400 paginas.

---

Escriptorio da Administração e Redacção

TRAVESSA DA SÉ N. 2 (sobrado)

Assignatura annual . . 8\$000